

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História (Área de Especialização em Egiptologia), realizada sob a orientação científica do Professor Doutor José das Candeias Sales e a co-orientação científica da Professora Doutora Maria Helena Trindade Lopes.

Realizada com o apoio financeiro do CHAM - Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar (FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores), através do projecto estratégico UID/HIS/04666/2013, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

À minha família

Ao Paulo

«A infância feliz é um mito; para o compreender basta lançar um olhar aos contos infantis, nos quais o lobo come a avozinha, e logo vem um lenhador que abre o pobre animal de cima a baixo com o seu machado, tira a velha viva e inteira, volta a encher a barriga com pedras e em seguida cose a pele com linha e agulha, provocando uma tal sede no lobo que este desata a correr para ir beber água no rio, onde se afoga com o peso das pedras. Por que não o eliminou de maneira mais simples e humana?, interrogo-me. Seguramente porque nada é simples nem humano na infância.»

Isabel Allende, 2003

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação corresponde ao culminar de um ciclo, que teve a duração de dois anos, mas cujas raízes são muito anteriores, e ao concretizar de um sonho. Este percurso não teria sido possível sem o apoio e a ajuda de algumas pessoas, a quem eu devo agora agradecer publicamente. Porém, esta tarefa não é simples, uma vez que nem sempre é possível encontrar palavras que expressem verdadeiramente o meu agradecimento. A escolha da ordem desses agradecimentos é igualmente difícil, tendo em consideração que o contributo que cada pessoa deu não é susceptível de ser quantificado nem qualificado.

Ao Professor Doutor José das Candeias Sales, que não só sugeriu a temática da criança como possível linha de investigação, mas também que aceitou prontamente orientar a presente dissertação. Agradeço por toda a disponibilidade que sempre demonstrou, em particular nas últimas semanas de trabalho intenso, por todas as críticas, sugestões e comentários que permitiram enriquecer o presente estudo.

À Professora Doutora Maria Helena Trindade Lopes, cuja paixão pela Egiptologia, sempre aliada ao rigor científico, é inspiradora e contagiante, e que aceitou co-orientar o presente estudo. Agradeço por toda a ajuda que me prestou e pela confiança que depositou em mim.

De facto, sem o contributo do Professor Doutor José das Candeias Sales e da Professora Doutora Maria Helena Trindade Lopes, a concretização de presente dissertação não teria sido possível.

À Doutora Susana Mota, que depositou em mim um grande voto de confiança ao conceder-me acesso ao *corpus* por si reunido, que deu mote à presente dissertação. Agradeço igualmente por toda a bibliografia que me forneceu, por todos os esclarecimentos de dúvidas e pela ajuda que me deu.

Ao Professor Doutor Ronaldo Gurgel Pereira e aos Mestres Paula Veiga e André Patrício que me sugeriram e facultaram o acesso a diversas referências bibliográficas essenciais para o desenvolvimento do presente estudo.

À D. Lurdes do Departamento de História, por todo o auxílio que prestou, e aos funcionários da Biblioteca Mário Sottomayor Cardia que, por intermédio do serviço

Empréstimo interbibliotecas, permitiram-me o acesso a bibliografia imprescindível para o estudo em questão.

À minha família que sempre me apoiou incondicionalmente nas escolhas que fiz no âmbito do meu percurso académico e que sempre me incentivou a lutar pela concretização dos meus sonhos. Aos meus avós, Ilda e Elísio, que me inculcaram o gosto pela História e que despertaram em mim a ânsia por uma aprendizagem contínua e pela busca do saber. À minha mãe, que sempre me apoiou, de forma a que eu pudesse prosseguir os meus estudos. Agradeço a compreensão que sempre demonstrou em todas as ocasiões em que eu dei prioridade à dissertação, em detrimento de outras coisas.

À Catarina, que foi provavelmente a pessoa que mais vezes me questionou sobre os progressos feitos na preparação do presente estudo no espaço de cerca de um ano e que sempre se disponibilizou para me ajudar. À Giana, que sempre me acolheu de braços abertos quando eu mais precisei. Agradeço ainda à Estela e ao Pedro, que sempre demonstraram interesse e preocupação com o meu percurso.

Aos meus colegas de licenciatura com quem criei uma relação de maior proximidade e com quem concretizei a caminhada de três anos que me conduziu ao mestrado. Um especial obrigado à Vânia com quem partilhei tanto os momentos mais difíceis como os de maior alegria e que, mesmo quando está longe, me acompanha de perto, ajudando e apoiando quando eu mais necessito.

À Bárbara, ao Guilherme e ao Marcus que me acompanharam nesta aventura. Sem o espírito de amizade e entreajuda que vingou de forma quase imediata entre os quatro, não teria sido possível chegar até aqui.

Por fim, mas não menos importante, expresso o meu agradecimento público ao Paulo, que foi sem dúvida a pessoa que mais me apoiou ao longo de todo este percurso e, em particular, nestes últimos meses. O meu muito obrigado por toda a paciência, pelo apoio e pela ajuda que me deste nos momentos mais difíceis. Obrigada por todas as páginas das comunicações e da dissertação que leste, por todas as conferências e outras iniciativas às quais me acompanhaste e por todas as colecções que comigo visitaste. Obrigada por teres estado sempre a meu lado.

A PROTECÇÃO MÁGICA DA «PRIMEIRA INFÂNCIA» NO EGIPTO ANTIGO

JESSICA ALEXANDRA MONTEIRO SANTOS

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: criança, «primeira infância», protecção mágica, Religião Doméstica

A presente dissertação procura apresentar um estudo aprofundado em torno dos mecanismos mágicos, atestados em contexto doméstico, que estão associados de forma mais evidente à protecção da criança e da mulher, enquanto grávida, parturiente e mãe.

Neste sentido, iremos discorrer em torno dos motivos que levaram os Egípcios a desenvolver esses mecanismos, em particular a importância da criança para a sociedade egípcia, os perigos da vida quotidiana egípcia, quer para a saúde da população em geral, quer para a da mulher e a da criança e, por fim, a mortalidade infantil e materna. Consequentemente, pretendemos demonstrar de que forma a Religião Doméstica consistia numa estratégia de garantir a sobrevivência da criança.

Iremos igualmente abordar os diversos mecanismos destinados a promover a fertilidade e a concepção, identificados em contexto doméstico. Entre eles constam as estruturas arquitectónicas, nomeadamente as estruturas elevadas de Deir el-Medina; as figuras com formas femininas e masculinas, no último caso de cariz erótico, e com a forma de deuses e animais; os amuletos; as camas votivas e os encantamentos mágicos associados a essas duas esferas.

Análise incidirá, de igual modo, nas formas desenvolvidas para proteger a mulher e a criança durante a gravidez, o parto e o pós-parto, como outras estruturas arquitectónicas, quer os tijolos de nascimento, quer as pérgulas de nascimento; os amuletos, os objectos apotropaicos e, ainda, os encantamentos mágicos.

Por fim, a dissertação focar-se-á na protecção da criança durante a «primeira infância» propriamente dita, que podia ser garantida ainda através da atribuição de nomes protectores e da recitação de encantamentos mágicos especificamente destinados a proteger a criança durante a infância. Iremos ainda destacar alguns mecanismos adicionais que, embora não tenham sido identificados em contexto doméstico, devem ser tomados em consideração.

O presente estudo focar-se-á, assim, não só na «primeira infância», mas também nas fases da vida humana que a antecediam, que incluem a concepção – relacionada com a fertilidade –, a gravidez, o parto e, por fim, os momentos que o sucediam.

THE MAGICAL PROTECTION OF THE «EARLY CHILDHOOD» IN ANCIENT EGYPT

JESSICA ALEXANDRA MONTEIRO SANTOS

ABSTRACT

KEYWORDS: child, «early childhood», magical protection, Domestic Religion

The purpose of this dissertation is to present an extensive study concerning the magical practices attested in a domestic context, which are more clearly related to children and women protection, where the latter resemble a pregnant, parturient and maternal figure.

In this regard, we will discuss the reasons that took the Egyptian people to develop these practices, especially the importance of children for the Egyptian society, the dangers of the Egyptian daily life to the health of either the general population or of women and children in particular and, finally, child and maternal mortality. Therefore, we intend to demonstrate how the Domestic Religion consisted of a strategy to guarantee the survival of the children.

We will also approach the various mechanisms designed to encourage fertility and conception that were detected in a domestic context. Among these mechanisms we have architectonic structures, namely the elevated structures of Deir el-Medina, figures with feminine and masculine forms (the latter assuming an erotic nature) and with the form of gods and animals, amulets, votive beds and magical spells related to these two spheres.

This analysis will also address to the forms developed to protect women and children during pregnancy, parturition and postpartum stages, such as other architectonic structures like birth bricks and birth arbours, amulets, apotropaic objects and magical spells.

Lastly, this dissertation will focus on the issue of children protection during their «early childhood», which could be assured by assigning protective names and reciting magical spells specifically meant to protect children during their childhood. We will also highlight some additional mechanisms that, even though they haven't been detected in a domestic context, must still be taken into account.

Thus, this study will be focused not only on the «early childhood» stage, but also on the other stages of human life that preceded it, which include conception — related with fertility —, pregnancy, parturition and, at last, the moments which followed childbirth.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1: A SOBREVIVÊNCIA DA CRIANÇA NO EGÍPTO ANTIGO	8
1.1. A importância da criança para a sociedade egípcia	8
1.2. Os perigos da vida quotidiana egípcia	11
1.2.1. Os perigos gerais para a saúde egípcia.....	12
1.2.2. Os perigos para a mulher e para a criança.....	15
1.2.2.1. A gravidez	15
1.2.2.2. O parto	16
1.2.2.3. A infância	22
1.3. A mortalidade	26
1.3.1. A mortalidade infantil	27
1.3.2. A mortalidade materna	28
1.4. A Religião Doméstica como estratégia de sobrevivência.....	29
CAPÍTULO 2: MECANISMOS DE INCENTIVO À FERTILIDADE E À CONCEPÇÃO.....	33
2.1. Estruturas arquitectónicas associadas à fertilidade e à concepção.....	33
2.1.1. Estruturas elevadas de Deir el-Medina.....	33
2.2. Figuras	42
2.2.1. Figuras femininas	43
2.2.2. Figuras masculinas eróticas.....	49
2.2.3. Figuras de deuses	50
2.2.4. Figuras de animais.....	52
2.3. Amuletos	54
2.4. Camas votivas	57
2.5. Encantamentos mágicos.....	61

CAPÍTULO 3: A PROTECÇÃO DURANTE A GRAVIDEZ, O PARTO E O PÓS-PARTO	64
3.1. Estruturas arquitectónicas potencialmente protectoras	64
3.1.1. Tijolos de nascimento.....	64
3.1.2. Pérgula de nascimento.....	70
3.2. Amuletos e objectos apotropaicos	73
3.2.1. Amuletos	73
3.2.2. Objectos apotropaicos	77
3.3. Encantamentos mágicos.....	82
CAPÍTULO 4: A PROTECÇÃO DURANTE A «PRIMEIRA INFÂNCIA»	92
4.1. A atribuição de nomes protectores.....	93
4.2. Encantamentos mágicos.....	96
4.3. Mecanismos de protecção adicionais.....	103
CONCLUSÃO.....	110
BIBLIOGRAFIA	119
WEBGRAFIA	147
ANEXOS	149

LISTA DE ABREVIATURAS

ASAE – *Annales du Service des Antiquités de l'Égypte*

BIFAO – *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale*

CdE – *Chronique d'Égypte*

JEA – *Journal of Egyptian Archaeology*

JNES – *Journal of Near Eastern Studies*

KMT – *KMT: A Modern Journal of Ancient Egypt*

PSBA – *Proceedings of the Society of Biblical Archaeology*

INTRODUÇÃO

A produção científica que tem vindo a ser desenvolvida em torno das temáticas do nascimento e da saúde da mulher, quer no Egipto Antigo, quer no Médio Oriente Antigo, tem seguido três tipos de abordagens distintas, de acordo com A. Andreeva, E. Couto-Ferreira e S. Töpfer¹:

«First, academic studies have mainly focused on providing philological editions of ancient texts more than on exploring these subjects from the perspectives that the historical method can offer. (...) Second, and concerning a more medico-historical trend, Assyriology and Egyptology have approached a number of very specific issues on fertility, childbirth, women's healthcare and childhood such as generation, foetal formation and its vocabulary; aspects of childhood; contraception and abortion; the conceptualization and treatment of specific ailments; the examination of aetiological agents causing certain women's and children's complaints; and studies on pregnancy and childbirth, from the compilation and organization of textual data, to more comprehensive overviews. Third, with regard to the application of gender studies tenets to aspects of women's bodies and healthcare, most Ancient Near Eastern studies devoted to research of women's issues have unfortunately resisted addressing questions on health, focusing instead visual representation of female nudity, motherhood, infancy and eroticism.»²

Consequentemente, os estudos desenvolvidos em torno destas temáticas são heterogéneos e não sistemáticos.³ Em particular, as análises que têm sido feitas aos mecanismos de protecção da criança e da mulher são pouco aprofundadas e parciais, estando inseridas, frequentemente, em artigos ou em capítulos de obras focadas em temáticas mais amplas, como os estudos em torno do quotidiano, da medicina, da joalheria amulética, da mulher e da criança.

Não obstante, na última década, a publicação de obras e artigos específicos sobre a criança tem vindo a aumentar, embora nem todos abordem de forma aprofundada a temática por nós elegida para esta dissertação, isto é, a protecção mágica da criança. A título de exemplo, podemos destacar as seguintes obras: JANSSEN, R. M.; JANSSEN, J. J., *Growing up and Getting old in Ancient Egypt*, London, Golden House Publications,

¹ Cf. ANDREEVA, A.; COUTO-FERREIRA, E.; TÖPFER, S., "Childbirth and women's healthcare in pre-modern societies: an assessment" in *Dynamis*, 34 (2), 2014, p. 280.

² ANDREEVA; COUTO-FERREIRA; TÖPFER, *op. cit.*, pp. 280-282.

³ Cf. ANDREEVA; COUTO-FERREIRA; TÖPFER, *op. cit.*, p. 280.

2007 (reedición de duas obras, publicadas em 1990 e 1996); JEAN, R.-A.; LOYRETTE, A.-M., *La Mère, l'Enfant et le Lait en Égypte Ancienne. Traditions Médico-Religieuses. Une Étude de Sénologie Égyptienne*, Paris, L'Harmattan, 2010; TRÓCOLI, I. G., *El Nacimiento en el Antiguo Egipto: Estado de la Cuestión*, Barcelona, Institut d'Estudis del Pròxim Orient Antic, 2011; XEKALAKI, G., *Symbolism in the Representation of Royal Children during the New Kingdom*, United Kingdom, British Archaeological Reports, 2012; MARSHALL, A., *Les enfants en Egypte ancienne des époques prédynastiques à la fin du Nouvel Empire*, 2 vols., [s.l.], [s.n.], 2013 e JUANEDA-MAGDALENA, M., *La Lactancia en el Antiguo Egipto*, Cuenca, Editorial Alderabán, 2014.

Importa referir a existència de uma obra que, apesar de estar focada nas práticas médicas egípcias, com especial enfoque na cirurgia, na ginecologia, na obstetrícia e na pediatria, se revelou imprescindível para a concretização do presente estudo: STROUHAL, E.; VACHALA, B.; VYMAZALOVÁ, H., *The Medicine of the Ancient Egyptians 1: Surgery, Gynecology, Obstetrics, and Pediatrics*, AUC Press, 2014. Este trabalho apresenta traduções recentes e as respectivas análises de diversos papiros médico-mágicos que constituem uma fonte essencial para o estudo de temáticas como os problemas de saúde que afectavam a criança e a mulher e os encantamentos mágicos que podiam ser utilizados com vista à sua superação.

O estudo dos mecanismos mágicos de protecção da criança e da mulher debate-se com um conjunto de dificuldades, que se prendem, desde logo, com o facto de «*as an ephemeral stage in human life, childbirth in general tends not to produce extensive, immediately recognizable physical remains in the archaeological record*». ⁴ Desta forma, as fontes para o estudo das práticas associadas à gravidez e ao parto são escassas. ⁵ Adicionalmente,

«The scant evidence that we do have from Egypt is related either to the deities or to the nobility and royalty of Egyptian society, and information regarding how this process was dealt within the lower classes is almost nonexistent. It should also be noted that the time period of ancient Egypt covers over 3000 years of history, and although many sources make sweeping generalizations concerning ancient Egyptian child birthing practices, it should be remembered

⁴ WEGNER, J., "Tradition and Innovation: the Middle Kingdom" in WENDRICH, W. (ed.), *Egyptian Archaeology*, Blackwell Studies in Global Archaeology, Wiley-Blackwell, 2010, p. 127.

⁵ Cf. SZPAKOWSKA, K., *Daily Life in Ancient Egypt: Recreating Lahun*, Oxford, Blackwell Publishing, 2008, p. 23; TRÓCOLI, I. G., *El Nacimiento en el Antiguo Egipto: Estado de la Cuestión*, Barcelona, Institut d'Estudis del Pròxim Orient Antic, 2011, p. 38.

that these practices most likely varied over time and with geographical location.»⁶

A estas limitações acrescentem outras dificuldades subjacentes à análise das fontes existentes que se pautam, a título de exemplo, com a disparidade da sua distribuição temporal e espacial e com o descuro com que os registos das escavações conduzidas no Egito foram efectuados nos tempos iniciais da arqueologia, que pode ter resultado na perda de dados relevantes para o objecto de estudo em causa.⁷

Apesar de as limitações acima referidas, com base nas fontes disponíveis até à presente data, procuraremos dissertar, de forma aprofundada, sobre os diferentes mecanismos mágicos que os Egípcios desenvolveram para proteger as crianças e as suas mães, atestados em contexto doméstico. Neste sentido, é nosso objectivo com o presente estudo apurar não só alguns dos perigos da vida quotidiana, mas também as formas de os evitar ou superar e de, conseqüentemente, sobreviver à «primeira infância». Dessa forma, pretendemos determinar de forma mais aprofundada algumas das práticas relacionadas com a fertilidade, a concepção, a gravidez, o parto e a infância.⁸

A protecção da criança egípcia deve ser estudada num sentido lato, que compreenda as fases da concepção, da gravidez, do parto e, por fim, da infância propriamente dita, uma vez que em todos esses momentos podiam surgir obstáculos ao nascimento e à sobrevivência da criança. Deste modo, na presente dissertação iremos analisar os múltiplos mecanismos desenvolvidos pelos Egípcios para garantir a concepção e a protecção, desde a gravidez até ao final da «primeira infância», ou seja, até ao momento em que a criança atingia os três ou quatro anos de idade.⁹ Posto isto, a nossa análise terá como alvo de estudo não só a criança, mas também a mulher, na qualidade de grávida, parturiente e mãe, independentemente do seu estatuto social.

⁶ DUPRAS, T. L.; WHEELER, S. M.; WILLIAMS, L.; SHELDRIK, P., “Birth in Ancient Egypt: Timing, Trauma, and Triumph? Evidence from the Dakhleh Oasis” in IKRAM, S.; KAISER, J.; WALKER, R. (eds.), *Egyptian Bioarchaeology: Humans, Animals, and the Environment*, [s.l.], Sidestone Press, 2014, p. 53.

⁷ Cf. STEVENS, A., “Domestic Religious Practices” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2009, pp. 1; 3. <http://escholarship.org/uc/item/7s07628w>; MOTA, S. I. S., “The Household Religion in Ancient Egypt: Problems and Constraints” in *Res Antiquitatis*, 2, Lisboa, 2011, pp. 72-81.

⁸ Cf. WEGNER, “Tradition and Innovation: the Middle Kingdom”, p. 132; WEGNER, J., “A Decorated Birth-Brick from South Abydos: New Evidence on Childbirth and Birth Magic in the Middle Kingdom” in SILVERMAN, D. P.; SIMPSON, W. K.; WEGNER, J. (eds.), *Archaism and Innovation: Studies in the Culture of Middle Kingdom Egypt*, Philadelphia – New Haven, Department of Near Eastern Languages and Civilizations, Yale University and University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2009, p. 448.

⁹ Cf. MARSHALL, A., *Être un Enfant en Égypte Ancienne*, France, Éditions du Rocher, 2014, p. 183.

No Egipto antigo, a protecção da criança e da mulher podiam ser garantidas através de um leque diversificado de práticas médicas e mágicas, abordagens essas que podiam ser adoptadas em simultâneo e que se complementavam. Apesar de não ser possível proceder a uma distinção clara entre estes dois tipos de abordagens¹⁰, iremos focar-nos essencialmente no segundo, isto é, nos mecanismos de protecção que se baseavam no uso da magia ou de procedimentos de carácter mágico.

O nosso tratamento da temática irá reger-se por dois critérios fundamentais. Por um lado, irá incidir nos mecanismos que parecem ter estado relacionados com a protecção da criança e da mulher de forma mais evidente. No entanto, não excluimos a possibilidade de terem sido utilizados outros mecanismos com uma esfera de actuação mais ampla, que podia estender-se à vida adulta. Por outro, no nosso trabalho iremos considerar sobretudo as formas de protecção atestadas em contexto doméstico. Desta forma, ficam excluídos da análise os mecanismos de protecção da criança e da mulher atestados, a título de exemplo, noutros contextos, em fontes textuais e em fontes iconográficas.¹¹ Este segundo critério deriva não só das limitações temporais e dimensionais inerentes ao desenvolvimento da presente dissertação, mas também do facto de o contexto doméstico poder sugerir, de forma mais óbvia, que essas práticas seriam adoptadas em vida. Não obstante, devemos ter em consideração que «(...) *the house may not always be the final place of use but only a crossing point, i.e., the piece has been found there even though it is intended to be deposited elsewhere*».¹²

O presente estudo irá organizar-se em torno de quatro eixos principais, sendo que cada um dá forma a um capítulo distinto. Exceptuando o primeiro, estes eixos estão orientados em torno das diferentes fases da vida humana, compreendidas entre a concepção e a «primeira infância».

O primeiro capítulo, genericamente intitulado *A sobrevivência da criança no Egipto Antigo*, que tem um carácter essencialmente contextualizador, começa por abordar a importância que a criança tinha no seio da comunidade egípcia. Abordaremos alguns dos perigos existentes na vida quotidiana egípcia, com especial enfoque naqueles que

¹⁰ Cf. BAINES, J.; LESKO, L. H.; SILVERMAN, D. P., *Religion in Ancient Egypt: Gods, Myths, and Personal Practice*, Ithaca, Cornell University Press, 1992, pp. 168-169; RITNER, R. K., “Magic in Medicine” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 2, Oxford, Oxford University Press, 2001, p. 326.

¹¹ Não obstante, importa referir que estes tipos de abordagens foram adoptados por A. Marshall. Vd. MARSHALL, *op. cit.*, pp. 208-221.

¹² MOTTA, S. I. S., “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?” in *Hathor – Studies of Egyptology*, 1, 2012, p. 51.

afectavam a mulher e a criança, durante a gravidez, o parto e a infância. Consideraremos também neste capítulo inicial as taxas de mortalidade infantil e materna, que seriam resultado da existência desses perigos, não deixando de analisar de que modo os Egípcios encontraram na Religião Doméstica formas de evitar ou ultrapassar essas vicissitudes e de garantir a sobrevivência da criança.

O segundo capítulo, por nós denominado *Mecanismos de incentivo à fertilidade e à concepção*, foca-se nas práticas que os Egípcios desenvolveram de modo a garantir a concepção de filhos. Deste modo, iremos abordar as estruturas arquitectónicas associadas a esses aspectos, nomeadamente as estruturas elevadas de Deir el-Medina; diversos tipos de figuras, como as figuras femininas, as figuras masculinas eróticas e as figuras com formas de deuses ou animais; os amuletos e, ainda, as camas votivas. Pela sua relevância, contemplaremos no final deste capítulo uma abordagem do uso de encantamentos mágicos como forma de incentivar a fertilidade e a concepção.

No terceiro capítulo, *A protecção durante a gravidez, o parto e o pós-parto*, desenvolveremos uma série de problemáticas em torno dos mecanismos protectores que podiam ser utilizados nessas diferentes circunstâncias e etapas, nomeadamente as estruturas arquitectónicas, como os tijolos de nascimento e a pérgula de nascimento, os amuletos e os objectos apotropaicos. À semelhança do anterior, este capítulo termina com uma análise dos encantamentos mágicos que, por sua vez, podiam ser recitados durante a gravidez, o parto e o pós-parto.

Por fim, o quarto capítulo, subordinado ao título *A protecção durante a «primeira infância»*, focar-se-á nos mecanismos protectores que podiam ser utilizados para proteger a criança durante a infância propriamente dita. Entre eles constam a atribuição de nomes protectores, os encantamentos mágicos e, ainda, mecanismos de protecção adicionais que, embora não sejam provenientes de contexto doméstico, não podem ficar excluídos da análise, pelos motivos que referiremos de forma mais detalhada neste capítulo.

Determinados mecanismos de protecção podiam ser úteis simultaneamente em diversas fases. Por outras palavras, a título de exemplo, o mesmo objecto de cariz protector podia ser utilizado não só durante o parto e os momentos que o sucediam, mas também durante a infância. Desse modo, no início de cada capítulo elaboraremos uma síntese do capítulo anterior, sublinhando que alguns dos mecanismos previamente abordados poderiam igualmente ter sido utilizados na(s) fase(s) sobre a(s) qual(uais) nos iremos debruçar nesse novo capítulo.

A análise feita a cada mecanismo mágico de protecção procura seguir uma abordagem metodológica semelhante. Primeiramente é feita uma descrição das características genéricas desse mecanismo. Em seguida, com base na análise por nós efectuada ao *corpus* em causa, que apresentaremos mais à frente, é estudada a presença desse mecanismo em contexto doméstico, sendo dada ênfase ao apuramento dos povoados nos quais foi atestado, ao material utilizado no seu fabrico e à sua datação. Sempre que for possível, serão analisados alguns exemplares, de modo a ilustrar as características gerais dos outros objectos do seu tipo. Por fim, são referidas as suas funções e os modos de utilização. Normalmente, a análise dos exemplares destacados inicia-se com a indicação da sua localização actual e da sua proveniência, ao que se segue uma descrição do seu aspecto. Adicionalmente, são ainda referidas outras informações, como o material usado no seu fabrico, as medidas da peça e a sua datação.

Devemos ainda esclarecer que, devido à quantidade significativa de encantamentos mágicos conhecidos, não nos propomos efectuar uma análise aprofundada de cada um na presente dissertação. Desse modo, destacaremos alguns exemplares e analisaremos os aspectos que nos pareçam mais relevantes para o nosso objecto de estudo.

A presente dissertação é baseada maioritariamente em fontes materiais, provenientes do contexto doméstico, como é o caso das estruturas arquitectónicas, das figuras, dos amuletos, dos objectos apotropaicos e das camas votivas. Os dados aqui apresentados, respeitantes à sua presença no contexto doméstico, resultam da nossa análise à base de dados elaborada por S. Mota – a quem expressei publicamente o meu agradecimento por me ter facultado o acesso ao *corpus* em causa –, no âmbito da investigação de doutoramento que desenvolveu em torno da Religião Doméstica. Devemos frisar que optámos por excluir da análise os amuletos ou peças de joalheria amulética que foram classificados por S. Mota como “miscelânea”, uma vez os dados disponíveis respeitantes a esses exemplares nem sempre são precisos.

A base de dados em causa reúne informações respeitantes a diversos tipos de objectos, associados a práticas de culto, cuja sua presença foi atestada em contexto doméstico, nomeadamente nos povoados Abidos (Kom es-Sultan), Abidos Sul (*Uah-Sut*), Akoris, Amara Oeste, Askut, Buhen, Chalfak, Deir el-Ballas, Deir el-Medina, El-Ashmunein, Elefantina, Karnak, Mênfis (Kom el-Fakhry), Mênfis (Kom Rabia), Kumma, Lahun, Licht, Medinet el-Gurob, Medinet Habu, Mirgissa, Qantir, Qasr el-Sagha, Sais (Kom Rebua), Semna, Sesebi, Tell Abqa'in, Tell el-Amarna, Tell el-Dab'a, Tell el-

Muqdam e Uronarti. Essas informações são provenientes dos relatórios das escavações efectuadas nos povoados em causa que foram publicados até ao mês de Setembro de 2014.

Apesar de o critério de abordagem adoptado, que centra a análise nos mecanismos atestados em contexto doméstico, sempre que se justificar serão abordados mecanismos adicionais que poderão ter sido utilizados para proteger a criança.

Em determinadas situações, a análise das fontes materiais é complementada com a alusão a fontes textuais que nos facultam informações adicionais sobre os mecanismos de protecção, nomeadamente sobre a forma como estes poderão ter sido utilizados. Adicionalmente, as fontes textuais desempenham ainda um papel muito importante no estudo de temáticas como a importância da criança, os perigos da vida quotidiana e os encantamentos mágicos enquanto mecanismo de protecção.

Importa ainda referir que o presente estudo incidirá sobre um recorte cronológico amplo, que se estende do início do Período Dinástico até à Época Baixa (c. 3000-332 a.C.), período ao qual o *corpus* em análise, reunido por S. Mota, se restringe. A cronologia por nós adoptada nesta dissertação segue a proposta de SHAW, I. (ed.), *The Oxford History of Ancient Egypt*, New York, Oxford University Press, 2000, sendo que apenas indicaremos datas concretas da primeira vez em que mencionarmos um período ou dinastia específica, evitando-se, assim, repetições posteriores. Por fim, numa última indicação de teor metodológico, devemos esclarecer que a presente dissertação não foi redigida ao abrigo do Acordo Ortográfico de 1990, adoptando a grafia utilizada previamente à sua entrada em vigor.

CAPÍTULO 1: A SOBREVIVÊNCIA DA CRIANÇA NO EGÍPTO ANTIGO

1.1. A importância da criança para a sociedade egípcia

Ao longo do Período Dinástico, a família teve uma importância significativa para a sociedade egípcia, que se encontrava alicerçada e organizada em torno do núcleo familiar. Deste modo, esperava-se que o homem se casasse – ou “fundasse uma casa” – e que formasse uma família numerosa. Este ideal foi transmitido ao longo de gerações e percorreu praticamente todos os períodos da história egípcia antiga, como se pode aferir a partir de diversos textos sapienciais.¹³

O seguinte excerto da obra *O Ensino de Ani*, datada do Império Novo (XVIII dinastia, 1550-1295.C.), consiste numa fonte particularmente interessante para o estudo da relevância da família no âmbito da sociedade egípcia:

«Prends femme lorsque tu te trouves pubère
Afin qu'elle te fasse un fils à toi en rapport avec toi,
Et qu'on enfante pour toi alors que tu es jeune.
Enseigne-lui [à ton fils] à devenir adulte.
Heureux l'homme dont les gens sont nombreux.
On le respecte à proportion de ses enfants.»¹⁴

Por um lado, este ensinamento transmite a ideia de que os Egípcios deveriam “fundar uma casa” enquanto ainda eram jovens. As mulheres deveriam casar-se pouco tempo depois do aparecimento da menstruação, isto é, com cerca de doze ou treze anos de idade; os homens poderiam casar-se a partir dos quinze anos, altura em que chegavam à puberdade, embora fosse mais frequente isso ocorrer entre os dezassete e os vinte anos.¹⁵

¹³ Cf. PINTO, C., *A Mulher e o Amor no Egito Antigo: Senhora da Casa, Senhora do Amor*, Lisboa, Campo da Comunicação, 2007, pp. 29-31; 58; SALES, J. das C., “Amamentar no Egito Antigo: do prazer na relação materno-infantil à Ideologia” in *Estudos Orientais IX: Os Prazeres no Médio Oriente Antigo*, 2006, p. 66; HARRINGTON, N., “Children and the Dead in New Kingdom Egypt” in MAIRS, R.; STEVENSON, A. (eds.), *Current Research on Egyptology 2005. Proceedings of the Sixth Annual Symposium*, [s.l.], Oxbow Books, 2007, p. 55.

¹⁴ VERNUS, P., *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, Paris, Imprimerie Nationale Editions, 2001, p. 317.

¹⁵ Cf. SALES, J. das C., “Amamentar no Egito Antigo (...)”, pp. 66-67.

Por outro lado, o excerto em causa demonstra que os filhos tinham uma posição de destaque na família, sendo a finalidade principal do casamento.¹⁶ No plano da vida terrena, a existência de descendentes constituía o garante da perpetuação da linhagem familiar e do suporte dos pais no caso de doença ou velhice. No plano da vida no Além, a existência de filhos era igualmente imprescindível, dado que recaía no filho mais velho a responsabilidade de providenciar um funeral adequado aos seus progenitores e de lhes prestar e garantir o devido culto funerário.¹⁷

Enquanto a obra *O Ensino de Ani* nos mostra que a existência de filhos em grande número constituía um factor de prestígio para a família, outras fontes, como a carta O. Berlin 10627, do Império Novo (XX Dinastia, 1186-1069 a.C.), demonstram que a incapacidade de gerar descendentes podia ser motivo de desonra¹⁸: «*You are not a man since you are unable to make your wives pregnant like your fellowmen.*»¹⁹

Deve-se ainda salientar que no excerto da obra *O Ensino de Ani* acima transcrito é notória uma preferência por descendentes do género masculino. O mesmo ocorre noutras fontes, como, por exemplo, no texto sapiencial *O Ensino de Hordjedef*, datado provavelmente do Império Antigo (2686-2160 a.C.) ou Primeiro Período Intermédio (2160-2055 a.C.):

«Si tu es aisé, à toi de fonder une maison;
Prends-toi une femme comme «maîtresse de maison»
Et un fils mâle te sera mis au monde.
À toi de construire une maison pour ton fils,
Une fois que tu auras fait un endroit où tu seras.»²⁰

Esta aparente preferência poderá ter derivado das responsabilidades que eram atribuídas aos filhos varões, mencionadas anteriormente. Não obstante, J. Toivari-Viitala ressalva que:

«The literary sources show a certain preference for mentioning boys, but this circumstance may be interpreted as being in keeping with the male-orientedness of most of the source material which has survived from ancient

¹⁶ Cf. PINTO, *op. cit.*, p. 58.

¹⁷ Cf. HARRINGTON, *op. cit.*, p. 55; SALES, “Amamentar no Egipto Antigo (...)”, p. 68.

¹⁸ Cf. TRÓCOLI, *op. cit.*, p. 19; WENTE, E., *Letters from Ancient Egypt*, Atlanta, Scholars Press, 1990, p. 149.

¹⁹ WENTE, *op. cit.*, p. 149.

²⁰ VERNUS, *op. cit.*, p. 79.

Egypt, rather than to be understood in terms of baby girls having been notably less welcomed by the parents».²¹

De facto, as raparigas eram igualmente desejadas e bem recebidas no núcleo familiar²², como nos demonstram diversas fontes textuais, entre as quais o decreto oracular amulético escrito no papiro T. 2 (Museo Egizio, Turim, 1984), no qual é prometido à proprietária que iria conceber filhos, tanto rapazes como raparigas²³: «*We shall (cause her) to conceive male children and female children.*»²⁴

A celebração do nascimento de algumas raparigas, à semelhança do que ocorria com o dos rapazes, e a inexistência de infanticídio feminino até ao Período Greco-Romano – que poderá ter sido introduzido no Egipto por influência externa – reforçam a ideia de que os descendentes eram bem recebidos pela família egípcia, independentemente do seu género sexual.²⁵

A preocupação com a fertilidade, bem como a expectativa e a ansiedade dos Egípcios em torno da concepção reflectem-se nos papiros médico-mágicos, onde se arrola um conjunto significativo e diversificado de procedimentos que deveriam ser levados a cabo para apurar a fertilidade da mulher, a sua capacidade de engravidar ou, ainda, para detectar uma gravidez já em curso.²⁶ Está igualmente atestada a existência de um conjunto de testes destinados a apurar o sexo do feto²⁷, o que nos leva a questionar se poderão ter estado relacionados com uma possível preferência pelos rapazes, abordada anteriormente.

²¹ TOIVARI-VIITALA, J., *Women at Deir el-Medina. A Study of the Status and Roles of the Female Inhabitants in the Workmen's Community During the Ramesside Period*, Leiden, [s.n.], 2001, p. 183.

²² Cf. FEUCHT, E., "Childhood" in REDFORD, D. (dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 1, Oxford, Oxford University Press, p. 261.

²³ Cf. EDWARDS, I. E. S., *Oracular Amuletic Decrees of the Late New Kingdom*, vol. 1, London, Trustees of the British Museum, 1960, p. xx.

²⁴ EDWARDS, *op. cit.*, p. 66.

²⁵ Cf. GRAVES-BROWN, C., *Dancing for Hathor: Women in Ancient Egypt*, London, New York, Continuum, 2010, pp. 68-69.

²⁶ Entre os métodos destinados a determinar a fertilidade e a capacidade de conceber filhos constam nos casos descritos no *P. Berlim 3038* 1,3-1,4 (caso 193), 1,5-1,6 (caso 194), 1,7-1,8 (caso 195), 1,9-1,11 (caso 196), 1,11-1,13 (caso 197), 2,1-2,2 (caso 198), 2,2-2,4 (caso 199), no *P. Carlsberg VIII* 1,3-1,5 (caso 2), 1,6-1,9 (caso 3), 1,10-1,16 (caso 4), 1,16-2,1 (caso 5), 2,1-2,3 (caso 6), 2,3-2,6 (caso 7) e no *P. Kahun* 12-14 (caso 26), 15-17 (caso 27), 17-19 (caso 28), 19-20 (caso 29), 20-23 (caso 30), 23-24 (caso 31), 24-25 (caso 32). Os casos descritos no *P. Berlim 3038* 1,11-1,13 (caso 197), 2,2-2,4 (caso 199), no *P. Carlsberg VIII* 1,3-1,5 (caso 2), 1,6-1,9 (caso 3), no *P. Londres-Leiden* V.4-8 e, possivelmente, no *P. Kahun*, 2-3 (caso 19) continham ainda métodos para identificar uma gravidez em curso. Cf. STROUHAL, E.; VACHALA, B.; VYMAZALOVÁ, H., *The Medicine of the Ancient Egyptians I: Surgery, Gynecology, Obstetrics, and Pediatrics*, AUC Press, 2014, pp. 111-112; 125-127; 158; 161-165.

²⁷ O grupo de testes destinados à identificação do sexo do feto é composto pelos casos descritos no *P. Berlim 3038* 2,2-2,4 (caso 199) e *P. Carlsberg VIII* 1,6-1,9 (caso 3). Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 164-165.

São ainda conhecidos métodos para perceber se o recém-nascido iria sobreviver,²⁸ o que possivelmente consiste num reflexo da consciencialização dos perigos inerentes à gravidez e da preocupação que esta causava na futura mãe.

1.2. Os perigos da vida quotidiana egípcia

A vida quotidiana egípcia podia ser perturbada ou até mesmo colocada em causa por um conjunto diversificado de perigos e obstáculos, cujas causas tanto poderiam ser atribuídas a factores físicos como a factores metafísicos, nomeadamente a interferência de divindades, demónios ou pessoas falecidas.²⁹

Dado que o nosso estudo se foca na protecção da criança, iremos dar uma ênfase maior aos perigos que podiam afectar as mulheres, na qualidade de grávidas ou parturientes, e as crianças. Para tal, teremos em consideração fontes textuais, sobretudo os papiros médico-mágicos e os encantamentos mágicos³⁰, e fontes materiais, nomeadamente despojos humanos.³¹

Não obstante, iremos analisar de forma menos aprofundada alguns dos perigos para a saúde dos Egípcios em geral, enumerados nos decretos oraculares amuléticos, que, como iremos ver no Capítulo 4 (ponto 4.3.), têm uma particular relevância para o estudo da protecção das crianças.

²⁸ É possível identificar procedimentos destinados a apurar se o recém-nascido vai sobreviver no *P. Ramesseum IV.C II. 17-24*; *P. Ebers 97,13-97,14* (caso 838), *97,14-97,15* (caso 839) e no *P. Carlsberg VIII, 1,3-1,5* (caso 2). Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 115; 123; 125; 165; 173; 189.

²⁹ Cf. WATTERSON, B., *Women in Ancient Egypt*, Nova Iorque, St. Martins Press, 2012, pp. 65-66; NUNN, J. F., *Ancient Egyptian Medicine*, London, British Museum Press, 1996, p. 96.

³⁰ Em alguns casos, os encantamentos integram papiros médico-mágicos; noutros o mesmo não se verifica, integrando papiros eminentemente mágicos.

³¹ Cf. ROBINS, G., “Women and Children in Peril: Pregnancy, Birth and Infant Mortality in Ancient Egypt” in *KMT*, 5 (4), 1994/5, p. 26; MESKELL, L., *Vies Privées des Égyptiens. Nouvel Empire. 1539-1075*, Paris, Éditions Autrement, 2002, pp. 88-89; JUANEDA-MAGDALENA, M., *La Lactancia en el Antiguo Egipto*, Cuenca, Editorial Alderabán, 2014, pp. 183-185.

1.2.1. Os perigos gerais para a saúde egípcia

Os decretos oraculares amuléticos³² constituem uma interessante fonte textual para o estudo dos perigos gerais para a saúde egípcia, uma vez que eles «(...) *present us not only with a catalogue of dangers threatening the infant's life, they also permit us insights into normal daily life*». ³³ Deste modo, procedemos ao levantamento dos perigos que são neles enumerados e à sua organização, em categorias, numa base de dados (vd. Anexo 1, Doc. 1).³⁴

Os problemas de saúde consistem numa das categorias mais frequentes e diversificadas mencionadas nos decretos. Neles podemos encontrar referências a doenças gerais, cujas características ou sintomas não são referidos; a padecimentos de determinados órgãos ou áreas do corpo humano; a doenças ou problemas de saúde específicos, nomeadamente o lentigo (podendo ser de origem egípcia ou estrangeira), a febres e inflamações, entre outros. Da mesma forma, são referidas doenças egípcias ainda não identificadas.³⁵ Adicionalmente, a gravidez e o parto poderiam constituir uma fonte de perigo, questão que iremos desenvolvermos posteriormente (nos pontos 1.2.2.1. e 1.2.2.2.).

A morte da pessoa era igualmente temida, embora não fossem especificadas as causas na esmagadora maioria dos decretos.³⁶ No plano psicológico, também os estados emocionais negativos como o pavor, o medo e a frustração eram considerados potencialmente prejudiciais.

³² Os decretos oraculares amuléticos são um dos mecanismos mágicos de protecção da criança que iremos abordar de forma aprofundada no Capítulo 4 (ponto 4.3).

³³ JANSSEN, R. M.; JANSSEN, J. J., *Growing up and Getting old in Ancient Egypt*, London, Golden House Publications, 2007, p. 21.

³⁴ A metodologia adoptada na elaboração da base de dados baseou-se no registo de todos os perigos que cada decreto oracular amulético menciona e a sua organização em categorias. Para tal, procedemos a uma distinção entre os perigos mencionados em frases iniciadas com a formulação “I shall keep him/her safe from...”, “I shall save him/her from...” e “I shall protect him/her from...” e os perigos mencionados nas restantes, com uma formulação mais diversificada. As categorias que iremos analisar no presente estudo são constituídas apenas pelos primeiros. A adopção deste critério deveu-se, por um lado, à frequência com que este tipo de frases surge no *corpus* e, por outro, à sua homogeneidade, que não se verifica nas restantes. Não obstante, importa referir que no segundo grupo de frases existe uma concordância nas categorias de perigos. Por outras palavras, é igualmente garantida protecção contra divindades, demónios, espíritos, pessoas vivas, oráculos, mau-olhado, magia, problemas de saúde, animais, deslocações e males generalizados. Adicionalmente, estas frases com uma formulação mais variada revelam que também os sonhos e as visões eram consideradas potencialmente perigosos.

³⁵ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. xx.

³⁶ O decreto T. 3 (Museo Egizio, Turim, 1985) apresenta-se como a única excepção, uma vez que refere: «*We shall keep him safe from murder and from destruction (?)*». EDWARDS, *op. cit.*, p. 75.

As fontes em causa mencionam outros perigos que poderiam comprometer a integridade física da pessoa. Um deles é constituído pelos animais, em particular os cavalos, os crocodilos, os escorpiões, as serpentes, as cobras e os répteis. Da mesma forma, eram receadas as quedas de estruturas arquitectónicas, quer fossem uma parede ou uma casa.³⁷ Podemos ainda encontrar uma categoria composta por armas como o bastão, a lança ou a espada ou golpes desferidos com estas armas. Adicionalmente, os deuses podiam prometer salvar a pessoa de qualquer coisa que a pudesse atacar.

As viagens e deslocações, a qualquer lugar ou de qualquer tipo, podiam igualmente constituir um perigo para os Egípcios. Denota-se uma particular preocupação com os locais por onde seriam efectuadas e com os meios de transporte usados, sendo garantida protecção contra deslocações feitas nas margens do deserto, em determinadas estradas, de carro puxado por cavalos, de barco e a pé. Eram ainda temidos perigos relacionados com deslocações de cariz religioso.³⁸

As pessoas vivas podiam constituir uma outra fonte de ameaça, podendo ser homens ou mulheres, egípcias ou estrangeiras, nomeadamente Núbias e Sírias, e ainda ter um maior ou menor grau de aproximação e confiança com a pessoa. Da mesma forma, as palavras, discursos ou conversações de diversa natureza podiam prejudicar os Egípcios.

Por sua vez, as acções das pessoas mortas e dos espíritos³⁹, quer fossem do género masculino ou feminino, podiam igualmente prejudicar a vida quotidiana. Segundo I. E. S. Edwards, ambos parecem ser encarados como causadores de doenças.⁴⁰

Nos decretos oraculares amuléticos era garantida protecção contra divindades⁴¹ ou acções cometidas por estas contra a pessoa⁴². Esta categoria é muito diversificada, podendo englobar referências genéricas ou específicas a divindades, sendo que, no último caso, podiam ser enumeradas pelas suas denominações, pelas suas características ou atributos e, de forma menos frequente, pelos seus epítetos.⁴³

³⁷ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. xx.

³⁸ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. xx.

³⁹ Na tradução dos decretos oraculares amuléticos proposta por I. E. S. Edwards é feita uma distinção entre pessoas mortas e espíritos. No entanto, dado que não foi possível termos acesso às fontes originais, não pudemos apurar o motivo desta distinção.

⁴⁰ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, pp. 14; 20-21.

⁴¹ Entre o rol de divindades consideradas perigosas, mencionadas nos decretos oraculares amuléticos, constam, a título de exemplo, Sekhmet, Bastet, Khonsu, Mut e Amon.

⁴² É garantida protecção contra deuses que cometem acções prejudiciais contra a pessoa; deuses que se aproveitam de alguém em determinadas circunstâncias; deuses que usam a pessoa como substituta de outra e que lhe causam mal; deuses que assumem manifestações, entre outros.

⁴³ EDWARDS, *op. cit.*, p. xxi.

Os demónios eram igualmente encarados pelos Egípcios como potencialmente perigosos, sendo que no conjunto de fontes em causa podemos encontrar referências aos demónios em geral; demónios femininos e masculinos; demónios relacionados com a própria pessoa ou com os seus parentes; demónios das doenças, demónios *h3y.ty* e *šm3.y*, demónios do céu, da terra, das montanhas, das fendas, dos buracos, dos pântanos, dos lagos, dos regatos, do rio, da ribeira, do canal, do poço e do charco deixado pela chuva.⁴⁴

A magia constituía outra categoria de perigos da vida quotidiana, podendo ser de qualquer tipo, escrita ou falada. Do mesmo modo, era garantida protecção contra diversos praticantes de magia, podendo ser distinguidos pela sua origem (egípcia, síria, núbia, líbia ou kuchita), ou pela sua ocupação profissional (sendo referidos mágicos e médicos).⁴⁵

Por fim, nos decretos oraculares amuléticos podemos ainda encontrar referências menos frequentes a outros perigos, nomeadamente estrelas; queda de raios; livros do início do ano, livros do fim do ano⁴⁶ e livros dos dias epagómenos; mau-olhado; cores malignas⁴⁷; epidemias⁴⁸; injustiças e contratemplos. Existe ainda um conjunto de perigos e obstáculos que, por constituírem perigos genéricos ou por serem referidos num único decreto, foram agrupados na categoria “outros”.⁴⁹ Esta é constituída, a título de exemplo, por factores prejudiciais genéricos, oráculos, calamidades, disputas, desavenças e violência.

A partir dos dados recolhidos na base de dados, tornou-se possível elaborar uma tabela (vd. Anexo 1, Tab. 1) onde constam as diversas categorias de perigos, o número de papiros em que cada uma surge e a respectiva percentagem. A tabela em causa permite-nos, por um lado, verificar a frequência com que cada categoria é referida e, por outro, efectuar comparações entre elas.

⁴⁴ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. xxii.

⁴⁵ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. xx.

⁴⁶ A propósito dos livros do início do ano e dos livros do fim do ano, Edwards defende que «*if their nature may be conjectured from the present context (...), they were considered to be divine registers in which the gods, at the beginning of every year, noted the fate decreed to certain unfortunate persons, and corresponding registers, compiled at the end of the year, recording that their intentions had been carried out.*» EDWARDS, *op. cit.*, p. 3.

⁴⁷ Edwards sugere que se trata de situações em que o proprietário possuía um objecto com uma determinada cor que podia trazer-lhe infortúnios por ele desconhecer as suas propriedades mágicas. Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. 4.

⁴⁸ Possivelmente, as epidemias estariam associadas a uma influência maligna. Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. 31.

⁴⁹ Optámos por considerar os perigos relacionados com a gravidez e o parto, referidos igualmente num único papiro, o T. 2 (Museo Egizio, Turim, 1984), como uma excepção, por se apresentar como um perigo relevante para o estudo da sobrevivência da criança.

O perigo ao qual é dado um maior destaque é constituído pelos problemas de saúde, que são referidos em todos os exemplares conhecidos. A esta categoria sucedem a das divindades, que podemos encontrar em vinte decretos (91% do *corpus*); a dos demónios, presente em dezanove papiros (86% do conjunto); a dos animais, constante em dezasseis decretos (72% do *corpus*); a da magia, referida em quinze papiros (68% do conjunto); e, por fim, a dos perigos que podiam surgir durante a realização de viagens e deslocações, mencionados em metade dos textos (50% do *corpus*).

Estes dados devem ser considerados apenas como tendências para o predomínio de determinados perigos, dado que desconhecemos a totalidade de decretos que terão sido produzidos e que os exemplares conhecidos apresentam lacunas. Em simultâneo, devemos ter em consideração que estamos a analisar os perigos da vida quotidiana com base num único tipo de fonte, datada de um período específico, não devendo, por isso, fazer generalizações. Ainda assim, podemos concluir que, tal como J. Janssen e R. Janssen afirmaram, os decretos oraculares amuléticos constituem uma importante fonte para o estudo dos perigos da vida quotidiana para os Egípcios em geral, que se pautam pela variedade e multiplicidade.⁵⁰

1.2.2. Os perigos para a mulher e para a criança

No Egipto antigo existia uma quantidade significativa de perigos que podiam afectar a criança quer de forma directa, dificultando ou impossibilitando o seu nascimento e normal crescimento, quer de forma indirecta, atingindo a mulher, na qualidade de grávida, parturiente ou mãe. Deste modo, os perigos podiam revelar-se em três fases distintas: durante a gravidez, no parto e nos momentos que o antecedem e sucedem e, ainda, durante a infância.

1.2.2.1. A gravidez

As fontes textuais, nomeadamente os papiros médico-mágicos e os decretos oraculares amuléticos, fornecem-nos informações reduzidas referentes aos perigos e complicações que poderiam surgir durante a gravidez.

⁵⁰ Cf. JANSSEN; JANSSEN, *Growing up and Getting old in Ancient Egypt*, p. 21.

A situação de risco mencionada com uma maior frequência, ainda que com pouca expressividade, consiste na possibilidade da ocorrência de hemorragias⁵¹, como é referido, a título de exemplo, no *P. Londres BM 10059* 14,1-14,2 (caso 42):

«Turning away the harmful activity of the dead or a god with the incantation:

Anubis, the flood is approaching the edge of the territory of (the goddess) Tayet. Get rid of what is in her!

Recite the words when you have placed two knots on linen yarn into the mouth of the inside of her vagina to turn away what has been (performed) against her.»⁵²

A relevância deste caso em particular prende-se com o facto de atestar a ocorrência de hemorragias durante a gravidez e a existência de métodos para as evitar ou parar. O mesmo informa-nos sobre uma das causas que poderiam ser atribuídas a elas, nomeadamente a prática de magia malévola por parte de pessoas mortas ou de deuses contra a mulher grávida.⁵³

Por sua vez, a referência a abortos espontâneos é ainda menos comum nas fontes textuais. Edwards sugeriu a possibilidade de haver uma referência a um aborto no decreto oracular amulético constante no papiro T. 2 (Museo Egizio, Turim, 1984): «*We shall keep her safe (...) from a miscarriage (?) (...)*».⁵⁴ No entanto, o Autor expressou algumas reservas relativamente a esta proposta de tradução, aspecto a que retornaremos mais adiante (no ponto 1.2.2.2.).⁵⁵ Apesar de as limitações das fontes, podemos considerar como muito provável a existência do perigo da gravidez ser abruptamente interrompida devido a um aborto, podendo em alguns casos ocorrer na sequência de uma hemorragia mais grave.

1.2.2.2. O parto

O parto comportava riscos significativos para a mulher e para a criança, sendo «(...) *a particularly traumatic and private experience for both the mother and the*

⁵¹ Podemos encontrar diversas referências a hemorragias provavelmente associadas à gravidez no *P. Londres BM 10059* 13,9-13,14 (caso 40), 13,14-14,1 (caso 41), 14,1-14,2 (caso 42), 14,5-14,8 (caso 45). Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 123-124; 167. Alguns destes casos serão abordados em maior profundidade no capítulo 4, no ponto 4.2.

⁵² STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 124.

⁵³ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 167.

⁵⁴ EDWARDS, *op. cit.*, p. 66.

⁵⁵ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. 66.

child»⁵⁶, uma vez que podia colocar em causa as suas vidas. As causas das complicações podiam ser variadas, como a estreiteza da pélvis da mulher, as condições deficitárias de higiene em que o parto ocorria e a nutrição insuficiente ou deficiente da mulher.⁵⁷

O seguinte excerto do decreto oracular amulético que consta no papiro T. 2 (Museo Egizio, Turim, 1984) revela-nos alguns desses perigos: «*We shall keep her safe from a Horus-birth, from a miscarriage (?) and from giving birth to twins. We shall keep her safe from any (kind of) death and any (kind of) sickness in giving birth.*»⁵⁸

A referência ao nascimento de Hórus como factor de risco tem sido alvo de diferentes interpretações. Segundo Edwards, poderia aludir a uma criança póstuma, isto é, que nasceu após o falecimento do seu pai, tal como ocorreu com Hórus.⁵⁹ H. Györy considera igualmente esta hipótese, defendendo, no entanto, que «*(...) more possibly could refer those who was born premature, with the consequent feebleness, infirmity or irregularity*».⁶⁰

Por sua vez, o seguinte excerto do decreto oracular amulético, constante no P. 3 (Musée du Louvre, E 25354), menciona o nascimento de Amon: «*We shall cause those whom she bears to live; we shall cause her to bear (with) a happy delivery. We shall cause her to bear according to (?) the birth of Amun (?)*».⁶¹

À semelhança do que ocorre no excerto atrás referido, também aqui estamos perante uma expressão cujo significado ainda não foi devidamente apurado. Não obstante, como Edwards aponta, o nascimento de Hórus parece constituir uma clara oposição ao de Amon, sendo este algo benéfico para a parturiente e a criança.⁶² H. Györy defende que «*(...) was presumably applied of having a vigorous baby with a sound constitution, for the “breath of live” was usually provided by Amon*».⁶³

Como foi anteriormente referido (ponto 1.2.2.1.), aquando da publicação do T. 2 (Museo Egizio, Turim, 1984), Edwards ressaltou que existiam algumas dúvidas relativas à tradução que se segue à referência do nascimento de Hórus. Para este Autor, existe a possibilidade de se tratar de um aborto ou de uma deformação física do recém-nascido.⁶⁴

⁵⁶ SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 23.

⁵⁷ Cf. GRAVES-BROWN, *op. cit.*, p. 62; STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 174.

⁵⁸ EDWARDS, *op. cit.*, pp. 66-67.

⁵⁹ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. 66.

⁶⁰ GYÖRY, H., “Providing Protection to a New-Born on the Day of Birth: Extra-and Intrauterine Complications and Abnormalities in Ancient Egypt” in *Orvostörténeti közlemények*, 45, 2000, p. 111.

⁶¹ EDWARDS, *op. cit.*, p. 86.

⁶² Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. 86.

⁶³ GYÖRY, *op. cit.*, p. 112.

⁶⁴ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. 66.

A segunda hipótese é apoiada por Györy, que defende que «(...) *seems most likely mean abnormal birth, where the healthy constitution was transferred into a distorted, unhealthy one, (...) than a “transfer” of the timing of the birth, i. e. causing a premature or ill-timed birth*». ⁶⁵

O mesmo decreto aponta igualmente a gravidez de gémeos como um factor de risco no momento do parto, possivelmente por poder acarretar maior número de complicações e de dificuldades e por os gémeos nascerem menos desenvolvidos. ⁶⁶ O nascimento de gémeos está atestado de forma muito reduzida e pouco expressiva no Egipto antigo. De acordo com J. Baines, as teorias segundo as quais um ou ambos seriam mortos ou que seriam excluídos da vida pública e dos registos dos monumentos são pouco plausíveis, devendo-se pensar que os gémeos constituíam um tabu. O mesmo Autor estima que os gémeos egípcios tenham correspondido a 1% da população. ⁶⁷ Por último, o mesmo excerto do decreto oracular amulético em causa indica ainda a possibilidade da mãe ser acometida pela doença ou, até mesmo, pela morte durante o parto.

Nos papiros médicos e mágicos existe uma quantidade significativa de casos que abordam procedimentos a serem adoptados de modo a acelerar ou a facilitar o parto. ⁶⁸ Apesar de não mencionarem riscos específicos aos quais a parturiente estava exposta, revelam a existência de alguma preocupação face a partos prolongados. O encantamento do *P. Leiden I 348* vs. 11,2-11,8 (caso 34) faz alusão ao sofrimento que a parturiente poderia experienciar ⁶⁹, o que nos leva a colocar a hipótese de os partos prolongados terem sido considerados como perigosos.

Dois encantamentos mágicos, destinados à protecção da mulher no momento do parto, mencionam outros dois factores de risco, do foro metafísico. No excerto abaixo do encantamento mágico constante no *P. Ramesseum IV.C II. 17-24* pode ler-se:

⁶⁵ GYÖRY, *op. cit.*, p. 112.

⁶⁶ Cf. GYÖRY, *op. cit.*, p. 111.

⁶⁷ Cf. BAINES, J., “Egyptian twins” in *Orientalia*, 54, 1985, pp. 477-479.

⁶⁸ Este tipo de casos pode ser encontrado no *P. Ebers* 94,10-94,11 (caso 797), 94,11-94,13 (caso 798), 94,13-94,14 (caso 799), 94,14-94,15 (caso 800), 94,15-94,16 (caso 801), 94,16-94,17 (caso 802), 94,17-94,18 (caso 803), 94,18-94,19 (caso 804), 94,19 (caso 805), 94,19-94,21 (caso 806), 94,21-94,22 (caso 807), no *P. Leiden I 348* rt. 13,9-13-11 (caso 28), vs. 12,2-12,6 (caso 30), vs. 12,11-11,2 (caso 33), vs. 11,2-11,8 (caso 34) e no *P. Ramesseum IV.C II. 28-30*. Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 115; 118-119; 174-175; BORGHOUTS, J. F., *The Magical Texts of Papyrus Leiden I 348*, Leiden, E. J. Brill, 1971, pp. 28-31.

⁶⁹ A propósito da interpretação deste encantamento e da alusão ao estado em que a mulher se encontra, vd. TÖPFER, S., “The physical activity of parturition in ancient Egypt: textual and epigraphical sources” in *Dynamis*, 34(2), 2014, p. 333.

«Another thing that can be done for him on the day of his birth:

a piece of its placenta with [...] pulp with milk and give (it) to him during the day. If he vomits it, he will die. If he [swallows] it, he will live.

Then you should say: Your grace... brought for it (?) without incantations [...] next to this tree *ished* of Osiris. Oh you that have created and have made the womb, [...] of the dead which has intercourse, impregnates, and embraces during the night and kisses during the day. Do not have intercourse [...] with] this woman, do not fraternize with her, do not do (to her) any bad or evil thing, your nose [...] [...] your [...] are bleary, do not do any bad or evil thing.

Recite the words above a figurine [of a child], fumigate the woman on it. When it is pleasant, the childbirth will be good. When it is unpleasant, the childbirth [will be bad].»⁷⁰

De acordo com H. Vymazalová e E. Strouhal, o encantamento acima transcrito «(...) is aimed particularly against the activity of a dead person (or a demon) with sexual intentions, but the wording of this incantations has not been preserved entirely, which means that it is hard to comprehend.»⁷¹

O seguinte excerto do encantamento mágico do *P. Berlim 3027 5,8-6,8* (caso F) destinado a separar a criança da mãe no momento do parto e a ser recitado sobre os tijolos de nascimento⁷², faz, por sua vez, uma possível alusão à magia como factor de risco para a parturiente: «Do not allow any evil thing to be uttered, because you are good. Do not injure the right by the evil mouth.»⁷³ À semelhança do que ocorre com a acção das pessoas mortas ou demónios, a magia podia constituir uma fonte de perigo não só para a população em geral, como abordámos anteriormente, mas também para a mulher, na qualidade de parturiente, e para a criança.

Uma parte significativa dos casos dos papiros médicos que abordam os cuidados destinados à mulher após o parto focam-se na expulsão da placenta e na contracção do útero, ou seja, no regresso deste ao tamanho que tinha antes da gravidez.⁷⁴ Apesar de não mencionarem problemas concretos, a frequência com que são referidos sugere a possibilidade de haver uma preocupação com a fase final do parto. No primeiro caso,

⁷⁰ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 115.

⁷¹ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 173.

⁷² Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 176.

⁷³ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 130.

⁷⁴ Os casos que abordam a expulsão da placenta constam no *P. Ebers* 93,18-93,20 (caso 789), 93,20-93,21 (caso 790), 93,21-94,1 (caso 791), 94,2-94,3 (caso 792), 94,3-94,5 (caso 793), 94,5-94,7 (caso 794). Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 117-118; 181-182. Os casos que abordam a contracção do útero constam no *P. Ebers* 96,5-96,7 (caso 820), 96,7-96,8 (caso 821), 96,8-96,9 (caso 822), 96,9-96,11 (caso 823), 96,11 (caso 824), 96,11-96,12 (caso 825), 96,12 (caso 826), 96,12 (caso 847). Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 121-122; 179-180.

poderá inclusivamente explicar-se pela percepção do risco de ocorrer a retenção da placenta.⁷⁵

O caso descrito no *P. Kahun* 54-59 (caso 17) destina-se a tratar de uma mulher que está a ser afectada por uma hemorragia uterina, tendo como sintomas dores localizadas em partes específicas do corpo.⁷⁶ Dado que esta complicação surge num momento anterior à expulsão da placenta, H. Vymazalová e E. Strouhal sugerem a possibilidade de se tratar de um caso em que a placenta está a ter dificuldades em separar-se da parede uterina. Segundo os mesmos Autores, poderia ser um problema mais grave, possivelmente uma inflamação, caso a mulher expelisse sangue e pus.⁷⁷

No *P. Ebers* 96,5-96,7 (caso 820), 96,7-96,8 (caso 821), 96,8-96,9 (822) encontramos três casos que descrevem procedimentos a serem adoptados provavelmente quando a mulher desenvolvesse febre puerperal.⁷⁸ No *P. Kahun* 12-15 (caso 4) encontramos o seguinte relato, que J. Nunn interpretou como uma descrição de uma lesão do períneo, que terá sido consequência de complicações durante o parto⁷⁹:

«**Examination** of a woman (suffering) in her pubic region, her womb, and around her womb between her buttocks.

You should say of it: large swelling after birth.

You should treat this: fresh oil 1 *hin*, pour over [her] womb and her [...].»⁸⁰

No caso do *P. Ebers* 94,7-94,8 (caso 795) pode ler-se: «*Another (remedy) for causing the uterus to leave into its place (...)*»⁸¹, o que poderá corresponder a uma complicação do parto difícil de interpretar. H. Vymazalová e E. Strouhal defendem que «*most likely, it was the descent of a wandering uterus to its place, not the return of the uterus after childbirth, because the enlarged uterus, pregnant with the fetus, remains in place even after childbirth*».⁸² Por sua vez, Nunn sugeriu a possibilidade de tratar-se da descrição de um prolapso uterino.⁸³ No *P. Brooklyn* 47.218.2 x+VI,8-11 encontramos um caso com circunstâncias semelhantes:

⁷⁵ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 179.

⁷⁶ No *P. Kahun* 54-59 (caso 17), pode ler-se: «*Examination of a woman bleeding [...] placenta and has pain in her head, her mouth, and palm of her hand. (...) If, however, blood or pus comes out, it is [...]*». STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 110.

⁷⁷ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 174; 180-181.

⁷⁸ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 179.

⁷⁹ Cf. NUNN, *op. cit.*, p. 194.

⁸⁰ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 107.

⁸¹ *Idem*, p. 118.

⁸² *Idem*, p. 182.

⁸³ Cf. NUNN, *op. cit.*, p. 196.

«**Remèdes pour une femme qui a récemment donné naissance et souffre d'une douleur intense dans l'abdomen** : si tu procèdes à l'examen d'une femme qui souffre d'une douleur intense dans l'abdomen, qui a les deux aires tendues, souffrant d'un côté, depuis le cœur jusqu'à la région pubienne, dans la moitié droite ou dans la moitié gauche, de sorte qu'elle n'est plus capable de dormir, **tu dois conclure à propos d'elle** : 'c'est un déplacement de l'utérus, il a bougé et il est douloureux dans l'abdomen, c'est une maladie que je peux traiter.' **Et tu feras pour elle** : pain-*bekhesou* sec. Broyer finement. Chauffer avec de la graisse d'oie neuve. Manger. **Autre** : bois-*maâou*. Broyer finement dans du miel. Manger pendant quatre jours.»⁸⁴

Dada a semelhança deste diagnóstico com o anterior, bem como as indicações de que a mulher terá dado à luz recentemente e de que o principal sintoma consiste numa dor intensa na zona do abdómen, parece-nos que estamos igualmente perante um prolapso uterino que terá ocorrido na sequência do parto.

De acordo com o mesmo Nunn, podemos ainda encontrar relatos de prolapsos uterinos no *P. Ebers* 93,18-93,20 (caso 789), 93,20-93,21 (caso 790), 93,21-94,1 (caso 791), 94,2-94,3 (caso 792), 94,3-94,5 (caso 793), 94,5-94,7 (caso 794).⁸⁵ No entanto, no início do primeiro pode ler-se: «*A remedy for causing the placenta of a woman to leave into its place (...)*»⁸⁶ Os restantes casos consistiam em procedimentos destinados ao mesmo tipo de ocorrência.⁸⁷ Desta forma, para estes seis casos, parece-nos mais apropriada a interpretação sugerida por Strouhal e Vymazalová, segundo a qual estariam relacionados com a expulsão da placenta, como mencionámos anteriormente.⁸⁸ Por seu turno, as fontes materiais atestam a ocorrência de prolapsos uterinos, bem como de fístulas vesicovaginais.⁸⁹

À semelhança da mãe, a criança poderia igualmente ter sequelas físicas resultantes das complicações do parto, como por exemplo, fracturas na vértebra cervical, na clavícula, no úmero e, de forma menos frequente, nas costelas.⁹⁰

Às patologias e problemas anteriormente mencionados, podiam somar-se outras complicações associadas ao parto que são mais difíceis de atestar. Para entender estas

⁸⁴ GUERMEUR, I., "Entre Magie et Médecine. L'exemple du papyrus Brooklyn 47.218.2" in *Égypte, Afrique & Orient*, 71, 2013, p. 17.

⁸⁵ Cf. NUNN, *op. cit.*, p. 196.

⁸⁶ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 117.

⁸⁷ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 117-118.

⁸⁸ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 181-182.

⁸⁹ Cf. HARER, W. B., "Health in Pharaonic Egypt" in DAVIES, W. V.; WALKER, R. (eds.), *Biological Anthropology and the Study of Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1993, p. 20.

⁹⁰ Para uma descrição mais detalhada deste tipo de fracturas associadas ao parto, vd. DUPRAS; WHEELER; WILLIAMS; SHEDRICK, *op. cit.*, p. 62.

limitações, devemos atentar na seguinte afirmação, a partir da qual acreditamos ser possível fazer generalizações, embora diga respeito aos despojos humanos encontrados no cemitério Kellis 2, do oásis Dakhla:

«Many of the mothers and infants from Kellis who died during childbirth may not exhibit any evidence of skeletal trauma, particularly if only soft tissue structures are affected, such as when an infant dies of suffocation, or a mother dies from hemorrhaging».⁹¹

Em situações mais graves, as complicações associadas ao parto poderiam conduzir à morte da mãe, da criança ou de ambas. Um dos exemplos mais interessantes que nos mostra o quão perigoso o parto podia ser para ambas é proveniente do complexo funerário do faraó Horemheb (Império Novo, XVIII dinastia), em Sakkara, onde foram sepultados os restos mortais da sua esposa, Mutnedjmet, com sinais de ter tido diversos partos difíceis, bem como os de um feto ou recém-nascido, o que sugere que ambos morreram durante ou na sequência de um parto pautado por complicações que se revelaram fatais.⁹²

O conjunto significativo e variado de perigos associados ao parto abordados podiam afectar qualquer membro feminino da sociedade egípcia, independentemente do seu estatuto social, embora «(...) *the poor nutrition of non-elite women can only have exacerbated their problems*».⁹³

1.2.2.3. A infância

A superação do momento do parto e dos riscos a ele inerentes não garantia, por si só, a sobrevivência da criança. A infância podia igualmente ser marcada por um conjunto diversificado de perigos que podiam afectar tanto os recém-nascidos como as crianças mais velhas.

A alimentação dos filhos constituía uma preocupação significativa para as mães egípcias. Como G. Robins afirma, «(...) *there was the danger that the child would not survive if the milk supply was inadequate*».⁹⁴ Deste modo, não nos surpreende a existência

⁹¹ DUPRAS; WHEELER; WILLIAMS; SHEDRICK, *op. cit.*, p. 61.

⁹² Cf. DODSON, A., *Amarna sunset. Nefertiti, Tutankhamon, Ay, Horemheb and the Egyptian Counter-reformation*, Cairo – New York, The American University in Cairo Press, 2009, p. 116.

⁹³ GRAVES-BROWN, *op. cit.*, p. 62.

⁹⁴ ROBINS, “Women and Children in Peril (...)”, pp. 28-29.

de métodos para apurar a qualidade do leite materno⁹⁵ e para auxiliar na produção de leite materno em quantidades adequadas⁹⁶, bem como a existência de procedimentos a serem adotados quando uma criança recusava a amamentação. Podemos encontrar igualmente um conjunto de casos nos papiros médicos e mágicos que descrevem patologias relacionadas com os peitos das mulheres.⁹⁷ Ainda que estes não refiram problemas directamente relacionados com a gravidez, parto ou amamentação, não se deve afastar por inteiro a hipótese de poderem ter afectado a amamentação ou de se terem relacionado com ela de algum modo.

Por outro lado, podemos ainda encontrar procedimentos com os quais se procura pôr fim à sede da criança⁹⁸ e, nos decretos oraculares amuléticos, promessas de que as divindades irão fazer com que a criança coma e beba.⁹⁹

Importa ainda referir que a transição da alimentação sob a forma de leite materno para a comida comum dos Egípcios, que ocorria por volta dos três anos de idade, aumentava o risco de ocorrência de problemas intestinais.¹⁰⁰

As doenças constituíam uma outra fonte de perigo para as crianças, cuja imunidade era reduzida.¹⁰¹ Nos papiros médicos e mágicos há um claro predomínio da doença *baa*. O caso que nos fornece mais indicações sobre ela é o do *P. Ramesseum III.B II. 23-24*, do qual deve destacar-se o seguinte excerto: «(...) *I hit my temples, I tousled my hair when I found my son Horus, his heart weary, his lips pale, and both of his knees*

⁹⁵ No *P. Ebers* 93,17-93,18 (caso 788) é mencionado um procedimento a ser levado a cabo para apurar se o leite está estragado, enquanto no *P. Ebers* 94,8-94,10 (caso 796) o procedimento descrito destina-se a apurar se o leite é bom. Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 117-118; 193.

⁹⁶ O *P. Ebers* 97,10-97,11 (caso 836) indica um método para auxiliar na produção de leite. Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 123; 193.

⁹⁷ Os casos relacionados com problemas do peito estão presentes no *P. Ebers* 95,5-95,7 (caso 810), 95,7-95,14 (caso 811), 95,1-95,3 (caso 808), 95,3-95,5 (caso 809), no *P. Berlin 3038* 1,11-2,1 (caso 13), 2,1-2,2 (caso 14), 2,2-2,3 (caso 15), 2,3 (caso 16), 2,3-2,4 (caso 17), 2,4-2,5 (caso 18) e no *P. Ramesseum IV D II. 4, D II. 1-4*. Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 119-120; 125-126; 184-185.

⁹⁸ Nomeadamente, os casos constantes no *P. Ramesseum III A I. 9, B II. 14-17, B II. 19-20*. Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 112-113; 193-194. A. Marshall defende que o caso constante no *P. Ramesseum III.B II 14-17* descreve uma criança com sintomas de desidratação, problema que poderia, nos casos mais graves, colocar em causa a saúde da criança. Cf. MARSHALL, *op. cit.*, pp. 202-203.

⁹⁹ Podemos encontrar promessas alusivas à alimentação nos decretos L. 2 (The British Museum, EA10251); L. 4 (The British Museum, EA10320); L. 6 (The British Museum, EA10587); T. 1 (Museo Egizio, Turim, 1983); T. 2 (Museo Egizio, Turim, 1984); T. 3 (Museo Egizio, Turim, 1985); P. 3 (Musée du Louvre, E 25354); P. 4 (Bibliothèque Nationale de France, Egyptien 182); C. 2 (Colecção Michaelidis, Cairo); N.Y. (The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, 10.53); Ch. (Museu do The Oriental Institute of the University of Chicago) e B. (Ägyptisches Museum, Berlin, 10462). Cf. EDWARDS, *op. cit.*, pp. 13-14; 28; 36; 52; 63; 73; 85; 88; 100; 104; 107.

¹⁰⁰ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 195.

¹⁰¹ Cf. SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 31.

weak after he drank up baa, which was in my bosom, [the bitterness of my breast.]»¹⁰²

Este encantamento informa-nos sobre os sintomas, nomeadamente exaustão, alteração da cor dos lábios e atrofia das pernas, o que o impossibilitava andar. O mesmo informa-nos ainda sobre a forma de transmissão, que terá ocorrido de mãe (Ísis) para filho (Hórus) durante a amamentação. A ideia da ligação da doença à amamentação está igualmente presente no caso do *P. Berlim 3027 9,7-2,2* (caso O).¹⁰³ Têm sido sugeridas diversas hipóteses genéricas sobre as características desta doença, que se mantém por identificar.¹⁰⁴ Mais recentemente, Vymazalová e Strouhal defenderam que:

«(...) is connected with the acceptance of breast milk. We do not know the characteristics of this problem; most likely it was an internal ailment whose cause was not apparent to Egyptian physicians. It might have been flatulence (Barns 1956, 22), which can give infants a very hard time, but according to the incantation in one of the Ramesseum Papyri, it could have been a more serious infection».¹⁰⁵

Os papiros médicos e mágicos relatam-nos a existência da doença *neshu*, da qual temos informações reduzidas. O caso mais interessante para o seu estudo é, muito possivelmente, aquele que consta no *P. Berlim 3027 2,10-5,7* (caso E) e que nos informa que a doença podia afectar os diversos membros da criança.¹⁰⁶

A doença *temyt* constituía igualmente um perigo para a criança, sendo referida no *P. Berlim 3027 1,4-1,9* (caso B) (vd. capítulo 4, ponto 4.2) que nos indica apenas que a mesma se manifestava através de padecimentos nos ossos, nos vasos sanguíneos e no abdómen. R. Hannig sugeriu a possibilidade de se tratar de uma doença de pele, cujo principal responsável era um demónio. Vymazalová e Strouhal sugerem a hipótese da mesma doença ou demónio estar patente no *P. Berlim 3027 1,9-2,6* (caso C)¹⁰⁷, onde se pode ler o seguinte excerto:

«**Another:** Flow out, you (male) who come in the dark, who crawl with your nose behind you, with face turned, whom it escapes why he has come.

¹⁰² STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 113-114.

¹⁰³ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 196

¹⁰⁴ A propósito das diversas teorias vd. HALIOUA, B.; ZISKIND, B., *Medicine in the Days of the Pharaohs*, Cambridge – Massachusetts – London, The Belknap Press of Harvard University Press, 2005, pp. 89-90.

¹⁰⁵ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 195.

¹⁰⁶ Juntamente com o *P. Berlim 3027 2,10-5,7* (caso E), podemos ainda encontrar referências à doença em causa no *P. Berlim 3027 1,1-1,4* (caso A) e no *P. Ramesseum IV.C II. 6-7*. Com base na sua designação, Vymazalová e Strouhal sugerem uma possível associação da doença à incontinência urinária. Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 197-199.

¹⁰⁷ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 199-200.

Flow out, you (female) who come in the dark, who crawl with your nose behind you, with face turned, whom it escapes why she has come. Have you come to kiss this child? I will not allow you to kiss him. Have you come to his comfort? I will not allow you to give him comfort. Have you come to hurt him? I will not allow you to hurt him. Have you come to take him away? I will not allow you to take him away.»¹⁰⁸

No mesmo conjunto de textos, encontramos uma única referência a outras duas doenças, das quais nada se conhece. A primeira, *sesemy*, é referida no *P. Berlim 3027* 7,6-8,3 (caso L) (vd. capítulo 4, ponto 4.2). A segunda, *idju*, surge no *P. Ebers 97,8-97,9* (caso 835). Vymazalová e Strouhal avançam com a possibilidade de a primeira consistir numa doença dos olhos ou condição associada à temperatura do corpo e do meio ambiente. Os procedimentos descritos no *P. Ebers 93,3-93,5* (caso 782) deviam ser adoptadas perante o choro intenso de uma criança que podia ser motivado por dores, flatulência ou, ainda, insónias, enquanto os do *P. Berlim 3038* 3,5-3,6 (caso 30) se destinavam a uma criança com tosse.¹⁰⁹

As patologias relacionadas com a urinação e defecação podiam igualmente constituir um risco para a saúde das crianças egípcias. No *P. Ramesseum III. A II. 1-2* encontramos uma prescrição possivelmente destinada a uma criança afectada por prisão de ventre. No *P. Ramesseum III. A II. 30-31* e no *P. Ebers bis 49,18-49,21* (caso 272) são descritos procedimentos para garantir uma urinação normal, enquanto no *P. Ebers 48,22-49,2* (caso 262) encontram-se métodos para solucionar a retenção de urina. No *P. Ebers 49,21-50,2* (caso 273) podemos encontrar ainda uma prescrição destinada a situações em que a criança padecia de enurese. Por fim, no *P. Ramesseum IV. C II. 12-15* existe um encantamento mágico que lida com a evacuação (vd. capítulo 4, ponto 4.2).¹¹⁰ De acordo com A. Marshall trata-se de um problema de obstipação, que poderá ter sido causado por uma «(...) *alimentation inadaptée, d'un état fébrile ou d'un stress, trois situations qui s'appliquaient vraisemblablement à la majorité des enfants égyptiens. Ce problème peut se révéler particulièrement grave chez les enfants et même aboutir à leur décès.*»¹¹¹

A análise da incidência de doenças nas crianças através das fontes materiais apresenta limitações, dado que o processo de conservação do corpo executado no Egipto antigo impossibilita o diagnóstico de doenças que afectavam quer os órgãos, quer a

¹⁰⁸ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 128.

¹⁰⁹ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 197; 199.

¹¹⁰ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 202-203.

¹¹¹ MARSHALL, *op. cit.*, p. 203.

pele.¹¹² Deste modo, estão atestados casos de crianças que sofreram de tuberculose, osteogénese imperfeita, espinha bífida, escoliose, deformação de Sprengel, hidrocefalia, artrite, entre outras.¹¹³

As crianças podiam ainda ser afectadas por outras doenças que não foram acima mencionadas, incluindo as patologias que podiam afectar qualquer membro da sociedade.

Como já referimos anteriormente, determinados factores metafísicos podiam ser igualmente encarados como perigosos. Das diversas fontes que o atestam, podemos destacar o encantamento mágico constante no *P. Brooklyn 47.218.2* x+VI, 16-19 onde se pode ler:

«**Livre de chasser crainte et effroi d'une fillette** : je suis la déesse hippopotame (nourrice) qui attaque au moyen de sa voix – sa voix mauvaise – le cri, mais qui protège celui qui est sorti de son corps (*i.e.* Horus), qui arrache le cœur, d'un mort, d'une morte, l'action d'un dieu, [l'action [d']une déesse], le fantôme d'un dieu, ceux qui sont dans son *ba* [...] ... la très crainte, qui se précipite furieuse [contre les enne]mis, le feu, la flamme [...] qui] sort de sa gueule pour attaquer au moyen de [toute ?] gueule [...] un mort, une morte, un adversaire, une adversaire, un fantôme, une fantôme, le feu, toute flamme, [tout] effroi, [tout] dieu, toute déesse, [toute] chose dommaga[eable] qui est dans les membres d'[unetelle née d']unetelle la craignent. C'est à moi qu'appartient la déesse auguste dans son pouvoir [sur ?...] sur ses biens, [elle] chasse [...] du fils, Horus, [elle] chasse [...] la sorcière (?), [la truie], la dévoreuse [de l'Occident qu]i viennent contre Unetelle née d'Unetelle [...]»¹¹⁴

A partir deste encantamento podemos perceber que, a par dos problemas de alimentação e de saúde, também elementos que ultrapassam a dimensão concreta da vida quotidiana, como os mortos e os deuses, podiam igualmente ser considerados como fonte de perigo para a sobrevivência da criança egípcia durante a infância.

1.3. A mortalidade

A mortalidade infantil e materna no Egipto antigo é testemunhada, por um lado, pelas fontes materiais, como por exemplo os despojos humanos, e, por outro, pelas fontes textuais, que nos descrevem casos de mortes prematuras de crianças ou mães devido a

¹¹² Cf. BRAHIN, J. L.; FLEMING, S. J., “Children’s health problems: some guidelines for their occurrence in ancient Egypt” in *Museum Applied Science Center for Archaeology Journal*, 2, 1982, p. 76.

¹¹³ Cf. BRAHIN; FLEMING, *op. cit.*, pp. 78-79; GYÖRY, *op. cit.*, pp. 112-114.

¹¹⁴ GUERMEUR, “Entre Magie et Médecine (...)”, p. 18.

complicações decorrentes do parto. Não obstante, como iremos ver, as fontes apresentam um conjunto de limitações que dificulta o apuramento de ambas as taxas de mortalidade.

1.3.1. A mortalidade infantil

A realidade da mortalidade infantil no Egito é testemunhada pelo relato de uma rapariga que morreu antes de ter chegado à vida adulta, inscrito na parte inferior da estela que se encontra no Rijksmuseum van Oudheden, de Leiden, tendo como número de inventário AP 4, datada da Época Baixa (664-332 a.C.):

«She says:
I worship your *ka*, O Lord of Gods,
Though I am but a child!
Harm is what befell me,
When I was but a child!
A faultless one reports it.
I lie in the vale, a young girl,
I thirst with water beside me!
I was driven from childhood too early!
Turned away from my house as a youngster.
Before I had my fill in it!
The dark, a child's terror, engulfed me,
While the breast was in my mouth!
The demons of this hall bar everyone from me,
I am too young to be alone!
My heart enjoyed seeing many people,
I was one who loved gaiety!
O King of Gods, lord of eternity, to whom all people come!
Give me bread, milk, incense, water that come from your altar,
I am a young girl without fault!»¹¹⁵

Não obstante, esta e outras fontes textuais e materiais facultam informações insuficientes para o apuramento das taxas de mortalidade infantil, sobretudo para épocas anteriores ao Período Ptolemaico. Deste modo, F. Dunand considera que os dados disponíveis permitem apenas proceder ao estudo dessa realidade num âmbito geográfico ou cronológico específicos, devendo evitar-se as generalizações.¹¹⁶

Ainda assim, determinados Autores têm apresentado algumas hipóteses. Segundo W. B. Harer, morriam cerca de 20% de recém-nascidos com uma idade inferior a um

¹¹⁵ LICHTHEIM, M., *Ancient Egyptian Literature*, vol. 3, Berkeley – Los Angeles, University of California Press, 1980, pp. 58-59.

¹¹⁶ Cf. DUNAND, F., “Les Enfants et la Mort en Egypte” in DASEN, V. (ed.), *Naissance et Petite Enfance dans l’Antiquité: Actes du Colloque de Fribourg, 28 Novembre-1er Décembre 2001*, Fribourg, Academic Press; Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2004, p. 17.

mês.¹¹⁷ Por sua vez, G. Robins, defende que a taxa de mortalidade de crianças com idade inferior a um ano seria igual a 20%, enquanto a das crianças até aos cinco anos de idade seria de 30%.¹¹⁸ A mesma Autora defende que a taxa ia recuando à medida que a criança ia crescendo.¹¹⁹ P. Hennequin, por seu turno, apontou para a existência de estudos que indicam que a taxa de crianças que morriam antes de completarem o primeiro ano de existência podia variar entre os 20% e 50%.¹²⁰ Por fim, H. Vymazalová e E. Strouhal defendem que a mortalidade atingia um novo pico aos três anos de idade, quando ocorria a mudança do tipo de alimentação da criança e, conseqüentemente, se verificava uma maior incidência de infecções relacionadas com os intestinos.¹²¹ Posto isto, deve reter-se a ideia de que a taxa de mortalidade infantil seria elevada.

1.3.2. A mortalidade materna

O apuramento da taxa de mortalidade materna revela-se importante para o estudo da sobrevivência da criança no Egipto antigo na medida em que contabiliza os casos de mulheres que morrem «(...) *within a specified time period after giving birth due to pregnancy-related complications or the after-effects of the delivery process itself and the involvement of any aides (...)*». ¹²²

No entanto, a análise de fontes e a recolha de informações pauta-se igualmente por um conjunto de obstáculos, entre os quais se pode destacar, a título de exemplo, o descuro com que o registo e a conseqüente análise dos despojos humanos foram efectuados nos tempos iniciais da arqueologia egípcia – que pode ter conduzido à perda de informações relevantes –, bem como as dificuldades existentes em apurar o motivo da morte das mulheres que se encontravam numa fase fértil e propícia à reprodução.¹²³ Deste modo, acreditamos que também aqui se revela infrutífero proceder a generalizações.

Enquanto W. B. Harer estimou a taxa de mortalidade materna em cerca de 1%, Autores como K. Szpakowska referem apenas que a taxa seria elevada, sendo que alguns

¹¹⁷ Cf. HARER, *op. cit.*, p. 20.

¹¹⁸ Cf. ROBINS, “Women and Children in Peril (...)”, pp. 27-28.

¹¹⁹ Cf. ROBINS, G., “Women in Egypt” in SILVERMAN, D. P. (ed.), *Ancient Egypt*, Oxford, Oxford University Press, 1997, p. 84.

¹²⁰ Cf. HENNEQUIN, P., *Santé et Hygiène de l'enfant dans d'Égypte Ancienne*, [s.l.], [s.n.], 2001, p. 90.

¹²¹ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 186.

¹²² SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 32.

¹²³ Cf. SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 32.

deles ilustram essa realidade com a discrepância da esperança média de vida das mulheres face à dos homens, sendo a destes maior.¹²⁴

1.4. A Religião Doméstica como estratégia de sobrevivência

A importância de ter descendência e a existência de inúmeros perigos e obstáculos que poderiam colocar em causa a sobrevivência da criança fazia com que a protecção desta constituísse uma das principais preocupações da vida quotidiana.¹²⁵

Consequentemente, os Egípcios desenvolveram um leque vasto e diversificado de mecanismos médicos e mágicos para a sua protecção. Não devemos fazer a uma distinção estanque e absoluta entre estes dois tipos de abordagens, dado que se complementavam entre si, podendo ser utilizadas em simultâneo com o mesmo propósito, neste caso, o de assegurar a protecção da criança.¹²⁶

O apuramento da definição do conceito de magia para os Egípcios tem sido objecto de debate por parte dos Académicos ao longo dos tempos¹²⁷, mas, mais do que escrutinar este conceito, interessa-nos apurar as potencialidades do seu uso para proteger a criança. Nesse sentido, o seguinte excerto do texto sapiencial *O Ensino para Merikaré*, datado do Império Médio (2055-1650 a.C.), revela-se particularmente interessante:

«(...) De même il a fait pour eux la magie comme arme,
Pour repousser le coup de ce qui advient,
Ce à quoi on doit veiller de nuit comme de jour.»¹²⁸

Este excerto indica que os Egípcios consideravam que a magia tinha sido oferecida pelos deuses e colocada ao seu dispor como uma forma de enfrentar e ultrapassar as vicissitudes do quotidiano. Do mesmo modo, constituía uma forma de contornar os

¹²⁴ A propósito da taxa de mortalidade materna vd. HARER, *op. cit.*, p. 20; SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 31. A propósito da esperança média de vida e da sua discrepância em função do género sexual, vd. FEUCHT, E., “Birth” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 1, Oxford, Oxford University Press, 2001, p. 193; HARER, *op. cit.*, p. 20 e STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 172.

¹²⁵ Cf. ROBINS, “Women and Children in Peril (...)”, p. 26; SALES, “Amamentar no Egipto Antigo (...)”, p. 69.

¹²⁶ Cf. BAINES; LESKO; SILVERMAN, *op. cit.*, pp. 168-169; RITNER, “Magic in Medicine”, p. 326.

¹²⁷ Cf. TEETER, E., *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, Cambridge, Cambridge University Press, 2011, p. 161.

¹²⁸ VERNUS, *op. cit.*, p. 195.

obstáculos na morte. Porém, a magia poderia ainda ser utilizada com o intuito de prejudicar outra pessoa.¹²⁹

O posicionamento da magia face à religião tem sido igualmente tema de debate no seio da comunidade científica. A este respeito, parece-nos relevante reter a conclusão de E. Teeter, segundo a qual «*it is best, then, to consider magic in ancient Egypt as a valid and accepted (...) part of religious belief*».¹³⁰ De facto, é nas diversas práticas associadas à Religião Doméstica que encontramos os diferentes mecanismos mágicos para proteger a criança, como iremos ver em seguida.

O conceito de «Religião Doméstica» é, também ele, problemático, tendo levado a diferentes posicionamentos por parte dos Autores:

«For Stevens and Friedman, the Household Religion is, simply, a group of religious actions that were put into practice within the family home. However, both Ritner and Lesko consider this perspective reductive, because they understand that the Household Religion includes all religious practices to which the believer had access in his daily life. The authors' opinions are divided in two different classifications: one that sees the Household Religion as a specific practice, and other that sees it as a set of different practices.»¹³¹

Tendo em conta as diferentes tipologias dos mecanismos mágicos ao dispor das mães para a protecção dos seus filhos, iremos adoptar o mesmo posicionamento defendido por S. Mota, segundo a qual «*(...) it is preferable to see it only as a set of religious proceedings that took place in the household context. Although, one should not ignore its relationship with the other practices that surround it*».¹³²

Como foi anteriormente mencionado, existia um conjunto amplo e diversificado de práticas religiosas conduzidas em contexto doméstico, com o intuito de assegurar a concepção e de garantir a sobrevivência da criança, quer durante a gravidez e o parto,

¹²⁹ Cf. TEETER, *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, pp. 161-163; QUIRKE, S., *Ancient Egyptian Religion*, London, British Museum Press, 2000, p. 113; MOTA, S. I. S., “De que Falamos Quando Falamos em Piedade Pessoal no Egipto Antigo?” in ARAÚJO, L. M. de; SALES, J. das (eds.), *Novos Trabalhos de Egiptologia Ibérica: IV Congresso Ibérico de Egiptologia: IV Congreso Iberico de Egiptologia*, vol. 2, Lisboa, Instituto Oriental e Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012, pp. 826-827.

¹³⁰ TEETER, *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, p. 163.

¹³¹ MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: Problems and Constraints”, p. 72.

¹³² *Idem*, p. 74.

quer durante a infância.¹³³ Estes procedimentos podiam ser adoptados por todos os Egípcios, independentemente do seu estatuto social.¹³⁴

Uma das práticas religiosas em causa consistia na prestação de culto a divindades relacionadas com a fertilidade, a gravidez, o parto e a infância ou a na invocação das mesmas em momentos de necessidade.¹³⁵ O leque de divindades aos quais podiam recorrer é amplo, podendo incluir deuses associados à criação, como Khnum, à esfera feminina ou, ainda ao plano funerário, como Serket. No entanto, iremos restringir a nossa análise a um conjunto específico de divindades que se encontram relacionadas com a fertilidade humana, concepção, gravidez, parto, infância e maternidade de forma mais directa, nomeadamente Ísis, Hathor, Bes, Taueret, Heket, Renenutet, Meskhenet e Chai.¹³⁶

Ísis possuía um conjunto amplo de atributos e virtudes, sobretudo devido ao papel que desempenhava no mito das contentas entre Osíris e Set sendo uma deusa da fertilidade, o modelo de mãe e ainda uma divindade protectora das crianças. Hathor, por sua vez, estava associada ao erotismo, à sexualidade, à gravidez, ao parto, à maternidade, à amamentação, à música e à protecção das mulheres. O deus Bes estava igualmente ligado à sexualidade, à gravidez e ao parto, sendo uma divindade protectora das crianças e das mulheres. Adicionalmente, estava ainda relacionado com o casamento, a família, a música e a protecção do lar e do sono. Por seu turno, Taueret era uma divindade particularmente ligada à protecção das grávidas e das parturientes. Heket estava associada à fertilidade e ao parto e Renenutet ao parto, destino e amamentação. Por fim, Meskhenet personificava os tijolos de nascimento, sendo uma deusa associada ao nascimento, ao destino e à protecção dos recém-nascidos. A este conjunto de divindades pode-se acrescentar Chai, divindade relacionada igualmente com o nascimento e o destino.¹³⁷

¹³³ Cf. RITNER, R. K., “Household Religion in Ancient Egypt” in BODEL, J.; OLYAN, S. (eds.), *Household Religion in Antiquity*, The Ancient World: Comparative Histories, Malden – Oxford – Victoria, Blackwell Publishing, 2008, p. 174.

¹³⁴ Cf. SADEK, A. I., *Popular Religion during the New Kingdom*, Hildesheimer ägyptologische Beiträge, 27, Hildesheim, Gerstenberg Verlag, 1987, p. 2.

¹³⁵ Cf. QUIRKE, *op. cit.*, pp. 107-108; FEUCHT, “Birth”, p. 192.

¹³⁶ Este critério prende-se com a ligação estreita das divindades enumeradas com as questões em análise no presente estudo e não com o facto de as divindades serem cultuadas no âmbito da religião oficial ou doméstica. Isto porque, como veremos, os Egípcios tanto recorriam a Ísis como a Bes, cultuadas no âmbito de cada uma, respectivamente.

¹³⁷ Para uma descrição mais detalhada destes e de outras características e atributos das divindades Ísis, Hathor, Bes, Taueret, Heket, Renenutet, Meskhenet e Chai vd. SALES, J. das C., *As Divindades Egípcias. Uma Chave para a Compreensão do Egipto Antigo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, pp. 134-143; 174-181; 318-321; 322-324; 304; 327-328; 326-327 e 329-330, respectivamente.

Os Egípcios podiam prestar culto aos antepassados mortos com o mesmo intuito, com recurso a estelas e bustos, uma vez que acreditavam que estes podiam interferir nas suas vidas, quer para os auxiliar em determinadas matérias, quer para os prejudicar, causando infortúnios.¹³⁸ A comunicação com os antepassados podia igualmente ser estabelecida através de cartas dirigidas aos mesmos, que seriam deixadas nos seus túmulos.¹³⁹ Do conjunto de exemplares actualmente conhecidos, devemos destacar a carta inscrita no jarro que actualmente integra a colecção do museu do The Oriental Institute of the University of Chicago, com o número de inventário E 13945, datada do Primeiro Período Intermédio:¹⁴⁰

«This is a reminder of the fact that I told you regarding myself, “You know that Idu said regarding his son, ‘As for what may be in store in the beyond, I won’t let him suffer from any affliction.’ Please do the like thereof for me”. Now I have brought this jar stand over which your mother should institute litigation. May it be agreeable for you to support her. Moreover, let a healthy son be born to me, for you are an able spirit. Now as for those two maid-servants, Nefertjentet and Itjai, who have caused Seny to be afflicted, confound them! And banish for me whatever afflictions are directed against my wife, whom you know I have need of. Banish them completely! As you live for me, may the Great One (Hathor?) favor you and the face of the Great God be kindly disposed toward you and he give you pure bread from his two hands. Furthermore, it is for your daughter that I am begging a second healthy son.»¹⁴¹

Nesta carta, um Egípcio pede ao seu falecido pai que lhe permita ter um filho, actuando contra duas mulheres que ele acreditava serem as causadoras das dificuldades na concepção. No final da carta, pede-lhe ainda para fazer com que a sua irmã tenha um segundo filho e que este seja saudável.¹⁴²

Por fim, os Egípcios podiam ainda recorrer à magia para proteger a criança, nomeadamente através do uso de estruturas arquitectónicas de cariz protector, amuletos e objectos apotropaicos e da recitação de encantamentos mágicos.¹⁴³ Adicionalmente, podiam atribuir nomes protectores às crianças para as proteger, como iremos ver de forma mais detalhada, nos capítulos que se seguem.

¹³⁸ Cf. ROBINS, G., “Women” in REDFORD, D. (dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 3, Oxford, Oxford University Press, p. 512; STEVENS, *op. cit.*, p. 11.

¹³⁹ Cf. TEETER, *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, pp. 153-154.

¹⁴⁰ Cf. <http://oi-idb.uchicago.edu/#D/MC/14044/H/1418147831664>

¹⁴¹ WENTE, *op. cit.*, p. 213.

¹⁴² Cf. ROBINS, G., *Women in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1993, p. 76.

¹⁴³ Cf. FEUCHT, “Birth”, p. 192; FEUCHT, E., “Childhood”, p. 262; MESKELL, *Vies Privées des Égyptiens (...)*, p. 95.

CAPÍTULO 2: MECANISMOS DE INCENTIVO À FERTILIDADE E À CONCEPÇÃO

No capítulo 1 demonstrámos que as crianças tinham uma importância significativa no seio da família egípcia, sobretudo devido às responsabilidades que lhe eram inculcadas. Porém, a sua sobrevivência podia ser colocada em causa por múltiplos perigos, como nos indicam as elevadas taxas de mortalidade.

Desta forma, as questões relacionadas com a fertilidade, a concepção, a gravidez, o parto e a protecção da mulher e da criança dominavam as preocupações da vida quotidiana.

Em seguida, iremos abordar diversos mecanismos que poderão ter servido de incentivo à fertilidade e concepção, nomeadamente as estruturas arquitectónicas, as figuras, os amuletos, as camas votivas e os encantamentos mágicos.

2.1. Estruturas arquitectónicas associadas à fertilidade e à concepção

As evidências arqueológicas e textuais egípcias não nos fornecem indicações concretas e detalhadas sobre a existência de estruturas arquitectónicas associadas à fertilidade e à concepção. Ainda assim, alguns indícios sugerem que as estruturas elevadas presentes em diversas habitações de Deir el-Medina poderão ter integrado esta categoria.

2.1.1. Estruturas elevadas de Deir el-Medina

As estruturas arquitectónicas com características singulares encontradas em Deir el-Medina têm sido designadas por diversos Autores como *lit clos*, *elevated bed*, *bedlike structure*, *enclosed bed*, *box-bed*, *birthing bed* e *maternity bed*.¹⁴⁴ Tendo em conta que

¹⁴⁴ A propósito das diversas designações mencionadas, vd. LESKO, B. S., “Household and Domestic Religion in Ancient Egypt” in BODEL, J.; OLYAN, S. (eds.), *Household Religion in Antiquity*, The Ancient World: Comparative Histories, Malden – Oxford – Victoria, Blackwell Publishing, 2008, p. 205; KOLTSIDA, A., “Domestic Space and Gender Roles in Ancient Egyptian Village Households: a View

estas denominações apontam para uma determinada função da estrutura que não foi devidamente comprovada, iremos adoptar os termos *elevated structure* e *structure*, sugeridos por A. Koltsida, e *platform*, proposto por L. Weiss.¹⁴⁵

No relatório das escavações efectuadas no povoado, B. Bruyère afirmou que «*sur un nombre de 68 maisons enfermées dans l'enceinte, nous avons retrouvé les restes de 28 lits clos*».¹⁴⁶ Não obstante, o recente levantamento de dados efectuado por S. Mota, com base no mesmo relatório, dá conta da existência de vestígios de trinta e oito possíveis estruturas elevadas (vd. Anexo 2, Tab. 2). As estruturas em causa consistiam em plataformas rectangulares elevadas (a título de exemplo, vd. Anexo 2, Fig. 1), feitas de adobe¹⁴⁷,

«(...) measuring approximately 1,70 meters in length, 0,75 meters in height and 0.80 meters in width. The walls could be partial or reach the ceiling. And they were accessible via a stairway with three to five steps. These structures could be identified in seven different shapes».¹⁴⁸

As estruturas elevadas podiam apresentar motivos decorativos simples, como painéis cinzentos sem elementos iconográficos, ou elaborados, nomeadamente painéis com figuras divinas ou humanas, que iremos analisar em seguida de forma aprofundada.¹⁴⁹

No Bairro NE foram identificadas três casas com plataformas decoradas com figuras de Bes. Na estrutura da Casa X, junto da porta, foi identificada uma representação do deus, de perfil, a tocar instrumentos musicais e, em simultâneo, a dançar. No topo da mesma porta, encontrava-se um outro painel (vd. Anexo 2, Fig. 2), no qual a divindade

From Amarna Workmen's Village and Deir el-Medina" in *British School at Athens Studies*, 15, Building Communities: House, Settlement and Society in the Aegean and Beyond, 2007, p. 123; KOLTSIDA, A., "Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? A Study of the so-called "Elevated Bed" in Deir el-Medina Houses" in *Studien zur Altägyptischen Kultur*, 32, 2006, pp. 166-167; BROOKER, M. L., *A New Approach of Identifying the Function of the Elevated Beds at Deir el-Medina*, Institute of Archaeology and Antiquity, [s.l.], The University of Birmingham, 2009, p. 27; SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 25; FRIEDMAN, F. D., "Aspects of Domestic Life and Religions" in LESKO, L. H. (ed.), *Pharaoh's Workers: The Villagers of Deir el Medina*, New York, Cornell University Press, 1994, pp. 102; 111 e MOTA, "The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?", p. 28.

¹⁴⁵ Cf. KOLTSIDA, "Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)", p. 167; WEISS, L., "Personal Religious Practice: House Altars at Deir el-Medina" in *JEA*, 95, 2009, p. 196, respectivamente.

¹⁴⁶ BRUYÈRE, B., *Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (1934 – 1935)*, Fouilles de l'Institut français d'archéologie orientale 16, Cairo, Institut français d'archéologie orientale, 1939, p. 61.

¹⁴⁷ Cf. KOLTSIDA, "Domestic Space and Gender Roles (...)", p. 123.

¹⁴⁸ MOTA, "The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?", p. 39. Para uma descrição dos diversos tipos de estruturas elevadas, vd. FRIEDMAN, *op. cit.*, p. 97.

¹⁴⁹ Cf. MOTA, "The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?", p. 40. Está atestada a existência de estruturas decoradas apenas com painéis cinzentos, ainda que com algumas variações entre si, na Casa XI e na Casa XII do Bairro NE.

foi representada de frente, alada, a segurar um ramo de lótus e, mais uma vez, a dançar.¹⁵⁰ Na estrutura da Casa XIII foi encontrada a parte inferior de uma representação de Bes a dançar (vd. Anexo 2, Fig. 3), da qual apenas restam as suas pernas e pés, elementos do vestuário e uma faca.¹⁵¹ Na Sala 1 da Casa XII, a mesma onde foi construída uma estrutura elevada, foram encontrados vestígios de decoração do deus Bes. L. Weiss defende que a reconstrução dos mesmos, feita por Bruyère (vd. Anexo 2, Fig. 4), está errada, propondo uma reorganização dos diversos elementos que a compõem. Consequentemente, conclui que «*instead of the drawing of one single Bes-figure, we are probably dealing with the fragments of a scene showing a series of Bes figure, as in the workmen's village of Amarna*».¹⁵²

Adicionalmente, na estrutura da Casa VI do Bairro SO consta outra representação de Bes (vd. Anexo 2, Fig. 5), danificada de forma significativa, da qual apenas resta o plano inferior.¹⁵³ A plataforma da Casa V do Bairro C, foi decorada com o deus Bes alado, representado de frente e a dançar, e com outras figuras.¹⁵⁴ Por fim, entre os vestígios da estrutura elevada da Casa IX do Bairro SE foram encontradas duas máscaras, feitas de barro, com a representação do mesmo deus em alto-relevo (vd. Anexo 2, Fig. 6).¹⁵⁵

A plataforma da Casa XII do Bairro NO apresenta motivos decorativos distintos (vd. Anexo 2, Fig. 7), dos quais se preservou apenas a parte inferior de uma figura humana, cujo género sexual tem sido debatido, sobre uma embarcação de papiro, segundo a maioria dos Autores, ou de junco, segundo M. Brooker, nos pântanos nilóticos.¹⁵⁶

Na estrutura elevada da Casa VII do Bairro C foi encontrada a parte inferior de uma gravura (vd. Anexo 2, Fig. 8) que, pelo seu estado fragmentário, suscita algumas dificuldades de interpretação. À esquerda encontra-se uma figura humana ajoelhada, virada para a direita. Atrás dela encontram-se plantas identificadas como convólculos,

¹⁵⁰ Cf. BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (...)*, p. 255.

¹⁵¹ Cf. BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (...)*, p. 259.

¹⁵² WEISS, *op. cit.*, p. 198. A cena decorativa mencionada pela Autora foi encontrada numa parede da Casa 3 da Main Street de Tell el-Amarna, onde constam quatro figuras do deus Bes e, possivelmente, uma de Taueret. Para uma análise detalhada desta e de outras pinturas presentes nas habitações amarnianas vd. KEMP, B. J., "Wall Paintings from the Workmen's Village at el-'Amarna" in *JEA*, 65, 1979, pp. 47-53.

¹⁵³ Cf. BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (...)*, pp. 58; 330.

¹⁵⁴ Bruyère não publicou uma ilustração na qual se pudesse observar a figura do deus Bes, constante na estrutura elevada em causa. Cf. BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (...)*, p. 305.

¹⁵⁵ Cf. BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (...)*, p. 276.

¹⁵⁶ A propósito das diversas interpretações em torno da figura humana e da embarcação, vd. BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (...)*, p. 286; KOLTSIDA, "Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)", p. 168; WEISS, *op. cit.*, pp. 197; 199; BROOKER, *op. cit.*, p. 72; MOTA, "The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?", p. 41; KOLTSIDA, "Domestic Space and Gender Roles (...)", p. 23 e MESKELL, *Vies Privées des Égyptiens (...)*, p. 136.

que estavam associados à esfera feminina, ao erotismo, às relações sexuais, ao parto¹⁵⁷ e, no plano funerário, ao renascimento.¹⁵⁸

No plano direito da composição em causa, encontra-se outra figura humana, de pé, virada para a esquerda, que, devido ao seu tamanho mais reduzido, poderá corresponder a uma serva ou a uma criança. Entre as duas figuras encontra-se um elemento cuja identificação se revela problemática.¹⁵⁹ Bruyère propôs tratar-se de uma cena em que uma mulher está a fazer a sua *toilette*.¹⁶⁰ Neste sentido, o elemento central corresponderia a utensílios usados para esse efeito. Por seu turno, Weiss defende que poderá tratar-se de uma cena de culto aos antepassados, tendo em consideração a postura adoptada pelas figuras humanas e a presença de uma possível mesa de oferendas entre elas.¹⁶¹ Brooker defende a mesma teoria, sugerindo, no entanto, que o objecto localizado entre ambas corresponde a uma cadeira, onde estaria sentada uma terceira figura, possivelmente uma pessoa falecida à qual era prestado culto. Segundo o Autor, esta teoria é suportada pela presença de convólculos e pela postura ajoelhada de uma das figuras.¹⁶²

A decoração presente na estrutura elevada da Casa VIII do Bairro SE (Anexo 2, Fig. 9) apresenta igualmente um estado fragmentário. Com base nos elementos preservados no plano inferior da composição, é possível identificar uma mulher a dançar e a tocar um instrumento musical.¹⁶³ A figura feminina em causa apresenta, nas coxas, tatuagens do deus Bes, cujo significado tem sido debatido¹⁶⁴:

«Keimer suggests that women with tattoos were possibly prostitutes. Conversely, Pinch argues that tattoos were most likely of protective character, used as amulets and worn by females to assist conception or to safeguard them during delivery».¹⁶⁵

A cena em causa é também enquadrada por folhas de convólculo. A presença de elementos musicais e vegetais levaram a Brooker a defender que os motivos iconográficos

¹⁵⁷ Cf. MESKELL, *Vies Privées des Égyptiens (...)*, p. 136; WEISS, *op. cit.*, p. 199; BROOKER, *op. cit.*, pp. 85-86.

¹⁵⁸ Cf. BROOKER, *op. cit.*, p. 86.

¹⁵⁹ Cf. BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (...)*, p. 311; WEISS, *op. cit.*, pp. 199-200; BROOKER, *op. cit.*, pp. 100-101.

¹⁶⁰ Cf. BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (...)*, p. 311.

¹⁶¹ Cf. WEISS, *op. cit.*, pp. 199-200.

¹⁶² Cf. BROOKER, *op. cit.*, pp. 100-102.

¹⁶³ Cf. KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, p. 168; BROOKER, *op. cit.*, pp. 94-95; MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 41; BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (...)*, p. 274.

¹⁶⁴ Cf. KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, p. 168.

¹⁶⁵ KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, p. 168.

estariam associados ao plano funerário, nomeadamente ao renascimento.¹⁶⁶ No entanto, deve-se ter em consideração que os mesmos estão igualmente associados à esfera feminina e ao erotismo.

A decoração da plataforma da Casa I, do mesmo Bairro, apresenta um elevado grau de deterioração, tendo-se conservado apenas o plano inferior (vd. Anexo 2, Fig. 10). Do lado esquerdo, são visíveis as pernas de duas mulheres, que se encontram de pé e viradas para a direita. Ao centro, encontram-se as pernas de uma terceira mulher, que estaria sentada sobre um banco, com os pés pousados sobre uma almofada. À direita, encontra-se outra mulher, de pé, virada para a esquerda, cujo tom de pele é mais escuro do que os das restantes. A cena é envolta por convólculos e flanqueada por colunas papiriformes.¹⁶⁷

Bruyère propôs uma reconstrução (vd. Anexo 2, Fig. 11) na qual a figura central corresponde à deusa Hathor ou Ísis, que estaria a amamentar o seu filho, Hórus. As restantes figuras seriam servas que transportavam espelhos e outros instrumentos de cosmética. De acordo com o Autor, cada serva corresponderia a uma raça humana diferente, algo que era sugerido pelas tonalidades de pele distintas.¹⁶⁸ No entanto, Koltsida defende que esta teoria permanece infundada.¹⁶⁹

E. Brunner-Traut propôs uma reconstrução alternativa (vd. Anexo 2, Fig. 12), baseada não só nos vestígios decorativos presentes na estrutura em causa, como nas representações presentes em óstracas recolhidas na mesma localidade, que iremos abordar em maior profundidade no capítulo 3. Nesta reconstrução, a figura feminina central é uma mulher, e não uma deusa, sendo igualmente representada a amamentar o seu filho. As restantes figuras seguram instrumentos de cosmética e de higiene, com ligeiras alterações, quer na pose, quer no objecto representado. Mais uma vez, a cena é dominada por folhas de convólculo e rodeada por duas colunas papiriformes.¹⁷⁰

A interpretação dos elementos decorativos da estrutura elevada em causa tem gerado algum debate, tendo sido sugerida a possibilidade de se tratar de uma cena de

¹⁶⁶ Cf. BROOKER, *op. cit.*, pp. 94-95; 99.

¹⁶⁷ Cf. BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (...)*, p. 264; BROOKER, *op. cit.*, p. 77; KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, p. 168; MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 42.

¹⁶⁸ Cf. BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (...)*, pp. 59-60; 264; BRUYÈRE, B., “Une Fragment de Fresque de Deir el Médineh” in *Bulletin de l’Institut Français d’Archéologie Orientale*, 22, 1923, pp. 122-123; 127; 132-133.

¹⁶⁹ Cf. KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, p. 169.

¹⁷⁰ Cf. KOLTSIDA, “Domestic Space and Gender Roles (...)”, p. 23; KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, p. 169.

amamentação, de nascimento, de um ritual de purificação ou, no plano funerário, de renascimento.¹⁷¹

De acordo com Bruyère, as plataformas são datadas do Império Novo, mais concretamente do final da XVIII dinastia. Não obstante, outros Autores defendem que foram construídas a partir da XIX dinastia (1295-1186 a.C.). Embora a datação precisa permaneça por apurar, parece restringir-se ao Império Novo (1550-1069 a.C.).¹⁷²

A função original das estruturas elevadas tem gerado um intenso debate no seio da comunidade académica. Uma das teorias defende que as estruturas elevadas seriam locais onde os Egípcios se sentavam. No entanto, esta hipótese tem sido refutada, tendo em consideração que o local mais indicado para o efeito seria a divisão central da habitação; que, durante o dia, a temperatura que se fazia sentir na plataforma seria demasiado elevada; que a estrutura não teria as condições necessárias para albergar uma cadeira; e que não seria possível cuidar do gado a partir daí, ao contrário do que terá sido originalmente defendido.¹⁷³

J. Romano sugeriu que as plataformas seriam áreas para dormir. Por um lado, a presença de elementos decorativos do deus Bes em algumas dessas estruturas tinha como intuito garantir a protecção do sono daqueles que aí descansavam. Por outro, a altura elevada manteria a pessoa salvaguardada de animais como escorpiões e serpentes.¹⁷⁴ Esta hipótese tem sido colocada em causa por diversos Autores. Como vimos anteriormente, as cenas decorativas não representam exclusivamente a divindade em causa e as restantes figuras não estão associadas ao sono. Em simultâneo, as características físicas, as dimensões e a localização pública das plataformas não são as mais adequadas para esse efeito. Adicionalmente, pensa-se que a área correspondente ao quarto se localizava nas traseiras da habitação.¹⁷⁵

¹⁷¹ Para uma descrição pormenorizada das diversas hipóteses, vd. MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 42; KEMP, “Wall Paintings from the Workmen's Village at el-'Amarna”, p. 53 e BROOKER, *op. cit.*, pp. 84; 125-126.

¹⁷² Cf. BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (...)*, p. 161; KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, p. 167; MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 39.

¹⁷³ A propósito do debate sobre o possível uso da estrutura elevada como local para sentar, vd. KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, pp. 169-170 e BROOKER, *op. cit.*, pp. 36; 43.

¹⁷⁴ Cf. KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, p. 169; FRIEDMAND, *op. cit.*, p. 98.

¹⁷⁵ A propósito da discussão desta hipótese, vd. KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, p. 170; BROOKER, *op. cit.*, pp. 29-30 e MESKELL, *Vies Privées des Égyptiens (...)*, p. 137.

A fisionomia das estruturas elevadas e os elementos iconográficos levaram diversos Autores a associá-las à esfera feminina, num sentido lato, na qual se inserem questões relacionadas com a sexualidade, o erotismo, a fertilidade, a concepção e com a maternidade.¹⁷⁶ Pelos mesmos motivos, foi equacionada a possibilidade das estruturas elevadas consistirem em camas conjugais ou em lugares rituais destinados à prática de relações sexuais que poderiam, ou não, ter como principal finalidade a concepção.¹⁷⁷ Ambas as teorias foram colocadas em causa, uma vez que alguns Autores defendem que a divisão de entrada da casa não estaria especificamente associada à mulher.¹⁷⁸ Adicionalmente, «(...) *it seems most unlikely that such activities would have taken place in the most public part of the house, which was also dedicated to dusty activities such as grinding or animal-keeping (...)*».¹⁷⁹

Os elementos decorativos levaram alguns Autores a caracterizar este tipo de estruturas arquitectónicas como o possível local onde o parto e os rituais de purificação pós-parto ocorriam, podendo ter tido uma dimensão protectora.¹⁸⁰ No entanto, são diversos os argumentos que contradizem esta interpretação. Em primeiro lugar, a decoração não está exclusivamente associada ao parto.¹⁸¹ Da mesma forma, a fisionomia e as dimensões reduzidas da estrutura teriam inviabilizado o seu uso como local do parto.¹⁸² Por último, a sua localização seria desadequada para o efeito, pelos mesmos motivos atrás expostos. Adicionalmente, alguns Autores alertam para a improbabilidade de um espaço com estas dimensões ter estado reservado para um evento que ocorreria no máximo uma vez por ano; para o facto da Casa VI, do Bairro NE, conter vestígios de duas possíveis estruturas, nas Salas 1 e 3, e, por fim, para a existência de uma quantidade significativa de casas de Deir el-Medina que não tinham plataformas com estas características.¹⁸³ Importa ainda referir que, segundo R. K. Ritner, a hipótese em causa é ainda refutada por:

¹⁷⁶ Cf. BROOKER, *op. cit.*, p. 31; MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 42; FRIEDMAN, *op. cit.*, p. 110; MESKELL, L., “Re-em(bed)ing Sex: Domesticity, Sexuality, and Ritual in New Kingdom Egypt” in SCHMIDT, R. A.; VOSS, B. L. (eds.), *Archaeologies of Sexuality*, London – New York, Routledge, 2000, p. 257.

¹⁷⁷ Cf. SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 98; KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, p. 169.

¹⁷⁸ Cf. BROOKER, *op. cit.*, pp. 32-34; 53; WEISS, *op. cit.*, p. 202.

¹⁷⁹ KOLTSIDA, “Domestic Space and Gender Roles (...)”, p. 124.

¹⁸⁰ Cf. FRIEDMAN, *op. cit.*, p. 102; WEISS, *op. cit.*, p. 202.

¹⁸¹ Cf. WEISS, *op. cit.*, p. 202.

¹⁸² Cf. KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, pp. 165; 170.

¹⁸³ Cf. SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 26; KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, pp. 165; 170; BROOKER, *op. cit.*, p. 36.

«(...) Textual evidence from the same site that unambiguously mentions “beds for women” in the context of “protection for birth”. In these hieratic recording the sale and decoration of such beds, the material is explicitly said to be of *wood*, not brick.»¹⁸⁴

Os elementos decorativos sugerem ainda que as mulheres e recém-nascidos passavam o período de reclusão e purificação¹⁸⁵ que se seguia ao parto nas estruturas elevadas, onde encontravam um ambiente seguro, afastado dos animais.¹⁸⁶ Porém, esta teoria é colocada em causa pela ambiguidade da função dos elementos decorativos, pela localização inadequada das plataformas e pela discrepância entre a quantidade de estruturas identificadas e o número de casas existentes no povoado, argumentos já mencionados.¹⁸⁷

A teoria que tem obtido uma maior aceitação no seio da comunidade académica propõe uma utilização das estruturas elevadas como altares domésticos.¹⁸⁸ Uma das evidências consiste nas semelhanças existentes entre as plataformas de Deir el-Medina e os altares identificados em habitações de Tell el-Amarna.¹⁸⁹ Adicionalmente, foram ainda identificados altares domésticos noutras localidades egípcias, nomeadamente em Mirgissa, Licht, Tell el-Dab’a, Askut e Medinet Habu.¹⁹⁰ Esta teoria parece ser igualmente suportada pela presença de determinados objectos relacionados com o culto no interior das estruturas elevadas ou nas imediações destas:

«In only two of the Box Beds identified by Bruyère were located objects within: in house C VII existed a fragment of a wooden headrest and also a wooden comb; in the house NE XI there was found a limestone headrest, a part of a possible divinity statue and a fragment of a female statue in limestone. The most common, although not very frequent, is the identification of objects in the vicinity of the Box Bed such as offering tables, stelae, busts, animals and human figurines, and ex-votos (Hathor). We can also refer to the existence

¹⁸⁴ RITNER, “Household Religion in Ancient Egypt”, pp. 180-181.

¹⁸⁵ A questão da purificação será aprofundada no capítulo 3.

¹⁸⁶ Cf. FRIEDMAN, *op. cit.*, p. 205; SZPAKOWSKA, *op. cit.*, pp. 25-26.

¹⁸⁷ Cf. WEISS, *op. cit.*, p. 202; KOLTSIDA, “Domestic Space and Gender Roles (...)”, p. 124; BROOKER, *op. cit.*, p. 36.

¹⁸⁸ Da mesma forma, um conjunto reduzido de estudiosos considerou a possibilidade de se tratar de uma capela, no interior da qual seria colocado um busto de um antepassado ou uma estatueta. A propósito desta discussão, vd. BROOKER, *op. cit.*, pp. 41-42.

¹⁸⁹ Os altares amarnianos localizavam-se no jardim ou na divisão central, ao passo que os de Deir el-Medina situavam-se na divisão frontal, o que, de acordo com Koltsida, poderá ser explicado pela falta de espaço que se fazia sentir nas casas nesse povoado. Cf. KOLTSIDA, “Domestic Space and Gender Roles (...)”, p. 124. A propósito desta teoria, vd. ainda MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 45; FRIEDMAN, *op. cit.*, pp. 110-111.

¹⁹⁰ Vd. MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, pp. 45-46.

of other architectural structures as niches for stelae or busts, cavities for offering tables and even cultic cupboards that according to Bruyère serve to keep the material used in familiar religious ceremonies.»¹⁹¹

Os estudiosos dividem-se relativamente ao tipo de culto que seria prestado nas estruturas elevadas, na qualidade de altar, em parte devido à ambiguidade dos motivos iconográfico das plataformas e à natureza dos objectos encontrados. Entre as diversas propostas constam a adoração de divindades domésticas como Bes, Taueret e Hathor; as práticas relacionadas com a esfera feminina, nomeadamente com a fertilidade, a concepção, o parto e a maternidade; o culto aos antepassados; rituais associados à regeneração, entre outros.¹⁹²

Apesar do consenso generalizado existente em torno de teoria em causa, existe um conjunto reduzido de estudiosos que têm vindo a questioná-la, salientando, a título de exemplo, a inexistência de plataformas num número significativo de habitações de Deir el-Medina; a restrição dos objectos associados ao culto a um conjunto limitado de plataformas, bem como as contradições que suscitam; e, ainda, a possibilidade dos mesmos terem sido aí depositados numa lógica de armazenamento e não de utilização *in situ* em contexto religioso.¹⁹³

Enquanto M. Brooker defende que as diversas teorias anteriormente referidas são inconclusivas, por não estarem devidamente comprovadas¹⁹⁴, K. Szpakowska defende que:

«It is more reasonable to propose that the structure was multifunctional, and that as the need arose, it could serve as an altar, a site for postpartum purification rites, a secure location for infant care, or a household shrine for petitions related to fertility and safe childbirth.»¹⁹⁵

¹⁹¹ MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, pp. 42-43.

¹⁹² Cf. BROOKER, *op. cit.*, pp. 38-39; 124; 132; WEISS, *op. cit.*, p. 202; MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 45; KOLTSIDA, “Domestic Space and Gender Roles (...)”, p. 24; ROBINS, G., “Dress, Undress, and the Representation of Fertility and Potency in New Kingdom Egyptian Art” in KAMPEN, N. B. (ed.), *Sexuality in Ancient Near East: Egypt; Greece and Italy*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996, p. 30; KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, p. 171; MESKELL, “Re-em(bed)ing Sex: Domesticity, Sexuality, and Ritual (...)”, p. 258.

¹⁹³ Para um aprofundamento destas teorias, vd. LESKO, “Household and Domestic Religion (...)”, pp. 205-206; WEISS, *op. cit.*, pp. 204-205 e MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 44.

¹⁹⁴ Cf. BROOKER, *op. cit.*, p. 43.

¹⁹⁵ SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 26.

Outros Autores apontam igualmente para a multifuncionalidade da estrutura¹⁹⁶, sendo que, como Florence Friedman argumenta, «*surely using the same structure for multiple purposes in the limited space of the Deir el-Medina house would have been practical and thus not unlikely*».¹⁹⁷

2.2. Figuras

As figuras consistem em objectos de tamanho reduzido, feitos a partir de diferentes materiais e frequentemente executados à mão, de forma rudimentar. Podiam ter a forma de figuras humanas – femininas e masculinas –, de deuses, de animais e, ainda, de objectos.¹⁹⁸ As figuras, em particular as de barro, «*can be documented for all periods of Egyptian history and were found in different contexts such as houses, chapels and tombs*».¹⁹⁹ De acordo com S. Mota,

«(...) Following Quirke though, it seems relevant to wonder whether we are dealing with a homogeneous set of material or if different materials, different locations and different types of use, may correspond to different purposes. Thereby is demonstrated the need for a survey and categorization in order to get more accurate answers (...)».²⁰⁰

Dada a impossibilidade de adoptarmos este tipo de abordagem²⁰¹, iremos evitar uma análise de conjunto, procurando apresentar as diferentes formas das figuras

¹⁹⁶ Vd. BROOKER, *op. cit.*, pp. 40-41; FRIEDMAN, *op. cit.*, p. 111.

¹⁹⁷ FRIEDMAN, *op. cit.*, p. 111.

¹⁹⁸ Cf. MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 46; STEVENS, “Domestic Religious Practices”, p. 7. Embora no presente estudo estejam excluídas da análise as figuras com a forma de objecto associadas à fertilidade e concepção, por não terem sido atestados contexto doméstico, devemos fazer uma alusão à figura que integra a colecção do museu do The Oriental Institute of the University of Chicago, com o número de inventário E 14768. A figura em causa, datada do final do Terceiro Período Intermédio ou início da Época Baixa, consiste numa pegada de criança votiva, que, de acordo com E. Teeter, «(...) *may have been made to show veneration for a god in return for the birth of a child*». TEETER, E., *Baked Clay Figurines and Votive Beds from Medinet Habu*, Oriental Institute Publications, 113, Chicago, The Oriental Institute, 2010, p. 154.

¹⁹⁹ MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 46.

²⁰⁰ *Idem*, p. 51.

²⁰¹ A impossibilidade de adoptar este tipo de abordagem pauta-se com o facto de a nossa análise incidir sobre as figuras enquanto um dos possíveis mecanismos de incentivo à fertilidade e concepção e de protecção da mulher e da criança, o que não nos permite fazer uma análise aprofundada da temática. Da mesma forma, pauta-se com a restrição do estudo à sua presença em contexto doméstico. Ao excluir os demais contextos, não estamos habilitados a fazer uma análise de conjunto.

existentes e discorrer sobre as suas funções, sobretudo as que poderão ter estado associadas às mulheres e crianças de forma mais evidente.

2.2.1. Figuras femininas

As figuras que apresentam a forma de uma mulher têm sido designadas de diferentes formas, nomeadamente como *dolls*, *toys*, *concubine du mort* e *fertility figurines*, sendo a última amplamente aceite e utilizada.²⁰² Porém, por denotarem funções que são actualmente questionadas ou refutadas, iremos adoptar o termo *female figurine*, sugerido por E. Waraksa.²⁰³

As figuras femininas consistem em pequenos objectos com a forma de mulheres, frequentemente desnudas e com a zona púbica e os seios enfatizados. Adicionalmente, podem ainda ter uma cabeleira ou penteado elaborado, itens de adorno ou tatuagens.²⁰⁴ Embora a maior parte das figuras se apresentem sozinhas, «*some (...) hold or suckle a child, or have a child next to them on a bed*».²⁰⁵ As figuras podiam igualmente ser representadas numa cama sozinhas ou em bloco. Algumas apresentam sinais de coloração, geralmente em tons avermelhados, ou de carbonização. Em casos raros, podiam ainda conter inscrições.²⁰⁶ Estas variações levaram G. Pinch e E. Teeter a identificar seis e três tipos distintos de figuras, respectivamente.²⁰⁷ Este tipo de objectos foi encontrado em diversos contextos, como casas, túmulos – de homens, mulheres e crianças – e templos.²⁰⁸

²⁰² A propósito das diferentes designações vd. ROBINS, “Women and Children in Peril (...)”, p. 31; RITNER, “Household Religion in Ancient Egypt”, p. 181 e WARAKSA, E. A., *Female Figurines from the Mut Precinct: Context and Ritual Function*, Orbis Biblicus et Orientalis 240, Fribourg, Academic Press, 2009, pp. 13; 15.

²⁰³ Cf. WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, pp. 13; 15.

²⁰⁴ Cf. ROBINS, *Women in Ancient Egypt*, p. 75; ROBINS, “Women in Egypt”, p. 85; ROBINS, “Dress, Undress, and the Representation of Fertility and Potency (...)”, p. 28.

²⁰⁵ WARAKSA, E. A., “Female figurines (Pharaonic Period)” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2008, p. 1. <http://escholarship.org/uc/item/4dg0d57b>

²⁰⁶ Cf. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 24.

²⁰⁷ Importa referir que o *corpus* analisado por cada Autora é distinto. Para uma análise detalhada de cada tipo de figuras femininas proposto por ambas, vd. PINCH, *Votive Offerings for Hathor*, pp. 198-209 e TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 24. Não iremos adoptar este tipo de metodologia – distinção de diversos tipos de figuras femininas – uma vez que nos interessa analisar o nosso *corpus* como um todo, dedicando uma especial atenção às suas possíveis funções.

²⁰⁸ Cf. ROBINS, “Dress, Undress, and the Representation of Fertility and Potency (...)”, p. 29; WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, p. 13.

De acordo com a nossa análise aos dados recolhidos por S. Mota²⁰⁹, em contexto doméstico foram encontradas duzentas e oitenta e quatro figuras femininas e fragmentos – às quais se soma um número incerto que não terá sido devidamente registado nos relatórios de escavação – em dezasseis povoados, isto é, em mais de metade dos sítios arqueológicos analisados. Tell el-Amarna destaca-se como o povoado onde foi descoberta uma maior quantidade de exemplares, isto é, oitenta e três figuras femininas. A ele seguem-se os povoados de Mênfis (Kom Rabia), Buhen e Lahun, de onde são provenientes quarenta e sete, trinta e cinco e vinte e sete figuras femininas e fragmentos, respectivamente.

Nos restantes povoados foram encontrados menos de vinte ou um número incerto de exemplares: foram encontrados vinte em El-Achmunein; dezoito em Amara Oeste; treze em Tell el-Muqdam; pelo menos onze em Medinet el-Gurob (aos quais se soma um número incerto de exemplares); nove em Medinet Habu; oito em Deir el-Ballas; cinco em Uronarti; quatro em Deir el-Medina; dois em Kumma; um em Semna; um em Chalfak e um número incerto em Askut.

O material utilizado na produção das figuras femininas encontradas em contexto doméstico era variado. Ainda assim, o barro e a cerâmica eram predominantes, uma vez que foram empregues em cento e setenta e nove e oitenta e um exemplares, respectivamente. Os restantes materiais foram utilizados de forma pouco expressiva, ou seja, em menos de dez exemplares: foram produzidas oito figuras femininas em calcário; cinco em faiança; cinco em madeira; duas em arenito; uma em pedra; uma em sílex e uma era vidrada. Foi ainda produzido um número incerto de figuras em conjugações de calcário e cerâmica, bem como de faiança, cerâmica e pedra. Por fim, uma figura foi produzida a partir de um material não identificado.

Em contexto doméstico, as figuras femininas estão atestadas apenas a partir do Império Médio, período do qual são datadas sessenta e nove exemplares, e existem em maior abundância durante o Império Novo, período do qual são conhecidos cento e quarenta e nove exemplares (aos quais acresce um número incerto de figuras). Importa ainda referir que no mesmo contexto estão atestadas possivelmente uma do Segundo Período Intermédio (1650-1550 a.C.); oito do final do Segundo Período Intermédio ou início do Império Novo; uma, à qual se soma um número incerto, do Império Médio ou

²⁰⁹ Importa frisar que os dados referidos nos próximos parágrafos – respeitantes aos povoados em que as figuras femininas foram encontradas, ao material utilizado na sua produção e à sua datação – resultam igualmente da análise por nós efectuada à base de dados elaborada por S. Mota.

Império Novo; quarenta e três do Terceiro Período Intermédio (1069-664 a.C.) e, por fim, treze da Época Baixa. Noutros contextos, estão atestadas durante quase todo o Período Dinástico, tendo sofrido alterações na sua forma ao longo do tempo.²¹⁰

As figuras femininas que se apresentam sozinhas podem ser ilustradas por aquela que integra a colecção do Petrie Museum of Egyptian Archaeology, com o número de inventário UC16725 (vd. Anexo 3, Fig. 13). A figura feminina em causa, encontrada numa zona habitacional do povoado Lahun, destaca-se pela sua nudez, tendo apenas uma cabeleira ou penteado pesado. Os seus braços estão estendidos, junto ao corpo, e as pernas terminam na zona dos joelhos. Este exemplar é feito a partir de faiança azul, mede 9,4 cm de altura e é datado do Império Médio, mais precisamente da XII dinastia (1985-1773 a.C.).²¹¹

As figuras femininas que se apresentam acompanhadas de uma criança podem ser ilustradas pelo exemplar que integra a colecção do Ägyptisches Museum, de Berlim, com o número de inventário ÄM 14517 (vd. Anexo 3, Fig. 14). Apesar de ser proveniente de um túmulo e não de um contexto doméstico, é particularmente relevante para o presente estudo, uma vez que a figura feminina em causa tem a forma de uma mulher a segurar uma criança ao colo, do lado esquerdo, e contém uma inscrição lateral, em egípcio hieroglífico, que diz: «*Möge deiner Tochter Seh eine Geburt gegeben werden*».²¹² Este exemplar é feito a partir de calcário, mede 11,7 cm de altura e 4 cm de largura e é datado do final da XI dinastia.²¹³

Por fim, podemos ainda salientar outros dois exemplares, ambos provenientes de contextos domésticos, que apresentam características singulares, relacionadas com a concepção e a maternidade. O primeiro foi registado com o número 24-4-163 no relatório das escavações conduzidas no local, sendo desconhecida a sua localização actual. Este exemplar, do qual não foi publicado um registo fotográfico ou ilustrativo, foi encontrado no povoado Kumma, na Sala XXXII, e consiste num fragmento de uma figura feminina gestante. Este exemplar é feito a partir de faiança azul, mede 3,8 cm de altura e 2,7 cm de

²¹⁰ Cf. WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, p. 12. A propósito das alterações da fisionomia ao longo do tempo vd. ROBINS, “Dress, Undress, and the Representation of Fertility and Potency (...)”, p. 28.

²¹¹ Cf. <http://petriecat.museums.ucl.ac.uk/detail.aspx#>; PETRIE, W. F., *Kahun, Gurob and Hawara*, London, Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., 1890, p. 30.

²¹² <http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=764246&viewType=detailView>

²¹³ Cf. <http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=764246&viewType=detailView>

largura e é datado do Império Médio.²¹⁴ A localização actual da segunda figura (vd. Anexo 3, Fig. 15) é igualmente desconhecida. O fragmento em causa foi encontrado em Tell el-Muqdam, numa zona habitacional (CS1), e tem a forma de uma mulher nua, de peito saliente, numa posição agachada ou sentada, possivelmente em trabalho de parto. Esta figura foi feita em cerâmica, mede 8 cm de altura e 5,1 cm de largura e é datada da Época Baixa.²¹⁵

A função original das figuras femininas tem sido debatida por diversos Autores. Entre as múltiplas teorias propostas, têm-se destacado aquelas que caracterizam os objectos em causa como brinquedos, concubinas do morto e figuras de fertilidade.²¹⁶ A primeira hipótese mencionada

«(...) Is questioned for the reason that they were present in adult burials, of men and women, in temples and because many of these figurines had an emphasis placed on breasts and in the pubic area, which would not be expected in the case of children articles (...)».²¹⁷

A segunda teoria baseia-se na presença de diversas figuras femininas em contexto funerário, nomeadamente em túmulos de homens, e defende que elas seriam aí colocadas para satisfazer as necessidades e os desejos sexuais do morto no Além.²¹⁸ No entanto, esta hipótese é actualmente rejeitada «(...) *due to the presence of these objects in women and children graves, in domestic contexts and in temples, in addition they did not present potentially erotic poses*».²¹⁹ A terceira teoria, que identifica os objectos em causa como figuras de fertilidade tem reunido um maior consenso na comunidade académica.²²⁰ De acordo com G. Pinch,

«The figurines belong to the sphere of magical and religious practices to promote and protect fertility in daily life. The term fertility covers the whole process from the conception of children to their successful rearing. The figurines were sometimes offered to, or placed in the vicinity of, higher

²¹⁴ Cf. DUNHAM, D.; JANSSEN, J., *Second cataract forts: Semna, Kumma*, Vol. I, Boston, Museum of Fine Arts, 1960, p. 126.

²¹⁵ Cf. REDMOUNT, C.; FRIEDMAN, R. F., “Tales of a Delta site: the 1995 field season at Tell el-Muqdam” in *Journal of the American Research Center in Egypt* 34, 1997, p. 63.

²¹⁶ Para uma análise aprofundada das diversas teorias, vd. PINCH, G., *Votive Offerings for Hathor*, Oxford, Griffith Institute, 1993, pp. 211-225.

²¹⁷ MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 49.

²¹⁸ Cf. GRAVES-BROWN, *op. cit.*, p. 61.

²¹⁹ MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, pp. 49-50.

²²⁰ Cf. MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 50.

powers such as the spirits of the dead or deities associated with fertility. (...) The figures could also be included in the funerary equipment of both males and females to ensure the fertility of the deceased in the afterlife and/or to assist their rebirth.»²²¹

Esta teoria parece ser sustentada por múltiplos factores, nomeadamente «*the iconography of the figures, as well as their discovery in temples to Hathor and domestic shrines (...) [and the] inscribed female figures asking for the birth of a child (...)*».²²² No entanto, E. Waraksa aponta falhas às indicações da proveniência das figuras femininas dadas por G. Pinch, que utiliza as categorias genéricas “templo”, “casa” e “túmulo”. Segundo Waraksa, ao fazê-lo, Pinch atribui uma função ampla aos objectos, sem ter em consideração as características particulares dos diversos contextos arqueológicos dos quais são provenientes.²²³ E. Waraksa propõe, assim, uma interpretação alternativa, defendendo que as figuras femininas poderiam ter sido utilizadas em rituais médico-mágicos, em conjunto com encantamentos mágicos, executados para lidar com problemas de saúde.²²⁴

A teoria em causa parece ser suportada por fontes textuais, nomeadamente por dois encantamentos mágicos que parecem referir este tipo de objectos.²²⁵ No *Papiro Turim 54003* rt. 13-16 consta um encantamento onde pode ler-se:

«Spell for the warding off a snake. “Repelling your striking power, that which was sent as its furious one. I have poured out your magical books with this clay [figure] of Isis which comes out under the armpit of Selqet. My finger is its protection, the clay its guard. Where then? (2x) Look, they are here in their proper place. Do not attack a bone, do not split a vessel until you have reached the prosperity of my mouth/spell.” Words spoken over a clay figure which has been encircled, a knife therein it, a measure [of cloth], dbit-plant or halfa grass.»²²⁶

Como o próprio título indica, o presente encantamento destina-se a afastar uma cobra da pessoa visada. No início, há uma identificação de uma figura de barro com a deusa Ísis, invocada devido às suas competências curativas, enquanto no final é indicado

²²¹ PINCH, *Votive Offerings for Hathor*, p. 225.

²²² WARAKSA, “Female figurines (Pharaonic Period)”, p. 3.

²²³ A propósito desta discussão, vd. WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, pp. 17-18.

²²⁴ Cf. WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, p. 18.

²²⁵ Cf. WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, p. 167.

²²⁶ WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, pp. 134-136.

que o encantamento deve ser recitado sobre essa figura.²²⁷ Por sua vez, no *P. Leiden I 348* rt. 12,2-12,4 pode ler-se:

«Another [spell for the belly.] [The crew] stands <saying>, “Re is suffering (of) his belly. Cause that one summon to the great one[s who are in Heliopolis]. <<May you write: “Re is suffering! If he makes a moment suffering it, the god, will he live suffering?”>> “Cause that one summon to the opening of the West through the earth. He should put his hand upon <his> belly and his suffering will be healed.” Words spoken over a female figure of clay. As for any of his suffering in the belly, the affliction shall do down from him into the female figure of Isis until he is healthy.»²²⁸

Neste encantamento, destinado a curar uma dor de estômago, o paciente é identificado com o deus Ré. Mais uma vez, deve ser recitado sobre uma figura feminina associada a Ísis, que, de acordo com Waraksa, deveria absorver a dor da qual a pessoa padecia. Desta forma, o procedimento descrito pode ser qualificado como um ritual de transferência da doença para a figura feminina.²²⁹

A teoria em causa é suportada por evidências adicionais, nomeadamente a condição fragmentária de um número significativo de figuras femininas conhecidas. Waraksa defende que a localização e forma dos danos sugerem que estes objectos teriam sido intencionalmente partidos e descartados após a sua utilização nos rituais de transferência.²³⁰ Segundo a mesma, «(...) *breaking the figure to prevent the disease from escaping, and disposing of the figure in order to ensure the safety of a space, are logical actions to be taken at the conclusion of a healing ritual*».²³¹

Adicionalmente, a Autora destaca a cor vermelha de múltiplas figuras femininas, afirmando que o seu propósito, neste contexto, ainda não foi devidamente apurado. Não obstante, sugere a possibilidade dos objectos com este tom terem sido encarados de forma pejorativa.²³²

Por fim, Waraksa alude ainda à descoberta feita num túmulo, no Ramesseum, datado do Império Médio, que atesta uma função ritual:²³³

²²⁷ Cf. WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, p. 152.

²²⁸ WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, pp. 150-151.

²²⁹ Cf. WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, pp. 152-153. Neste tipo de rituais, as figuras podiam ainda estar associadas a outras divindades com aptidões curativas. A este propósito, vd. WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, p. 169 e MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 50.

²³⁰ Cf. WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, pp. 153; 167.

²³¹ WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, p. 168.

²³² Cf. WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, pp. 153; 168.

²³³ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 474.

«(...) Quibell found four fragmentary knife-amulets with several items of similar magical meaning, such as a bronze uraeus, part of a magical rod, female fertility figurines, statuettes of a lion and of baboons, and a female Bes-figurine of normal stature, holding two bronze snake wands (...). Papyri found in a box in the tomb included medico-magical texts about parturition and newborn children. As Gardiner observed, this set of objects may have composed the ‘professional outfit of a magician and medical practitioner’.»²³⁴

Porém, também esta teoria foi contestada, uma vez que existem múltiplas figuras femininas intactas, que não apresentam vestígios de cor, que são feitas de outros materiais ou, ainda, que contêm inscrições alusivas à fertilidade.²³⁵ Adicionalmente, a descoberta feita no túmulo, acima transcrita, parece indicar que o ritual em causa poderá ter estado associado à fertilidade, à concepção, à gravidez e ao parto, uma vez que as figuras em causa foram encontradas juntamente com outros objectos protectores da criança e da mãe, que iremos analisar nos capítulos seguintes, e com papiros que lidam com essas questões.

Do nosso ponto de vista, as duas últimas teorias mencionadas não se excluem mutuamente. Talvez se possa equacionar a possibilidade das figuras femininas terem tido múltiplas funções²³⁶, sobretudo em torno da promoção da fertilidade e da cura de determinados padecimentos.

2.2.2. Figuras masculinas eróticas

As figuras masculinas estão igualmente atestadas no Egipto.²³⁷ No entanto, iremos focar-nos naquelas que têm um cariz erótico – às quais C. A. Redmount e R. F. Friedman atribuíram a designação *erotic figures*²³⁸ – que englobam figuras com a forma de um homem com órgãos genitais de dimensões significativas e fragmentos de figuras das quais resta apenas o falo.

Pela análise que fizemos aos dados reunidos por S. Mota, a quantidade de figuras masculinas eróticas encontradas em contexto doméstico é reduzida, uma vez que foram identificados apenas vinte e um fragmentos, todos provenientes de Tell el-Muqdam. Estes

²³⁴ DASEN, V., *Dwarfs in Ancient Egypt and Greece*, Oxford, Clarendon Press, 1993, p. 70.

²³⁵ Cf. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 27.

²³⁶ Cf. GRAVES-BROWN, *op. cit.*, p. 61.

²³⁷ A propósito de um estudo das figuras masculinas, com e sem um cariz erótico, ainda que restrito ao *corpus* proveniente de Medinet Habu, vd. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, pp. 92-109.

²³⁸ Cf. REDMOUNT; FRIEDMAN, *op. cit.*, p. 63.

exemplares foram produzidos em cerâmica e são datados da Época Baixa. Não obstante, devemos salientar que a sua presença noutros contextos está atestada desde o início do Período Dinástico.²³⁹

A título de exemplo, em Tell el-Mudqam foi encontrada a figura masculina que consta no Anexo 3, Fig. 16, cuja localização actual é desconhecida. O exemplar em questão tem a forma de um homem com uma fisionomia robusta, sentado e com o falo de grandes dimensões sobre o ombro esquerdo. No entanto, devemos considerar a possibilidade das restantes apresentarem algumas variações.²⁴⁰

A presença e a função deste tipo de objectos em contexto doméstico carece de ser analisada em profundidade, uma vez que os estudos realizados tendem a focar-se nos objectos encontrados em templos, onde foram encontrados com uma maior frequência.²⁴¹ Não obstante, devemos considerar a possibilidade da presença de figuras masculinas eróticas em áreas habitacionais se dever à sua possível associação com o culto de determinadas divindades, com a fertilidade – quer dos campos, quer das pessoas e dos animais – e com a regeneração, como alguns Autores defendem que se verifica no segundo contexto.²⁴²

2.2.3. Figuras de deuses

As figuras com a forma de deuses associados à fertilidade, concepção e maternidade estão igualmente atestadas em contexto doméstico, ainda que de forma reduzida. De acordo com o estudo por nós efectuado aos dados recolhidos por S. Mota, o deus Bes é aquele que mais se destaca, tendo dado forma a um total de trinta e uma figuras e fragmentos. As restantes figuras de deuses foram encontradas em quantidades pouco

²³⁹ Cf. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 102.

²⁴⁰ Não nos foi possível apurar a forma e informações precisas de cada figura masculina erótica encontrada em contexto doméstico, uma vez que os dados relativamente a elas ainda não se encontram publicados.

²⁴¹ Importa ainda referir que foram ainda encontrados falos em túmulos, em raras ocasiões. Cf. TEETER, *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, p. 89; RITNER, “Household Religion in Ancient Egypt”, p. 174.

²⁴² Tem sido considerada a possibilidade da presença de falos em templos se dever à sua associação com a regeneração ou à sua ligação ao culto de diversas divindades, podendo ser aí deixados como objectos votivos em honra destas. Da mesma forma, tem sido sugerida a possibilidade de serem aí depositados aquando da celebração de festivais religiosos associados à fertilidade ou de modo a promover a fertilidade humana – ou agradecer a concepção com sucesso – ou a fertilidade dos animais e campos. Vd. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, pp. 102-103; GRAVES-BROWN, *op. cit.*, p. 60; MESKELL, *Vies Privées des Égyptiens (...)*, p. 86; TEETER, *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, p. 89 e RITNER, “Household Religion in Ancient Egypt”, p. 174.

expressivas, sendo conhecidos oito exemplares de Taueret, quatro de Ísis, aos quais se somam três de Ísis acompanhada por Hórus, e, por fim, três de Hathor.

A maior parte das figuras em causa – vinte e quatro exemplares de Bes, sete de Taueret, três de Ísis, dois de Hathor e um de Ísis e Hórus – são provenientes de Tell el-Amarna. Os restantes são oriundos, de forma pouco expressiva, de Mênfis (Kom Rabia) (cinco exemplares de Bes), Tell el-Muqdam (dois de Bes, um de Ísis e um de Ísis e Hórus), Amara Oeste (um de Hathor), Lahun (um de Taueret) e Semna (um de Ísis e Hórus).

Quanto ao material de produção, regista-se um predomínio do barro, que foi utilizado na produção de vinte e oito exemplares (vinte de Bes, quatro de Taueret, três de Ísis e um de Hathor). A ele segue-se a cerâmica, que foi utilizada em nove exemplares (sete de Bes, um de Taueret e um de Ísis e Hórus). Foram ainda utilizados outros materiais num número reduzido de exemplares. A faiança foi utilizada no fabrico de um total de cinco exemplares, sendo que dois têm a forma de Bes e os restantes de Hathor, Ísis e Ísis e Hórus. O bronze deu forma a dois exemplares, sendo um de Bes e o outro de Ísis e Hórus. O calcário, a esteatite e o vidro foram utilizados no fabrico de uma figura de Taueret, respectivamente. A madeira deu forma a um exemplar de Hathor. Por fim, foi ainda encontrado um exemplar de Bes feito a partir de uma conjugação de esteatite e alabastro.

As figuras de deuses estão atestadas em contexto doméstico pela primeira vez no Império Médio, período do qual é conhecida uma figura de Taueret e uma de Ísis e Hórus. No Império Novo regista-se um aumento significativo, estando atestadas vinte e nove figuras de Bes, sete de Taueret, três de Hathor, três de Ísis e uma de Ísis e Hórus. Na Época Baixa o número volta a ser reduzido, sendo conhecidas apenas duas de Bes e uma de Ísis e Hórus.

As figuras com a forma de deuses têm sido pouco abordadas pela comunidade académica. E. Teeter alude à possibilidade das figuras de Bes terem sido usadas em rituais executados aquando do nascimento das crianças, algo que parece ser indicado pelo encantamento destinado a facilitar o parto, constante no *P. Leiden I 348* vs. 12,2-12,6 (caso 30) que deveria ser recitado sobre a figura de um anão²⁴³:

«*Another spell, of the dwarf. Oh good dwarf, come, because of the one who sent you – for that is Pre, the one who stands upright while Thoth is sitting down, his feet on the bottom which Nun embraces, his hand on the (roof-) beam. Come down, placenta, come down, placenta, come down! I am Horus*

²⁴³ Cf. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, pp. 105-106.

who conjures in order that she who is occupied with birthgiving becomes better than she was, as if she were (already) delivered! Sepertunes, wife of Horus, Nechbet, the Nubian, the Eastern one, Unut, mistress of Unut: come to do what you can do! Look, Hathor will lay her hand on her with an amulet of health! I am Horus who saver her! – *To be recited four times over a dwarf of clay placed on the brow of a woman who is giving birth while suffering.*»²⁴⁴

A mesma Autora pondera a possibilidade de constituírem objectos votivos usados para garantir a protecção da criança e da sua mãe e, ainda, a possibilidade de serem usados para proteger a casa em geral.²⁴⁵ Posto isto, devemos considerar a possibilidade das restantes figuras de deuses associados às mulheres e crianças desempenharem algumas destas funções.

2.2.4. Figuras de animais

As figuras zoomórficas podiam ter a forma de diversos animais, como pássaros, crocodilos, tartarugas, porcos, entre outros.²⁴⁶ No entanto, iremos restringir a nossa análise àquelas que têm formas semelhantes às de divindades relacionadas com a fertilidade, com a concepção e com a maternidade.

De acordo com a nossa análise ao levantamento feito por S. Mota²⁴⁷, estas figuras estão atestadas em contexto doméstico de forma diminuta, tendo sido identificados dezoito exemplares com a forma de um hipopótamo, aos quais se soma ainda um número incerto de outros objectos com características similares; nove exemplares com a forma de vaca e, por fim, uma figura com a forma de rã.

Os materiais de produção predominantes são o barro, usado para fazer treze exemplares (seis de vaca, seis de hipopótamo e um de rã), e a cerâmica, utilizada em onze (oito de hipopótamo e três de vaca). Adicionalmente, foi feita uma figura de hipopótamo em arenito e outra em sílex. Por fim, não foi possível identificar o material usado na produção de dois exemplares, aos quais se soma um número incerto de hipopótamos referidos anteriormente.

Não obstante o reduzido número de figuras encontradas, estas estão dispersas por múltiplos povoados: duas figuras de hipopótamo e três de vaca são provenientes de

²⁴⁴ BORGHOUTS, *op. cit.*, p. 29.

²⁴⁵ Cf. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, pp. 105-106.

²⁴⁶ Cf. MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 47.

²⁴⁷ As informações referidas nos próximos parágrafos, sobre o material, a proveniência e a datação dos objectos em causa, são igualmente resultado da nossa análise à base de dados da autoria de S. Mota.

Buhen; cinco figuras de hipopótamo de Lahun; três figuras de hipopótamo e uma de rã de Tell el-Amarna; três figuras de hipopótamo e uma de vaca de Uronarti; três figuras de vaca de Abidos (Kom es-Sultan); três figuras de hipopótamo em Abidos Sul (*Uah-Sut*); uma figura de vaca de Sesebi, uma figura de vaca de Chalfak e uma figura de hipopótamo de Semna. O número de exemplares de figuras de hipopótamo provenientes de Licht é incerto.

A existência deste tipo de figuras está atestada em contexto doméstico desde o início do Período Dinástico (c. 3000-2686 a.C.), ainda que de forma pouco expressiva, sendo datados três exemplares de vacas desta época. A maior parte dos exemplares conhecidos – isto é, catorze figuras de hipopótamo e cinco de vaca – são datadas do Império Médio, período que parece ter correspondido ao auge da presença destes objectos em contexto doméstico. Posteriormente, o número volta a ser diminuto, sendo conhecidas três figuras de hipopótamo, uma de vaca e uma de rã do Império Novo e uma figura de hipopótamo da Época Baixa.

Alguns Autores, como F. Petrie, sugeriram que as figuras de animais consistiam em brinquedos, destinados a serem utilizados pelas crianças. Esta teoria tem, porém, vindo a ser descartada.²⁴⁸ Não obstante, E. Teeter sugere que esses objectos poderão ter sido usados como brinquedos nos casos em que o animal que dava forma ao objecto não estava associado de forma evidente a alguma divindade, teoria que nos parece que deve ser considerada.²⁴⁹

Por seu turno, outros Autores defendem que as figuras zoomórficas poderão ter estado associadas a determinadas divindades. Neste sentido, as figuras teriam uma função religiosa, podendo estar associadas ao culto desses deuses e constituir oferendas votivas.²⁵⁰ Posto isto, pode considerar-se a possibilidade das figuras com as formas de hipopótamo, vaca e rã – identificadas com Taueret, Hathor e Heket, respectivamente – terem constituído oferendas votivas a estas e outras divindades associadas à esfera feminina e familiar de modo a obter auxílio ou a agradecer a concepção e nascimento com sucesso de crianças.

²⁴⁸ Cf. MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, pp. 47- 48.

²⁴⁹ Cf. TEETER, *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, p. 90.

²⁵⁰ Cf. MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 48; TEETER, *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, p. 90.

Por fim, foi igualmente sugerida a possibilidade de terem sido usados em rituais mágicos, quer de protecção, quer de cura.²⁵¹ De acordo com Waraksa, a última hipótese sustenta-se na existência de encantamentos mágicos que referem figuras zoomórficas – como as figuras de cobras – à semelhança do que vimos ocorrer com figuras femininas e de deuses.²⁵²

Importa referir que, ainda de acordo com a nossa análise aos dados disponibilizados por S. Mota, em contexto doméstico foram encontrados quatrocentos e setenta e uma figuras e fragmentos com a forma de cobras, quantia à qual acresce um número incerto de exemplares. Deste modo, é notória uma discrepância significativa entre o número de figuras de cobras e o de hipopótamos, vacas e rãs. Isto sugere que as figuras de cobras não estavam necessariamente associadas à deusa Renenutet, tendo outras funções como o possível uso em rituais de cura, ou que, existindo essa associação, a sua presença em contexto doméstico se devia à conexão da deusa com a fertilidade em geral, incluindo a dos campos. Caso contrário, acreditamos que não deveria existir essa discrepância se as figuras em causa estivessem todas relacionadas com a mesma esfera da vida feminina, isto é, com a fertilidade humana, a concepção e a maternidade.

As diversas teorias abordadas parecem serem plausíveis, pelo que se deve considerar a possibilidade das figuras de animais terem ter tido múltiplas funções. No entanto, como S. Mota afirma, «(...) *we can not be sure of the real functions of these objects (...)*».²⁵³

2.3. Amuletos

Os amuletos compõem uma categoria de objectos muito diversificada, que existia em quantidades significativas no Egipto antigo e que teve uma ampla abrangência temporal, que se estende a todo o Período Dinástico. As características físicas dos amuletos dependiam, frequentemente, da função que se desejava que desempenhassem, uma vez que o seu poder mágico e simbólico provinha dos diversos elementos que lhe davam forma, nomeadamente do material utilizado no seu fabrico, da sua fisionomia, da

²⁵¹ Cf. MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 49; WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, p. 161.

²⁵² Cf. WARAKSA, *Female Figurines from the Mut Precinct (...)*, p. 161.

²⁵³ MOTA, “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?”, p. 40.

sua cor e, ainda, das inscrições que poderia conter. Adicionalmente, podiam ainda ser recitados encantamentos mágicos sobre os amuletos, de modo a conferir-lhe ou a aumentar as suas qualidades mágicas.²⁵⁴

Os amuletos tinham como principal função proteger aqueles que os usavam, algo que, de acordo com C. Andrews, é evidenciado pelas suas designações.²⁵⁵ A título de exemplo, a palavra mais frequente – *s3* – pode ser traduzida como “amuleto” ou “protecção”.²⁵⁶ Este tipo de objectos podia ser utilizado por qualquer membro da sociedade egípcia, independentemente do seu estatuto social, género ou idade, quer em vida, quer na morte.²⁵⁷ Deste modo, a presença de amuletos está atestada em casas, em templos e em túmulos.²⁵⁸ Iremos, porém, restringir a nossa análise àqueles que, atestados em contexto doméstico, seriam utilizados para promover a fertilidade e proteger a mulher – na qualidade de grávida, parturiente e mãe – e as crianças.

De acordo com C. Graves-Brown, «(...) *it is difficult to differentiate amulets to ensure women's fertility from those associated with safe delivery in childbirth*»²⁵⁹, pelo que alguns dos amuletos que iremos analisar agora podem ter sido igualmente utilizados para proteger a mulher e a criança noutras ocasiões, como veremos posteriormente.

De acordo com o nosso estudo aos dados reunidos por S. Mota, em contexto doméstico, o tipo de amuleto associado à fertilidade que se destaca é aquele que tem a forma de uma rã, tendo sido identificados quarenta e seis exemplares em Tell el-Amarna e um em Medinet el-Gurob, perfazendo um total de quarenta e sete amuletos. Destes, apenas dois são contas com a forma de rã. Do conjunto em causa, quarenta são feitos a partir de um material não identificado; quatro de faiança; dois de faiança vidrada e um de esteatite. Todos eles são datados do Império Novo.

²⁵⁴ Cf. MOTA, “De que Falamos Quando Falamos em Piedade Pessoal (...)”, p. 827; EYRE, C., “The Boundaries of Knowledge” in SILVERMAN, D. P. (ed.), *Ancient Egypt*, Oxford, Oxford University Press, 1997, pp. 100-101; TEETER, *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, pp. 170-171; ANDREWS, C., *Amulets of Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1994, p. 6; ANDREWS, C., “Amulets” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 1, Oxford, Oxford University Press, 2001, p. 75.

²⁵⁵ Cf. ANDREWS, *Amulets of Ancient Egypt*, p. 6.

²⁵⁶ Cf. BONNAMY, Y., *Dictionnaire des Hiéroglyphes*, Arles, Actes Sud, 2013, p. 508. C. Andrews refere que os amuletos podiam ainda ser designados como *mkt*, *nht* e *wd3*, sendo que as duas primeiras palavras estão associadas aos verbos *to guard* e *to protect* e a segunda palavra a *well-being*. Porém, no dicionário em questão, os termos são todos traduzidos como *protection* – “protecção” – e não como “amuleto”. Cf. BONNAMY, *Dictionnaire des Hiéroglyphes*, pp. 181; 291; 330.

²⁵⁷ Cf. ANDREWS, “Amulets”, p. 75.

²⁵⁸ Cf. PINCH, G., *Magic in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1994, p. 105.

²⁵⁹ GRAVES-BROWN, *op. cit.*, p. 60.

A título de exemplo, pode destacar-se o exemplar que actualmente integra a colecção do Petrie Museum of Egyptian Archaeology, com o número de inventário UC7871 (vd. Anexo 8, Fig. 24). O amuleto em causa, encontrado no povoado Medinet el-Gurob, apresenta a forma de uma rã, tendo uma incisão de um escorpião na base e um buraco destinado à passagem de um fio. Este exemplar foi produzido a partir de esteatite, tem 1 cm de comprimento e é datado do Império Novo, mais concretamente do final da XVIII dinastia.²⁶⁰

No Egipto antigo, a rã estava associada à fertilidade, à reprodução e à regeneração. Desse modo, amuletos com a sua forma provavelmente terão sido utilizados pela mulher para promover a fertilidade ou para auxiliar durante o parto. Estes amuletos podiam ainda representar a deusa rã Heket, que estava particularmente associada a essas esferas da vida feminina e familiar. Em contexto funerário, o amuleto auxiliaria a regeneração do morto no Além.²⁶¹

Ainda de acordo com a nossa análise à base de dados em causa²⁶², no mesmo contexto, foram ainda encontrados dez amuletos de macacos, dos quais um consiste num fragmento, um num pendente, e um num amuleto com uma perfuração que lhe permitiria ser pendurado. Adicionalmente, foi encontrada uma peça de joalharia, com a forma de uma placa, com a representação de uma lebre em relevo e um objecto composto por uma cabeça de um pato, que poderá consistir num amuleto, embora não se tenha a certeza de tal.

Deste conjunto de objectos, dois com a forma de macacos são provenientes de Amara Oeste; um com a forma de macaco e outro com a de lebre de Buhen; dois com a forma de macaco e um com a de pato de Tell el-Amarna; e, por fim, um exemplar de macaco de El-Achmunein, Karnak, Mênfis (Kom Rabia), Semna e Uronarti, respectivamente.

A maior parte dos objectos em causa – seis com a forma de macaco, um de pato e um de lebre – foi feito de faiança. No entanto, foram ainda empregues outros materiais na sua produção, uma vez que um dos amuletos de macaco identificados em contexto

²⁶⁰ Cf. <http://petriecat.museums.ucl.ac.uk/detail.aspx?parentpreref=#>

²⁶¹ Cf. CAPEL, A. K.; MARKOE, G. E. (eds.), *Mistress of the House, Mistress of Heaven: Women in Ancient Egypt*, New York, Hudson Hills Press and Cincinnati Art Museum, 1996, pp. 70-72; ANDREWS, *Amulets of Ancient Egypt*, pp. 10; 63.

²⁶² Importa referir que os dados apresentados nos parágrafos seguintes, respeitantes à proveniência, ao material de fabrico e à datação dos objectos em questão, resultam igualmente do estudo que efectuámos à base de dados elaborada por S. Mota.

doméstico é de arenito e outro é vidrado. Não foi possível identificar o material utilizado na produção dos restantes amuletos com a forma de macaco.

Do grupo de amuletos de macacos em análise, três são datados do Império Médio, cinco do Império Novo, um do Terceiro Período Intermédio e, por fim, um da Época Baixa. Por seu turno, os objectos com a forma de lebre e de pato estão atestados apenas durante o Império Médio e o Império Novo, respectivamente.

Não obstante a presença pouco expressiva destes amuletos como a forma animal – macaco, lebre e pato – em contexto doméstico, importa salientar que alguns autores sugerem a possibilidade de terem sido utilizados por mulheres de forma a promover a fertilidade, à semelhança do anterior.²⁶³

2.4. Camas votivas

As camas votivas consistem em objectos rectangulares, feitos de barro, normalmente com um painel frontal²⁶⁴ onde consta «(...) *a scene of a woman or women in a boat, flanked by figures of the god Bes. Two legs on the opposite side allow the bed to stand upright*».²⁶⁵ Os motivos iconográficos podiam apresentar variações, sendo divididos em dois tipos. Em termos genéricos, o tipo 1 é composto por cenas com «[a] *woman playing a lute shown in profile with attendants*»²⁶⁶, enquanto o tipo 2 é caracterizado por cenas com «[a] *woman shown frontally*».²⁶⁷

As camas votivas são provenientes de diversos contextos, como casas, templos e túmulos.²⁶⁸ Pelo que pudemos apurar a partir da base de dados da autoria de S. Mota, em

²⁶³ Cf. CAPEL; MARKOE, *op. cit.*, pp. 70; 72; ANDREWS, *Amulets of Ancient Egypt*, pp. 64; 67; PINCH, *Votive Offerings for Hathor*, p. 287.

²⁶⁴ Cf. TEETER, *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, p. 90; TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 157.

²⁶⁵ TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 157.

²⁶⁶ TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 159. Para uma descrição aprofundada dos elementos decorativos do tipo 1 vd. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, pp. 159-160.

²⁶⁷ TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 160. Para uma descrição aprofundada dos elementos decorativos do tipo 2 vd. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, pp. 160-161. P. del Vesco defende que esta classificação deve ser revista, propondo a existência de subtipos (no segundo caso) e do tipo 3. Cf. VESCO, P. del, "Fertility and eroticism on the so-called «votive beds»" in ARAÚJO, L. M.; SALES, J. das C. (eds.), *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egipto. Erotica, Erotism and Sexuality in Ancient Egypt*, Actas do Segundo Congresso Internacional para Jovens Egiptólogos, CD, Lisboa, Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 445-446. Porém, com base no estudo feito por E. Teeter, parece-nos que o que está em causa são variantes dos tipos 1 e 2, não justificando a revisão sugerida por Vesco.


²⁶⁸ Cf. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 168.

contexto doméstico foram identificados apenas três camas votivas, duas de tipo 1 e uma de tipo 2. À semelhança dos restantes exemplares, estes são provenientes do povoado Medinet Habu, feitos de barro e datados do Terceiro Período Intermédio.²⁶⁹

Uma das camas votivas de tipo 1 integra a coleção do The Egyptian Museum, do Cairo, com o número de inventário JdE 59845, e é proveniente da zona habitacional (F4) (vd. Anexo 4, Fig. 17). Importa referir que este exemplar foi encontrado junto de outros objectos, entre os quais um instrumento de cosmética, figuras femininas, uma figura de animal e estelas que iremos abordar posteriormente. A cama votiva em questão tem 16 cm de altura e 22,5 cm de largura.²⁷⁰ O seu painel decorativo, que apresenta um bom estado de conservação, mostra a seguinte cena:

«(...) Decoration of a woman seated on a rectangular platform in a boat, her face is in profile to the right, and she is wearing a short, round hairstyle with a circlet and streamer and a large conical headdress. Her leg is bent to support her lute. There is a naked woman to the left, facing right, with a long pole. Another woman on the bow plucks a papyrus stem as she turns her head back to the musician. There are Bes figures at the right and left. The bow of the boat (to the right) terminates in a bird head, from which hangs a broad collar. The stern of the boat is in the form of a bird's tail.»²⁷¹

A única cama de tipo 2 encontrada em contexto doméstico encontra-se no museu do The Oriental Institute of the University of Chicago, tendo como número de inventário OIM 14782a-e, e é proveniente da zona habitacional (E4) (vd. Anexo 4, Fig. 18). O exemplar em causa tem 16 cm de altura e 26,8 cm de largura, apresenta vestígios de coloração e sofreu diversos danos.²⁷² No painel decorativo é identificada:

«(...) A woman standing in a boat. She wears a conical headdress and grasps tall papyrus stems at the base of which are crouching calves. The bow of the boat (left) is decorated with a duck/goose head; the stern is decorated with the bird's tail feathers. There are Bes figures with tall conical headdresses at the right and left. (...) The two calves (or newborn bubalis or hartebeest) represent the hieroglyph , the determinative in the word *iwr* "to conceive" (...).»²⁷³

A função original das camas votivas tem suscitado algum debate, em parte devido à ambiguidade dos motivos iconográficos, que aludem ao ritual «(...) of *pulling, offering*

²⁶⁹ Cf. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, pp. 167; 170; 172; 180-181.

²⁷⁰ Cf. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 170.

²⁷¹ TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 170.

²⁷² Cf. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 180.

²⁷³ TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 180.

*or shaking the papyrus» for Hathor (...)*²⁷⁴, que, a partir do Império Novo, passou a estar associado à «(...) *fertility, re-birth and renovation of life and nature cycles (...)*».²⁷⁵

Por um lado, foi sugerida a possibilidade das camas votivas estarem associadas ao renascimento e ao culto aos antepassados, questão que não iremos aprofundar por não estar relacionada com o nosso foco de estudo.²⁷⁶ Por outro, foi sugerida a hipótese de estarem associadas à fertilidade, podendo ter constituído um objecto votivo destinado a promover a fertilidade, oferendado a Bes ou a Hathor.²⁷⁷ Adicionalmente, E. Teeter defende que:

«Although it cannot be proved, I suspect that the votive beds may have been a type of commemoration of a birth, an object that celebrated sexuality (through the image of the bed, the place of sexual congress), fertility (Hathoric iconography), and protection of the child (depiction of Bes).»²⁷⁸

Estas teorias em torno da fertilidade, gravidez e parto parecem ainda ser suportadas pela existência de uma cama votiva de tipo 2 encontrada em contexto doméstico, que apresenta um hieróglifo associado à palavra “concepção”, como foi referido anteriormente.²⁷⁹

Juntamente com os elementos decorativos, devem ainda ser considerados outros três aspectos. O primeiro consiste na semelhança existente entre as figuras de Bes representadas nas camas votivas e as pernas com a sua forma representadas em óstracas como o exemplar que integra a colecção do Medelhavsmuseet, de Estocolmo, com o número de inventário MM 144005 (vd. Anexo 7, Fig. 23). Este contém a representação de uma mulher a amamentar o seu filho, sentada sobre uma cama que é suportada por duas pernas com a forma do deus Bes. À esquerda estão representados instrumentos de cosmética. A óstraca em causa é proveniente de Deir el-Medina, é datada no Império Novo (XIX-XX dinastias) e tem 18,9 cm de altura e 18 cm de largura.²⁸⁰

As pernas representadas tanto nas camas votivas como nas óstracas poderão responder ao mesmo tipo de objecto que se encontra no Rijksmuseum van Oudheden, Leiden, como número de inventário F 1964/1.3, que consiste numa perna de uma peça de

²⁷⁴ VESCO, *op. cit.*, p. 446.

²⁷⁵ *Idem, ibidem.*

²⁷⁶ Para um aprofundamento desta teoria, vd. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, pp. 166; 168.

²⁷⁷ Cf. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 90.

²⁷⁸ TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 168.

²⁷⁹ Cf. TOIVARI-VIITALA, *op. cit.*, p. 201.

²⁸⁰ Cf. <http://collections.smvk.se/carlotta-mhm/web/object/3006018>

mobiliário (vd. Anexo 5, Fig. 19), com a forma de Bes, feita em madeira, com 65 cm de altura e 15 cm de largura.²⁸¹ Este tipo de peça, datada do Império Novo (Período Ramsessida, 1295-1069 a.C.), parece ter pertencido às camas decoradas que são mencionadas em diversas fontes textuais, abordadas anteriormente.²⁸² A título de exemplo, no texto O. Gardiner 9 pode ler-se:

«Purchases including the following items: one birth amulet (*s3w msw*), 2 bundles of vegetables (*smw*), one large basket (*kbs*), one (?) sieve (*mtrh*), one wooden woman's bed (*ht h'ti st*), one decorated woman's bed (*h'ti st sš*), and a(nother) amulet (*s3w msw*).»²⁸³

Se as pernas de madeira com a forma de Bes corresponderem às camas decoradas associadas ao parto, o que parece ser o caso²⁸⁴, as figuras do mesmo deus representadas nas óstracas e nas camas votivas sugerem que ambos os objectos estariam igualmente associados ao nascimento das crianças, sendo que as óstracas poderão ter consistido em objectos percursos das camas votivas.²⁸⁵ Deste modo, estas evidências reforçam a ideia anteriormente mencionada de que os modelos das camas em barro seriam, à semelhança das óstracas, objectos votivos associados à celebração da fertilidade, da sexualidade e do nascimento com sucesso, bem como à protecção da criança.²⁸⁶

O segundo aspecto que deve ser considerado baseia-se no facto de algumas camas votivas terem sido encontradas juntamente com figuras femininas, como é o caso da cama de tipo 1, mencionada anteriormente. E. Teeter questionou a possibilidade deste aspecto indicar que as camas votivas funcionariam como um altar, sobre o qual eram colocadas as figuras femininas, afirmando, no entanto, que não existem evidências sólidas que sustentem esta teoria.²⁸⁷ Parece-nos que é mais plausível assumir que a aparente

²⁸¹ Cf. <http://www.rmo.nl/collectie/zoeken?object=F+1964%2f1.3> Até à data são conhecidos treze pernas de madeira com a forma de Bes similares ao exemplar em causa. A propósito de um estudo sobre este tipo de peças, vd. TOIVARI-VIITALA, *op. cit.*, pp. 191-204.

²⁸² Cf. TOIVARI-VIITALA, *op. cit.*, p. 191.

²⁸³ TOIVARI-VIITALA, *op. cit.*, p. 178.

²⁸⁴ Não obstante, P. del Vesco questiona se «(...) we can make one further distinction (...) between the woman's bed which is stated to be made of wood and the one which is identified as «decorated». In the above mentioned receipt we find the two types together and we may assume that they are different objects with different purposes. The wooden specification of one of the two points to a probable different nature of the material of the other (...)». Cf. VESCO, *op. cit.*, p. 448.

²⁸⁵ Cf. TOIVARI-VIITALA, *op. cit.*, p. 203.

²⁸⁶ Cf. TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 168; TOIVARI-VIITALA, *op. cit.*, pp. 202-203.

²⁸⁷ Cf. TEETER, *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, p. 90; TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 168.

associação entre as camas votivas e as figuras femininas se deva ao facto de possivelmente terem tido funções similares, associadas à fertilidade.

Por fim, devemos ainda ter em conta a existência de estelas com motivos iconográficos semelhantes aos das camas votivas. Em contexto doméstico foram identificados oito exemplares, igualmente provenientes de Medinet Habu, nomeadamente, um da zona habitacional (E4) e os restantes da zona habitacional (F4). Estes exemplares são feitos a partir de barro e datados do Terceiro Período Intermédio. De acordo com E. Teeter, as evidências «(...) suggest that these materials were also complementary. Perhaps the stelae are just simplified or variant versions of the beds (...)».²⁸⁸

Tendo em consideração os diversos aspectos abordados, concordamos com a teoria de que as camas votivas estariam associadas às esferas da fertilidade, à gravidez e ao parto, sobretudo quando são provenientes do contexto doméstico.

2.5. Encantamentos mágicos

Os Egípcios dispunham de um conjunto amplo e variado de encantamentos mágicos, que podiam ser utilizados tanto em vida como na morte. Em muitos casos, os encantamentos constituíam mecanismos de protecção face a diversos factores ou circunstâncias, como animais, pessoas, problemas de saúde, entre outros, ou de cura de determinados padecimentos.²⁸⁹ Alguns encantamentos deveriam ser recitados sobre objectos como amuletos, figuras ou preparados medicinais, de modo a conferir-lhes ou a incrementar o seu poder mágico.²⁹⁰ De acordo com E. Teeter,

«Most magical spells (...) have a distinctive three-part formula. The first part is a title that announces the purpose of the spell (...). This is followed by the incantation, in which the individual invokes and assumes the role of one god, or even many gods, in a mythological setting that has some relevance to the desired result (...). This part is followed by the practical directions for the performance of the spell (...)»²⁹¹

²⁸⁸ TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, p. 168.

²⁸⁹ Cf. STEVENS, “Domestic Religious Practices”, p. 2; NUNN, *op. cit.*, p. 105.

²⁹⁰ Cf. ROBINS, “Women and Children in Peril (...)”, p. 27; PINCH, *Magic in Ancient Egypt*, p. 80.

²⁹¹ TEETER, *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, p. 166.

Em oposição, J. F. Nunn e J. F. Borghouts alertam para a diversidade da formulação dos encantamentos mágicos. Em alguns casos dirigiam-se directamente ao causador do problema. Noutros invocavam divindades ou, ainda, estabeleciam paralelos entre episódios míticos e o problema do qual a pessoa padecia. Uma parte significativa dos encantamentos devia ser recitada em consonância com o uso de preparados medicinais.²⁹²

Uma parte significativa dos encantamentos relacionados com a gravidez, o parto e a infância conhecidos apresentam a estrutura tripartida referida por Teeter, sendo identificáveis os diversos tipos de formulação mencionados pelos restantes Autores na parte intermédia do encantamento, como iremos ver.

Os encantamentos mágicos foram inscritos em diversos tipos de suporte material, nomeadamente objectos rituais, como estátuas ou estelas; objectos funerários, como amuletos; papiros, óstracas, entre outros.²⁹³ Não obstante, os encantamentos relacionados com a fertilidade, a gravidez, o parto e a infância são essencialmente provenientes de papiros, nomeadamente do *P. Kahun* (Império Médio, XII dinastia), do *P. Ramesseum III e IV* (Império Médio, XIII dinastia, 1773-1650 a.C.), do *P. Londres BM 10059* (Império Novo), do *P. Berlim 3027* (Império Novo, XIX dinastia), do *P. Leiden I 348* (Império Novo, XIX dinastia), do *P. Brooklyn 47.218.2* (Época Baixa ou Período Ptolemaico)²⁹⁴, do *P. Berlim 23031* (Época Baixa, XVI dinastia, 1069-945 a.), do *P. Berlim 23032* (Época Baixa, XVI dinastia) e do *P. Berlim 23051* (Época Baixa, XVI dinastia).²⁹⁵

Até à presente data desconhece-se a existência de encantamentos mágicos destinados a promover a fertilidade e a concepção (vd. Anexo 10, Tab. 3). Ainda assim, devemos fazer uma alusão ao seguinte caso do *P. Kahun* 20-23 (caso 30):

«**Another instance:** This calf of Horus [...] I am on [...] Horus, and vice versa. Go down to the place where you [...]
[This incantation] is said [...]
If (it) comes out of her nostrils, she will give birth.

²⁹² Cf. NUNN, *op. cit.*, p. 105; BORGHOUTS, *op. cit.*, p. IX.

²⁹³ Cf. STEVENS, "Domestic Religious Practices", p. 3; PINCH, *Magic in Ancient Egypt*, p. 61.

²⁹⁴ O *P. Brooklyn 47.218.2* ainda não se encontra publicado na íntegra. Não obstante, estão a ser desenvolvidos estudos nesse sentido, tendo sido publicados dois artigos: GUERMEUR, I., "À Propos d'un Passage du Papyrus Médico-Magique de Brooklyn 47.218.2 (X+III, 9 – X+IX, 2)" in ZIVIE-COCHE, C.; GUERMEUR, I. (dirs.), «*Parcourir l'Éternité*» *Hommages à Jean Yoyotte*, vol. 1, Belgium, Brepols, 2012, pp. 541-555 e GUERMEUR, "Entre Magie et Médecine (...)", pp. 11-22.

²⁹⁵ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 13-15; 18; BORGHOUTS, *op. cit.*, p. 14; GUERMEUR, "À Propos d'un Passage du Papyrus Médico-Magique de Brooklyn 47.218.2 (X+III, 9 – X+IX, 2)", p. 541; BURKARD, G., "Drei Amulette für Neugeborene aus Elephantine" in MOERS, G.; BEHLMER, H.; DEMUß, K.; WIDMAIER, K. (eds.), *jn.t fr.w - Festschrift für Friedrich Junge*, vol. 1, Göttingen, [s.n.], 2006, pp. 113-115; 119-121.

**If (it) comes out of her womb, she will give birth.
If then [...] [...she will] never [give birth].»²⁹⁶**

Este caso inicia-se com um encantamento mágico, com lacunas significativas que impedem a sua interpretação, ao qual se segue uma descrição dos procedimentos a adoptar para determinar a capacidade da mulher em conceber. H. Vymazalová e E. Strouhal sugerem que este encantamento «(...) *was apparently to enhance the effect of the method applied*».²⁹⁷

* * *

No presente capítulo abordámos diversos mecanismos mágicos que poderão ter estado relacionados com a promoção da fertilidade e da concepção, mas também com a protecção da criança e da mulher.

Como referimos anteriormente, foi sugerido que as estruturas elevadas de Deir el-Medina teriam sido utilizadas como local de parto ou de reclusão e purificação da mulher e da criança após o parto, teorias que, no entanto, parecem ter pouco fundamento. Em vez disso, poderão ter sido utilizadas como altares destinados à prática de culto ou de rituais relacionados com a fertilidade, a concepção, o parto e a maternidade, entre outros.

Por seu turno, as figuras femininas podem ter estado associadas à fertilidade, num sentido amplo que inclui a gravidez e o parto, enquanto as figuras de deuses podem ter sido utilizadas em rituais mágicos, como por exemplo durante o nascimento, ou como objectos votivos utilizados para proteger a criança e a sua mãe. Também as figuras de animais parecem ter estado associadas ao nascimento, nomeadamente através da sua possível ligação a divindades associadas a estas esferas, podendo ter constituído oferendas de modo a obter o seu auxílio na concepção e no nascimento das crianças ou a agradecer este.

Do mesmo modo, alguns amuletos, como aqueles que têm a forma de rã, podem ter sido utilizados para não só promover a fertilidade, mas também para obter auxílio durante o parto. Por fim, as camas votivas poderão ter estado associadas à comemoração do nascimento e à protecção da criança.

²⁹⁶ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, op. cit., p. 111.

²⁹⁷ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, op. cit., p. 162.


CAPÍTULO 3: A PROTECÇÃO DURANTE A GRAVIDEZ, O PARTO E O PÓS-PARTO

No capítulo 2 abordámos diversos mecanismos que poderão ter sido utilizados pelos Egípcios de modo a promover a fertilidade e a concepção, nomeadamente as estruturas elevadas de Deir el-Medina, as figuras, os amuletos, as camas votivas e os encantamentos mágicos. Porém, como abordámos anteriormente, alguns destes objectos poderão ter estado igualmente associados à gravidez, ao parto e ao pós-parto.

No presente capítulo iremos analisar outros mecanismos mágicos que, à semelhança destes, poderão ter estado associados à protecção da mulher e da criança durante a gravidez, o parto e o pós-parto, nomeadamente estruturas arquitectónicas e amuletos distintos, objectos apotropaicos e encantamentos mágicos.

3.1. Estruturas arquitectónicas potencialmente protectoras

3.1.1. Tijolos de nascimento

Os tijolos de nascimento davam forma a estruturas utilizadas pela mulher durante o parto, sendo designados pelos Egípcios como *mshnt* .²⁹⁸ Em contexto doméstico foi identificado um único tijolo (vd. Anexo 6, Fig. 20), encontrado na Sala 3, da Casa A de Abidos Sul (*Uah-Sut*). Possivelmente terá pertencido à esposa do governador, Renseneb, ou a outra mulher com um estatuto social semelhante ao seu.²⁹⁹ Este exemplar foi feito a partir de adobe cru, tem 17 cm de largura e 35 cm de comprimento e é datado do Império Médio (final da XIII dinastia).³⁰⁰ O tijolo apresenta danos consideráveis em todos os lados, tendo afectado especialmente o lado F – que

²⁹⁸ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 471; WEGNER, J., “Echoes of Power. The Mayor’s House of Ancient Wah-Sut” in *Expedition*, 48(2), 2006, p. 35; WEGNER, *op. cit.*, p. 128.

²⁹⁹ Cf. WEGNER, “Tradition and Innovation (...)”, pp. 128-129; WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, pp. 489; 491.

³⁰⁰ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick (...)”, pp. 448-449; WEGNER, “Tradition and Innovation (...)”, p. 128.

corresponderia ao topo – do qual nada restou.³⁰¹ Importa referir que a existência de um único exemplar poderá explicar-se pela possibilidade dos tijolos de nascimento não resistirem ao parto ou pelo facto de terem sido produzidos a partir de um material perecível.³⁰²

Apesar do mau estado de conservação em que o exemplar em causa se encontra, são identificáveis motivos iconográficos nos lados A a E (vd. Anexo 6, Fig. 21). O lado A contém uma cena de nascimento, na qual a figura central é composta por uma mulher, virada para a esquerda, sentada sobre um trono e a segurar uma criança pequena. À esquerda encontra-se outra mulher, aparentemente ajoelhada, com os braços esticados em direcção à figura feminina central. Do lado direito encontra-se mais uma mulher, de pé, voltada para a esquerda e a apoiar as mãos sobre a mulher da figura central. Ambas as figuras laterais assumem posições que sugerem que estariam a prestar auxílio durante o parto. O cabelo das mulheres está pintado de azul, o que aponta para a sua natureza divina. A cena é flanqueada por dois estandartes que terminam com a cabeça da deusa Hathor. Estes, por sua vez, estão associados aos sicómoros que assinalam o local onde Ré nasce diariamente.³⁰³ Com base nestes elementos iconográficos, J. Wegner conclui que:

«At the moment of delivery the mortal mother is symbolically altered into a manifestation of Hathor herself: her hair becomes a divine blue, her seat is a throne, and she sits protected by Hathor standards. This scene is not simply a depiction of the happy results of delivery, but rather a two-dimensional “visual spell” which invokes the presence of Hathor during childbirth and even magically transforms the human mother into the divine being.»³⁰⁴

Deste modo, os elementos iconográficos presentes no lado A do tijolo permitiriam estabelecer um paralelo entre o nascimento da criança e o nascimento do deus do sol. Neste sentido, os tijolos demarcavam o local do parto, tal como o faziam os sicómoros na mitologia.³⁰⁵

No lado B resta apenas o plano inferior da composição. No lado esquerdo são identificadas as pernas de uma figura antropomórfica, do sexo masculino, que provavelmente terá correspondido a uma divindade, como é sugerido pela cauda. No lado

³⁰¹ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 476.

³⁰² Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 475.

³⁰³ Cf. WEGNER, J., “Tradition and Innovation (...)”, p. 129; WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, pp. 452; 455; 459.

³⁰⁴ WEGNER, “Tradition and Innovation (...)”, p. 129.

³⁰⁵ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 463.

direito são identificados os membros inferiores de uma figura zoomórfica, Taueret. Ambas as figuras estão voltadas para direcções opostas.³⁰⁶

O lado C encontra-se relativamente bem conservado face aos restantes, estando em falta apenas o plano superior da composição, isto é, as cabeças de duas figuras aí representadas. À esquerda encontra-se uma figura feminina frontal desnudada, com o peito e ventre demarcados de forma acentuada, com uma tonalidade maioritariamente azulada e a segurar uma serpente em cada mão. Originalmente terá tido uma cabeça com um formato leonino e uma juba ou cabeleira amarela. A identificação desta figura tem suscitado algum debate, sendo equacionada a possibilidade de se tratar de uma versão feminina dos deuses Aha e Bes ou de uma adaptação de divindades estrangeiras. À direita é identificada uma outra divindade, de perfil, com uma forma leonina, que se encontra erguida sobre as patas traseiras e a agarrar uma serpente.³⁰⁷

No lado D, os danos existentes na parte superior da composição são mais extensos. À esquerda é identificada a figura de um babuíno, que se encontra a agarrar uma serpente. A ele segue-se Renenutet, que assume a forma de uma cobra enrolada; um leão, erguido sobre as patas traseiras, a agarrar um inimigo, cuja cabeça decepada se encontra abaixo; e, por fim, uma figura zoomórfica a agarrar uma serpente, que não é possível identificar, dado o seu estado fragmentado.³⁰⁸

Por último, o lado E apresenta danos significativos, que conduziram à perda de grande parte da composição. No plano inferior central são identificáveis traços das patas de um animal quadrúpede, enquanto no plano inferior direito é representado um gato selvagem, com marcas pretas em diversas zonas do corpo, que pode ser interpretado como uma manifestação do deus Ré. Este lado apresenta ainda vestígios de outras figuras, difíceis de interpretar devido ao seu estado de conservação.³⁰⁹

Os motivos iconográficos presentes nos lados B a E têm uma função apotropaica associada ao nascimento e à protecção da mãe e da criança. Como iremos ver posteriormente (ponto 3.2.2.), estes motivos repetem-se noutros tipos de objectos, usados com o mesmo intuito.³¹⁰

³⁰⁶ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 454.

³⁰⁷ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, pp. 454; 467-470.

³⁰⁸ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, pp. 454-455.

³⁰⁹ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, pp. 555; 464-465.

³¹⁰ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick (...)”, pp. 463; 465-467; 471; WEGNER, “Tradition and Innovation (...)”, p. 129.

A existência de tijolos de nascimento está igualmente atestada em fontes textuais, podendo destacar-se, a título de exemplo, o excerto abaixo transcrito, proveniente de uma estela votiva, que integra a colecção do Museo Egizio, Turim, com o número de inventário Cat. 1593 RCGE 5675, datada do Império Novo (XIX dinastia)³¹¹:

«I was in her hand by night as by day,
I sat on bricks like the woman in labor,
I called to the wind, it came not to me,
I libated to the Peak of the West, great of strength,
And to every god and goddess.»³¹²

A estela em causa, na qual Neferabu mandou inscrever um hino a Merseger, demonstra que as mulheres se colocavam em cima dos tijolos no momento do parto.³¹³ Embora o excerto refira que a mulher se sentava sobre a estrutura, é amplamente aceite a teoria de que a mulher se ajoelhava ou acocorava sobre os tijolos. Estas posições facilitarão a prestação de auxílio por parte de outras mulheres à parturiente durante o parto.³¹⁴

Os Autores dividem-se quanto ao número de tijolos que compunham a estrutura sobre a qual a mulher teria a criança, admitindo a possibilidade de terem sido dois ou quatro (no último caso seriam empilhados em conjuntos de dois).³¹⁵

A teoria que defende o uso de quatro tijolos, que tem vindo a conquistar uma maior aceitação na comunidade académica, baseia-se sobretudo em três fontes textuais. A primeira consiste num cântico, datado do Império Antigo (VI dinastia, 2345-2181 a.C.), que faz uma possível alusão a quatro tijolos. A segunda constitui uma passagem do *Papiro Westcar* que A. M. Roth e C. H. Roehrig defendem que deve ser traduzida como “quatro tijolos”, questão que iremos aprofundar posteriormente. A última consiste num encantamento posterior ao Período Dinástico (datado do Período Copta), no qual é feita uma alusão ao uso de quatro tijolos no parto de Maria.³¹⁶ Porém, há uma fonte textual que

³¹¹ Cf.

[http://collezioni.museoegizio.it/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultLightboxView/result.t1.collection_1_ightbox.\\$TspTitleImageLink.link&sp=10&sp=Scollection&sp=SfieldValue&sp=0&sp=3&sp=3&sp=Slightbox_3x4&sp=0&sp=Sdetail&sp=0&sp=F&sp=T&sp=0](http://collezioni.museoegizio.it/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultLightboxView/result.t1.collection_1_ightbox.$TspTitleImageLink.link&sp=10&sp=Scollection&sp=SfieldValue&sp=0&sp=3&sp=3&sp=Slightbox_3x4&sp=0&sp=Sdetail&sp=0&sp=F&sp=T&sp=0)

³¹² LICHTHEIM, M., *Ancient Egyptian Literature*, vol. 2, Berkeley – Los Angeles, University of California Press, 1980, p. 108.

³¹³ Cf. SALES, “Amamentar no Egípto Antigo (...)”, p. 76.

³¹⁴ Cf. ROTH, A. M.; ROEHRIG, C. H., “Magical Bricks and the Bricks of Birth” in *JEA*, 88, 2002, p. 129; WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 472; SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 23.

³¹⁵ Cf. WEGNER, “Tradition and Innovation (...)”, p. 130; WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 472.

³¹⁶ Cf. ROTH; ROEHRIG, *op. cit.*, pp. 130-131.

aparentemente não tem sido considerada, embora, a nosso ver, seja determinante para a discussão. No encantamento mágico do *P. Berlin 3027 5,8-6,8* (caso F) pode ler-se:

«**[Incantation for separating] this [child from] the body of this [woman].** Meskhenet, you have [a soul], spirit, and all that is necessary. Meskhenet, [created] by the hand of Amun, born to Shu and Tefnut. A child is coming! It is known to you, in your name Meskhenet, how to make the spirit for this child that is in the body of this woman. I have prepared for him a royal order for Geb to make for him the soul and spirit and all that is necessary, Nut (to prepare) diapers for the children of this woman. Do not allow any evil thing to be uttered, because you are good. Do not injure the right by the evil mouth. Satisfied! Drive it from him ... Nut, you have taken (to yourself) all of the gods, and their lights are stars. They have not abandoned their stars. Their protection comes so that I can protect this woman. **[This incantation] is recited over two bricks on which** [a woman gives birth...] bird [...] and incense into the fire. Do this enchanting shrouded in a diaper of fine linen and have in your hand a staff of [...].»³¹⁷

O encantamento mágico acima transcrito refere claramente que seriam utilizados dois tijolos de nascimento pela parturiente no momento do parto, sobre os quais ele deveria ser recitado.³¹⁸ Este encantamento teria como intuito não só facilitar o parto³¹⁹, como também incrementar o poder mágico dos tijolos e a sua função protectora.³²⁰ Tendo em consideração que as referências a este tipo de objecto patentes no cântico e no *P. Westcar* são menos evidentes, podendo suscitar dúvidas; que o primeiro encantamento referido é de uma época posterior e que o segundo refere de forma explícita a quantidade de tijolos que seriam utilizados, parece-nos que a segunda teoria deve ser abandonada, em detrimento da primeira, isto é, que se pode afirmar que seriam utilizados dois tijolos.

O seguinte excerto do *P. Westcar* parece sugerir que os tijolos de nascimento tinham uma função adicional no momento que se seguia ao parto:

«Isis placed herself before her, Nephthys behind her, Heket hastened the birth. Isis said: "Don't be so mighty in her womb, you whose name is 'Mighty.' The child slid into her arms, a child of one cubit, strong boned, his limbs overlaid with gold, his headdress of true lapis lazuli. They washed him, having cut his navel cord, and laid him on a pillow of cloth. Then Meskhenet approached

³¹⁷ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 130.

³¹⁸ YAMAZAKI, N., *Zaubersprüche für Mutter und Kind: Papyrus Berlin 3027*, Berlin, Achet Verlag, 2003, p. 26.

³¹⁹ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 176.

³²⁰ Cf. WEGNER, "A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)", p. 478.

him and said: "A king who will assume the kingship in this whole land." And Khnum gave health to his body.»³²¹

O presente excerto, que se reporta ao momento imediatamente a seguir a Rudedet ter dado à luz o seu primeiro filho, Userref, revela-nos que depois de terem sido prestados os devidos cuidados de higiene ao recém-nascido, este foi colocado sobre *a pillow of cloth*. A forma como a expressão egípcia em causa tem sido traduzida tem suscitado algum debate.³²² Staeheln sugeriu que deve ser traduzida como *brick-shaped pillow*, enquanto A. Roth e C. Roehrig defendem a expressão *four bircks*.³²³ Em ambos os casos, neste contexto os tijolos «(...) *formed a platform upon which the infant was laid while its social destiny was determined*». ³²⁴ J. Wegner sugere que podiam ainda ser executados rituais mágicos protectores enquanto a criança estava sobre a plataforma.³²⁵

Anteriormente referimos que os elementos iconográficos e o encantamento mágico atribuíam uma função protectora aos tijolos de nascimento. Importa referir que esta função era ainda reforçada pelo facto de os tijolos de nascimento serem personificados pela deusa Meskhenet, divindade associada ao nascimento, à protecção dos recém-nascidos e à fixação do destino das crianças.³²⁶

O local onde o parto ocorria, e, portanto, onde os tijolos de nascimento teriam sido utilizados, permanece uma incógnita. Não obstante, é sugerida a possibilidade de terem sido colocados nas pérgulas de nascimento, que iremos abordar em seguida³²⁷, ou dentro da habitação.³²⁸ Em oposição, é excluída a hipótese de terem sido usados em cima das estruturas elevadas de Deir el-Medina devido às dimensões destas.³²⁹

³²¹ LICHTHEIM, M., *Ancient Egyptian Literature*, vol.1, Berkeley – Los Angeles, University of California Press, 1980, p. 220.

³²² Para um aprofundamento do debate linguístico em causa, vd. ROTH; ROEHRIG, *op. cit.*, pp. 131-132; WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 478 e TRÓCOLI, *op. cit.*, p. 57.

³²³ Cf. ROTH; ROEHRIG, *op. cit.*, p. 131.

³²⁴ ROTH; ROEHRIG, *op. cit.*, p. 138.

³²⁵ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 478.

³²⁶ Cf. ROTH; ROEHRIG, *op. cit.*, p. 130. Para uma análise mais aprofundada das características da deusa Meskhenet, vd. SALES, *As divindades egípcias (...)*, pp. 326-327. Devemos ainda mencionar que A. Roth e C. Roehrig sugeriram que os quatro tijolos que, de acordo com as mesmas, seriam utilizados no parto, estariam associados a quatro formas diferentes da deusa. Para um aprofundamento desta questão, vd. ROTH; ROEHRIG, *op. cit.*, p. 131

³²⁷ Cf. FRIEDMAN, *op. cit.*, p. 102.

³²⁸ Cf. SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 26.

³²⁹ Cf. KOLTSIDA, “Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? (...)”, p. 170.

3.1.2. Pérgula de nascimento

As fontes materiais e textuais parecem atestar a existência de uma estrutura temporária exterior, que seria erguida no jardim, no pátio ou no telhado das habitações e que, possivelmente, estaria associada ao parto.³³⁰ Esta estrutura tem sido designada como *confinement pavilion*, *arbor*, *birth arbor*, *outdoor birth arbor*, *maternity bower*, *wochenlaube* e *pavilhões de nascimento*. Tendo em conta as suas características, iremos adoptar os termos “pérgula” e “pérgula de nascimento”.³³¹

As fontes materiais que sugerem a existência de pérgulas de nascimento consistem, sobretudo, num conjunto de óstracas com elementos decorativos associados ao parto e à maternidade, provenientes de Deir el-Medina e datadas do Império Novo.³³²

Este tipo de óstracas pode ser exemplificado por aquela que integra a colecção do The British Museum, tendo como número de inventário EA8506 (vd. Anexo 7, Fig. 22). No plano central da composição encontra-se uma mulher, sentada sobre um banco alto e com os pés a repousar sobre uma almofada, a amamentar uma criança. A figura feminina em causa distingue-se pela sua nudez, ostentando apenas alguns adornos, e pelo seu penteado incomum. A cena é enquadrada por uma estrutura, suportada por colunas papiriformes, na qual pendem diversas folhas de convólulos. No plano inferior, igualmente pontuado por convólulos, encontra-se uma serva, possivelmente Núbia, a segurar instrumentos de cosmética. A óstraca em causa tem 16,5 cm de comprimento e 8,9 cm de largura e é datada do Império Novo (possivelmente da XIX ou XX dinastia).³³³ Como vimos anteriormente, a estrutura elevada da Casa I, do Bairro SE de Deir el-Medina apresenta motivos iconográficos semelhantes.

Importa salientar que existe um outro tipo de óstracas, como aquele que integra a colecção do Medelhavsmuseet, de Estocolmo, com o número de inventário MM 144005, anteriormente abordado (capítulo 2, ponto 2.4.). Embora ostentem representações de cenas alusivas ao nascimento, à amamentação e à maternidade, apresentam algumas

³³⁰ Cf. LESKO, “Household and Domestic Religion in Ancient Egypt”, p. 206; FRIEDMAN, *op. cit.*, p. 102.

³³¹ Cf. JANSSEN; JANSSEN, *Growing up and Getting old in Ancient Egypt*, p. 4; FRIEDMAN, *op. cit.*, p. 102; SALES, “Amamentar no Egito Antigo (...)”, p. 77; GRAVES-BROWN, *op. cit.*, p. 63.

³³² Cf. SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 26; FRIEDMAN, *op. cit.*, p. 94.

³³³ Cf.

http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=118195&partId=1&searchText=8506&page=1; ROBINS, *Women in Ancient Egypt*, p. 83; BROOKER, *op. cit.*, pp. 80-81.

diferenças face às primeiras, nomeadamente a peça de mobiliário representada – uma cama com pernas com a forma do deus Bes e não um banco –, a indumentária e adereços da mulher e, por fim, a ausência de folhas de convólculo. A relação existente entre estes tipos de óstracas carece de ser analisada em profundidade.³³⁴

A existência de pérgulas de nascimento parece ser igualmente atestada pelas fontes textuais, nomeadamente pelo encantamento mágico do *P. Leiden I 348* vs. 12, 11-11,1 (caso 33):

«*Another. Rejoicing, rejoicing in heaven, in heaven! Birthgiving is accelerated! Come to me, Hathor, my mistress, in my fine pavilion, in this happy hour, with (?) this pleasant north[wind], like when there is hit [...] ... falcon, like the listening of a dau[ghter (??) to the voice of her mother (??), like the coming (??)] of a husband to his wife! Rejoicing and jubilating to those, mysterious [of forms, splendid (??) of] clothes! You are on your way to a house wit[h ...].*»³³⁵

Este encantamento, destinado a facilitar o parto, refere que a parturiente iria dar à luz num *pavilion* – onde a presença de Hathor era invocada³³⁶ – que parece corresponder às pérgulas de nascimento. Adicionalmente, podemos ainda encontrar uma referência a este tipo de estrutura no seguinte excerto do decreto oracular amulético T. 2 (Museo Egizio, Turim, 1984): «*We shall keep her safe from death in the birth-house*».³³⁷

Apesar das pérgulas de nascimento serem aparentemente atestadas pelas fontes mencionadas, ainda não foram encontrados vestígios arqueológicos que comprovem irrefutavelmente a sua existência. Porém, isso pode dever-se ao facto de terem sido construídas a partir de materiais perecíveis.³³⁸

As fontes textuais e os elementos iconográficos, como a cena de amamentação, os ornamentos e penteados incomuns das mulheres, os instrumentos de cosmética e os convólculos sugerem que as pérgulas consistiam no lugar onde o parto ocorria. Da mesma forma, foi igualmente sugerido que seria o local onde a mulher e a criança passavam o período de isolamento face à família e à sociedade que se seguia ao parto e onde

³³⁴ Actualmente estão a ser desenvolvidos estudos nesse sentido por parte de J. Backhouse. Vd. BACKHOUSE, J., “Figured ostraca from Deir el-Medina” in ABD EL GAWAD, H., ANDREWS, N.; CORREAS-AMADOR, M.; TAMORRI, V.; TAYLOR, J. (eds.), *CURRENT RESEARCH IN EGYPTOLOGY 2011. Proceedings of the Twelfth Annual Symposium*, Oxford – Oakville, Oxbow Books, 2012, pp. 25-39.

³³⁵ BORGHOUTS, *op. cit.*, p. 30.

³³⁶ Cf. BORGHOUTS, *op. cit.*, p. 30.

³³⁷ EDWARDS, *op. cit.*, p. 71.

³³⁸ Cf. MESKELL, *Vies Privées des Égyptiens (...)*, p. 91; MESKELL, “Re-em(bed)ing Sex: Domesticity, Sexuality, and Ritual (...)”, p. 257; SALES, “Amamentar no Egipto Antigo (...)”, p. 77.

realizavam os devidos rituais de purificação.³³⁹ O seguinte excerto do *P. Westcar* indica que este período tinha uma duração de quatorze dias: «*Rudedet cleansed herself in a cleansing of fourteen days*».³⁴⁰ No entanto, M. Brooker alerta que:

«The text (...) refers to the children as being of royal bloodline. It cannot be suggested therefore that this would have been habitual practice throughout Egypt, as royal children may have been treated differently due to their royal heritage and disposition.»³⁴¹

A teoria que defende que as pégulas de nascimento seriam usadas nos dias subsequentes ao parto é colocada em causa por B. S. Lesko, que defende que:

«(...) No woman is going to spend a very cold night on a roof (much less fourteen days and nights) in an open pavilion with her newborn baby, when she can have an enclosed private warm space in the room of her house.»³⁴²

No entanto, deve-se considerar a possibilidade destas estruturas terem sido fechadas, de forma a resguardar a mãe e a criança do frio.³⁴³

Uma interpretação alternativa defende que «(...) *these images are symbolic – they do not necessarily depict a real structure, but are an artistic convention to encode the symbolism of celebration*».³⁴⁴ Neste sentido, as cenas representadas nas óstracas celebravam o nascimento da criança com sucesso, como foi referido anteriormente (capítulo 2, ponto 2.4.).³⁴⁵ No entanto, não devemos ignorar a existência de fontes textuais que parecem atestar a existência de pégulas de nascimento.

³³⁹ Cf. SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 26; TOIVARI-VIITALA, *op. cit.*, p. 176; TRÓCOLI, *op. cit.*, p. 54; FRIEDMAN, *op. cit.*, p. 102; ROBINS, *Women in Ancient Egypt*, pp. 83-84.

³⁴⁰ LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. 1, p. 221.

³⁴¹ BROOKER, *op. cit.*, pp. 35-36.

³⁴² LESKO, “Household and Domestic Religion in Ancient Egypt”, p. 205.

³⁴³ Cf. GRAVES-BROWN, *op. cit.*, p. 64.

³⁴⁴ SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 26.

³⁴⁵ Cf. KEMP, “Wall Paintings from the Workmen's Village at el-'Amarna”, p. 51.

3.2. Amuletos e objectos apotropaicos

3.2.1. Amuletos

No capítulo 2 (ponto 2.3.) demos conta da existência de amuletos com a forma de rã em contexto doméstico. Como foi referido anteriormente, provavelmente estes objectos terão sido utilizados pelas mulheres para promover a fertilidade e para auxiliar durante o parto, podendo representar a deusa Heket.

Pelo que pudemos apurar a partir das informações constantes da base de dados elaborada por S. Mota, no mesmo tipo de contexto foram ainda encontrados dezassete amuletos com a forma de cabeça de vaca. Estes são todos provenientes de Tell el-Amarna, foram feitos a partir de um material não identificado e são datados do Império Novo. Segundo C. Andrews, «*cows' heads with gracefully shaped horns represented the goddess Hathor (...)*». ³⁴⁶ Apesar de não nos ter sido possível aferir se os amuletos em causa têm esta fisionomia, devemos equacionar a possibilidade de representarem igualmente Hathor. Se fosse esse o caso, poderiam ter sido utilizados pelas mulheres para garantir protecção durante o parto e a maternidade, como os demais amuletos com a forma da deusa em questão, como iremos ver adiante. ³⁴⁷

Aos amuletos com a forma de animais encontrados em contexto doméstico somam-se aqueles que tinham a forma de divindades, nomeadamente de Bes, Taueret, Ísis e Hathor.

De acordo com a mesma análise que fizemos *corpus* em causa ³⁴⁸, deste conjunto destaca-se o primeiro, tendo sido identificados trezentos e setenta e cinco amuletos e fragmentos com a sua forma em contexto doméstico. A maior parte dos amuletos de Bes, isto é, trezentos e trinta e sete, são provenientes de Tell el-Amarna. Adicionalmente, foram identificados treze exemplares em Tell el-Muqdam; sete em El-Achmunein; quatro em Akoris; três em Mênfis (Kom Rabia) e Medinet el-Gurob; dois em Sais (Kom Rebwa) e em Sesebi e, por fim, um em Karnak, Mênfis (Kom el-Fakhry), Semna e Chalfak.

³⁴⁶ ANDREWS, *Amulets of Ancient Egypt*, p. 10.

³⁴⁷ Cf. CAPEL; MARKOE, *op. cit.*, p. 70.

³⁴⁸ As informações abordadas nos próximos parágrafos, focadas no material utilizado na produção destes objectos, na sua datação e nas suas diferentes tipologias resultam, igualmente, da nossa análise dos dados recolhidos por S. Mota.

A faiança foi material utilizado com maior frequência no fabrico de amuletos de Bes, uma vez que foi empregue em cento e setenta e nove exemplares. Não obstante, foram ainda identificados oito exemplares produzidos a partir de faiança vidrada; três de cerâmica; dois de esmalte; dois de esteatite e um de cornalina. Seis exemplares eram vidrados e cento e setenta e sete terão sido produzidos a partir de um material não identificado.

A presença de amuletos com a forma deste deus está atestada em contexto doméstico do Império Médio à Época Baixa, períodos dos quais são conhecidos três e catorze exemplares, respectivamente. Importa acrescentar que estão atestados trezentos e quarenta e seis exemplares do Império Novo e doze do Terceiro Período Intermédio.

O *corpus* em causa integra diferentes tipos de amuletos: exemplares que simplesmente representavam o deus Bes; amuletos com perfurações que permitiram a sua suspensão com um cordão; pendentes com a forma da divindade em causa; ou ainda contas, anéis e um escaravelho com representações de Bes.

A título de exemplo, podemos destacar o exemplar que integra a colecção do Medelhavsmuseet, de Estocolmo, tendo como número de inventário MM 30645s, proveniente de uma zona habitacional de Sesebi (vd. Anexo 8, Fig. 25). Este amuleto representa a divindade de perfil e a tocar um instrumento musical, tendo no topo um furo por onde passaria o fio de suspensão. O exemplar em causa tem uma tonalidade azul, foi feito em faiança, tem 1,3 cm de comprimento e 0,6 cm de largura e é datado do Império Novo (XVIII dinastia).³⁴⁹

Podemos ainda destacar um outro exemplar, que embora seja incomum, tem características interessantes, uma vez que, de um lado, tem uma representação do deus Bes e, do outro, de uma forma fálica. Este amuleto é proveniente da zona habitacional de Mênfis (Kom el-Fakhry), sendo a sua localização actual desconhecida, é feito de cerâmica e é datado do Império Médio.³⁵⁰

De acordo com o que apurámos a partir da base de dados em causa³⁵¹, em contexto doméstico foram ainda identificados oitenta e cinco amuletos e fragmentos com a forma da deusa Taueret. Mais uma vez, a maior parte – sessenta e cinco exemplares – é

³⁴⁹ Cf. <http://collections.smyk.se/carlotta-mhm/web/object/3010246>

³⁵⁰ Cf. TAVARES, A.; KAMEL, M., “Short end-of-season Report to the Supreme Council of Antiquities (SCA). Mit Rahina Field School, 2011, AERA/ARCE”, Ancient Egypt Research Associates, 2011, pp. 1-14.

³⁵¹ Mais uma vez, devemos esclarecer que os dados apresentados nos parágrafos seguintes, referentes ao material utilizado na produção dos amuletos em causa e da sua datação, são igualmente resultantes da nossa análise ao *corpus* identificado por S. Mota.

proveniente de Tell el-Amarna, tendo ainda sido identificados seis exemplares em Tell el-Muqdam; três em Medinet el-Gurob; dois em Amara Oeste e um em Akoris, Buhen, Karnak, Lahun, Semna, Sesebi e Chalfak.

Da mesma forma, uma parte significativa dos amuletos de Taueret – trinta e nove exemplares – foi produzida em faiança, embora tenham sido ainda utilizados outros materiais: foram identificados cinco exemplares produzidos a partir de vidro; dois de faiança vidrada; um de madeira; um de calcite e um de cornalina. Dois amuletos são vidrados e trinta e quatro foram feitos a partir de um material não identificado. À semelhança dos amuletos de Bes, os de Taueret estão atestados desde o Império Médio até à Época Baixa, períodos dos quais são datados quatro e sete exemplares, respectivamente, sendo particularmente abundantes no Império Novo. Importa ainda referir que setenta e dois são datados do Império Novo, período que correspondeu ao seu auge; um do Império Novo ou Terceiro Período Intermédio e um do Terceiro Período Intermédio.

Os amuletos com a forma de Taueret podiam igualmente apresentar algumas variações, podendo conter furos por onde passaria o fio que permitira a sua suspensão ou consistir em pendentos ou contas com a forma da deusa. A título de exemplo, podemos destacar o amuleto que integra a colecção do Ägyptisches Museum, de Berlim, com o número de inventário ÄM 36073, proveniente da Casa P.47.1 da Main City de Tell el-Amarna (vd. Anexo 8, Fig. 26). Este exemplar representa Taueret sob a forma de um hipopótamo erguido, tem uma tonalidade azulada e amarelada, tem 3,1cm de altura e 1,4 cm de largura e é datado do Império Novo.³⁵²

Os amuletos com a forma do deus Bes e de Taueret poderiam ser usados tanto por mulheres como por crianças e garantiam a sua protecção durante a gravidez, o parto e a «primeira infância».³⁵³

Em contexto doméstico, pelo que pudemos apurar a partir do levantamento de dados realizado por S. Mota, foram ainda identificados quarenta e nove amuletos de Hathor. Destes, quarenta e quatro dos quais são provenientes de Tell el-Amarna, que mais uma vez se destaca dos restantes povoados; três de Semna; um de Amara Oeste e um de Deir el-Medina. O material utilizado no fabrico deste tipo de objectos é menos variado, uma vez que foram identificados vinte e três exemplares de faiança e um de calcário.

³⁵² Cf. <http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&lang=en>

³⁵³ Cf. ROBINS, “Women and Children in Peril (...)”, pp. 29-30; ALLEN, J. P., *The Art of Medicine in Ancient Egypt*, New York, Metropolitan Museum of Art, 2005, p. 23.

Importa ainda referir que não foi possível apurar o material utilizado em vinte e cinco amuletos, isto é, metade do *corpus* em questão. Os amuletos de Hathor estão atestados apenas no Império Médio e no Império Novo, períodos dos quais são datados três e quarenta e seis exemplares, respectivamente. A maior parte dos amuletos em questão representam apenas da cabeça de Hathor, ainda que outros pudessem ter a forma de pendentes ou anéis.

A título de exemplo, podemos destacar o amuleto que integra a colecção do Ägyptisches Museum, de Berlim, com o número de inventário ÄM 34983, proveniente da Casa P.47.1 da Main City de Tell el-Amarna (vd. Anexo 8, Fig. 27). À semelhança da maior parte dos amuletos de Hathor, este apresenta apenas a cabeça da deusa. O exemplar em causa tem uma tonalidade azulada, foi produzido a partir de faiança, tem 1,3 cm de altura e 0,7 cm de largura e é datado do Império Novo.³⁵⁴ Os amuletos de Hathor, como este, podiam ser utilizados pelas mulheres durante o parto, de modo a obter protecção, e estavam ainda associados à maternidade.³⁵⁵

Por fim, de acordo com a nossa análise, os amuletos com a forma da deusa Ísis estão atestados de forma escassa em contexto doméstico, sendo conhecidos apenas cinco exemplares, dos quais três são provenientes de El-Achmunein, um de Tell el-Amarna e um de Tell el-Muqdam. O material utilizado na produção deste tipo de amuletos é, novamente, pouco diversificado, uma vez que dois exemplares foram feitos em faiança e três numa conjugação de faiança e bronze. Os amuletos com a forma de Ísis estão atestados apenas no Império Novo e na Época Baixa, períodos dos quais são datados quatro e um exemplares, respectivamente. Os amuletos de Ísis podiam ser usados tanto por mulheres como por crianças.³⁵⁶

Importa referir que foram ainda encontrados três amuletos com a forma de Bes e Taueret e um amuleto com a forma de Taueret e Hathor, todos datados do Império Novo. Deste conjunto, dois – pendentes com a forma de Taueret e Bes – são provenientes de Medinet el-Gurob e resultam de uma combinação de um material vidrado e de pedra. O restante amuleto com a forma de Taueret e Bes e o amuleto de Taueret e Hathor são oriundos de Tell el-Amarna. Os seus materiais não foram devidamente identificados. Por

³⁵⁴ Cf. [http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultLightboxView/result.t1.collection_lightbox.\\$TspTitleImageLink.link&sp=10&sp=Scollection&sp=SfieldValue&sp=0&sp=0&sp=3&sp=Slightbox_3x4&sp=0&sp=Sdetail&sp=0&sp=F&sp=T&sp=0](http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultLightboxView/result.t1.collection_lightbox.$TspTitleImageLink.link&sp=10&sp=Scollection&sp=SfieldValue&sp=0&sp=0&sp=3&sp=Slightbox_3x4&sp=0&sp=Sdetail&sp=0&sp=F&sp=T&sp=0)

³⁵⁵ Cf. MESKELL, *Vies Privées des Égyptiens (...)*, p. 86; CAPEL; MARKOE, *op. cit.*, p. 70.

³⁵⁶ Cf. ANDREWS, *Amulets of Ancient Egypt*, p. 48.

fim, foi identificado um outro amuleto que terá representado Ísis ou Hathor, sendo igualmente datado do Império Novo. O amuleto em causa é proveniente de Tell el-Amarna e foi produzido em esmalte.

3.2.2. Objectos apotropaicos

A par dos amuletos, as mulheres e as crianças podiam utilizar objectos apotropaicos como as presas de hipopótamo de nascimento e as barras de nascimento para garantir a sua protecção e sobrevivência, uma vez que, como a própria designação indica, o seu principal intuito seria evitar ou afastar o mal.³⁵⁷

O primeiro tipo de objectos tem sido frequentemente designado como *magic wand* ou ainda como *apotropaic wand*, *flat wands*, *magical knives*, *knives*, entre outros.³⁵⁸ Porém, S. Quirke defende que estes termos são desadequados. Segundo o Autor, tendo em consideração o material e a forma da maioria dos exemplares conhecidos, bem como a sua função, devemos utilizar a designação alternativa *birth hippopotamus-tusks*, posicionamento no qual nos revemos.³⁵⁹

As presas de hipopótamo de nascimento consistiam em objectos curvos, com pontas arredondas ou, em alguns casos, pontiagudas. Normalmente, as presas continham motivos iconográficos – em ambos os lados ou apenas à frente – que se assemelhava às figuras apotropaicas representadas no tijolo de nascimento, abordadas anteriormente.³⁶⁰ Estas figuras eram as mesmas que na mitologia auxiliam Ré a neutralizar os perigos e obstáculos ao seu ciclo diário. Deste modo, através da iconografia havia uma identificação da criança «(...) *with the sun-Re, who was threatened in his youth (...). As he survived, so by inference will the new-born child be safe*».³⁶¹ Alguns exemplares

³⁵⁷ Cf. SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 27.

³⁵⁸ Cf. STEVENS, “Domestic Religious Practices”, p. 8; WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 447; WEGNER, “Tradition and Innovation (...)”, p. 125; JANSSEN; JANSSEN, *Growing up and Getting old in Ancient Egypt*, p. 8.

³⁵⁹ Cf. SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 27.

³⁶⁰ Cf. DASEN, *op. cit.*, p. 68; WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 448. A título de exemplo, são frequentes as representações de rãs, gatos e escaravelhos - associados a Heket, Ré e Khepri, respectivamente –, leões, crocodilos, esfinges e ainda figuras com a forma de hipopótamos e anões que mais tarde são usadas para representar Taueret e Bes, respectivamente. Adicionalmente podiam ainda conter representações de facas e os símbolos do olho *udjat*, *ankh* e *sa*, sendo que os dois últimos significam “vida” e “protecção”. Cf. JANSSEN; JANSSEN, *op. cit.*, p. 8; TRÓCOLI, *op. cit.*, p. 59; ROBINS, *Women in Ancient Egypt*, p. 87; SZPAKOWSKA, *op. cit.*, pp. 27-30.

³⁶¹ JANSSEN; JANSSEN, *op. cit.*, p. 9.

continham ainda inscrições cujo tamanho podia variar e que podiam indicar o nome da criança ou da mãe ou, ainda, que o objecto se destinava à sua protecção.³⁶²

Praticamente todos os exemplares conhecidos foram produzidos a partir de marfim, mais concretamente, de presas de hipopótamo, o que fazia com que o objecto ficasse «(...) *automatically imbued with the aggressive protection of the animal and the deity [Seth], whether used for the defense of mothers and children, or for other religious purposes*».³⁶³ Não obstante alguns exemplares foram produzidos a partir de outros materiais como madeira, travertino, calcite e faiança.³⁶⁴ Este tipo de objectos é datado do Império Médio e do Segundo Período Intermédio e é proveniente, sobretudo, do contexto funerário.³⁶⁵

Apesar de não ser oriundo de contexto doméstico, devemos destacar o exemplar que integra a colecção do The Metropolitan Museum of Art, de Nova Iorque, com o número de inventário 08.200.19, proveniente de Licht Sul. Esta presa tem um formato curvo, com uma ponta arredondada e a outra pontiaguda. Na parte da frente (vd. Anexo 9, Fig. 28) contém representações de diversas figuras como babuínos, leões, hipopótamos e abutres, alguns dos quais carregam facas, e dos símbolos *ankh* e olho *udjat*.³⁶⁶ Na parte de trás (vd. Anexo 9, Fig. 29), foi gravada a seguinte inscrição: «*Recitation by the many protectors: We have come that we may extend our protection around the healthy child Minhotep, alive, sound, and healthy, born of the noblewoman Sitsobek, alive, sound, and healthy.*»³⁶⁷ O exemplar em causa foi feito a partir de marfim de hipopótamo, tem 16 cm de altura, 33,5 cm de comprimento e 0,6 cm de espessura e é datado do Império Médio (XII dinastia).³⁶⁸

Segundo o levantamento de dados efectuado por S. Mota, em contexto doméstico foi encontrado um único exemplar intacto com características algo semelhantes às presas de hipopótamo de nascimento, proveniente de Medinet el-Gurob, que actualmente integra a colecção do Petrie Museum of Egyptian Archaeology, com o número de inventário

³⁶² Cf. Para mais detalhes sobre as inscrições vd. JANSSEN; JANSSEN, *Growing up and Getting old in Ancient Egypt*, pp. 8-9; SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 29 e ROBINS, *Women in Ancient Egypt*, p. 87.

³⁶³ SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 28.

³⁶⁴ Cf. JANSSEN; JANSSEN, *Growing up and Getting old in Ancient Egypt*, p. 8; CAPEL; MARKOE, *op. cit.*, p. 64.

³⁶⁵ Cf. ROBINS, *Women in Ancient Egypt*, p. 87.

³⁶⁶ Cf. <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/544149?rpp=30&pg=1&ft=08.200.19&pos=1>

³⁶⁷ <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/544149?rpp=30&pg=1&ft=08.200.19&pos=1>

³⁶⁸ <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/544149?rpp=30&pg=1&ft=08.200.19&pos=1>

UC16066 (vd. Anexo 9, Fig. 30). Este exemplar tem igualmente um formato curvo, com uma ponta arredonda e a outra pontiaguda. No entanto, não contém os motivos iconográficos típicos deste tipo de objecto, tendo apenas a seguinte inscrição: «*Hu, the son of the kas of Urt.Hekau*». ³⁶⁹ Este exemplar foi feito em madeira e é datado do Império Novo. As suas dimensões são desconhecidas. ³⁷⁰

Adicionalmente foram ainda encontrados dois fragmentos em Lahun, que actualmente integram a colecção do The Manchester Museum, com os números de inventário EGY 180 A (vd. Anexo 9, Fig. 31) e EGY 180 B (Anexo 9, Fig. 32), respectivamente. O primeiro exemplar tem uma curvatura reduzida e padrões diagonais e verticais, bem como um círculo, tendo 12,6 cm de comprimento e 2,3 cm de largura. ³⁷¹ O segundo tem padrões circulares e tem 6 cm de comprimento. ³⁷² Ambos foram feitos a partir de marfim e são datados do Império Médio (XII dinastia). ³⁷³

Os três exemplares em causa apresentam diferenças significativas das presas mais comuns, sobretudo devido à ausência e ou disparidade dos motivos iconográficos. No primeiro caso, as diferenças pautam-se ainda pela datação e material utilizado. Não obstante, parecem corresponder ao mesmo tipo de objectos, devendo-se considerar a possibilidade de terem sido variantes das presas. Os sinais de desgaste, de danos e de consequentes reparações que algumas presas apresentam e a sua presença quer em contexto doméstico quer em contexto funerário sugere que as presas de hipopótamo de nascimento terão sido utilizadas tanto em vida como na morte. ³⁷⁴

As características das presas de hipopótamo de nascimento – as imagens, as inscrições e o material ³⁷⁵ – indicam que «(...) *the principal role of these wands was in protective rituals associated with pregnancy, childbirth and early childhood*». ³⁷⁶ No

³⁶⁹ <http://petriecat.museums.ucl.ac.uk/detail.aspx#>

³⁷⁰ Cf. <http://petriecat.museums.ucl.ac.uk/detail.aspx#>. O *website* em causa, respeitante ao The Petrie Museum of Egyptian Archaeology, não fornece indicações relativas às dimensões deste exemplar.

³⁷¹ Cf.

<http://harbour.man.ac.uk/mmcustom/Display.php?irn=105092&QueryPage=%2Fmcustom%2FHumDtlQuery.php>

³⁷² Cf.

<http://harbour.man.ac.uk/mmcustom/Display.php?irn=105093&QueryPage=%2Fmcustom%2FHumDtlQuery.php>

³⁷³

<http://harbour.man.ac.uk/mmcustom/Display.php?irn=105092&QueryPage=%2Fmcustom%2FHumDtlQuery.php>;

<http://harbour.man.ac.uk/mmcustom/Display.php?irn=105093&QueryPage=%2Fmcustom%2FHumDtlQuery.php>

³⁷⁴ Cf. STEVENS, “Domestic Religious Practices”, p. 8; TEETER, *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, p. 169.

³⁷⁵ Cf. TRÓCOLI, *op. cit.*, p. 59.

³⁷⁶ WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 447.

entanto, a forma como eram usadas permanece por apurar.³⁷⁷ Tendo em conta a sua forma, alguns Autores equacionaram a possibilidade de terem sido colocadas sobre o ventre da grávida ou sobre a criança.³⁷⁸ Por seu turno, os sinais de desgaste latentes nas pontas de alguns exemplares sugerem que seriam utilizados para desenhar círculos protectores e apotropaicos no chão à volta do local onde a mulher dava à luz ou onde a criança descansava ou dormia.³⁷⁹ K. Szpakowska sugere a possibilidade de este círculo ter sido activado por um encantamento mágico.³⁸⁰ Porém, até à data, não foi possível identificar nenhum encantamento com essa função. No plano funerário, a presas teriam como função proteger o morto, assegurando o renascimento.³⁸¹

O segundo tipo de objectos apotropaicos que podia ser utilizado tem sido designado sobretudo como *amuletic rods*, *magic rods* e *birth rods*, denominação à qual iremos dar preferência. As barras de nascimentos eram compostas por um conjunto de segmentos paralelepípedos – possivelmente quatro – que eram unidos entre si com o auxílio de cavilhas.³⁸² Normalmente os segmentos exibem elementos iconográficos semelhantes àqueles que estavam presentes no tijolo de nascimento e nas presas de hipópótamo de nascimento.³⁸³ O mesmo tipo de figuras – com uma forma tri-dimensional – podia ainda ser anexado no topo de cada segmento.³⁸⁴ As barras de nascimento podiam ser produzidas a partir de marfim, esteatite vidrada, faiança, osso ou ébano.³⁸⁵ Estes objectos apotropaicos são datados apenas do Império Médio³⁸⁶ e são provenientes, sobretudo, do contexto funerário.³⁸⁷

³⁷⁷ Cf. STEVENS, “Domestic Religious Practices”, p. 8.

³⁷⁸ Cf. JANSSEN; JANSSEN, *Growing up and Getting old in Ancient Egypt*, p. 9.

³⁷⁹ Cf. SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 27; GRAVES-BROWN, *op. cit.*, pp. 62-63; TEETER, *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, p. 169.

³⁸⁰ Cf. SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 27.

³⁸¹ Cf. SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 29. Foram ainda consideradas outras hipóteses que têm sido menos abordadas, como a colocação das presas junto da cama ou o uso na protecção contra doenças e serpentes. A propósito destas hipóteses, vd. LEGGE, F., “The Magic Ivories of the Middle Empire III” in *PSBA*, 28, 1906, p. 168; STEINDORFF, G., “The Magical Knives of Ancient Egypt” in *Journal of the Walters Art Gallery*, 9, 1946, p. 107; DASEN, *op. cit.*, p. 70; WEGNER, “Tradition and Innovation (...)”, p. 126; BOUWER, D. S., *Ancient Egyptian Health Related to Women: Obstetrics and Gynaecology*, [s.l.], [s.n.], 2012, p. 190.

³⁸² Cf. TRÓCOLI, *op. cit.*, p. 60; WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 473. De acordo com A. Stevens, os segmentos podiam ser rectangulares ou cilíndricos. Cf. STEVENS, “Domestic Religious Practices”, p. 8.

³⁸³ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 473.

³⁸⁴ Cf. SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 30; WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 473.

³⁸⁵ Cf. STEVENS, “Domestic Religious Practices”, p. 8; WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 473; GRAVES-BROWN, *op. cit.*, p. 63.

³⁸⁶ SZPAKOWSKA, *op. cit.*, p. 30.

³⁸⁷ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 474.

De acordo com o levantamento de dados efectuado por S. Mota, em contexto doméstico foi identificado apenas um segmento, em Lahun, que integra a colecção do The Petrie Museum of Egyptian Archeology, com o número de inventário UC16685 (vd. Anexo 9, Fig. 33). Este exemplar apresenta uma única figura, com a forma de um leão, possivelmente foi feito a partir de marfim de hipopótamo, tem 11 cm de comprimento e é datado do Império Médio.³⁸⁸

À semelhança do que aconteceu com este caso, a maior parte dos exemplares foram encontrados separados. Ainda assim, existe um exemplar completo, que integra a colecção do The Metropolitan Museum of Art, de Nova Iorque, com o número de inventário 26.7.1275a-j (vd. Anexo 9, Fig. 34). Apesar de não ter sido encontrado em contexto doméstico, deve ser tomado em consideração, tendo em conta a sua excepcionalidade. Este exemplar, composto por quatro segmentos, tem representações de figuras apotropaicas como leões, crocodilos, babuínos e de símbolos como o olho *udjat* em ambos os lados. Adicionalmente, tem figuras de leões, de crocodilos, de rãs e de uma tartaruga anexadas no topo.³⁸⁹ Este exemplar foi feito a partir de esteatite vidrada, tem 27,5 cm de comprimento e 2,3 cm de largura e é datado do Império Médio (XII dinastia, reinado de Senuseret III, 1870-1831 a.C.).³⁹⁰

O modo como as barras de nascimento seriam utilizadas permanece por apurar.³⁹¹ R. Ritner sugeriu que «(...) *these rectangular rod segments may in fact represent miniature versions of meskhenet bricks combined into a magical wand that was both conceptually and functionally linked with the actual birth bricks*».³⁹² Porém, não devemos ignorar a possibilidade de poderem ter sido utilizados dois tijolos de nascimento e não quatro, como defendemos anteriormente. No entanto, isso não inviabiliza a provável relação existente entre estes objectos e os tijolos de nascimento.

Por fim, devemos ainda ter em consideração que, como abordamos anteriormente (capítulo 2, ponto 2.2.1.), foi encontrado num túmulo do Ramesseum um conjunto de objectos – entre os quais figuras femininas, presas de hipopótamo de nascimento e barras de nascimento – alegadamente pertencentes a um mágico.³⁹³ Deste modo, J. Wegner

³⁸⁸ Cf. <http://petriecat.museums.ucl.ac.uk/detail.aspx#>

³⁸⁹ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 473; PINCH, *Magic in Ancient Egypt*, p. 79.

³⁹⁰ Cf. <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/544110?=&imgno=6&tabname=object-information>

³⁹¹ Cf. TEETER, *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, p. 167.

³⁹² WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, pp. 473-474.

³⁹³ Cf. WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 474.

defende que se deve equacionar a possibilidade das barras de nascimento terem sido «(...) *an integral part of the magical “kit” of Middle Kingdom ritual practitioners. Form and imagery may imply that these rods were used as part of rituals that served to impart the protective powers of birth-bricks*». ³⁹⁴

3.3. Encantamentos mágicos

Os encantamentos mágicos que deveriam ser recitados durante a gravidez são escassos (vd. Anexo 10, Tab. 3). De acordo com H. Vymazalová e E. Strouhal, são conhecidos quatro encantamentos que se destinavam a travar hemorragias de mulheres, provavelmente gestantes. ³⁹⁵ No *P. Londres BM 10059* 13,9-13,14 (caso 40) pode ler-se:

«[...] back [...] back, you who come! Back. [...] The gods who are at the head of Iunu (=Heliopolis) have been turned back. Do not fear, boy, I have brought you the best yarn, feathers of the black swallow, hair of a fair ass, and the liver of a turtle. Recite what I have told you. Entry of those who come into (him) and come out of him.

This incantations (should be) recited above the best yarn, feathers of the black swallow, hairs of a fair ass, and the liver of a turtle, [a bundle rolled] to the left on which four knots have been made. Grease with pig liver and put it in the woman's rectum to turn away all blood and all enchantments. It is also (a preparation for) strengthening the egg and against dreaming. This incantation is recited over each knot.» ³⁹⁶

A parte inicial deste encantamento perdeu-se, pelo que não é possível interpretar na íntegra a alusão mítica que é feita. Não obstante, a descrição do procedimento a ser adoptado para travar a hemorragia conservou-se integralmente, revelando-nos que um dos métodos empregues neste tipo de situações consistia na inserção de um tampão – sobre o qual o encantamento devia ser recitado – no ânus da mulher. Durante a sua produção, deviam ser dados quatro nós no tampão. Este devia ainda ser esfregado com fígado de porco. Este encantamento podia ser usado em simultâneo contra a hemorragia, encantamentos e sonhos e, ainda, para fortalecer o feto, como é indicado no final. ³⁹⁷ No

³⁹⁴ WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, p. 474.

³⁹⁵ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 167.

³⁹⁶ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 123-124.

³⁹⁷ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 167.

encantamento constante no *P. Londres BM 10059* 13,14-14,1 (caso 41), o procedimento destinado a travar a hemorragia é similar:

«Another (method) for turning away bleeding:
Anubis came forth to prevent the flood from entering the pure territory of
(the goddess) Tayet and thus to protect what is in her.
**This incantation is recited over linen yarn on which a knot has been
made. Place inside her vagina.**»³⁹⁸

Neste encantamento há uma analogia entre a inundação que Anúbis impede de chegar até ao território de Tayet e a hemorragia da mulher que deve ser parada.³⁹⁹ A escolha das divindades intervenientes é relevante, uma vez que:

«(...) Tayet was the patron goddess of fabrics and hence could increase the magical power of the linen tampon. For her protective abilities, she was sometimes identified with the goddess Isis or Hathor (...). The jackal god Anubis protected Isis and the child Horus when they were hiding in the papyrus bushes of the Nile Delta (...).»⁴⁰⁰

No encantamento em causa, a hemorragia deve ser parada com a inserção na vagina de um tampão, feito de linho e com um nó, sobre o qual ele deveria ser recitado. O encantamento presente no *P. Londres BM 10059* 14,1-14,2 (caso 42) (vd. capítulo 1, ponto 1.2.2.1.), apresenta semelhanças significativas, uma vez que faz uma analogia idêntica, invocando os mesmos deuses, e implica igualmente a inserção de um tampão de linho, ainda que com dois nós, na vagina. Adicionalmente, este caso menciona pessoas mortas e deuses como causadores da hemorragia, algo que não ocorre no anterior. Posto isto, podemos afirmar que um dos procedimentos adoptados em caso de hemorragia seria a inserção de um tampão, cujo número de nós era variável, no ânus ou na vagina da mulher, que se acreditava que estavam ligados.⁴⁰¹ Por fim, o encantamento mágico presente no *P. Londres BM 10059* 14,5-14,8 (caso 45) apresenta diferenças significativas face aos restantes mencionados:

«**Enchanting the womb:**
You ... who have darkened for her, stretch this womb, descend to (your) place,
and make your horn high. Raise your horn like Sekhathor. Horn against horn,
shoulder against shoulder. The bowels of the rectum and belly have been as if

³⁹⁸ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 124.

³⁹⁹ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 167.

⁴⁰⁰ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 167.

⁴⁰¹ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 167.

[bound] since the time that what is has existed, because of the coming of the flood inside to close the mouth of the womb as Lower Egypt is closed in south Djadja, and as a mouth of a valley is closed.
Give [...] wound to the left.»⁴⁰²

Mais uma vez, é feito um paralelo entre a inundação do Nilo e a hemorragia da mulher. No entanto, os contornos em que a sua descrição é feita são diferentes, sendo dado um ênfase a Sekhat-Hor, «(...) *the celestial cow identified with Isis and Hathor, who fed with her milk the Egyptian ruler as well as all of the people*». ⁴⁰³ A parte final deste encantamento perdeu-se, pelo que não é possível aferir o método concreto que deveria ser adoptado para parar a hemorragia. No entanto, H. Vymazalová e E. Strouhal defendem que esse objectivo seria concretizado através do fecho da vagina. ⁴⁰⁴ Por fim, no *P. Brooklyn 47.218.2 x+II*, 1-9 encontramos um outro encantamento mágico associado à gravidez:

«Autre **formule** : Ô cette femme, ta protection a été pourvue par Horus, ta protection a été consacré par Seth, tes formules magiques ont été mises en bandelettes par les *Khebkhebous*, sur leur mère [Isis], la grande, qui est au milieu du fleuve, prégnante de ces quatre [dieux], la succession d'Haroéris, qui protège [son père] de ses ennemis, à savoir Amset, Apy, Douamoutef, Qebehsenouf. C'est Isis cette femme, [...puisse-t-elle dire :] 'que vive [éternellement] celui qui est dans son ventre, à savoir cet enfant mâle'. [Ils] se réjouissent à propos de ce qui est en lui (*i.e.* le ventre ?), comme ils se réjouissent à propos d'Isis qui est dans le canal du lieu divin, étant prégnante, se cachant devant son frère Seth. Ils ne seront pas malades ! Ils ne seront pas agités ! Ils ne jetteront pas à terre ce qui est en eux !

Puisse-t-elle s'éveiller apaisée, puisse son corps s'éveiller apaisé, puisse son utérus s'éveiller apaisé, puisse le devant de son vagin s'éveiller apaisé, puisse ce qui est entre ses jambes s'éveiller apaisé, puisse ce qui est dans son giron s'éveiller apaisé. Vous ne serez pas inconscients et vous ne jetterez pas à terre ce qui est en eux. Ô cette femme, ta protection c'est la protection d'Isis qui est dans le canal du lieu divin. Horus, Osiris, Thot et Horus (*-wr* ?) sont ta protection, ils accomplissent ta protection en tant qu'actions d'Isis, ils accomplissent ta protection avec le tendon qui est dans les chevilles d'Osiris.

Paroles à dire sur un 'tendon-de-phénix', fait en sept nœuds, donné à la femme, pour son anus. S'il n'y a pas de 'tendon-de-phénix [...]...»⁴⁰⁵

No encantamento em causa – destinado a proporcionar uma gestação tranquila – é feita uma analogia entre Ísis, cuja gravidez é perturbada por Set e a mulher gestante. ⁴⁰⁶ Uma parte da descrição do procedimento a ser adoptado não se preservou integralmente.

⁴⁰² STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 124.

⁴⁰³ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 167.

⁴⁰⁴ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 167.

⁴⁰⁵ GUERMEUR, "Entre Magie et Médecine (...)", pp. 14-15.

⁴⁰⁶ Cf. GUERMEUR, "Entre Magie et Médecine (...)", p. 15.

Não obstante, parece-nos fazer uma alusão a um tampão, no qual eram feitos nós, que deveria ser inserido no ânus da mulher, à semelhança do que vimos no primeiro caso referido. Deste modo, este encantamento poderá ter sido recitado de forma a evitar um aborto espontâneo.

O *corpus* conhecido de encantamentos mágicos que deveriam ser recitados durante o parto ou nos momentos que o antecediam ou sucediam é mais significativo, sendo conhecidos pelo menos dezanove exemplares (vd. Anexo 10, Tab. 3). No *P. Brooklyn 47.218.2* x+III, 10- x+IV, 2 encontramos o seguinte encantamento que, não obstante a sua extensão, reproduzimos na íntegra:

«Autre amulette destinée à une femme dont les enfants viennent au monde sans que vive sa progéniture. Ô Rê, ô Atoum, ô Khépry, ô Chou, ô Tefnout, ô Geb, ô Nout, ô Osiris, ô Isis, ô Bê, ô Nephthys, ô les dieux et déesses qui sont dans le ciel et dans la terre, voyez-vous ce qu'un ennemi, une ennemie, un mort et une morte, et ainsi de suite, les dieux, les gens, les hommes, les femmes qui accomplissent toutes sortes de méfaits ont fait contre Unetelle née d'Unetelle ? Ils ne permettent pas que vive pour elle un fils ou bien une fille ! Et voilà que les âne(s) entendirent cela et aussitôt les âne(s) moururent et leurs ânes trépassèrent. Donc ce pays sera privé d'incarnation de Seth ! Comment se comportera donc ce pays sans que n'y existe plus d'incarnation de Seth ? Et voilà que les ovins entendirent cela et aussitôt les ovins moururent et leurs agneaux trépassèrent. Donc ce pays sera privé d'incarnation de Ba ! Comment se comportera donc ce pays sans que n'y existe plus d'incarnation de Ba ? Et voilà que les bovin[s] entendirent cela et aussitôt les bovins moururent et leurs veaux trépassèrent. Donc ce pays sera privé d'incarnation d'Apis ! Comment se comportera donc ce pays sans que n'y existe plus d'incarnation d'Apis ? Et [voilà que] les caprins [entendirent ce]la et aussitôt les caprins mou[rurent] et [leurs] chevreau[x] trépassèrent. Donc ce pays sera privé d'incarnation d'Ounout ! Comment se comportera donc ce pays sans que n'y existe plus d'incarnation d'Ounout ? [Et voilà que les porc]s entendirent cela et aussitôt les porcs moururent et leurs porcelets [trépassèrent]. Donc ce pays sera privé d'incarnation de Chésémou ! [Comment] se comportera donc ce pays sans que n'y [existe] plus d'incarnation de [Chésémou] ? Et voilà que les chie[ns] entendirent cela [et aussitôt les chiens moururent] et [leurs chiots] trépassèrent. Donc ce pays sera privé [d'incarnation de Ba]ba ! Comment [se comportera donc ce pays] sans que n'y existe plus d'incarnation de Ba[ba] ? Et voilà que [les] poisson[s] entendirent cela et aussitôt les poissons [moururent] et [leurs] alevins trépassèrent. Donc [ce] pays [sera privé d'incarnation de] Sobek ! Comment se comportera donc (ce) pays [sans que] n'y [existe plus d'incarnation de Sobek] ? Et voilà que [les oiseaux] entendirent [ce]la [et aussitôt les oiseau]x [moururent] et [leur oisillon]s trépassèrent. Donc ce pays [sera privé d'incarnation de Sekh[et]] ! [Comment] se comportera donc [ce] pays sans que n'y [existe plus d'incarnation de] Sekhet ?

[Et voilà que les serpents entendirent cela] et [aussitôt les serpents] moururent et [leurs serpents] enfants trépassèrent. [Donc] ce pays sera privé d'incarnation de [Ouadjyt ! Com]ment [se comportera donc ce pays sans que n'y] existe plus d'incarnation de Ouadj[yt] ?

[Et voilà que] les souris [entendirent] cela et aussitôt [les souris] moururent et leurs [souris]ceaux trépassèrent. [Donc ce pays sera privé d'incarnation de] Âmâm ! [Comment] se comportera [donc ce pays] sans que n'y existe plus d'incarnation de Âm[âm] ?

[Quant à] ce qu'ils ont fait [contre] les [dieux] et les déesses [toutes mauvaises choses...] tous les esprits âkhous [...afin] de sauver le ventre [d'Unetelle née d'Unetelle...] la nuit, le jour, à chaque instant, pendant ce mois, pendant cette fête du 15^e jour du mois, pendant cette année, et ce qui en dépend (*i.e.* les jours épagomènes).

À réciter sur une entrave en saule, une houe en [...fi]celées avec du «tendon-de-phénix» sur une toile grossière de fil noir. Oindre la tête de la femme avec du suif de petit bétail. Placer l'amulette à son cou.»⁴⁰⁷

O encantamento em causa destina-se a impedir que as crianças nasçam mortas, referindo que, quando isso ocorre, diversos animais e as respectivas crias também morrem.⁴⁰⁸ Deste modo, este encantamento «(...) *est donc celle de la menace d'un bouleversement cosmique adressée à l'Ennéade héliopolitaine que l'on a prise à témoin d'iniquité de la situation et dont on espère un secours*».⁴⁰⁹

O local onde o parto ia ocorrer podia ser protegido através de encantamentos, como aqueles que constam no *P. Brooklyn 47.218.2* x+IV, 7-8 e no *P. Brooklyn 47.218.2* x+V, 7-13.⁴¹⁰ Tendo em consideração as semelhanças existentes entre ambos, iremos apenas destacar o primeiro, onde se pode ler:

«**Chapitre de protéger la chambre de la parturiente** : Unetelle née d'Unetelle dort sur une natte de roseaux (variante: une natte pure d'alfas), tandis qu'Isis se tient en son giron, que Nephthys se tient derrière elle, Hathor étant sous sa tété et Rénénoutet sous ses jambes ; Ipetouret assurant sa protection et les dieux et déesses la gardant. Au cas où viendrait un ennemi, une ennemie, un mort, une morte, un adversaire, une adversaire, et ainsi de suite, tout chose mauvaise et douloureuse qui surviendrait contre Un(e)tel(le) né(e) d'Unetelle, à l'heure de jour, **alors les sept combattantes (flèches) seront très efficaces** en repoussant un adversaire d'Unetelle née d'Unetelle, chacune d'entre elles assurant sa protection.»⁴¹¹

⁴⁰⁷ GUERMEUR, «À Propos d'un Passage du Papyrus Médico-Magique de Brooklyn 47.218.2 (X+III, 9 – X+IX, 2) », pp. 543-549.

⁴⁰⁸ Cf. GUERMEUR, «Entre Magie et Médecine (...)», pp. 15-16; GUERMEUR, «À Propos d'un Passage du Papyrus Médico-Magique de Brooklyn 47.218.2 (X+III, 9 – X+IX, 2) », pp. 552-554.

⁴⁰⁹ GUERMEUR, «À Propos d'un Passage du Papyrus Médico-Magique de Brooklyn 47.218.2 (X+III, 9 – X+IX, 2) », p. 552.

⁴¹⁰ Cf. TÖPFER, *op. cit.*, pp. 330-331.

⁴¹¹ GUERMEUR, «Entre Magie et Médecine (...)», p. 16.

O encantamento em causa destina-se a proteger a divisão onde a parturiente dá à luz⁴¹², garantindo a presença de diversas divindades, como Isis, Néftis, Renenutet e Ipeturet e a não interferência de inimigos, mortos, adversários ou qualquer outra pessoa que pretenda prejudicar o recém-nascido.

Alguns encantamentos parecem ter-se destinado ao período inicial do parto, como acontece com aquele que consta no *P. Leiden I 348* rt. 13-11 vs.12,2 (caso 29) onde pode ler-se:

«*Another*. A sound has come into existence during the formations (?), the sound of the cries of Sachmet, rejoicing in the Palace! ... descend ... in gladness, all goddesses rejoice! Be welcome, you, heading them! Come, descend with a satisfied heart, you too who created their name<s>, (you), the one who is with the lord of life in the Palace, while the Great One remains on her place! – Eject the liquids of the she-ass to there (??); they belong to him-of-the-she-ass which has no face!»⁴¹³

Apesar deste encantamento ser difícil de interpretar, J. F. Borghouts sugere a possibilidade do líquido que deveria ser afastado pela mulher – que tem uma conotação depreciativa – corresponder ao líquido amniótico. Deste modo, o encantamento em causa destinar-se-ia a propulsionar o início do parto.⁴¹⁴

Os encantamentos que deveriam ser recitados durante o parto têm diversas formulações, podendo destinar-se a um parto seguro, a acelerar o parto, a separar a criança da mãe ou, ainda, a colocar fim ao sofrimento da parturiente. O primeiro tipo de encantamentos mencionados pode ser exemplificado por aquele que consta no *P. Berlin 3027* 6,8-7,1 (caso G) onde pode ler-se:

«**Another:** I was begotten at a sacred place, born in the water canal of the gods, and washed in the lake of the kings. My things are for you, my things are inside [...]
Recite the words against [...], for the child to be brought (to the world) without anything evil. Good!»⁴¹⁵

Este encantamento apresenta algumas lacunas. No entanto, é perceptível uma associação entre os três lugares referidos e a criança. Embora a parte final não tenha sido integralmente preservada, percebe-se que o encantamento destinava-se a promover um

⁴¹² Cf. GUERMEUR, “Entre Magie et Médecine (...)”, p. 16.

⁴¹³ BORGHOUTS, *op. cit.*, p. 28.

⁴¹⁴ Cf. BORGHOUTS, *op. cit.*, p. 28.

⁴¹⁵ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 130

parto seguro.⁴¹⁶ O encantamento constante no *P. Ramesseum IV.C II. 17-24*, analisado no capítulo 1 (vd. ponto 1.2.2.1.), destina-se ao mesmo efeito, embora os contornos sejam diferentes.

Anteriormente mencionámos o encantamento do *P. Leiden I 348 vs. 12,11-11,1* (caso 33) (vd. ponto 3.1.2.) que alude à existência das pérgulas de nascimento e que se destinava a acelerar o parto. A este somam-se outros dois encantamentos, que se destinavam ao mesmo efeito, constantes no *P. Leiden I 348 rt. 13,9-11* (caso 28) e no *P. Leiden I 348 vs. 11,2-8* (caso 34). No primeiro pode ler-se:

«*Another spell, of accelerating birthgiving. Open for me! I am the one whose offering is great, the builder who built the pylon for Hathor, the mistress of Dendera, who lifts up in order that she may give birth! Hathor, the mistress of Dendera, is the one who is giving birth! – This spell is to be recited for a woman.*»⁴¹⁷

Neste encantamento há uma descrição da deusa Hathor a dar à luz, numa analogia com a parturiente sobre a qual devia ser recitado.⁴¹⁸ No segundo caso, a cena mitológica é diferente, sendo descrito o parto de Ísis, que está a ser marcado por grandes dificuldades que poderão conduzir à desordem cósmica. Este encantamento estabelece igualmente uma analogia com o parto da mulher, procurando acelerar este.⁴¹⁹

Anteriormente referimos o encantamento do *P. Berlim 3027 5,8-6,8* (caso F) que deveria ser recitado sobre os tijolos de nascimento (vd. ponto 3.1.1.). Importa acrescentar que este encantamento aludia ainda à intervenção divina na criação do bebé que estava por nascer, enquanto ser humano, e no parto. Como é referido no início, este encantamento destinava-se à separação do recém-nascido da parturiente.⁴²⁰ Embora apresente diversas lacunas, o encantamento constante no *P. Ramesseum IV.C II. 28-30* parece destinar-se igualmente a separar ambos, como é indicado na parte inicial:

«**(How) to drive out (a child) from its mother.**

My mother is like [...] like Nephthys. What is it that he sees on the top of the head of the Great (goddess?) [...] Come out on the ground [...]

Recite this incantation over a bit of ointment, spread on the top of the head of a woman who is giving birth.»⁴²¹

⁴¹⁶ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 173.

⁴¹⁷ BORGHOUTS, *op. cit.*, p. 28.

⁴¹⁸ Cf. BORGHOUTS, *op. cit.*, p. 28.

⁴¹⁹ Cf. BORGHOUTS, *op. cit.*, p. 30; TÖPFER, *op. cit.*, p. 333.

⁴²⁰ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 176.

⁴²¹ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 115.

O sofrimento que a mulher podia experienciar durante o parto é testemunhado não só pelo encantamento do *P. Leiden I 348* vs. 11,2-8 (caso 34) que, como vimos anteriormente, descreve o sofrimento de Ísis durante o parto, mas também pelos encantamentos constantes no *P. Leiden I 348* vs. 12,2-12,6 (caso 30) e no *P. Leiden I 348* vs. 12,6-12,9 (caso 31). O primeiro, abordado no capítulo 2 (vd. ponto 2.2.3.), procura fazer com que a placenta desça para que o sofrimento termine, invocando o auxílio de diversas divindades.⁴²² O segundo consiste num encantamento destinado à vulva, procurando por fim ao sofrimento da mulher e à ansiedade e preocupação do marido. Ambos devem ser recitados sobre uma figura de um anão.⁴²³

Por fim, importa ainda salientar um conjunto de encantamentos que deveriam ser recitados durante o parto ou após este e que se direccionavam ao recém-nascido de forma mais directa. No *P. Leiden I 348* vs. 12,9-12,11 (caso 32) consta o seguinte encantamento:

«*A spell of conjuring with it the one who lies down in you (?). A good conjuration, a conjuration of eternity: a rod of cord to all sides of whatever finds itself in you! Like Kasepef carrying cords, like the rope (?) of Pre in the hand of Horus-the-conjurer (!) – To be recited ... in her right hand.*»⁴²⁴

O encantamento em causa suscita diversas dificuldades de interpretação. Não obstante, J. F. Borghouts defende que tinha como finalidade auxiliar a superar as dificuldades do parto, invocando directamente à criança.⁴²⁵ O encantamento do *P. Berlin 3027* 6,1-6,6 (caso V) apresenta uma situação distinta:

«Incantation for a woman when she is bleeding and birth has begun. Be you praised, ... you Isis spinning and you Nephthys tying divine threads into seven knots for you to be protected by them, you healthy child, N, son of N, to become healthy, to be healed, so that all of the gods and all of the goddesses would be reconciled for you, so that the stealing male enemy would be struck dead, so that the stealing female enemy would be defeated, so that the names (*sic*) of those that denigrate you would be closed, as the mouths were closed and the mouths were sealed of seventy-seven asses when they were in the Lake of Two Knives. I know them and I know their names; they are unknown to the one who is planning to harm this child to become ill. Incantation: **this incantation is recited [...] four times over the seven balls of agate, seven of gold, seven linen threads that have been woven by two mothers, of whom one wove them and the other wound them. An amulet**

⁴²² Cf. BORGHOUTS, *op. cit.*, p. 29.

⁴²³ Cf. BORGHOUTS, *op. cit.*, p. 29.

⁴²⁴ BORGHOUTS, *op. cit.*, pp. 29-30.

⁴²⁵ Cf. BORGHOUTS, *op. cit.*, p. 30.

with seven knots on it will be made and put around the neck of the child (to provide) protection for [his] body.»⁴²⁶

O encantamento em causa inicia-se com a indicação de que se destina a uma mulher que entrou em trabalho de parto. No entanto, o texto é maioritariamente devotado à protecção do recém-nascido, terminando com a indicação de que deveria ser colocado um amuleto com sete nós à volta do pescoço da criança.⁴²⁷ Talvez se possa equacionar a possibilidade deste encantamento ter sido recitado durante o parto, embora o ritual apenas estivesse terminado com a colocação do referido amuleto sobre o recém-nascido. No *P. Ramesseum IV.C II. 15-16* encontramos um outro encantamento, numa condição fragmentária, destinado igualmente à protecção da criança no pós-parto:

«Making a protection for a child on the day of his birth [...] a piece of dung from him after he has come out of the womb of his mother [...]»⁴²⁸

Por fim, importa ainda salientar a existência de três outros encantamentos, constantes no *P. Berlim 23031*, no *P. Berlim 23032* e no *P. Berlim 23051*, destinados à protecção das crianças.⁴²⁹ Tendo em conta a semelhança existente entre eles, podemos destacar o mais completo do grupo, o segundo, onde pode ler-se:

«[...] Herr der beiden Himmel(?), [...] der die beiden Länder befährt in Schönheit. Mit schönem Antlitz(?), Verhüllte (?), befindlich in [...], ein Geliebter(?) ist er(?). Sie sollen preisen die Götter auf (?) ihren Fundamenten(?). Sie(?) sollen tot auf ihr Gesicht fallen(?). Horus,(?) der Verklärte(?), groß an Würde ist er; der Herr der Flamme, groß an Kraft als Umringerschlange am Kopf des Herrn ist er. Horus, Horus, das *w3d* der Sachmet schütze das Fleisch, daß es vollständig sei für das Leben des *hr-wd3*, seine Mutter ist die *TA-dj-anq.t*, die ältere (?).»⁴³⁰

Com base na fórmula final acima transcrita, identificada não só nos três encantamentos em causa como também nos *mammisi* de Dendera e de Edfu, G. Burkard defende que

⁴²⁶ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 134-135.

⁴²⁷ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 191.

⁴²⁸ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 115.

⁴²⁹ Cf. BURKARD, G., "Drei Amulette für Neugeborene aus Elephantine" in MOERS, G.; BEHLMER, H.; DEMUß, K.; WIDMAIER, K. (eds.), *jn.t fr.w - Festschrift für Friedrich Junge*, vol. 1, Göttingen, [s.n.] 2006, pp. 109-124.

⁴³⁰ BURKARD, *op. cit.*, pp. 118-119.

estes encantamentos tinham como principal função proteger a criança, a partir, desde logo, dos momentos que se seguiam ao parto.⁴³¹ O mesmo Autor salienta que os três papiros onde estes encantamentos foram escritos apresentam buracos por onde seria passado o fio que permitia que fossem pendurados ao pescoço da criança.⁴³² Este conjunto de encantamentos demonstra que em alguns casos não é possível fazer uma distinção clara entre os encantamentos utilizados durante ou após o parto e aqueles que seriam utilizados durante a infância.

⁴³¹ Cf. BURKARD, *op. cit.*, pp. 119-120.

⁴³² Cf. BURKARD, *op. cit.*, pp. 114-120.

CAPÍTULO 4: A PROTECÇÃO DURANTE A «PRIMEIRA INFÂNCIA»

No capítulo 3, abordámos os diversos mecanismos que as famílias egípcias dispunham para proteger as crianças e as mulheres durante a gravidez, o parto e o pós-parto. Primeiramente procedemos a uma análise detalhada das estruturas arquitectónicas potencialmente protectoras, como os tijolos de nascimento e as pérgulas de nascimento.

Como referimos, as primeiras poderão ter sido utilizadas durante o parto e nos momentos que o sucediam, podendo ter servido como plataformas sobre a qual o recém-nascido era deitado enquanto era determinado o seu destino ou eram executados rituais mágicos. A função das segundas tem suscitado um maior debate, tendo sido sugerida a possibilidade de corresponderem ao local onde o parto ocorria, onde a mãe e o recém-nascido se isolavam da comunidade e onde executavam os rituais de purificação subsequentes ao parto e, por fim, a possibilidade de não terem existido, correspondendo, na verdade, a representações associadas à celebração do nascimento.

No mesmo capítulo abordámos os amuletos com a forma de animal de vaca, possivelmente alusivos a Hathor, e com a forma das divindades Bes, Taueret, Hathor e Ísis. Importa, agora, recordar que os amuletos alusivos a Hathor estavam associados à protecção durante o parto e a maternidade. Por sua vez, os amuletos de Bes e Taueret garantiam protecção quer durante a gravidez e o parto, quer durante a infância. Por fim, à semelhança dos dois últimos, os amuletos de Ísis podiam ser utilizados tanto por mulheres como por crianças. Desta forma, em termos genéricos, podemos afirmar que os amuletos em causa tinham uma esfera ampla de actuação, podendo ser usados para proteger a criança nas diferentes fases da sua vida inicial.

Adicionalmente, a protecção podia ainda ser garantida através do uso de objectos apotropaicos, nomeadamente nas presas de hipopótamo de nascimento e das barras de nascimento. A forma como ambos terão sido utilizados permanece por apurar, embora os seus elementos iconográficos sugiram uma associação com o momento do parto.

Por fim, abordámos ainda os encantamentos mágicos que deveriam ser recitados durante a gravidez, o parto, e o pós-parto, alguns dos quais podiam continuar a proteger a criança durante a infância.

Posto isto, uma parte substancial destes mecanismos abordados no capítulo 3 – os amuletos, os objectos apotropaicos e alguns encantamentos mágicos – terão sido utilizados pelos Egípcios para proteger as crianças não só durante a gravidez, o parto e o pós-parto, mas também durante a infância propriamente dita. Adicionalmente, terão sido utilizados outros métodos para proteger as crianças durante a infância, que iremos agora analisar.

4.1. A atribuição de nomes protectores

No Egipto antigo, à semelhança do que ocorria com o coração, o corpo, a sombra, o *ba* e o *ka*⁴³³, o nome «(...) *constituait une dimension essentiel des hommes (...). Il ne se limitait pas à définir l'être mais exprimait simultanément ses qualités et sa force se constituant ainsi comme expression d'une essence et, par conséquent, d'une existence*».⁴³⁴

Os nomes egípcios pautavam-se por uma grande multiplicidade, podendo ser classificados de diversas formas. Por um lado, podem ser classificados de acordo com a sua composição, isto é, podem ser distinguidos por serem compostos por apenas uma ou diversas palavras, sendo, no último caso, diferenciados por formarem, ou não, uma frase. Por outro lado, podiam ser classificados de acordo com a sua semântica⁴³⁵, classificação que iremos adoptar, por a consideramos como a mais adequada para o estudo da dimensão protectora dos nomes. De acordo com M. H. T. Lopes:

«No Império Novo (...) vamos encontrar três categorias diferenciadas de nomes: nomes teofóricos, ou seja, nomes formados com o nome de uma ou

⁴³³ Cf. QUIRKE, *op. cit.*, p. 112.




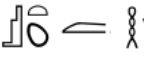

⁴³⁴ LOPES, M. H. T., “Les Noms Propres au Nouvel Empire” in EYRE, C. J. (ed.), *Proceedings of the Seventh International Congress of Egyptologists*, Leuven, Uitgeverij Peeters, 1998, p. 703. Tendo em conta que o nosso objecto de estudo consiste na atribuição de nomes protectores às crianças, não iremos discorrer de forma detalhada sobre a importância do nome para o ser humano. A propósito desta questão, vd. LOPES, M. H. T., *Os Nomes Próprios no Império Novo* [texto policopiado], Lisboa, [s.n.], 1994, pp. 9-14; LOPES, “Les Noms Propres au Nouvel Empire”, p. 703; LOPES, M. H. T., “As Mensagens dos Nomes Próprios no Antigo Egipto – Império Novo” in *Estudos Orientais VII*, Lisboa, Instituto Oriental da FCSH, 2000, pp. 51-52; VITTMANN, G., “Personal Names: Function and Significance” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2013, p. 1. <http://escholarship.org/uc/item/7t12z11t>; SALES, J. das C., *Estudos de Egíptologia. Temáticas e Problemáticas*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007, pp. 158-168.

⁴³⁵ Cf. VITTMANN, G., “Personal Names: Structures and Patterns” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2013, pp. 1-2. <http://escholarship.org/uc/item/42v9x6xp>

mais divindades, nomes basilofóricos, ou seja, nomes formados com o nome ou o pré-nome de um faraó e nomes profanos.»⁴³⁶

A primeira categoria supracitada – composta por nomes teofóricos – é a mais relevante para o estudo dos nomes protectores dos Egípcios, como iremos ver, razão pela qual irá ser analisada de forma mais aprofundada. A categoria em causa pode ser subdivida, por sua vez, em duas classificações: nomes teofóricos exofóricos e nomes teofóricos endofóricos.⁴³⁷ A distinção entre nomes exofóricos e endofóricos – que pode ser aplicada tanto no caso dos nomes teofóricos, como no dos nomes basilofóricos⁴³⁸ – baseia-se no tipo de referências que são feitas nesses nomes:

«“Endophorous” names refer directly to the bearer and/or his or her family without reference to gods or kings. Conversely, “exophorous” names introduce a god or pharaoh with or without simultaneous reference to the bearer and his family.»⁴³⁹

Segundo M. H. T. Lopes, os nomes teofóricos exofóricos podem ter quatro formas explícitas distintas: podiam ser compostos por um único nome de uma divindade, como “Bes” (*bs*, ); por dois nomes de divindades, como “Mut-Amon” (*Mw.t-Jmn*, ); por nomes que aludem uma qualidade de uma divindade, como “Mut é boa” (*nfr-Mw.t*, ); e, por fim, podiam ser nomes alusivos a festividades de cariz religioso, como “Ísis está em festa” (*3s.t-m-hb*, ). A par destes, existiam ainda nomes teofóricos exofóricos implícitos, como “O leão está em Tebas” (*M3j-m-W3s.t*, , que⁴⁴⁰:

«(...) Expressam uma mensagem do religioso, alusiva a uma determinada divindade, mas que o fazem de uma forma contida, subentendida, não exprimindo assim, claramente, o sujeito dessa descrição ou qualificação.»⁴⁴¹

⁴³⁶ LOPES, “As Mensagens dos Nomes Próprios no Antigo Egipto – Império Novo”, p. 52.

⁴³⁷ Cf. LOPES, “As Mensagens dos Nomes Próprios no Antigo Egipto – Império Novo”, pp. 52-55.

⁴³⁸ Cf. LOPES, *Os Nomes Próprios no Império Novo*, pp. 128; 321.


⁴³⁹ VITTMANN, “Personal Names: Structures and Patterns”, p. 2.


⁴⁴⁰ Cf. LOPES, “Les Noms Propres au Nouvel Empire”, pp. 703-705; LOPES, “As Mensagens dos Nomes Próprios no Antigo Egipto – Império Novo”, pp. 53-54; LOPES, *Os Nomes Próprios no Império Novo*, pp. 131-284.

⁴⁴¹ LOPES, *Os Nomes Próprios no Império Novo*, p. 269.

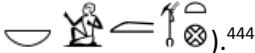
A atribuição de nomes teofóricos exofóricos constituía uma forma de garantir a protecção do recém-nascido – que se estendia ao longo de toda a vida e da morte -, por intermédio da invocação ou identificação com uma ou mais divindades ou com as suas qualidades. Os nomes associados aos festivais religiosos e alguns dos nomes teofóricos exofóricos implícitos podiam ainda garantir à pessoa um destino favorável. Importa ainda referir que os nomes teofóricos exofóricos podiam constituir o reflexo da piedade pessoal que a pessoa experienciava perante a divindade que dava forma ao seu nome.⁴⁴²

De acordo com M. H. T. Lopes, os nomes teofóricos endofóricos explícitos podem ser classificados de acordo com três tipologias: nomes que revelam que o nascimento da criança se deveu à vontade expressa de uma divindade, como “Foi Ré que o pôs no

mundo” (*R^c-ms-sw*, ); nomes que indicam de forma evidente que é concedida protecção à pessoa por uma determinada divindade, como “Tot é a tua protecção” (*dhwtj-*

hr-mk.t w.f, ); e, por último, nomes que indicam a condição de pertença

da pessoa à divindade, como “Ele pertence a Khonsu” (*iw.f-n-hns.w*, ).⁴⁴³

Paralelamente existiam ainda nomes teofóricos endofóricos implícitos como “O meu senhor está em Tebas” (*Nb.i-m-w3s.t*, ).⁴⁴⁴

Posto isto, os nomes teofóricos endofóricos tinham igualmente uma função protectora, quer através da manifestação da vontade divina em garantir o nascimento e existência da criança e a sua protecção, quer na indicação de uma relação próxima entre a pessoa e a divindade.⁴⁴⁵

Como foi anteriormente referido, existem ainda nomes basifóricos e nomes profanos. Os primeiros, respeitantes a nomes que eram formados a partir de designações de reis, podiam ser classificados igualmente de acordo com duas categorias distintas: nomes basifóricos exofóricos e nomes basifóricos endofóricos, podendo ser ambos implícitos ou explícitos. Os segundos podiam ser classificados de acordo com um leque mais amplo de tipologias, que incluíam, a título de exemplo, alusões ao nascimento e ao parentesco da criança e, ainda, a animais, a plantas ou a objectos.⁴⁴⁶

⁴⁴² Cf. LOPES, “As Mensagens dos Nomes Próprios no Antigo Egipto – Império Novo”, pp. 53-54.

⁴⁴³ Cf. LOPES, “As Mensagens dos Nomes Próprios no Antigo Egipto – Império Novo”, pp. 53-54; LOPES, *Os Nomes Próprios no Império Novo*, pp. 321-385.

⁴⁴⁴ Cf. LOPES, *Os Nomes Próprios no Império Novo*, pp. 386-390.

⁴⁴⁵ Cf. LOPES, “As Mensagens dos Nomes Próprios no Antigo Egipto – Império Novo”, pp. 53-55.

⁴⁴⁶ Cf. LOPES, “As Mensagens dos Nomes Próprios no Antigo Egipto – Império Novo”, pp. 55-58. Como foi anteriormente referido, tendo em conta que o nosso objecto de estudo se prende com os mecanismos de

Em alternativa, os nomes podem ser classificados de uma forma diferente, de acordo com a sua função. Neste sentido, J. das C. Sales propõe a existência de quatro categorias de nomes: nomes substitutos ou funcionais, nomes verdadeiros ou secretos, nomes institucionais ou políticos e, por fim, nomes místicos ou teológicos.⁴⁴⁷ Os nomes anteriormente mencionados, que tinham a capacidade de proteger a criança, enquadram-se na última categoria. Como o Autor afirma,

«Qual amuleto mágico simbolizavam o vínculo entre seres de planos e dimensões diferentes, reivindicando o ser humano a protecção e a orientação do ser divino, colocando-se, amistosa e voluntariamente, na sua dependência».⁴⁴⁸

A nomeação da criança egípcia – a quem eram atribuídos um ou dois nomes – ocorria no momento que se seguia ao nascimento da criança, tarefa que normalmente competia à mãe. Posteriormente, a pessoa podia ser alvo de uma nova nomeação, que podia ser motivada pelo facto de o nome inicialmente atribuído ser demasiado extenso, por o nome já não reflectir a identidade da pessoa ou, ainda, por esta ter adoptado uma conduta depreciativa, que conduziu à atribuição de um nome com uma conotação negativa.⁴⁴⁹

4.2. Encantamentos mágicos

O conjunto de encantamentos destinados a proteger a criança durante a infância é significativo, quando comparado com os restantes já abordados, uma vez que são conhecidos pelo menos vinte e quatro exemplares (vd. Anexo 10, Tab. 3).⁴⁵⁰

protecção da criança, optámos por nos focar nos nomes teofóricos devido ao seu carácter protector mais evidente. Desta forma, não iremos desenvolver a análise em torno dos restantes, isto é, dos nomes basifóricos ou de conteúdo profano, interessando-nos apenas referir no que consistem, em termos genéricos. Para um estudo aprofundado destes dois tipos adicionais de nomes vd. LOPES, “As Mensagens dos Nomes Próprios no Antigo Egipto – Império Novo”, pp. 55-58; LOPES, “Les Noms Propres au Nouvel Empire”, pp. 708-711; LOPES, *Os Nomes Próprios no Império Novo*, pp. 391-505 e, ainda, VITTMANN, “Personal Names: Structures and Patterns”, pp. 5-6.

⁴⁴⁷ Cf. SALES, *Estudos de Egiptologia (...)*, p. 158.

⁴⁴⁸ SALES, *Estudos de Egiptologia (...)*, p. 166.

⁴⁴⁹ Cf. LOPES, *Os Nomes Próprios no Império Novo*, p. 13. A propósito da atribuição do nome, vd. POSENER, G., “Sur l’Attribution d’un Nom à un Enfant” in *RdE*, 22, 1970, pp. 204-205.

⁴⁵⁰ Alguns destes encantamentos foram anteriormente abordados no capítulo 1 (ponto 1.2.2.3.) enquanto fontes para o estudo de determinados perigos que poderiam comprometer a saúde, ou até a vida, das crianças. Sempre que se justificar, iremos retomar a análise de alguns dos encantamentos em questão para

A doença *baa* podia ser afastada com o auxílio de encantamentos como aqueles que constam no *P. Ramesseum III.B II. 23-24* e no *P. Berlim 3027 9,7-2,2* (caso O), anteriormente abordados, e no *P. Ramesseum III.B II. 20-23*. Deste conjunto importa destacar aquele que nos fornece mais indicações sobre a doença em causa e sobre o modo de agir, o *P. Ramesseum III.B II. 23-24*, onde pode ler-se:

«[...] It is I who come from the marshes [...] Isis, Divine: I hit my temples, I tousled my hair when I found my son Horus, his heart weary, his lips pale, and both of his knees weak after he drank up *baa*, which was in my bosom, [the bitterness of my breast.] Sit down to [...] Isis, says Horus. Flow out wicked *baa* in this name of yours *baa*, you that suck the heart and cause weakness in both knees of whomever you reside in. Come to the people with me, my mother, says Horus: (also you) sister of my mother, Nephthys, to the place where the wet nurses and servants of Nut are, who will tell us what they have done for their children. Thus, we will do according to (this) example for our children [...] Isis, Divine, with Nephthys: I have come because of my son Horus, whose heart is weary and whose both knees are weak [...] after he drank up] *baa*, which was in my bosom, an evil substance that was in my breast. His amulets shall be put on seven straws of flax spun and woven by a woman who has (just) given birth; bring a nestling of a swallow; the eyes shall be painted [...] with galenite [...] this child with his mother. His *baa* (belongs to) the swallow.

Recite this incantation over the seven straws of flax, spun and woven by a woman who has given birth. Tie seven knots in it and give to the child on his neck. You should bring the swallow [...] in its throat [...].»⁴⁵¹

Como foi referido no capítulo 1 (ponto 1.2.2.3.), o encantamento em causa informa-nos sobre a forma de transmissão da doença e sobre os seus sintomas, sendo estabelecido um paralelo entre Hórus, em quem a doença se manifesta, e a criança. De modo a curar a doença, a criança deveria usar ao pescoço um amuleto feito de linho e com sete nós. Adicionalmente, H. Vymazalová e E. Strouhal defendem que deveria ser usado um objecto em forma de andorinha, para o qual a doença deveria ser transferida.⁴⁵²

Os restantes encantamentos destinados a curar a doença *baa* apresentam algumas semelhanças face a este, nomeadamente a existência de uma analogia entre Hórus e a criança e a recomendação do uso de amuletos. No *P. Berlim 3027 9,7-2,2* (caso O), o amuleto é igualmente feito de linho, embora tenha quatro nós, enquanto no *P. Ramesseum*

apurar os procedimentos que poderiam ser adoptados para proteger a criança nesses contextos específicos ou outras informações adicionais.

⁴⁵¹ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 113-114.

⁴⁵² Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 196.

III.B II. 20-23 parece ser feito de fibras de acácia, não sendo possível apurar as suas características devido a uma lacuna.⁴⁵³

A doença *neshu* podia ser enfrentada com o recurso a encantamentos como aqueles que constam no *P. Berlim 3027 2,10-5,7* (caso E), referido anteriormente (capítulo 1, ponto 1.2.2.3.), ou no *P. Berlim 3027 1,1-1,4* (caso A). Embora o primeiro caso seja o mais interessante para o estudo da doença, por enumerar cada parte do corpo que é por ela afectada, iremos focar-nos no segundo, que nos indica que um dos procedimentos destinados a afastar a doença consistia no uso de um amuleto feito de contas de lápis lazúli, jaspe e malaquite⁴⁵⁴:

«[...] a green bead from malachite is on it, a red bead from jasper is on it, the beads have fallen on ... into water, on the scales of fish in the river, on the feathers of birds in the heavens. Flow out, disease *neshu*, descend on the earth! **This incantation is recited above three beads**, one of lapis lazuli, another of jasper, another of malachite, hung on the best yarn, and placed on the neck of the child.»⁴⁵⁵

Como foi referido no capítulo 1 (ponto 1.2.2.3.), a doença *temyt* podia ser afastada por encantamentos como aquele que consta no *P. Berlim 2037 1,4-1,9* (caso B) onde pode ler-se:

«**Another:** Flow out, disease *temyt*, bonebreaker, stone tearer, entering [...] the blood vessels, go out into the swamps, to the swamps, to the fields, to the fields, all the way to the end of the vegetation. The voice of Ra calls Nephthys, because the stomach of this [child] whom Isis bore hurts. What is he to be enchanted with? He is to be enchanted with *itenu en h* [...] for the (disease) to fall and go out. Behold, [fire] has been created. What is it to be extinguished with? It is to be extinguished with *itenu en h* [...] *itenu en h* will [...] it for it (to be) driven away from the head, from the top of the head, and from all of the limbs that Khnum has created for his child born to his mother.»⁴⁵⁶

O encantamento em causa refere os sintomas da doença, mencionados no capítulo 1 (ponto 1.2.2.3.), estabelece um paralelo entre Hórus e a criança e invoca o auxílio de diversas divindades.⁴⁵⁷ Adicionalmente, o encantamento constante no *P. Berlim 3027 1,9-*

⁴⁵³ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 113; 132; 196.

⁴⁵⁴ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 198.

⁴⁵⁵ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 128.

⁴⁵⁶ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 128.

⁴⁵⁷ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 199.

2,6 (caso C) poderá ter sido igualmente utilizado para o mesmo efeito, como referido anteriormente.⁴⁵⁸

Como vimos no capítulo 1 (ponto 1.2.2.3.), a par dos encantamentos que lidam com as doenças que temos vindo a abordar, existem ainda outros dois que lidam com a doença *sesemy* e com problemas de evacuação, constantes no *P. Berlim 3027 7,6-8,3* (caso L) e no *P. Ramesseum IV.C II. 12-15*, respectivamente. No primeiro pode ler-se:

«Driving away *sesemy*:

Oh you who are in water, hurry and tell this judge who is in his temple, Sekhmet, who comes to see him, the Musician (=Hathor) who rises, Wadjet, Lady of Buto: Bring her this milk. You Great One, who are in your cave, make for her six celebrations (of festival) *denit* (= the first quarter of the moon), twice in Iunu (=Heliopolis). Let the Great One give an eye for the eye that has seen Seth.

Recite [...when] giving the child, or your (*sic*) mother, a cooked mouse to eat. Put its bones on his neck in a sachel of fine cloth tied with seven knots.»⁴⁵⁹

Como a parte final do encantamento indica, um dos procedimentos que podiam ser adoptados para proteger a criança deste tipo de problema passaria por dar-lhe de comer um rato cozido e por colocar os ossos deste dentro de uma bolsa feita de tecido, com sete nós, que deveria ser utilizada ao pescoço da criança.⁴⁶⁰ No segundo encantamento há uma lacuna que não permite apurar todo o procedimento que deveria ser adoptado para lidar com o problema de obstipação. No entanto, terá implicado a colocação de algo – uma conta verde, de acordo com H. Vymazalová e E. Strouhal – sobre o ventre da criança, como pode ler-se no final do encantamento⁴⁶¹:

«**Making a child evacuate [...]**

[Come to me] gods, says Isis, the Divine, and make sure the fire left. The child [...] of the mother [...] the mother as a guide. Flow out, you painful excrement, leave onto the ground!

Recite [...] with fresh ink on the belly of the child.»⁴⁶²

Por fim, o encantamento constante no *P. Berlim 3027 2,6-2,10* (caso D) destina-se a curar uma criança de um problema de saúde não identificado⁴⁶³:

⁴⁵⁸ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 199-120.

⁴⁵⁹ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 131.

⁴⁶⁰ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 199.

⁴⁶¹ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 202.

⁴⁶² STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 114.

⁴⁶³ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 200.

«**An incantation** [against] enemies...

You (female) who are busy making bricks for your father Osiris! You who have spoken against your father Osiris. He lives from the plant *djais* and honey. Flow out, Asian, who comes from the mountains, Nubian, who comes from the desert. Are you a servant? Hence, come out by vomiting. Are you noble? Hence, come out in his urine, come out in the mucus of his nose, come out in the sweat of his limbs! My hands rests on this child and the hands of Isis rest on him, as she laid her hand on her own son Horus.»⁴⁶⁴

De acordo com H. Vymazalová e E. Strouhal, o encantamento em causa «(...) *compares this illness to Asian and Nubian women coming from inhospitable regions beyond Egypt. The incantation calls on it to leave the child through his vomit, urine, mucus, or sweat*».⁴⁶⁵

São ainda conhecidos dois encantamentos destinados a lidar com problemas de alimentação. O primeiro, constante no *P. Ramesseum III.B II. 10-11*, encontra-se danificado de forma significativa, sendo apenas possível perceber que tinha como intuito fazer com que a criança parasse de rejeitar o leite materno e que invocava Hórus e Set.⁴⁶⁶ O segundo apresenta contornos distintos:

«**Quenching the thirst of a child:**

Your hunger has been removed [...] your thirst [has been removed] by (the god) Agebuer to the sky (like) the *pakh*-bird. It is your thirst in my fist, it is your hunger in my fist [...] (the goddess) Hesat [...] her breast is in your mouth. Your mouth is (like) the mouth of the *khablesu*-bird on the outflow of Osiris. You do not eat your hunger, you do not drink [your thirst], your throat has not been struck dumb.

A man recites this incantation above a piece of soil, placed in cloth [...] make in [...]»⁴⁶⁷

Este encantamento parece-se destinar-se a auxiliar uma criança com fome e com sede, sendo invocadas duas divindades, Agebuer e Hesat, associadas à abundância e à amamentação, respectivamente.⁴⁶⁸ No entanto, com base na descrição da fome, sede e de problemas na garganta, A. Marshall defende que se trata de um caso de desidratação, como foi referido no capítulo 1 (ponto 1.2.2.3.).⁴⁶⁹ Importa ainda referir que apesar de

⁴⁶⁴ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 129.

⁴⁶⁵ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 200.

⁴⁶⁶ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 112; 193.

⁴⁶⁷ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 113.

⁴⁶⁸ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 193; MARSHALL, *op. cit.*, p. 202.

⁴⁶⁹ Cf. MARSHALL, *op. cit.*, pp. 202-203.

uma parte da descrição do procedimento a ser adoptado se ter perdido, é possível perceber que envolvia terra e tecido.⁴⁷⁰

Segundo H. Vymazalová e E. Strouhal, os encantamentos constantes no *P. Berlim 3027* (8,3-9,3 (caso M); 9,3-9,7 (caso N); 2,2-2,7 (caso P); 2,7-3,3 (caso Q); 3,3-3,7 (caso R); 3,8-4,2 (caso S); 4,2-4,6 (caso T); 4,6-6,1 (caso U)) «(...) *do not describe or mention any particular health problems. They probably served as preventive, protective incantations for the child and its mother during childbirth and afterward*».⁴⁷¹ Deste conjunto podemos destacar, num primeiro momento, o *P. Berlim 3027 2,2-2,7* (caso P) onde pode ler-se:

«Incantation on knots for a child and a nestling.

Are you warm in the nest? Are you hot in the thicket? Your mother is not with you, no sister is there to help (you), no wet nurse is there to provide protection (to you). Let someone bring a ball of gold, a grain of garnet, a small seal, a crocodile, a hand to drive away Ta-merut, to warm up [your] limbs, to defeat this enemy (male) and this enemy (female) from the West. Come out, your protection!

This incantation is recited above small balls of gold, grains of garnet, a small seal, a crocodile, and a hand, which are strung on a fine thread, making an amulet to be put on the neck of the child. Good!»⁴⁷²

Neste encantamento é estabelecida uma analogia entre uma cria de um pássaro que se encontra sozinha, desamparada e desprotegida no ninho e a criança.⁴⁷³ No entanto, o aspecto mais interessante reside na descrição da composição do amuleto que deve ser colocado no pescoço da criança, que é composto por uma quantidade incerta de peças de ouro e de granada e por um selo, um crocodilo e uma mão, objectos que não estão especificamente relacionados com a protecção da criança.

Devemos igualmente destacar o encantamento que consta no *P. Berlim 3027 2,7-3,3* (caso Q), o primeiro de um grupo de quatro encantamentos com semelhanças significativas⁴⁷⁴:

«Incantation that is read aloud over a child in the early morning.

You are coming out, Ra, you are coming out. When you saw this dead (male) coming toward N, born of N, (along with) the dead (female) to offend her when she is doing what is necessary to not let her child be taken from her hand. Protect me, Ra, my lord. I will not give you; I will not give the child

⁴⁷⁰ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 193; MARSHALL, *op. cit.*, p. 202.

⁴⁷¹ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 200.

⁴⁷² STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 132.

⁴⁷³ Cf. ⁴⁷³ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 201.

⁴⁷⁴ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 200-201.

when there are evil powers in this child (?). My hand is resting on her, the small seal is your protection. Look, I am protecting you.

This incantation is to be recited above the small seal and hand that made the amulet, bind it into seven knots, (namely) a knot in the morning, another in the evening, nicely until seven knots are completed.»⁴⁷⁵

No encantamento acima transcrito a protecção da criança é alcançada de duas formas: através da invocação do auxílio de Ré e do uso de um amuleto, composto por um selo, uma mão e sete nós. O encantamento em causa deveria ser recitado ao amanhecer.⁴⁷⁶ Os encantamentos do *P. Berlim 3027 3,8-4,2* (caso S), do *P. Berlim 3027 3,3-3,7* (caso R) e do *P. Berlim 3027 4,2-4,6* (caso T) são muito semelhantes, devendo o primeiro ser recitado igualmente ao amanhecer e os restantes dois ao anoitecer.⁴⁷⁷

Ao conjunto de encantamentos mágicos possivelmente preventivos mencionados juntam-se outros dois, constantes no *P. Brooklyn 47.218.2 x+VI*, 16-19, já analisado no capítulo 1 (ponto 1.2.2.3.), e no *P. Brooklyn 47.218.2 x+VII*, 11-17 onde pode ler-se:

«**Autre livre de repousser la crainte, l'effroi, le cri de tchiatit et de détresse qui s'élève vers** tout dieu et toute déesse. Salut à vous les sept étoiles du ciel qui sont dans la Grande Ours, qui se dressent à leur place quotidienne, leurs visages sont tournés vers l'Océan (qui entoure le monde), aucun dieu, aucune déesse ne connaît vos noms et celui de l'enfant qui est à l'intérieur du lotus, venez et sauvez Untel né d'Unetelle de toute chose mauvaise. Mais si vous n'écoutez pas mes propos, alors je prononcerai vos noms devant les autres, et je vos retiendrai vers l'Ouest, comme les (autres) étoiles du ciel, et Osiris fera contre vous un châtement. **Récitation sur** ces dieux qui sont en dessin. Faire un phylactère placé au cou de l'enfant.»⁴⁷⁸

No encantamento em causa, é invocada a protecção divina de um conjunto de divindades que, se não mantivessem o mal afastado da criança, iriam ser severamente prejudicadas através da revelação dos seus nomes. Por outras palavras, estamos perante uma ameaça cósmica como estratégia de mobilização dos deuses em torno da protecção da criança.⁴⁷⁹ Importa ainda referir que o encantamento deveria ser recitado sobre os deuses em questão (talvez uma representação, uma figura ou uma estatueta com a sua forma?). Este encantamento indicava ainda que a criança deveria usar um amuleto, cuja forma não é especificada, pendurado ao pescoço.

⁴⁷⁵ STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 133.

⁴⁷⁶ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, p. 201.

⁴⁷⁷ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 133; 200-201.

⁴⁷⁸ GUERMEUR, "Entre Magie et Médecine (...)", p. 20.

⁴⁷⁹ Cf. GUERMEUR, "Entre Magie et Médecine (...)", p. 20.

Por fim, importa ainda salientar a existência de dois encantamentos adicionais, constantes no *P. Ramesseum III.B II. 12-14* e no *P. Ramesseum IV.C II. 25-28*, que, pelo seu estado fragmentário, suscitam dificuldades de interpretação, não permitindo perceber qual o perigo ao qual a criança estava sujeita e, no segundo caso, o procedimento a ser adoptado para o ultrapassar. Devemos ainda salientar que o primeiro não se destinava exclusivamente à criança, podendo ser igualmente utilizado para proteger um adulto.⁴⁸⁰

4.3. Mecanismos de protecção adicionais

Ao longo do presente estudo, restringimos a nossa análise aos mecanismos mágicos de protecção da mulher – na qualidade de grávida, parturiente e mãe – e da criança que foram atestados em contexto doméstico, entre os quais, as estruturas arquitectónicas, os amuletos e os objectos apotropaicos.

Não obstante, há um conjunto reduzido de objectos que, apesar de serem oriundos de contextos distintos ou desconhecidos, devem ser tomados em consideração, tendo em conta que apresentam determinadas características que os associam de forma evidente à protecção da criança.

O primeiro é uma excepcional taça de alimentação de crianças que se integra a colecção do The Metropolitan Museum of Art, de Nova Iorque, com o número de inventário 44.4.4 (vd. Anexo 11, Fig. 35). O exemplar em causa contém representações de figuras semelhantes àsquelas que estão presentes no tijolo de nascimento, nas presas de hipopótamo de nascimento e nas barras de nascimento, nomeadamente leões, tartarugas, serpentes, um hipopótamo semelhante a Taueret, entre outros. Na extremidade contém um orifício por onde o leite passava.⁴⁸¹ Apesar de este exemplar ser aparentemente proveniente de um contexto funerário,

«This little cup (...) was not found in a tomb, but nestled together with the figure of a crocodile (...) in a small basket deposited by itself in the ground among the tombs to the west of the pyramid of Amenemhat I at Lisht North. The person who made this deposit could have lived in one of the houses that had been built over the tombs in the cemetery on the south and west of the pyramid.»⁴⁸²

⁴⁸⁰ Cf. STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, *op. cit.*, pp. 113; 115; 191; 203.

⁴⁸¹ Cf. ALLEN, *op. cit.*, p. 30.

⁴⁸² <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/545936?rpp=30&pg=1&ft=feeding%2Bcup&pos=1&imgno=3&tabname=label>

Esta taça foi produzida em faiança azul, tem 3,5 cm de altura, 8 cm de largura e 4 cm de diâmetro e é datada do Império Médio (XII dinastia).⁴⁸³ A taça em causa tinha uma vertente utilitária, a de alimentar a criança, e uma mágica, a de proteger o conteúdo – o leite – que era nela colocado, através da presença de elementos iconográficos apotropaicos.⁴⁸⁴ A produção deste tipo de objectos, destinados a proteger o leite, vai ao encontro da preocupação que os Egípcios tinham em garantir uma alimentação adequada das crianças, de modo a garantir a sobrevivência da criança, mencionada no capítulo 1 (ponto 1.2.2.3.).⁴⁸⁵

O segundo tipo de objectos associados à protecção das crianças é composto pelos decretos oraculares amuléticos, textos onde uma ou diversas divindades garantiam que iam manter a salvo uma determinada pessoa de um conjunto significativo de perigos, obstáculos e imprevistos da vida quotidiana, quer fossem eles físicos ou metafísicos, já analisados no capítulo 1 (ponto 1.2.1.).⁴⁸⁶ Os decretos eram inscritos em papiro⁴⁸⁷ e tinham um tamanho variável.

Actualmente são conhecidos vinte e dois decretos oraculares amuléticos, constantes nos papiros L. 1 (The British Museum, EA10083), L. 2 (The British Museum, EA10251), L. 3 (The British Museum, EA10308), L. 4 (The British Museum, EA10320), L. 5 (The British Museum, EA10321), L. 6 (The British Museum, EA10587), L. 7 (The British Museum, EA10730), T. 1 (Museo Egizio, Turim, 1983), T. 2 (Museo Egizio, Turim, 1984), T. 3 (Museo Egizio, Turim, 1985), P. 1 (Musée du Louvre, E 3234), P. 2 (Musée du Louvre, E 8083), P. 3 (Musée du Louvre, E 25354), P. 4 (Bibliothèque Nationale de France, Egyptien 182), P. 5 (Bibliothèque Nationale de France, Egyptien 238³), C. 1 (Egyptian Museum, Cairo, JE 58035), C. 2 (Colecção Michaelidis, Cairo), N.Y. (The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, 10.53), Ch. (Museu do The Oriental Institute of the University of Chicago), Ph. (Museu da Universidade de Pensilvânia, Filadélfia, E. 16724), B. (Ägyptisches Museum, Berlim, 10462) e Cleveland Museum of Art, 14.723.⁴⁸⁸

⁴⁸³ Cf. <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/545936?rpp=30&pg=1&ft=feeding%2Bcup&pos=1&imgno=3&tabname=label>

⁴⁸⁴ Cf. ALLEN, *op. cit.*, p. 30.

⁴⁸⁵ Durante o Império Novo, mais concretamente em meados da XVIII dinastia, foi produzido um tipo diferente de recipiente, com a forma de mulheres, destinado a guardar o leite materno em excesso. Vd. Cf. ALLEN, *op. cit.*, pp. 33-34.

⁴⁸⁶ Cf. BOHLEKE, B., “An Oracular Amuletic Decree of Khonsu in the Cleveland Museum of Art” in *JEA*, 83, 1997, p. 155.

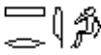
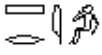
⁴⁸⁷ Cf. ROBINS, “Women and Children in Peril (...)”, p. 27.

⁴⁸⁸ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, pp. 1-117; BOHLEKE, *op. cit.*, pp. 155-167.

A estrutura dos decretos oraculares amuléticos era similar⁴⁸⁹, pelo que podemos tomar como exemplo seguinte excerto constante no papiro N.Y (The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, 10.53):

«Isis, great in being divine, the great goddess, the eldest who was the first to come-into-existence, said – Harsiesis, the great god, the eldest, the primordial, said: ‘We shall keep safe Ankhsetenēse, the daughter of _____, the concubine of Djed<khon>s, the devotee of Amun, my servant. We shall keep her healthy in her flesh and in her bone(s). We shall protect her and we shall look after her. (...)»⁴⁹⁰

Como se pode observar a partir deste excerto, os decretos oraculares amuléticos iniciavam-se normalmente com a identificação das divindades responsáveis pelo oráculo, neste caso Ísis e Harsiésis. A esta parte, que Edwards designa como prefácio, segue-se a identificação da pessoa a quem a protecção se destina, Ankhsetenēse, e dos seus progenitores. Neste decreto, o nome da mãe ficou por preencher, sendo apenas nomeado o pai, Djedkhonsu. Noutros exemplares, podiam constar ambos os nomes ou apenas o da mãe. Por fim, são enumerados os perigos dos quais a pessoa seria protegida.⁴⁹¹

Os decretos oraculares amuléticos apresentam dois aspectos que permitem afirmar que seriam utilizados por crianças de diversas idades. Um deles consiste num dos termos utilizados para referir o proprietário, *šri* , no masculino, ou *šri.t* , no feminino, que pode ser traduzido como “filho”, “adolescente” ou “jovem”.⁴⁹² O outro consiste em determinadas promessas alusivas a diferentes fases da vida.⁴⁹³ O decreto onde essa ambiguidade é mais evidente consta no papiro L. 1, onde pode ler-se o seguinte trecho: «*We shall provide everything that is good for her, every ... that is good and a happy childhood. (...) We shall (cause her) to conceive male children and female children, we shall cause her to let <them> go forth.*»⁴⁹⁴ O mesmo texto sugere, portanto, que o decreto podia ser usado não só durante a infância, mas também durante a vida adulta,

⁴⁸⁹ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. xviii.

⁴⁹⁰ EDWARDS, *op. cit.*, pp. 103-104.

⁴⁹¹ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. xviii.

⁴⁹² Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. xvi; BONNAMY, *op. cit.*, p. 642.

⁴⁹³ A par do L. 1, que alude a duas fases distintas da vida, como iremos ver em seguida, existem outros papiros que nos dão indicações sobre a idade aproximada dos proprietários dos decretos. A título de exemplo, nos papiros L. 5, T. 1 e P. 1 encontramos alusões ao crescimento das crianças e a outros aspectos da infância, ou seja, a uma fase inicial da vida. Por sua vez, nos papiros T. 2 e P. 3 encontramos promessas em torno da concepção, da gravidez e do parto, ou seja, a uma fase mais avançada da existência humana. Cf. EDWARDS, *op. cit.*, pp. 30; 59; 65-67; 71; 78; 86.

⁴⁹⁴ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, pp. 8-12.

como indicam as promessas em torno de uma infância feliz e da concepção. Importa ainda referir que os decretos podiam ser usados por crianças de ambos os sexos.⁴⁹⁵

A proveniência dos decretos oraculares amuléticos não foi devidamente registada. Não obstante, Edwards defende que um seria oriundo de Mênfis e onze de Tebas.⁴⁹⁶ Este tipo de mecanismo de protecção é datado do Terceiro Período Intermédio, embora não tenha sido possível apurar a dinastia concreta.⁴⁹⁷

Os papiros que continham os decretos oraculares amuléticos eram enrolados, atados com um fio e colocados dentro de um invólucro cilíndrico, cujo material de fabrico e aspecto podia variar. Por sua vez, estes seriam suspensos com um fio no pescoço da pessoa a quem o decreto se destinava.⁴⁹⁸ Do conjunto de decretos oraculares amuléticos conhecidos, apenas três foram preservados juntamente com o respectivo invólucro: os papiros T. 1, T. 2 e P. 4.⁴⁹⁹ As informações disponíveis sobre os três são escassas e o seu actual paradeiro é desconhecido.

Os papiros T. 1 e T. 2 foram feitos em couro e terão integrado a colecção do Museo Egizio, de Turim, com os números de inventário 1983 e 1984, respectivamente.⁵⁰⁰ Foi preservada apenas uma fotografia do segundo (vd. Anexo 11, Fig. 36), na qual aparenta ter uma forma cilíndrica simples, sem motivos decorativos ou inscrições.

O papiro P. 4 foi produzido a partir de madeira e terá integrado a colecção da Bibliothèque Nationale de France, com o número de inventário Egyptien 182. A ilustração do mesmo (vd. Anexo 11, Fig. 37) permite perceber que o topo tinha representações das cabeças das duas divindades – Mut e Khonsu – que eram identificadas no papiro que albergava como as responsáveis pelo oráculo em causa. Por trás delas

⁴⁹⁵ Do conjunto de papiros com decretos oraculares amuléticos, catorze destinavam-se a pessoas do género feminino: L. 1, L. 2, L. 3, T. 1, T. 2, P. 1, P. 2, P. 3, P. 5, C. 2, N.Y., Ch., Ph. e B. Por seu turno, oito destinavam-se a pessoas do género masculino: L. 4, L. 5, L. 6, L. 7, T. 3, P. 4, C. 1 e Cleveland Museum of Art, 14.723. Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. xv; BOHLEKE, *op. cit.*, pp. 155-167. Apesar desta discrepância, Edwards ressalva que «(...) there is nothing in their general character to suggest that they were more suitable for one sex than for the other. The number now extant, compared with the number once in existence, is almost certainly infinitesimal (...). A deduction based on numbers alone may therefore be misleading». EDWARDS, *op. cit.*, p. xv.

⁴⁹⁶ De acordo com o Edwards, o papiro C. 1, seria oriundo de Mênfis; enquanto os papiros L. 1, L. 2, L. 3, L. 4, T. 1, T. 2, T. 3, P. 1, P. 2, P. 4 e o Ch. seriam oriundos de Tebas. A proveniência dos restantes dez exemplares é desconhecida. Cf. EDWARDS, *op. cit.*, pp. xiii; 1; 13; 23; 27; 29; 35; 47; 51; 63; 73; 77; 81; 85; 89; 93; 95; 99; 103; 107; 111; 113.

⁴⁹⁷ A propósito da discussão em torno da datação, vd. EDWARDS, *op. cit.*, pp. xiii-xv e BOHLEKE, *op. cit.*, p. 155.

⁴⁹⁸ Cf. BOHLEKE, *op. cit.*, pp. 83; 155; JANSSEN; JANSSEN, *Growing up and Getting old in Ancient Egypt*, p. 20; EDWARDS, *op. cit.*, p. xviii.

⁴⁹⁹ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. xviii.

⁵⁰⁰ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, p. xviii.

existia um anel de suspensão, através do qual passava o fio que era colocado à volta do pescoço.⁵⁰¹

Adicionalmente, são conhecidos três objectos cilíndricos ocos, descobertos vazios, que, segundo J. Ray e J. Bourriau, terão sido utilizados para conservar decretos oraculares amuléticos.⁵⁰² O exemplar que integra a colecção do Fitzwilliam Museum, com o número de inventário E.12.1940 (vd. Anexo 11, Fig. 38), é feito de ouro e tem uma inscrição vertical que diz: «*Words recited by Khonsy in Thebes Neferhotpe; he made a goodly protection [for] š3k, the justified*».⁵⁰³ Adicionalmente, este exemplar tem um anel de suspensão no topo.⁵⁰⁴ O objecto em causa tem 5,1 cm de altura e 1,4 cm de diâmetro e é possivelmente oriundo de Tebas.⁵⁰⁵ Os restantes dois exemplares, que integram a colecção do Musée du Louvre, com o número de inventário E. 3316 e E. 3317, respectivamente, têm fisionomias, inscrições e medidas semelhantes a este e foram feitos a partir do mesmo tipo de material.⁵⁰⁶

Posto isto, os decretos oraculares amuléticos constituíam um mecanismo de protecção da criança – cuja idade podia ser variável – quer pelo conteúdo do papiro, devido às promessas divinas, quer pelo invólucro, devido aos elementos decorativos e às inscrições, todos com um cariz protector.

Por fim, devemos ainda ter em consideração os pendentis cilíndricos, que podem ser classificados em duas categorias, de acordo com as suas características físicas. A primeira pode ser subdividida em três grupos, devido aos elementos decorativos que podem ostentar⁵⁰⁷: «*Group one (...) [is] decorated with triangles and chevrons (zig-zags) in granulation. The second group (...) has granules running along the entire length of the*

⁵⁰¹ Cf. EDWARDS, *op. cit.*, pp. xviii-xix.

⁵⁰² Cf. RAY, J., “Two Inscribed Object in the Fitzwilliam Museum” in *JEA*, 58, 1972, p. 251; BOURRIAU, J. D.; RAY, J. D., “Two further decrees-cases of š3k” in *JEA*, 61, 1975, pp. 257-258.

⁵⁰³ RAY, *op. cit.*, p. 251. A propósito do uso da expressão “o justificado”, J. Ray defende que não era «(...) exclusively applied to the dead (...). Indeed, if š3k were dead at the time, it would be a rather bad advertisement for the oracle, and one would be driven to assume that he had taken it into the tomb in the hope of a better performance in the next world. The issue of a decree for a dead man, though perhaps conceivable, is not to my knowledge attested, and none of the subjects of the published decrees are qualified with the epithet m3c-hrw (...). Since the word is occasionally used in wishes for a person’s wellbeing (...), the balance of probability is in favour of š3k’s being alive». RAY, *op. cit.*, p. 252.

⁵⁰⁴ Cf. RAY, *op. cit.*, p. 251.

⁵⁰⁵ Cf. <http://data.fitzmuseum.cam.ac.uk/id/object/54340>

⁵⁰⁶ O exemplar com o número de inventário E. 3316 tem 5 cm de altura e 1,3 cm de largura e ostenta a seguinte inscrição: «*Words recited by Amenrasonthēr, the good god, lord of heaven; he made a goodly protection for š3k, the justified*». BOURRIAU; RAY, *op. cit.*, p. 257. O exemplar com o número de inventário E. 3317 tem 5,6 cm de altura e 1,5 cm de largura e contém a seguinte inscrição: «*Words recited by Isis the great, mother of the god, who dwells in Coptos; may (?) she protect š3k, the justified*». BOURRIAU; RAY, *op. cit.*, p. 258.

⁵⁰⁷ Cf. JANSSEN, J. J.; JANSSEN, R. M., “A Cylindrical Amulet Case: Recent Investigations” in *Gegengabe Festschrift für Emma Brunner-Traut*, Tübingen, [s.n.], 1992, pp. 160-161.

case, while the third one shows so-called >rope-braided< decoration». ⁵⁰⁸ Sendo os, os pendentes em causa podiam conter outros objectos no seu interior. ⁵⁰⁹

O pendente cilíndrico que integra a colecção do The British Museum, com o número de inventário EA24774 (vd. Anexo 11, Fig. 39), pertence à primeira categoria, em particular ao primeiro grupo, uma vez que ostenta o mesmo tipo de elementos decorativos. Ambas as extremidades deste exemplar são compostas por duas tampas com uma forma cónica, existindo um anel de suspensão sobre a que está no topo. Este pendente foi feito a partir de ouro, tem 7,6 cm de altura e 2,7 cm de diâmetro, na parte mais larga, e é datado do Império Médio. A sua proveniência é desconhecida. ⁵¹⁰

A segunda categoria é composta por pendentes sólidos, com uma peça central – como um alfinete ou simplesmente um fio – no qual eram inseridas contas de pedras preciosas e contas folheadas a ouro, alternadamente. ⁵¹¹

O pendente cilíndrico que integra a colecção do The British Museum, com o número de inventário EA30477 (Anexo 11, Fig. 40), pertence a esta categoria, uma vez que é composto por um alfinete, feito a partir de liga de cobre, no qual foram inseridas três contas de ametista e duas de folha de ouro, de forma alternada. À semelhança do outro exemplar analisado, este tem duas capas cónicas nas extremidades e um anel de suspensão no topo. O exemplar em causa tem 4,27 cm de altura e 1 cm de diâmetro, na parte mais larga, é datado do Império Médio e a sua proveniência é desconhecida. ⁵¹²

A existência de pendentes cilíndricos está restrita sobretudo ao Império Médio. ⁵¹³ À semelhança dos decretos oraculares amuléticos, estes objectos seriam pendurados com um fio à volta do pescoço da pessoa. Alguns Autores têm defendido os pendentes em causa estavam associados à protecção não só da mulher, mas também da criança. ⁵¹⁴

⁵⁰⁸ JANSSEN; JANSSEN, “A Cylindrical Amulet Case: Recent Investigations”, p. 161.

⁵⁰⁹ Apesar da maior parte dos pendentes cilíndricos terem sido encontrados vazios, alguns exemplares continham contas e granadas no seu interior. Cf. JANSSEN; JANSSEN, “A Cylindrical Amulet Case: Recent Investigations”, pp. 160; 162.

⁵¹⁰ Cf.

http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=111522&partId=1&searchText=24774&page=1

⁵¹¹ Cf. JANSSEN; JANSSEN, “A Cylindrical Amulet Case: Recent Investigations”, p. 161.

⁵¹² Cf.

http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=134148&partId=1&searchText=30477&page=1

⁵¹³ C. Andrews defende que terão continuado em uso após o Império Novo. Vd. ANDREWS, *op. cit.*, p. 42. Importa referir que a relação existente entre os pendentes cilíndricos e os decretos oraculares amuléticos permanece por apurar. Cf. JANSSEN; JANSSEN, “A Cylindrical Amulet Case: Recent Investigations”, pp. 161-162.

⁵¹⁴ Cf. ROBINS, *Women in Ancient Egypt*, p. 87; CAPEL; MARKOE, *op. cit.*, p. 71; ANDREWS, *op. cit.*, p. 42.

Porém, J. Janssen e R. Janssen sublinham que o encantamento constante no *P. Berlim 3027 2,2-2,7* (caso P), anteriormente mencionado (ponto 4.2.), terá sido traduzido inicialmente de forma incorrecta, aludindo a um pendente cilíndrico. Este erro terá conduzido diversos Autores a defender que este tipo de objectos seria usado por crianças. Tendo em consideração que diversos exemplares são provenientes de túmulos de mulheres, os pendentes cilíndricos poderão ter sido utilizados sobretudo para a sua protecção.⁵¹⁵

⁵¹⁵ Cf. JANSSEN; JANSSEN, “A Cylindrical Amulet Case: Recent Investigations”, pp. 163-165.

CONCLUSÃO

A criança ocupava uma posição de destaque na sociedade egípcia, em grande medida derivada dos deveres que tinha perante os seus pais, quer em vida, quer na morte. Neste sentido, a concepção consistia na principal finalidade do casamento, podendo ser motivo de honra ou de desonra. Consequentemente, os Egípcios tinham uma grande preocupação e expectativa em torno da fertilidade, da concepção, da gravidez e do nascimento das crianças.

Essa preocupação era ainda motivada pela existência de um leque significativo de perigos e obstáculos – causados tanto por factores físicos como metafísicos – que podiam colocar em causa a vida da criança ou da mulher, quer enquanto grávida ou parturiente, quer enquanto mãe, com a criança a seu cargo. Estes perigos e obstáculos podiam afectar a saúde dos Egípcios, em geral, ou a da criança e da mulher, em particular, estando, nesses casos, especificamente relacionados com a gravidez, o parto, o pós-parto e a infância.

As ameaças à sobrevivência da criança e da sua mãe reflectem-se nas taxas de mortalidade infantil e materna que, ainda que incertas, seriam certamente elevadas. Tendo em conta que a taxa de mortalidade infantil poderá ter diminuído à medida que a criança crescia – embora pudesse atingir um novo pico aquando da alteração do tipo de alimentação, que ocorria ao terceiro ano de existência – parece-nos que a «primeira infância», fase que se estendia até aos três ou quatro anos de idade, poderá corresponder a um dos períodos mais perigosos da vida dos Egípcios.

Neste sentido, a sobrevivência das crianças constituía uma importante fonte de preocupação, tendo sido desenvolvidos múltiplos mecanismos mágicos destinados a garantir a sua protecção, que se enquadram na esfera das práticas religiosas conduzidas em contexto doméstico, no âmbito da Religião Doméstica, e que podiam ser adoptados por qualquer Egípcio, independentemente do seu estatuto social.

Com a presente dissertação torna-se evidente que a expressão “protecção da «primeira infância»” deve ser considerada num sentido amplo, que incluía as fases respeitantes à concepção, gravidez, parto e pós-parto, uma vez os riscos que lhes estavam associadas podiam inviabilizar a sobrevivência da criança. Do mesmo modo, também o alvo desta protecção deve ser estudado num sentido amplo, incluindo não só a criança,

mas também a mulher, na qualidade de grávida, de parturiente e de mãe, uma vez que os problemas de saúde dos de que padecia podiam igualmente afectar a criança, ainda que de forma indirecta.

A necessidade de adoptar uma abordagem ampla no estudo da protecção da criança compagina-se ainda com o facto de, em diversos casos, o mesmo mecanismo mágico de protecção poder ter sido utilizado em diferentes circunstâncias, quer relacionadas com a fertilidade e a concepção, quer com a gravidez, o parto e os momentos subsequentes e, ainda, a infância. Tendo em conta a multifuncionalidade de alguns objectos, podemos estabelecer para cada objecto uma panóplia de aplicações alargadas no âmbito da protecção da criança e da mulher.

Os mecanismos associados à protecção da criança e da mulher podiam ter a forma de estruturas arquitectónicas, como ocorria com as estruturas elevadas de Deir el-Medina, com os tijolos de nascimento e com as pérgulas de nascimento.

Como vimos, a função das estruturas elevadas de Deir el-Medina tem suscitado um intenso debate. Entre as diversas propostas constam a possibilidade de terem sido lugares destinados a sentar ou a dormir; locais associadas à esfera feminina num sentido lato; lugares rituais ou camas conjugais onde o casal teria relações sexuais; locais destinados ao parto ou à reclusão e purificação da mulher e da criança após este; a possibilidade de terem sido utilizadas como altares domésticos onde seriam executados diversos tipos de culto, ligados, a título de exemplo, a divindades domésticas, a diversos aspectos da esfera feminina (como a fertilidade, a concepção, a gravidez, o parto e a maternidade), aos antepassados e à regeneração; ou, ainda, a hipótese de terem sido plataformas multifuncionais. A nosso ver, parecem-nos mais plausíveis as teorias que defendem que seriam utilizadas como altares domésticos ou com propósitos multifuncionais, parecendo evidente que, em determinadas circunstâncias, poderão ter estado associadas à fertilidade, à concepção, à gravidez, ao parto e à maternidade.

O propósito primário dos tijolos de nascimento parece ter sido a formação de uma estrutura sobre a qual a mulher se colocava durante o parto. No entanto, o número de tijolos que lhe davam forma é incerto, tendo sido sugerida, como mencionámos no capítulo 3, a possibilidade de se tratarem de conjuntos de dois ou de quatro. Em nossa opinião, a segunda teoria, que tem reunido um maior consenso, deverá ser abandonada, uma vez que o encantamento constante no *P. Berlim 3027* 5,8-6,8 (caso F) indica claramente que seriam utilizados dois tijolos durante o parto. Em alternativa, pode ser considerada a possibilidade de terem sido utilizados conjuntos de dois ou quatro tijolos,

consoante a situação. No entanto, esta possibilidade suscita uma outra questão, nomeadamente qual o factor ou critério que determinava a escolha do número de tijolos utilizados.⁵¹⁶ Adicionalmente, os tijolos de nascimento poderão ter dado forma a um outro tipo de plataforma sobre a qual a criança se encontrava deitada enquanto eram executados rituais mágicos com um cariz protector ou enquanto era determinado o seu destino.

Por fim, as pérgulas de nascimento poderão ter constituído uma outra estrutura arquitectónica de cariz protector. Como analisámos, por um lado, tem sido sugerido que seriam locais onde o parto ou isolamento da mulher e da criança e os consequentes rituais de purificação ocorriam. Por outro, foi proposto que as pérgulas não terão existido, sendo que as ilustrações destas elementos decorativos simbólicos que podiam estar associados à celebração do nascimento. Do nosso ponto de vista, ambas as teorias são inconclusivas. Apesar de ainda não terem sido encontrados vestígios arqueológicos que atestem a existência das pérgulas de nascimento, não podemos ignorar a possibilidade de estas não terem sobrevivido devido à natureza perecível dos materiais utilizados no seu fabrico, bem como ao facto de serem atestadas ainda por fontes textuais.

As figuras podem ter constituído um outro mecanismo associado à fertilidade e à protecção, sobretudo as figuras femininas, as figuras masculinas eróticas e as figuras de deuses protectores da criança e da mulher e as figuras de animais com a forma das mesmas divindades, como procurámos também evidenciar no Capítulo 2.

As figuras femininas foram atestadas de forma abundante em contexto doméstico, apresentando uma ampla distribuição geográfica, tendo sido encontradas em mais de metade dos povoados analisados, e temporal, estando atestadas desde o Império Médio até à Época Baixa. Existe um intenso debate em torno da função das figuras femininas, tendo sido sugerida a possibilidade de terem sido brinquedos; “concubinas do morto”; objectos associados à fertilidade, num sentido amplo; objectos utilizados em rituais mágicos de cura de determinados padecimentos ou, por fim, a possibilidade de terem tido múltiplas funções.

Em nossa opinião, as figuras femininas poderão ter tido uma função genérica global, que abarcasse diversos aspectos, ou diversas funções específicas, sendo possivelmente utilizadas para lidar com questões relacionadas com a fertilidade, com a concepção, com a gravidez e com o parto ou usadas em rituais de cura. Sustentamos esta ideia, por um lado, porque demos conta da existência de um conjunto reduzido de figuras

⁵¹⁶ Agradeço à Professora Doutora Joanna Popielska-Grzybowska por ter suscitado o debate em torno desta possibilidade.

que estavam claramente relacionadas com essas dimensões da esfera feminina e de outro conjunto que foi encontrado num túmulo de um mágico, juntamente com outros objectos associados à protecção da mulher e da criança. Por outro, porque são conhecidos encantamentos mágicos que referem que as figuras femininas seriam utilizadas em rituais de cura de determinados problemas de saúde. Por isto, acreditamos que estas funções não se excluem mutuamente, parecendo plausível afirmar que as figuras femininas poderão ter tido múltiplas funções, dependendo das circunstâncias e da situação em que foram utilizadas.

As figuras masculinas eróticas estão atestadas em contexto doméstico de forma pouco expressiva, estando restritas a um único povoado (Tell el-Mudqam) e à Época Baixa. A função destas figuras permanece por apurar. No entanto, parece-nos mais plausível equacionar a possibilidade de terem estado associadas à fertilidade (dos campos, dos animais ou, ainda, das pessoas), à regeneração e ao culto de algumas divindades, à semelhança do que parece ter ocorrido com as figuras com características similares encontradas noutros contextos.

A presença das figuras de divindades protectoras das crianças e das mulheres em contexto doméstico é igualmente escassa, como vimos, sendo conhecido um número reduzido de exemplares de figuras com a forma de Bes, de Taueret, de Ísis, de Ísis e Hórus e, por fim, de Hathor. A identificação destas figuras está também circunscrita a um conjunto diminuto de povoados (Tell el-Amarna; Mênfis (Kom Rabia); Tell el-Muqdam; Amara Oeste; Lahun e Semna). A datação destas figuras não é uniforme, variando consoante o tipo de figura. A sua função tem, até hoje, sido pouco estudada. Tendo em conta a existência de um encantamento que refere a utilização de uma figura com a forma de um anão – Bes – num ritual de nascimento, acreditamos que se pode equacionar a possibilidade das figuras com a forma das divindades em causa terem sido utilizadas de modo a proteger a mulher ou a criança. No entanto, esta teoria é, por enquanto, meramente especulativa, podendo apenas ser confirmada após a realização de uma análise aprofundada a este tipo de objectos.

Por fim, as figuras de animais com a forma de divindades igualmente associadas à protecção da criança e da mulher está igualmente atestada de forma diminuta, podendo ter a forma de hipopótamos, de vacas e de rãs. Estas figuras estão restritas a um conjunto reduzido de povoados (Buhen; Lahun; Tell el-Amarna; Uronarti; Abidos (Kom es-Sultan); Abidos Sul (*Uah-Sut*); Sesebi; Chalfak; Semna; Licht) e estão atestadas de forma desigual em termos cronológicos. O apuramento da função deste tipo de objectos tem

suscitado algum debate, como mencionámos, tendo sido sugerida a hipótese de terem sido usados como brinquedos ou de estarem associadas a determinadas divindades e de, conseqüentemente, serem objectos utilizados no seu culto ou oferendas votivas. Neste sentido, do nosso ponto de vista, deve ser considerada a possibilidade das figuras com a forma de hipopótamo, vaca e rã terem representado as deusas Taueret, Hathor e Heket, respectivamente, podendo ter sido oferendas votivas destinadas a obter auxílio ou a agradecer a concepção e o nascimento das crianças. Tendo em conta que as figuras de deuses podem ter sido utilizadas em rituais mágicos com vista à protecção, acreditamos que o mesmo podia acontecer com as figuras de animais com a forma dos mesmos deuses. Posto isto, acreditamos que estamos novamente perante um tipo de objecto que se pauta essencialmente pela multifuncionalidade.

As camas votivas, que abordámos no capítulo 2, parecem ter desempenhado diversas funções, podendo ter sido objectos votivos destinados a garantir a fertilidade, a concepção ou o nascimento com sucesso; objectos associados à celebração do nascimento ou à protecção da criança; ou, ainda objectos relacionados com o culto aos antepassados e com o renascimento.

Também os amuletos, referenciados nos capítulos 2 e 3, utilizados para proteger a mãe e a criança podem ser classificados em duas categorias distintas: amuletos com uma forma animal, alusiva a determinadas divindades, e amuletos com a forma de deuses.

Os primeiros, os amuletos com a forma animal, alusiva a divindades protectoras da mãe e da criança, estão atestados de forma reduzida em contexto doméstico. Entre estes regista-se um claro predomínio daqueles com a forma de rã, que têm uma reduzida abrangência geográfica e temporal, estando restritos ao Império Novo. Estes amuletos podem ter representado a deusa Heket e, conseqüentemente, terem sido utilizados para promover a fertilidade e a concepção e para obter auxílio divino durante o nascimento da criança.

Em contexto doméstico está igualmente atestada a presença de amuletos com a forma de vaca, que se restringem a um único povoado (Tell el-Amarna) e período (Império Novo). Estes amuletos poderão ter estado associados à deusa Hathor, tendo, por isso, em consequência, a capacidade de garantir protecção durante da mulher não só durante o parto, mas também durante período da maternidade.

Há ainda um conjunto de amuletos com a forma animal – de babuínos, de lebres e de macacos – que foram atestados de forma muito pouco expressiva em contexto doméstico que podem igualmente ter sido utilizados de modo a promover a fertilidade.

O *corpus* de amuletos com a forma de divindades protectoras da mulher e da criança é aquele foi atestado em contexto doméstico de forma mais abundante. Entre eles destacam-se claramente os do deus Bes, que foram identificados em cerca de metade dos povoados em causa, desde o Império Médio à Época Baixa. Os amuletos com a sua forma podiam ser utilizados para proteger tanto a criança como a mulher, durante a gravidez, o parto e a infância. Os amuletos de Taueret também estão identificados de uma forma expressiva em contexto doméstico, sendo provenientes de um conjunto significativo de povoados, como vimos no capítulo 3, e datados do mesmo recorte cronológico. As suas funções eram similares às dos amuletos de Bes.

Os amuletos com a forma de Hathor atestados em contexto doméstico é significativamente inferior face aos dois últimos, pautando-se por uma reduzida distribuição geográfica e temporal. Estes objectos poderão ter sido utilizados para proteger a mulher durante o parto e a maternidade. Por fim, foi ainda encontrado um número muito pouco expressivo de amuletos com a forma de Ísis, que seriam utilizados para proteger as crianças e as mulheres.

Importa salientar que não foi possível identificar nenhum amuleto com a forma da deusa Meskhenet em contexto doméstico. Talvez esta ausência se possa explicar pelo facto de a deusa personificar os tijolos de nascimento e, nesse sentido, o uso desses objectos no momento do parto garantir, por si só, a presença e a protecção da deusa. Do mesmo modo, parece não estar atestada a existência de amuletos com a forma do deus Chai, o que poderá ser motivado pela função momentânea que o deus tinha de decretar o destino das crianças. No entanto, não dispomos de evidências que sustentem estas teorias, respeitantes às divindades Meskhenet e Chai, pelo que permanecem no domínio da especulação.

A identificação de amuletos da deusa Renenutet no mesmo contexto é mais problemática. Apesar de terem sido encontradas diversas cobras, que constam da categoria “joalheria e amuletos” na base de dados elaborada por S. Mota por nós utilizada, na maior parte dos casos não se pode afirmar com segurança que teriam correspondido a amuletos. Adicionalmente, não é possível comprovar que representariam a deusa Renenutet nem se, se assim fosse, seriam utilizados para proteger a criança e a mulher, podendo ser utilizados para outros efeitos, como, por exemplo, para garantir a fertilidade dos campos. Mais uma vez, não sendo possível confirmar ou esclarecer estes aspectos, a presença de amuletos de Renenutet em contexto doméstico e a sua possível utilização por parte de mulheres e crianças são questões que permanecem em aberto.

A par dos amuletos, podiam ser utilizados objectos apotropaicos, como as presas de hipopótamo de nascimento e as barras de nascimento, para garantir a sobrevivência da criança e da sua mãe.

As presas de hipopótamo de nascimento estão atestadas de forma diminuta em contexto doméstico, sendo que os exemplares aí encontrados apresentam características físicas incomuns. Apesar de estas diferenças, a sua presença em contexto doméstico, aliada aos sinais de desgaste que alguns exemplares apresentam, sugere que este tipo de objecto teria sido utilizado para proteger as crianças e as mulheres, embora ainda não tenha sido possível apurar de que forma isso ocorria.

As barras de nascimento são ainda menos frequentes em contexto doméstico, sendo conhecido um único fragmento. Apesar de os elementos decorativos relevarem que este tipo de objectos era utilizado para proteger a mulher e a criança, sugerindo uma possível associação com os tijolos de nascimento e as presas de hipopótamo de nascimento, não foi possível apurar com exactidão a forma como seria utilizado.

Até à presente data, não se conhece nenhum encantamento mágico utilizado para promover a fertilidade. Não obstante, importa lembrar a existência de um procedimento destinado a determinar a capacidade que uma mulher tinha para conceber, que se faz acompanhar por um encantamento mágico, do qual nada restou. Da mesma forma, mencionámos outros procedimentos médicos, que podiam – ou não – recorrer à magia, com a mesma finalidade do anterior ou com o intuito de determinar a fertilidade da mulher. Os encantamentos que deviam ser recitados durante a gravidez são escassos, destinando-se, sobretudo, a lidar com as hemorragias de mulheres. Por sua vez, o conjunto de encantamentos destinados ao parto, aos momentos que se seguiam e à infância é mais significativo e variado. Porém, como procurámos demonstrar nos capítulos 3 e 4, nem sempre é, porém, possível fazer uma distinção clara entre encantamentos destinados ao parto e ao pós-parto ou entre encantamentos que deviam ser recitados no pós-parto ou durante a infância.

A partir dos diversos encantamentos mágicos transcritos e analisados na presente dissertação, podemos concluir que os mesmos têm, frequentemente, uma estrutura tripartida semelhante: são compostos por um “título”, no qual é normalmente indicado o problema a que se destina; por uma passagem na qual são invocadas divindades para auxiliar a pessoa ou na qual é feita uma analogia entre um determinado mito – como a interferência de Set no nascimento e sobrevivência de Hórus – e situação em que a pessoa se encontrava; e, por fim, pela descrição do procedimento que deveria ser adoptado.

Por fim, devemos ainda sublinhar que uma parte significativa dos encantamentos mágicos abordados deveria ser utilizado em simultâneo com amuletos, ampliando assim a sua eficácia, destacando-se na sua produção e aspecto o uso do linho, das contas e de vários nós. Curiosamente, parece-nos que os amuletos recomendados não estavam especificamente relacionados com a protecção da criança. Desse modo, consideramos que a referência a amuletos nos encantamentos mágicos destinados às crianças e às mulheres deve ser analisada de forma ainda mais aprofundada, de modo a ser possível apurar o motivo destes tipos de amuletos terem sido utilizados com esse propósito.

A atribuição do nome à criança, que considerámos no capítulo 4, podia igualmente constituir uma forma de garantir a sua protecção. Como vimos, os nomes teofóricos exofóricos tinham um carácter protector, que podia derivar, a título de exemplo, da referência a divindades, às suas qualidades, a festivais religiosos ou ao destino da pessoa. Por seu turno, a dimensão protectora dos nomes teofóricos endofóricos estava patente através da manifestação por parte da divindade da sua vontade em garantir a protecção da criança, o seu nascimento, a sua existência ou através da expressão da relação de proximidade existente entre a divindade e a pessoa.

O nosso estudo permite-nos concluir que a quantidade de mecanismos mágicos que os Egípcios desenvolveram com vista ao incentivo à fertilidade e à concepção é inferior àqueles que se destinavam à protecção da criança e da mulher durante a gravidez, o parto, o pós-parto e a «primeira infância». Parece-nos plausível afirmar que isso se deve ao facto de os momentos mais perigosos – durante os quais era necessária uma maior protecção – corresponderem precisamente às diferentes fases compreendidas entre a gravidez e a infância.

Uma parte substancial dos mecanismos mágicos abordados pautam-se por uma abrangência cronológica e geográfica restritas – como acontece com as figuras masculinas eróticas, a título de exemplo –, o que comprova que muitas das práticas relacionadas com a fertilidade, com a concepção, com o nascimento e com a infância variaram ao longo do tempo e consoante a região. Ainda assim, alguns mecanismos, como as figuras femininas, tiveram uma grande longevidade e difusão ao longo de todo o território egípcio. Não obstante as alterações das práticas que se foram verificando, importa salientar que desde o início do Período Dinástico começou a surgir a necessidade de proteger a criança – como atesta a existência de alguns objectos protectores datados desta época –, preocupação essa que se manteve até à Época Baixa.

As conclusões que apresentamos anteriormente não são definitivas nem absolutas. Por um lado, porque o *corpus* analisado, que integra a base de dados de S. Mota, inclui apenas as informações constantes dos relatórios de escavações publicados até Setembro de 2014, podendo ser, futuramente, alargado com os dados provenientes de outros relatórios publicados posteriormente. Desse modo, as contagens apresentadas no presente estudo evidenciam apenas uma tendência para o predomínio de determinados objectos face a outros em contexto doméstico.

Por outro lado, ao focar-se essencialmente nos mecanismos mágicos de protecção atestados em contexto doméstico, a presente dissertação não constitui, naturalmente, um estudo globalizante. Isto porque esta abordagem exclui o tratamento aprofundado de outros mecanismos da análise, como é o caso da taça de alimentação, dos decretos oraculares amuléticos e dos pendentos cilíndricos, sobre os quais, ainda assim, deixámos alguns apontamentos.

A presente dissertação permitiu-nos identificar um conjunto de temáticas que necessitam de ser estudadas em maior profundidade. Como vimos, são necessários estudos futuros em torno das funções de objectos como as figuras masculinas eróticas, as figuras de deuses, as óstracas com representações alusivas a cenas de amamentação e as barras de nascimento. Do mesmo modo, é necessária uma análise conjunta e aprofundada de todos os encantamentos mágicos conhecidos, relacionados com a protecção da criança e da mulher, que permitirão, a título de exemplo, conhecer melhor os amuletos, as cenas mitológicas e a acção protectora das divindades neles referidos. Por fim, consideramos ainda relevante a realização de um estudo aprofundado sobre os pendentos cilíndricos, de forma a apurar se, de facto, eram utilizados na protecção da criança.

Em suma, a presente dissertação permitiu demonstrar que nada era «simples nem humano» durante a «primeira infância» no Egipto antigo. Se, por um lado, nos permitiu apresentar os múltiplos perigos que podiam afectar a saúde da criança e da mulher, enquanto grávida, parturiente e mãe, por outro, permitiu-nos também levantar os diversos mecanismos mágicos atestados em contexto doméstico que os Egípcios desenvolveram para as proteger. Acreditamos que, desta forma, o nosso estudo contribui para o conhecimento das práticas mágicas associadas à fertilidade, à concepção, à gravidez, ao parto e à infância, que seriam essenciais para garantir a sobrevivência da criança no Egipto antigo.

BIBLIOGRAFIA

Obras gerais

Livros

- ALDRED, C., *Jewels of the Pharaohs*, London, British Museum Press, 1971.
- ALDRED, C., *Os Egípcios*, Lisboa, Verbo, 1972.
- ALLAM, S., *Some Pages from Everyday Life in Ancient Egypt*, Giza, [s.n.], 1986.
- ALLEN, J. P., *The Art of Medicine in Ancient Egypt*, New York, Metropolitan Museum of Art, 2005.
- ALLEN, T. D., *The Ancient Egyptian Family. Kingship and Social Structure*, New York – London, Taylor & Francis, 2008.
- ANDREU, G., *Images de la Vie Quotidienne en Égypte au Temps des Pharaons*, Paris, Editions Hachette, 1992.
- ANDREU, G., *Les Égyptiens au Temps des Pharaons*, Paris, Hachette, 1997.
- ANDREWS, C., *Amulets of Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1994.
- ANDREWS, C., *Ancient Egyptian Jewellery*, London, The British Museum Press, 1990.
- ANTELME, R.; ROSSINI, S., *Les Secrets d'Hathor. Amour, Érotisme et Sexualité dans l'Égypte Pharaonique*, Paris, Éditions du Rocher, 1999.
- ARAÚJO, L. M.; SALES, J. das C. (eds.), *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egipto. Erotica, Erotism and Sexuality in Ancient Egypt*, Actas do Segundo Congresso Internacional para Jovens Egiptólogos, CD, Lisboa, Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007.
- ARMOUR, R. A., *Gods and Myths of Ancient Egypt*, Cairo, The American University in Cairo Press, 1986.
- ASSMANN, J., *The Search for God in Ancient Egypt*, Ithaca – London, Cornell University Press, 2001.
- BAINES, J.; MÁLEK, J., *Cultural Atlas of Ancient Egypt*, Oxford, Checkmark Books, 2000.

- BAINES, J.; LESKO, L. H.; SILVERMAN, D. P., *Religion in Ancient Egypt: Gods, Myths, and Personal Practice*, Ithaca, Cornell University Press, 1992.
- BASSON, D., *The Goddess Hathor and the Women in ancient Egypt*, [s.l.], Stellenbosch University, 2012.
- BAUD, M., *Famille Royale et Pouvoir sous l'Ancien Empire Égyptien*, 2 vols., Le Caire, Institut Français D'Archéologie Orientale, 1999.
- BORGHOUTS, J. F., *Ancient Egyptian Magical Texts*, Leiden, Brill, 1978.
- BREWER, D. J.; TEETER, E., *Egypt and the Egyptians*, Cambridge, Cambridge University Press, 2007.
- BRIER, B., *Ancient Egyptian Magic*, New York, William Morrow, 1982.
- BRIER, B.; HOOBS, H., *Daily Life of the Ancient Egyptians*, Connecticut – London, Greenwood Press, Westport, 2008.
- BUDGE, E. A. W., *Egyptian Magic*, London, Routledge and Kegan Paul, 1981.
- CAPEL, A. K.; MARKOE, G. E. (eds.), *Mistress of the House, Mistress of Heaven: Women in Ancient Egypt*, New York, Hudson Hills Press and Cincinnati Art Museum, 1996.
- CASSON, L., *Everyday Life in Ancient Egypt*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 2001.
- DASEN, V., *Dwarfs in Ancient Egypt and Greece*, Oxford, Clarendon Press, 1993.
- DAUMAS, F., *La Civilisation de l'Égypte pharaonique*, Paris, Arthaud, 1971.
- DAUMAS, F., *La Vie dans l'Égypte Ancienne*, Col. Que sais-je?, 2^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1974.
- DAVID, A. R., *The Ancient Egyptian. Religious Beliefs and Practices*, London, Routledge & Kegan Paul, 1982.
- DAVID, R., *Religion and Magic in Ancient Egypt*, Harmondsworth, Penguin Books, 2002.
- DAVID, R., *The Experience of Ancient Egypt*, London – New York, Taylor & Francis e-Library, 2002.
- DAVID, R., *The Pyramid Builders of Ancient Egypt. A Modern Investigation of Pharaoh's Workforce*, London, Routledge, 1996.
- DESROCHES-NOBLECOURT, C., *La Femme au Temps des Pharaons*, [s.l.], Stock, 1986.
- DODSON, A., *Amarna sunset. Nefertiti, Tutankhamon, Ay, Horemheb and the Egyptian Counter-reformation*, Cairo – New York, The American University in Cairo Press, 2009.

- DONADONI ROVERI, A. M. (dir.), *La Civilisation des Égyptiens, La Vie Quotidienne*, Musée Egyptien de Turin, Turin, Instituto Bancario San Paolo di Torino, 1988.
- DUNAND, F., *Isis, Mère des Dieux*, Paris, Editions Errance, 2000.
- DUNAND, F.; ZIVIE-COCHE, C., *Hommes et Dieux en Égypte*, Paris, Éditions Cybèle, 2006.
- EBEID, N. I., *Egyptian Medicine in The Days of The Pharaohs*, Cairo, General Egyptian Book Organisation-Press, 1999.
- EL-QHAMID, J. T., *Erotismo y Sexualidad en el Antiguo Egipto*, Barcelona, Folio, 2006.
- ERMAN, A., *Life in Ancient Egypt*, London – New York, [s.n.], 1894.
- ERMAN, A.; RANKE, H., *La Civilisation Égyptienne*, Paris, Payot, 1976.
- ÉTIENNE, M., *Heka: Magie et envoûtement dans l'Égypte ancienne*, Paris, Réunion des Musées Nationaux, 2000.
- GHALIOUNGUI, P., *The House of Life: Magic and Medical Science in Ancient Egypt*, Amsterdam, B.M. Israël, 1973.
- GLANVILLE, S. R. K., *Daily Life in Ancient Egypt*, London, [s.n.], 1930.
- GRAVES-BROWN, C. (ed.), *Sex and Gender in Ancient Egypt. "Don your wig for a joyful hour"*, Swansea, The Classical Press of Wales, 2008.
- GRAVES-BROWN, C., *Dancing for Hathor: Women in Ancient Egypt*, London, New York, Continuum, 2010.
- HALIOUA, B.; ZISKIND, B., *Medicine in the Days of the Pharaohs*, Cambridge – Massachusetts – London, The Belknap Press of Harvard University Press, 2005.
- HART, G., *The Routledge Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*, London-New York, Routledge, 2005.
- HAWASS, Z., *Silent Images: Women in Pharaonic Egypt*, [s.l.], Harry N. Adrams, 2000.
- HELCK, H. W., et al (eds.), *Lexikon der Ägyptologie*, Wiesbaden, Harrassowitz, 1975-1992.
- HUNT, N. B., *Living in Ancient Egypt*, New York, Chelsea House Publications, 2009.
- KOENIG, Y. (ed.), *La Magie en Égypte: à la Recherche d'une Définition*, Paris, Musée du Louvre, 2002.
- KOENIG, Y., *Magie et Magiciens dans l'Égypte Ancienne*, Paris, Pygmalion, 1993.
- KOLTSIDA, A., *Social Aspects of Ancient Egyptian Domestic Architecture*, Oxford, British Archaeology Reports Ltd, 2007.
- KRAUS, J., *Die Demographie des Alten Ägypten: Eine Phänomenologie anhand Altägyptischer Quellen*, Göttingen, Georg-August-Universität, 2004.

- LACHAUD, R., *Les Déesses de l'Égypte Pharaonique: le Chant des Neter*, Mónaco, Édition du Rocher, 1993.
- LECA, A.-P., *La Médecine Égyptienne au Temps des Pharaons*, Paris, Les Éditions Roger Dacosta, 1988.
- LEFEBVRE, G., *Essai sur La Médecine Égyptienne de L'Époque Pharaonique*, Paris, Presses Universitaires de France, 1956.
- LESKO, B. S., *The Great Goddesses of Egypt*, Norman, University of Oklahoma Press, 1999.
- LESKO, B. S., *The Remarkable Women of Ancient Egypt*, [s.l.], BC Scribe Publications, 1996.
- LESKO, L. H. (ed.), *Pharaoh's Workers: The Villagers of Deir el Medina*, New York, Cornell University Press, 1994.
- LEXA, F., *La Magie dans l'Égypte antique*, 3 vols., Paris, [s.n.], 1925.
- LICHTHEIM, M., *Ancient Egyptian Literature*, 3 vols., Berkeley – Los Angeles, University of California Press, 1980.
- LOPES, M. H. T., *Estudos de Egiptologia*, Lisboa, Associação Portuguesa de Egiptologia, 2003.
- LOPES, M. H. T., *O Egipto Faraónico: Guia de Estudo*, [Lisboa], Associação Portuguesa de Egiptologia, 2005.
- LOPES, M. H. T., *O Homem Egípcio e a sua Integração no Cosmos*, Lisboa, Editorial Teorema, 1989.
- MANNICHE, L., *Sexual Life in Ancient Egypt*, London – New York, [s.n.], 1987.
- MESKELL, L., *Archaeologies of Social Life: Age, Sex, Class, etc., in Ancient Egypt*, Oxford, Blackwell Publishers, 1999.
- MESKELL, L., *Object Worlds in Ancient Egypt: Material Biographies Past and Present*, Berg, Oxford – New York, 2004.
- MESKELL, L., *Vies Privées des Égyptiens. Nouvel Empire. 1539-1075*, Paris, Éditions Autrement, 2002.
- MONTET, P., *A Vida Quotidiana no Egipto no Tempo de Ramsés*, Lisboa, Livros do Brasil, 1957.
- NUNN, J. F., *Ancient Egyptian Medicine*, London, British Museum Press, 1996.
- NUR EL DIN, A. H., *The Role of Women in the Ancient Egyptian Society*, Cairo, S. C. A Press, 1995.

- PETRIE, W. M. F., *Amulets: Illustrated by the Egyptian Collection in University College*, London, Constable and Co., 1914.
- PETRIE, W. M. F., *Objects of Daily Use*, London, British School of Archaeology in Egypt, 1927.
- PETRIE, W. M. F., *Social Life in Ancient Egypt*, London, [s.n.], 1923.
- PINCH, G., *Handbook of Egyptian Mythology*, California, ABC-CLIO, 2002.
- PINCH, G., *Magic in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1994.
- PINTO, C., *A Mulher e o Amor no Egípto Antigo: Senhora da Casa, Senhora do Amor*, Lisboa, Campo da Comunicação, 2007.
- POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1959.
- QUIRKE, S., *Ancient Egyptian Religion*, London, British Museum Press, 2000.
- RACHELWILTZ, B., *A Vida no Antigo Egípto*, Lisboa, Arcádia, 1964.
- RACHET, G.; RACHET, M. F., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Librairie Larousse, 1968.
- REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, 3 vols., Oxford, Oxford University Press, 2001.
- REISNER, G. A., *Amulets*, Cairo, [s.n.], 1907.
- RITNER, R. K., *The Mechanics of Ancient Egyptian Magical Practice, Studies in Ancient Oriental Civilization*, 54, Chicago – Illinois, The Oriental Institute of the University of Chicago, 2008.
- ROBINS, G., *Women in Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1993.
- ROMANO, J. F., *Daily Life of the Ancient Egyptians*, Pittsburgh, [s.n.], 1990.
- RUBIO, R. (ed.), *Isis. Nuevas Perspectivas*, Madrid, Ediciones Clásicas, 1996.
- RUIZ, A., *Daily Life in Ancient Egypt*, London, Souvenir Press Ltd, 2004.
- SADEK, A. I., *Popular Religion during the New Kingdom*, Hildesheimer ägyptologische Beiträge, 27, Hildesheim, Gerstenberg Verlag, 1987.
- SALES, J. das C., *As Divindades Egípcias. Uma Chave para a Compreensão do Egípto Antigo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999.
- SALES, J. das C., *Estudos de Egiptologia. Temáticas e Problemáticas*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007.
- SASSON, J. (ed.), *Civilizations of the Ancient Near East*, 4 vols, New York, Scribner, 1995.

- SCHULMANN-ANTELME, R.; ROSSINI, S., *Les Secrets d'Hathor. Amour, Érotisme et Sexualité dans l'Égypte Pharaonique*, [s.l.], Editions du Rocher, 1999.
- SCOTT, E., *The Archaeology of Infancy and Infant Death*, Oxford, Archaeopress, 1999.
- SHAW, I. (ed.), *The Oxford History of Ancient Egypt*, New York, Oxford University Press, 2000.
- SHAW, I., *Ancient Egypt: a Very Short Introduction*, New York, Oxford University Press, 2004.
- SHAW, I.; NICHOLSON, P., *The British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1995.
- SHORTER, A. W., *The Egyptian Gods: a Handbook*, London, Routledge & Kegan Paul, 1983.
- SMITH, W. S., *Country Life in Ancient Egypt*, Connecticut, Meriden Gravure Co., [s.d.].
- STEAD, M. (ed.), *Egyptian Life*, London, [s.n.], 1991.
- STEVENS, A., *Private Religion at Amarna: The Material Evidence*, England, Archaeopress, 2006.
- STROUHAL, E., *A Vida no Antigo Egipto*, [s.l.], Folio Edições, 2014.
- SZPAKOWSKA, K. (ed.), *Through a Glass Darkly: Magic, Dreams & Prophecy in Ancient Egypt*, Swansea, Classical Press of Wales, 2006.
- SZPAKOWSKA, K., *Daily Life in Ancient Egypt: Recreating Lahun*, Oxford, Blackwell Publishing, 2008.
- TEETER, E., *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, Cambridge, Cambridge University Press, 2011.
- TEFNIN, R., *Art et Magie au Temps des Pyramides*, Bruxelles, Fondation Égyptologique Reine Elisabeth, 1991.
- THÉODORIDÈS, A.; NASTER, P.; RIES, J., *L'Enfant dans les Civilisations Orientales*, Louvain, [s.n.], 1980.
- TOIVARI-VIITALA, J., *Women at Deir el-Medina. A Study of the Status and Roles of the Female Inhabitants in the Workmen's Community During the Ramesside Period*, Leiden, [s.n.], 2001.
- TRAUNECKER, C., *Os Deuses do Egipto*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2003.
- TYLDESLEY, J., *Daughters of Isis: Women of Ancient Egypt*, London, Viking, 1995.
- VALBELLE, D., *A Vida no Antigo Egipto*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1990.

- VEIGA, P. V., *Health and Medicine in ancient Egypt: Magic and Science*, [s.l.], [s.n.], [s.d.].
- VERNUS, P., *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, Paris, Imprimerie Nationale Editions, 2001.
- WATTERSON, B., *Women in Ancient Egypt*, Nova Iorque, St. Martins Press, 2012.
- WHALE, S., *The Family in the Eighteenth Dynasty of Egypt*, Sydney, [s.n.], 1989.
- WILFONG, T., *Women and Gender in Ancient Egypt from Prehistory to Late Antiquity*, Exhibition at Kelsey Museum of Archaeology, Ann Arbor, Kelsey Museum of Archaeology, 1997.
- WILKERSON, J. G., *The Manners and Customs of the Ancient Egyptians*, 3 vols., London, [s.n.], 1878.
- WILKINSON, A., *Ancient Egyptian Jewellery*, London, Methuen, 1971.
- WILKINSON, R. H., *The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt*, London, Thames & Hudson, 2003.
- WILKINSON, R., *Symbol and Magic in Egyptian Art*, London – New York, [s.n.], 1994.
- WILSON, H., *Povo dos Faraós*, Mem Martins, Lyon Edições, 2001.

Artigos

- ALLAM, S., “Les obligations et la famille dans la société égyptienne ancienne” in *OA XVI*, 1977, pp. 89-97.
- ALLAM, S., “Quelques aspects du mariage dans l'Égypte ancienne” in *JEA*, 67, 1981, pp. 116-35.
- ANDREWS, C., “Amulets” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 1, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 75-82.
- ASSMANN, J., “Magie und Ritual im Alten Ägypten” in ASSMAN, J.; STROHM, H. (eds.), *Magie und Religion*, München, [s.n.], 2010, pp. 23-43.
- BABER, R., “Marriage and Family Life in Ancient Egypt” in *Social Forces*, 13(3), 1935, pp. 409-414.
- BAINES, J., “Practical Religion and Piety” in *JEA*, 73, 1987, pp. 79-98.
- BANSCHIKOVA, A. A., “Woman in Ancient Egypt: Evolution of Personal and Social Positions” in *Social Evolution & History*, 5 (1), 2006, pp. 109-124.

- BARB, A. A., “Mistério, Mito e Magia” in HARRIS, J. R. (ed.), *O legado do Egípto*, Rio de Janeiro, Imago, 1993, pp. 150-181.
- BAXTER, J. E., “The Archaeology of Childhood” in *Annual Review of Anthropology*, 37, 2008, pp. 159-175.
- BORGHOUTS, J. F., “Magic Texts” in SAUNERON, S. (ed.), *Textes et Langages de L'Égypte Pharaonique (Hommage à Jean-François Champollion)*, vol. 3, Bibliothèque d'Étude 64/3, Cairo, Institut français d'Archéologie Orientale du Caire, 1974, pp. 2-19.
- BORGHOUTS, J. F., “Magie” in HELCK, H. W., et al (eds.), *Lexikon der Ägyptologie*, vol. 3, Wiesbaden, Harrassowitz, 1980, pp. 1137-1151.
- BORGHOUTS, J. F., “Witchcraft, Magic and Divination in Ancient Egypt” in SASSON, J. M. (ed.), *Civilizations of the Ancient Near East*, vol. 3, London, Charles Scribner's Sons, 1995, pp. 1775-1785.
- BUDDE, D., “Child Deities” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2010. <http://escholarship.org/uc/item/9cf2v6q3>
- CANTÚ, G., “Symboles magiques et amulettes” in *Les mystères d'archéologie. La civilisation des pharaons. Réalité et magie dans l'Égypte de l'Antiquité*, Paris, Éditions de Vecchi, pp. 205-209.
- CARREIRA, J. N., “A Mulher no Antigo Egípto” in *A Mulher na História: Actas dos Colóquios sobre a Temática da Mulher*, Moita, Câmara Municipal da Moita, 2001, pp. 11-25.
- DASEN, V., “Pour une Histoire de la Naissance et de la Petite Enfance” in DASEN, V. (ed.), *Naissance et Petite Enfance dans l'Antiquité: Actes du Colloque de Fribourg, 28 Novembre-ler Décembre 2001*, Fribourg, Academic Press; Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2004, pp. 9-11.
- EYRE, C., “The Boundaries of Knowledge” in SILVERMAN, D. P. (ed.), *Ancient Egypt*, Oxford, Oxford University Press, 1997, pp. 90-102.
- FEUCHT, E., “Die Stellung Der Frau Im Alten Ägypten” in MARTIN, J.; ZOEPFFEL, R. (eds.), *Aufgaben, Rollen und Räume von Mann und Frau*, Teilband 1, Freiburg – München, [s.n.], 1989, pp. 239-306.
- FEUCHT, E., “Family” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 1, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 501-504.
- FEUCHT, E., “Women” in DONADONI, S. (ed.), *The Egyptians*, Chicago, University of Chicago Press, 1990, pp. 315-346.

- FILER, J. M., “Hygiene” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 2, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 133-136.
- FORGEAU, A., “A Memória do Nome e a Ordem Faraónica” in BURGUIÈRE, A.; KLAPISCH-ZUBER, C.; SEGALLEN, M.; ZONABEND, F. (dirs.), *História da Família*, vol. 1, Lisboa, Terramar, 1996, pp. 119-141.
- FRANSEN, P. J., “The Menstrual ‘Taboo’ in Ancient Egypt” in *JNES*, 66(2), 2007, pp. 81–105.
- FRANKFURTER, D., “The Magic of Writing and the Writing of Magic: the Power of the Word in Egyptian and Greek Traditions” in *Helios*, 21 (2), 1994, pp. 189-221.
- FRIEDMAN, F. D., “Aspects of Domestic Life and Religions” in LESKO, L. H. (ed.), *Pharaoh’s Workers: The Villagers of Deir el Medina*, New York, Cornell University Press, 1994, pp. 95-117.
- GOODMAN, A. H.; ARMELAGOS, G. J., “Infant and childhood morbidity and mortality risks in archaeological populations” in *World Archaeology*, 21, 1989, pp. 225-243.
- GRAZER, A., “Hygiène et Sécurité dans l’Habitat Égyptien d’Époque Pharaonique” in BOUSSAC, M.-F.; FOURNET, T.; REDON, B. (eds.), *Le Bain Collectif en Égypte*, Le Caire, Institut Français d’Archéologie Orientale, 2009, pp. 33-63.
- GUNN, B., “The Religion of the Poor in Ancient Egypt” in *JEA*, 3, 1916, pp. 81-94.
- GYÖRY, H., “Interaction of Magic and Science in Ancient Egyptian Medicine”, in HAWASS, Z. (ed.), *Egyptology at the Dawn of the Twenty-First Century: Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists, Cairo 2000*, vol. 2, Cairo, American University in Cairo Press, 2003, pp. 276-283.
- GYÖRY, H., “The History of Early Amulets” in *Journal of the Society of the Study of Egyptian Antiquities*, 28, 2001, pp. 99-110.
- HARER, W. B., “Health in Pharaonic Egypt” in DAVIES, W. V.; WALKER, R. (eds.), *Biological Anthropology and the Study of Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1993, pp. 19-23.
- KAMP, K. A., “Where Have All the Children Gone? The Archaeology of Childhood” in *Journal of Archaeological Method and Theory*, 8, 2001, pp. 1-34.
- KIPLE, F., “Infant Mortality” in KIPLE, F. (ed.), *The Cambridge World History of Human Disease*, Cambridge, Cambridge University Press, 1992, pp. 224–330.
- KOCKELMANN, H., “Birth House (Mammisi)” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2011.
<http://escholarship.org/uc/item/8xj4k0ww>

- KOLTSIDA, A., “Domestic Space and Gender Roles in Ancient Egyptian Village Households: a View From Amarna Workmen’s Village and Deir el-Medina” in *British School at Athens Studies*, 15, Building Communities: House, Settlement and Society in the Aegean and Beyond, 2007, pp. 121-127.
- LEPROHON, R. J., “The Concept of Family in Ancient Egyptian Literature” in *KMT*, 10(2), 1999, pp. 50-85.
- LESKO, B. S., “Household and Domestic Religion in Ancient Egypt” in BODEL, J.; OLYAN, S. (eds.), *Household Religion in Antiquity*, The Ancient World: Comparative Histories, Malden – Oxford – Victoria, Blackwell Publishing, 2008, pp. 197-209.
- LIPPERT, S., “Inheritance” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2013. <http://escholarship.org/uc/item/30h78901>
- LOPES, M. H. T., “A Mulher no Egipto antigo” in *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, 1-2, 1999, pp. 121-125.
- LOPES, M. H. T., “Os Prazeres no Egipto Antigo” in *Estudos Orientais IX – Os Prazeres no Médio Oriente*, Lisboa, Instituto Oriental, 2006, pp. 13-25.
- LUISELLI, M., “Personal Piety (Modern Theories Related to)” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2008. <http://digital2.library.ucla.edu/viewItem.do?ark=21198/zz000s3mss>
- MANNICHE, L., “Some Aspects of Ancient Egyptian Sexual Life” in *Acta Orientalia*, 38, 1977, pp. 11-23.
- MARKOWITZ, Y. J., “Jewelry” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 2, Cairo, The American University in Cairo Press, 2001, pp. 201-207.
- MESKELL, L., “Archaeologies of Life and Death” in *American Journal of Archaeology*, 103 (2), 1999, pp. 181-199.
- MESKELL, L., “Re-em(bed)ing Sex: Domesticity, Sexuality, and Ritual in New Kingdom Egypt” in SCHMIDT, R. A.; VOSS, B. L. (eds.), *Archaeologies of Sexuality*, London – New York, Routledge, 2000, pp. 254-262.
- MOTA, S. I. S., “De que Falamos Quando Falamos em Piedade Pessoal no Egipto Antigo?” in ARAÚJO, L. M. de; SALES, J. das (eds.), *Novos Trabalhos de Egiptologia Ibérica: IV Congresso Ibérico de Egiptologia: IV Congresso Iberico de Egiptologia*, vol. 2, Lisboa, Instituto Oriental e Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012, pp. 815-830.

- MOTA, S. I. S., “The Household Religion in Ancient Egypt: Problems and Constraints” in *Res Antiquitatis*, 2, Lisboa, 2011, pp. 72-81.
- MOTA, S. I. S., “The Household Religion in Ancient Egypt: What do the Archaeological Evidences Tell Us?” in *Hathor – Studies of Egyptology*, 1, 2012, pp. 31-61.
- NUNN, J. F., “Disease” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 1, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 396-401.
- PINCH, G.; WARAKSA, E. A., “Votive Practices” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2009. <http://escholarship.org/uc/item/7kp4n7rk>
- RITNER, R. K., “Household Religion in Ancient Egypt” in BODEL, J.; OLYAN, S. (eds.), *Household Religion in Antiquity*, The Ancient World: Comparative Histories, Malden – Oxford – Victoria, Blackwell Publishing, 2008, pp. 171-196.
- RITNER, R. K., “Magic in Daily Life” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 2, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 329-333.
- RITNER, R. K., “Magic in Medicine” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 2, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 326-329.
- RITNER, R. K., “Magic: An Overview” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 2, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 321-326.
- RITNER, R. K., “Medicine” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 2, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 353-356.
- ROBINS, G., “Dress, Undress, and the Representation of Fertility and Potency in New Kingdom Egyptian Art” in KAMPEN, N. B. (ed.), *Sexuality in Ancient Near East: Egypt; Greece and Italy*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996, pp. 27-40.
- ROBINS, G., “Women in Egypt” in SILVERMAN, D. P. (ed.), *Ancient Egypt*, Oxford, Oxford University Press, 1997, pp. 80-89.
- ROBINS, G., “Women” in REDFORD, D. (dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 3, Oxford, Oxford University Press, pp. 510-516.
- ROTH, S., “Harem” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2012. <http://escholarship.org/uc/item/1k3663r3>
- SAUNERON, S., “Bijoux” in POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1959, pp. 35-36.

- SAUNERON, S., "Magie" in POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1970, pp. 156-158.
- SAUNERON, S., "Médecine" in POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1970, pp. 165-168.
- SAUNERON, S., "Mort" in POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1970, pp. 176-177.
- SILVERMAN, D. P., "Curses" in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 1, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 348-350.
- SØRENSEN, J. P., "The Argument in Ancient Egyptian Magical Formulae" in *Acta Orientalia*, 45, 1984, pp. 5-19.
- STEVENS, A., "Domestic Religious Practices" in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2009. <http://escholarship.org/uc/item/7s07628w>
- STEVENS, A., "The Material Evidence for Domestic Religion at Amarna and Preliminary Remarks on its Interpretation" in *JEA*, 89, 2003, pp. 143-168.
- SWEENEY, D., "Illness and Healer in Combat in Middle Kingdom and Early New Kingdom Medical Texts" in FELBER, H. (ed.), *Feinde un Auführer: Konzepte von Gegnerschaft in ägyptischen Texten besonders des Mittleren Reiches*, Leipzig, Sächsischen Akademie der Wissenschaften zu Leipzig, 2006, pp. 142-158.
- SWEENEY, D., "Sex and Gender" in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2011. <http://escholarship.org/uc/item/3rv0t4np>
- TEETER, E., "The Life of Ritual" in SILVERMAN, D. P. (ed.), *Ancient Egypt*, Oxford, Oxford University Press, 1997, pp. 150-163.
- WEGNER, J., "Echoes of Power. The Mayor's House of Ancient Wah-Sut" in *Expedition*, 48(2), 2006, pp. 31-36.
- WEGNER, J., "Tradition and Innovation: the Middle Kingdom" in WENDRICH, W. (ed.), *Egyptian Archaeology*, Blackwell Studies in Global Archaeology, Wiley-Blackwell, 2010, pp. 119-142.
- YOYOTTE, J., "Amulettes" in POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1970, pp. 12-13.
- YOYOTTE, J., "Érotisme" in POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1970, pp. 106-107.

YOYOTTE, J., “Famille” in POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1970, pp. 110-111.

YOYOTTE, J., “Femme” in POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1970, pp. 115-116.

YOYOTTE, J., “Hippopotame” in POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1970, pp. 134-135.

YOYOTTE, J., “Mariage” in POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1970, pp. 162-163.

Obras específicas

Livros

ADAMS, M., *Community and society in Egypt in the First Intermediate Period: an archaeological investigation on Abydos settlement site*”, Dissertation in Anthropology and Near Eastern Language and civilization presented to the faculties of the University of Pennsylvania in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy, 2005.

ALTENMÜLLER, H., *Die Apotropaia und die Götter Mittelägyptens: Eine Typologische und Religionsgeschichtliche Untersuchung der Sogenannten „Zaubermesser“ des Mittleren Reichs*, München, Ludwig-Maximilians-Universität, 1965.

ASTON, D. A., *Die keramik des grabungsplatzes Q I. Teil 1, corpus of fabrics, wares and shapes, forschungen in der Ramses-Stadt. Die grabungen des Pelizaeus-Museums Hildesheim in Qantir-Pi Ramesse*, Vol. 1, Mainz, Zabern, 1998.

AYRTON, E. R.; CURRELLY, C.; WEIGALL, A. E. P., *Abydos*, 3 vols., London, Egypt Exploration Fund, 1904.

BAINES, J., *Fecundity Figurines. Egyptian Personification and the Iconology of a Genre*, Chicago – Warminster, Bolchazy-Carducci Publish, Aris & Phillips, 1985.

BAKER, B. J.; DUPRAS, T. L.; TOCHERI, M. W., *The Osteology of Infants and Children*, College Station, Texas A & M University Press, 2005.

BARDINET, T., *Les Papyrus Médicaux de l'Égypte Pharaonique*, Paris, Librairie Arthème Fayard, 1995.

BARNES, J., *Five Ramesseum Papyri*, Oxford, [s.n.], 1956.

- BIETAK, M., *Tell el-Dab'a V: ein friedhofsbezirk der mittleren bronzzeitkultur mit totentempel und siedlungsschichten*, Wien, Österreichische Akademie der Wissenschaften, 1991.
- BORCHARDT, L.; RICKE, H., *Die wohnhäuser in Tell el-Amarna, 2 Vols.*, Berlin, Mann, 1980.
- BORGHOUTS, J. F., *The Magical Texts of Papyrus Leiden I 348*, Leiden, E. J. Brill, 1971.
- BOUWER, D. S., *Ancient Egyptian Health Related to Women: Obstetrics and Gynaecology*, [s.l.], [s.n.], 2012.
- BROOKER, M. L., *A New Approach of Identifying the Function of the Elevated Beds at Deir el-Medina*, [s.l.], Institute of Archaeology and Antiquity, The University of Birmingham, 2009.
- BRUNNER-TRAUT, E., *Die altägyptischen scherbenbilder (Bildostraka) der deutschen Museen und Sammlungen*, Wiesbaden, [s.n.], 1956.
- BRUYÈRE, B., *Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (1934 – 1935)*, Fouilles de l'Institut français d'archéologie orientale 16, Cairo, Institut français d'archéologie orientale, 1939.
- BRYAN, C. P., *Ancient Egyptian Medicine: The Papyrus Ebers*, Chicago, Airs Publishers INC., 1974.
- BULTÉ, J., *Talismans Égyptiens d'Heureuse Maternité. "Faïence" Bleu Vert à Pois Foncées*, Paris, CNRS Éditions, 1991.
- DUNHAM, D., *Second cataract forts: Uronarti, Shalfak, Mirgissa*, Vol. II, Boston, Museum of Fine Arts, 1967.
- DUNHAM, D.; JANSSEN, J., *Second cataract forts: Semna, Kumma*, Vol. I, Boston, Museum of Fine Arts, 1960.
- EBBELL, B., *The Papyrus Ebers, The Greatest Egyptian Medical Document*, Copenhagen, Levin & Munksgaard, 1937.
- EDWARDS, I. E. S., *Oracular Amuletic Decrees of the Late New Kingdom*, 2 vols., London, Trustees of the British Museum, 1960.
- EMERY, W.; SMITH; H. S., MILLARD, A., *The fortress of Buhen: the archaeological report*, Excavation Memoir 49, London, Egypt Exploration Society, 1979.
- ERMAN, A., *Zaubersprüche für Mutter und Kind aus dem Papyrus 3027 des Berliner Museums*, Berlin, [s.n.], 1901.
- FEUCHT, E., *Das Kind im Alten Ägypten*, Frankfurt – New York, Campus Verlag, 1995.

- FRANKFORT, H.; PENDLEBURY, J. D. S., *The city of Akhenaten II: the North Suburb and the desert altars: the excavations at Tell el Amarna during the seasons 1926 – 1932*, London, Egypt Exploration Society, 1933.
- GARDINER, A. H. (ed.), *Hieratic Papyri in the British Museum*, London, British Museum, 1935.
- GARDINER, A. H., *The Ramesseum Papyri*, The Griffith Institute, University Press, Oxford, [s.n.], 1955.
- GHALIOUNGUI, P., *The Ebers Papyrus. A New English Translation, Commentaries and Glossaries*, Le Caire, [s.n.], 1987.
- GIDDY, L., *Kom Rabi'a: the New Kingdom and post-New Kingdom objects. The survey of Memphis II*, London, Egypt Exploration Society, 1999.
- GRIFFITH, F. L., *Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, London, B. Quaritch, 1898.
- GRIFFITH, F. L.; THOMPSON, H., *The Demotic Magical Papyrus of London and Leiden*, Oxford, Clarendon Press, 1921.
- HAYES, W. C., *The scepter of Egypt: A background for the study of the Egyptian antiquities in the Metropolitan Museum of Art, II: The Hyksos Period and the New Kingdom (1675-1080 B.C.)*, Cambridge, MA, Harvard University Press, 1959.
- HENNEQUIN, P., *Santé et Hygiène de l'enfant dans d'Égypte Ancienne*, [s.l.], [s.n.], 2001.
- HÖLSCHER, U., *The excavation of Medinet Habu V: Post Ramessid remains*, Oriental Institute Publications 66, Chicago, The University of Chicago Press, 1945.
- IVERSEN, E., *Papyrus Carlsberg No. VIII With Some Remarks on the Egyptian Origin of Some Popular Birth Prognoses*, Kobenhavn, Ejnar Munksgaard, 1939.
- JANSSEN, R. M.; JANSSEN, J. J., *Growing up and Getting old in Ancient Egypt*, London, Golden House Publications, 2007.
- JEAN, R.-A.; LOYRETTE, A.-M., *La Mère, l'Enfant et le Lait en Égypte Ancienne. Traditions Médico-Religieuses. Une Étude de Sénologie Égyptienne*, Paris, L'Harmattan, 2010.
- JUANEDA-MAGDALENA, M., *La Lactancia en el Antiguo Egipto*, Cuenca, Editorial Alderabán, 2014.
- KAWANISHI, H.; TSUJIMURA, S. (eds.), *Preliminary report Akoris 2006*, Japan, Institute of History and Anthropology, University of Tsukuba, Nakanishi Printing Co, Ltd, 2007.

- KAWANISHI, H.; TSUJIMURA, S.; HANASAKA, T., (eds.), *Preliminary report Akoris 2007*, Japan, Institute of History and Anthropology, University of Tsukuba, Nakanishi Printing Co, Ltd, 2008.
- KAWANISHI, H.; TSUJIMURA, S.; HANASAKA, T., (eds.), *Preliminary report Akoris 2008*, Japan, Institute of History and Anthropology, University of Tsukuba, Nakanishi Printing Co, Ltd, 2009.
- KAWANISHI, H.; TSUJIMURA, S.; HANASAKA, T., (eds.), *Preliminary report Akoris 2009*, Japan, Institute of History and Anthropology, University of Tsukuba, Nakanishi Printing Co, Ltd, 2010.
- KAWANISHI, H.; TSUJIMURA, S.; HANASAKA, T., (eds.), *Preliminary report Akoris 2011*, Japan, Institute of History and Anthropology, University of Tsukuba, Nakanishi Printing Co, Ltd, 2012.
- KEMP, B.; STEVENS, A., *Busy lives at Amarna: excavations in the Main City (Grid 12 and the house of Ranefer, N49.18). Volume I: The excavations, architecture and environmental remains*, EES Excavation Memoir 90, London, Egypt Exploration Society, Amarna Trust, 2010.
- KEMP, B.; STEVENS, A., *Busy lives at Amarna: excavations in the Main City (Grid 12 and the house of Ranefer, N49.18). Volume II: The objects*, EES Excavation Memoir 91, London, Egypt Exploration Society and Amarna Trust, 2010.
- LACOVARA, P., *Deir el-Ballas: preliminary report on the Deir el-Ballas expedition, 1980 – 86*, Winona Lake, Eisenbrauns, 1990.
- LEITZ, C., *Magical and Medical Papyri of the New Kingdom*, London, British Museum Press, 1999.
- LOPES, M. H. T., *Os Nomes Próprios no Império Novo* [texto policopiado], Lisboa, [s.n.], 1994.
- MARSHALL, A., *Être un Enfant en Égypte Ancienne*, France, Éditions du Rocher, 2014.
- MARSHALL, A., *Les enfants en Égypte ancienne des époques prédynastiques à la fin du Nouvel Empire*, 2 vols., [s.l.], [s.n.], 2013.
- PEET, E.; WOOLLEY, J., *The city of Akhenaten I: excavations of 1921 and 1922 at el-'Amarneh*, Egypt Exploration Society Excavation Memoir 38, London, Egypt Exploration Society, 1923.
- PENDLEBURY, J. D. S., *The city of Akhenaten III: The Central City and the official quarters: the excavations at Tell el-Amarna during the seasons 1926 – 1927 and 1931 –*

- 1936, 2 vols., Egypt Exploration Society Excavation Memoir 44, London, Egypt Exploration Society, 1951.
- PETRIE, W. F., *Abydos I*, Memoir of the Egypt Exploration Fund 22, London, Egypt Exploration Fund., 1902.
- PETRIE, W. F., *Illahun, Kahun, Gurob: 1889 – 1890*, London, David Nutt, 1891.
- PETRIE, W. F., *Kahun, Gurob and Hawara*, London, Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., 1890.
- PINCH, G., *Votive Offerings for Hathor*, Oxford, Griffith Institute, 1993.
- ROEDER, G., *Hermopolis 1929 – 1939: ausgrabungen der deutschen Hermopolis-expedition in Hermopolis Ober-Ägypten*, Hildesheim, Gebrüder Gerstenberg, 1959.
- ROMANO, J. F., *The Bes Image in Pharaonic Egypt*, New York, Graduate School of Arts and Sciences et NYU, 1989.
- SMITH, S. T., *Askut in Nubia: The economics and ideology of Egyptian imperialism in the second millennium B.C.*, London, New York, Kegan Paul International, 1995.
- SMITH, S. T., *Wretched Kush: ethnic identities and boundaries in Egypt's Nubian empire*, London, New York, Routledge, 2003.
- SPENCER, A. J., *Excavations at el-Ashmunain III: the town*, London, The British Museum Press, 1993.
- STEVENS, A., *Akhenaten's workers. The Amarna Stone Village survey, 2005–2009*, vol. 2, London, Egypt Exploration Society, Amarna Trust, 2012.
- STROUHAL, E.; VACHALA, B.; VYMAZALOVÁ, H., *The Medicine of the Ancient Egyptians I: Surgery, Gynecology, Obstetrics, and Pediatrics*, AUC Press, 2014.
- TEETER, E., *Baked Clay Figurines and Votive Beds from Medinet Habu*, Oriental Institute Publications, 113, Chicago, The Oriental Institute, 2010.
- THOMAS A. P., *Gurob, a New Kingdom town: introduction and catalogue of objects in the Petrie Collection*, Egyptology Today, 5, Warminster, Aris and Phillips, 1981.
- TORO RUEDA, M. I., *Nacimiento y Protección en el Mediterráneo: el Caso de Bes*, Madrid, Universidad Complutense, 2006.
- TRÓCOLI, I. G., *El Nacimiento en el Antiguo Egipto: Estado de la Cuestión*, Barcelona, Institut d'Estudis del Pròxim Orient Antic, 2011.
- VANDIER D'ABBADIE, J., *Catalogue des ostraca figurés de Deir el Médineh (Nos. 2256 à 2722)*, Cairo, [s.n.], 1932.
- VESCO, P. Del, *Letti votivi e culti domestici. Tracce archeologiche di credenze religiose nell'Egitto del Terzo Periodo Intermedio*, Pisa, Pisa University Press, 2011.

- WARAKSA, E. A., *Female Figurines from the Mut Precinct: Context and Ritual Function*, Orbis Biblicus et Orientalis 240, Fribourg, Academic Press, 2009.
- WENTE, E., *Letters from Ancient Egypt*, Atlanta, Scholars Press, 1990.
- WILSON, P., *Sais I. The Ramesside-Third Intermediate Period at Kom Rebwa*, EES Excavation Memoir 98, London, Egypt Exploration Society, 2011.
- WRESZINSKI, W., *Der Grosse Medizinische Papyrus des Berliner Museums*, Leipzig, [s.n.], 1909.
- WRESZINSKI, W., *Der Papyrus Ebers I*, Leiden, [s.n.], 1913.
- XEKALAKI, G., *Symbolism in the Representation of Royal Children during the New Kingdom*, United Kingdom, British Archaeological Reports, 2012.
- YAMAZAKI, N., *Zaubersprüche für Mutter und Kind: Papyrus Berlin 3027*, Berlin, Achet Verlag, 2003.

Artigos

- ADAMS, M., “The Abydos settlement site project: investigation of a major provincial town in the Old Kingdom and First Intermediate Period” in EYRE, C. J. (ed.), *Proceedings of the Seventh International Congress of Egyptologists, Cambridge, 3-9 September 1995*, Orientalia Lovaniensia Analecta 82, Leuven, Peeters, 1998, pp. 19-30.
- ANDREEVA, A.; COUTO-FERREIRA, E.; TÖPFER, S., “Childbirth and women’s healthcare in pre-modern societies: an assessment” in *Dynamis*, 34 (2), 2014, pp. 279-287.
- ANDREU-LANOË, G., “L’Enfant dans l’Égypte Ancienne” in *L’Enfant dans les Collections du Louvre*, Exposition au National Art Center, Tokyo, 25 mars-1^{er} juin 2009, The National Museum of Art, Osaka, 23 juin-23 septembre 2009, Tokyo, 2009, pp. 256-257.
- ANUS, P. ; RAMADAN S., “Habitations de prêtres dans le temple d'Amon de Karnak” in *Kêmi: Revue de philologie et d'archéologie égyptienne et coptes*, 21, 1971, pp. 217-238.
- ARNOLD, F., “Settlement remains at Lisht-North” in BIETAK, M. (ed.), *Haus und Palast im alten Ägypten*, Untersuchungen der Zweigstelle Kairo des Österreichischen Archäologischen Institutes 14, Wien, Österreichische Akademie der Wissenschaften, 1996, pp. 13-21.

- BACKHOUSE, J., "Female Figurines from Deir el-Medina: a Review of Evidence for their Iconography and Function" in GRAVES, C.; HEFFERNAN, G.; MCGARRITY, L.; MILLWARD, E.; BEALBY, M. S. (eds.), *Current Research in Egyptology 2012: Proceedings of the Thirteenth Annual Symposium*, [s.l.], Oxbow Books, 2012, pp. 22-40.
- BACKHOUSE, J., "Figured ostraca from Deir el-Medina" in ABD EL GAWAD, H. , ANDREWS, N.; CORREAS-AMADOR, M.; TAMORRI, V.; TAYLOR, J. (eds.), *CURRENT RESEARCH IN EGYPTOLOGY 2011. Proceedings of the Twelfth Annual Symposium*, Oxford – Oakville, Oxbow Books, 2012, pp. 25-39.
- BADAWY, A., "Askut: a Middle Kingdom fortress in Nubia" in *Archaeology*, 18, 1965, pp. 124-131.
- BAINES, J., "Egyptian twins" in *Orientalia*, 54, 1985, pp. 461-482.
- BIERBRIER, M. L.; DE MEULENAERE, H. J. A., "Hymne à Taouêret sur une Stele de Deir el-Médineh" in *Boreas*, 13(1), 1984, pp. 23-32.
- BOHLEKE, B., "An Oracular Amuletic Decree of Khonsu in the Cleveland Museum of Art" in *JEA*, 83, 1997, pp. 155-167.
- BOMMAS, M., "Nordoststadt: siedlungsbebauung der 1. zwischenzeit und des Mittleren Reiches nordwestlich des Inselmuseums" in KAISER, W. *et al.* (eds.), *Stadt und tempel von Elephantine*, 21.22, Grabungsbericht, Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Institutes Kairo, 51, 1995, pp. 141-147.
- BONNET, C. ; VALBELLE, D., "Le village de Deir el-Medineh: reprise de l'étude archéologique" in *BIFAO*, 75, 1975, pp. 429-446.
- BOSSE-GRIFFITHS, K., "A Beset Amulet from the Amarna Period" in *JEA*, 63, 1977, pp. 98-106.
- BOURRIAU, J. D.; RAY, J. D., "Two further decrees-cases of SAḳ" in *JEA*, 61, 1975, pp. 257-258.
- BRAHIN, J. L.; FLEMING, S. J., "Children's health problems: some guidelines for their occurrence in ancient Egypt" in *Museum Applied Science Center for Archaeology Journal*, 2, 1982, pp. 75-81.
- BRUNNER-TRAUT, E., "Die wochenlaube" in *Mitteilungen des Instituts für Orientforschung*, 3, 1955, pp. 11-30.
- BRUYÈRE, B., "Une Fragment de Fresque de Deir el Médineh" in *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale*, 22, 1923, pp. 121-133.

- BURKARD, G., "Drei Amulette für Neugeborene aus Elephantine" in MOERS, G.; BEHLMER, H.; DEMUß, K.; WIDMAIER, K. (eds.), *jn.t fr.w - Festschrift für Friedrich Junge*, vol. 1, Göttingen, [s.n.] 2006, pp. 109-124.
- COLE, D., "Obstetrics for Women in Ancient Egypt" in *Discussions in Egyptology*, 5, 1986, pp. 27-33.
- COLIN, F., "Hermaphrodite ou parturiente? Données nouvelles sur les humanoïdes de terre crue en contexte funéraire (Qaret el-Toub, Bahariya 2005)" in *BIFAO*, 106, 2006, pp. 21-56.
- CRUM, W. E., "Bricks as Birth-Stool" in *JEA*, 28, 1942, p. 69.
- DESROCHES-NOBLECOURT, C., "«Concubines du Mort» et Mères de Famille au Moyen Empire. À Propos d'une Supplique pour une Naissance" in *BIFAO*, 53, 1953, pp. 7-47.
- DINARES, R., "Méthodes Thérapeutiques et Contraceptives dans la Gynécologie Égyptienne. Le Cas de la Fumigation Vaginale" in GOYON, J.-C.; CARDIN, C. (eds.), *Actes du Neuvième Congrès International des Égyptologues*, Lovaina, [s.n.], 2007, pp. 443-450.
- DOXEY, D., "Names" in REDFORD, D. (dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 2, Oxford, Oxford University Press, pp. 490-492.
- DUNAND, F., "Les Enfants et la Mort en Egypt" in DASEN, V. (ed.), *Naissance et Petite Enfance dans l'Antiquité: Actes du Colloque de Fribourg, 28 Novembre-1er Décembre 2001*, Fribourg, Academic Press; Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2004, pp. 13-32.
- DUPRAS, T. L.; WHEELER, S. M.; WILLIAMS, L.; SHELDRIK, P., "Birth in Ancient Egypt: Timing, Trauma, and Triumph? Evidence from the Dakhleh Oasis" in IKRAM, S.; KAISER, J.; WALKER, R. (eds.), *Egyptian Bioarchaeology: Humans, Animals, and the Environment*, [s.l.], Sidestone Press, 2014, pp. 53-65.
- FAULKNER, R. O., "The Pregnancy of Isis" in *JEA*, 54, 1968, pp. 40-44.
- FEUCHT, E., "Birth" in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 1, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 192-193.
- FEUCHT, E., "Childhood" in REDFORD, D. (dir.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 1, Oxford, Oxford University Press, pp. 261-264.
- FEUCHT, E., "Der Weg ins Leben" in DASEN, V. (ed.), *Naissance et Petite Enfance dans l'Antiquité: Actes du Colloque de Fribourg, 28 Novembre-1er Décembre 2001*, Fribourg, Academic Press; Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2004, pp.33-53.

- FEUCHT, E., "Kind" in HELCK, H. W., *et al* (eds.), *Lexikon der Ägyptologie*, vol. 3, Wiesbaden, Harrassowitz, 1980, pp. 424-37.
- FISCHER-ELFERT, H.-W., "Two Oracle Petitions Addressed to Horus-Khau with Some Notes on the Oracular Amuletic Decrees (P. Berlin P8525 and P8526)" in *JEA*, 82, 1996, pp. 129-144.
- FISCHER-ELFERT, H.-W., "Zwei Notizen zu den Oracular Amuletic Decrees" in *Göttinger Miszellen*, 169, 1999, pp. 111-112.
- FRANKFORT, H., "A Note on the Lady of Birth" in *JNES*, 3, 1944, pp. 198-200.
- FUENTE, M. A. A. de la, "La protección divina de la maternidad en Egipto" in URIEL, P. F.; LÓPEZ, M. I. R., *Iconografía y Sociedad en el Mediterráneo Antiguo. Homenaje a la Dra. Pilar González Serrano*, Salamanca, Ed. Signifer, 2011, pp. 53-65.
- GABALLA, G. A., "New Evidence on the Birth of Pharaoh" in *Orientalia*, 36, 1967, pp. 299-304.
- GARNOT, J. S. F., "Les fonctions, les pouvoirs et la nature du Nom Propre dans l'Antienne Égypte d'après les Textes des Pyramides" in *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, 41, 1948, pp. 463-472.
- GHALIOUNGUI, P., *et al.*, "On an Ancient Egyptian Method of Diagnosing Pregnancy and Detecting Foetal Sex" in *Medical History*, 7, 1963, pp. 241-246.
- GOEDICKE, H., "Rudjedet's Delivery" in *Varia Aegyptiaca*, 1, 1985, pp. 19-26.
- GRIFFITHS, J. G., "Isis" in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 2, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 188-191.
- GUERMEUR, I., "À Propos d'un Passage du Papyrus Médico-Magique de Brooklyn 47.218.2 (X+III, 9 – X+IX, 2)" in ZIVIE-COCHE, C.; GUERMEUR, I. (dirs.), *«Parcourir l'Éternité» Hommages à Jean Yoyotte*, vol. 1, Belgium, Brepols, 2012, pp. 541-555.
- GUERMEUR, I., "Entre Magie et Médecine. L'exemple du papyrus Brooklyn 47.218.2" in *Égypte, Afrique & Orient*, 71, 2013, pp. 11-22.
- GUIETER, J., "Contraception en Égypte Ancienne" in *BIFAO*, 101, 2001, pp. 221-236.
- GYÖRY, H., "Providing Protection to a New-Born on the Day of Birth: Extra- and Intrauterine Complications and Abnormalities in Ancient Egypt" in *Orvostörténeti közlemények*, 45, 2000, pp. 103-120.
- HARRINGTON, N., "Children and the Dead in New Kingdom Egypt" in MAIRS, R.; STEVENSON, A. (eds.), *Current Research on Egyptology 2005. Proceedings of the Sixth Annual Symposium*, [s.l.], Oxbow Books, 2007, pp. 52-65.

- HASAN, I.; ZULKIFLE, M.; ANSARI, A. H.; SHERWANI, A. M. K.; SHAKIR, M., "History of Ancient Egyptian Obstetrics & Gynecology: A Review" in *Journal of Microbiology and Biotechnology Research*, 1(1), 2011, pp. 35-39.
- HOUSER-WEGNER, J., "Taweret" in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 3, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 350-351.
- JANSSEN, J. J.; JANSSEN, R. M., "A Cylindrical Amulet Case: Recent Investigations" in *Gegengabe Festschrift für Emma Brunner-Traut*, Tübingen, [s.n.], 1992, pp. 157-165.
- JEAN, R.-A.; LOYRETTE, A.-M., "À Propos des Textes Médicaux des Papyrus du Ramesseum nos III et IV. II: La Gynécologie (1)" in AUFRERE, S. (ed.), *Encyclopédie Religieuse de l'Univers Végétal, Croyances Phytoreligieuses de l'Égypte Ancienne*, vol. III, Montpellier, Université Paul Valéry, 2005, pp. 351-489.
- JEAN, R.-A.; LOYRETTE, A.-M., "À Propos des Textes Médicaux des Papyrus du Ramesseum nos III et IV. I: La contraception" in AUFRERE, S. (ed.), *Encyclopédie Religieuse de l'Univers Végétal, Croyances Phytoreligieuses de l'Égypte Ancienne*, vol. II, Montpellier, Université Paul Valéry, 2001, pp. 537-591.
- JIMÈNEZ-SERRANO, A., "Las enfermedades y dolencias en el antiguo Egipto: I: El parto y los recién nacidos" in *Seminario médico*, 54(1), 2002, pp. 19-24.
- JOHNSON, J. H., "The Demotic Magical Spells of Leiden I 348" in *Oudheidkundige Mededelingen het Rijksmuseum van Oudheden te Leiden*, 56, 1975, pp. 29-64.
- JONCKHEERE, F., "La Durée de la Gestation dans les Textes Égyptiens" in *CdE*, 59, Bruxelles, 1955, pp. 19-45.
- KASPARIAN, B., "La Condition de l'Enfant et du Fils Aîné dans l'Égypte Ancienne" in BOUINEAU, J. (dir.), *Enfant et romanité*, Paris, [s.n.], 2007, pp. 17-64.
- KEMP, B. J., "Wall Paintings from the Workmen's Village at el-'Amarna" in *JEA*, 65, 1979, pp. 47-53.
- KEMP, B., "Preliminary report on the el-'Amarna expedition, 1980" in *JEA*, 67, 1981, pp. 5-20.
- KEMP, B., "The character of the South Suburb at Tell el-'Amarna" in *Mitteilungen der Deutschen Orient-Gesellschaft zu Berlin*, 113, 1981, pp. 81 - 97.
- KOENIG, Y., "Deux Amulettes de Deir el-Medineh" in *BIFAO*, 82, 1982, pp. 283-293.
- KOLTSIDA, A., "Birth-bed, Sitting Place, Erotic Corner or Domestic Altar? A Study of the so-called "Elevated Bed" in Deir el-Medina Houses" in *Studien zur Altägyptischen Kultur*, 32, 2006, pp. 165-174.

- LAULAN, R., “La Gynécologie au Temps des Pharaons” in *La Presse Médicale*, 73(22), 1965, pp. 1323-1325.
- LEFÉBURE, E., “L’Importance du Nom Chez les Égyptiens” in *Sphinx* I, London, 1897, pp. 93-112.
- LEGGE, F., “The Magic Ivories of the Middle Empire III” in *PSBA*, 28, 1906, pp. 159-170.
- LEGGE, F., “The Magic Ivories of the Middle Empire” in *PSBA*, 27, 1905, pp. 130-152.
- LEPROHON, R., “Patterns of Royal Name-giving” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2010. <http://escholarship.org/uc/item/51b2647c>
- LOPES, M. H. T., “As Mensagens dos Nomes Próprios no Antigo Egípto – Império Novo” in *Estudos Orientais VII*, Lisboa, Instituto Oriental da FCSH, 2000, pp. 51-58.
- LOPES, M. H. T., “Les Noms Propres au Nouvel Empire” in EYRE, C. J. (ed.), *Proceedings of the Seventh International Congress of Egyptologists*, Leuven, Uitgeverij Peeters, 1998, pp. 703-711.
- LUCARELLI, R., “Demons (benevolent and malevolent)” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2010. <http://escholarship.org/uc/item/1r72q9vv>
- LUNSINGH SCHEURLEER, R. A., “Bes, Demon in Egypt” in *Mededelingenblad: Vereniging van Vrienden Allard Pierson Museum Amsterdam*, 39, 1987, pp. 5-19.
- MAC DONALD, D., “Terms for “Children” in Middle Egyptian” in *Bulletin of the Australian Centre for Egyptology*, 5, 1994, pp. 53-60.
- MALAISE, M., “Bès et Béset: Métamorphoses d’un Démon et Naissance d’une Démone dans l’Égypte Ancienne” in RIES, J.; LIMET, H. (eds.), *Anges et Démons*, Liège – Louvain-La-Neuve, Centre d’Histoire des Religions, 1987, pp. 53-68.
- MALAISE, M., “Bes” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 1, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 179-181.
- MANNICHE, L., “Fertility” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 1, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 516-519.
- MARUÉJOL, F., “La Nourrice: un Thème Iconographique” in *ASAE*, 69, 1983, pp. 311-319.
- MASPERO, G., “Les Incantations Protectrices de la Mère et de l’Enfant” in *Bibliothèque Égyptologique*, 40, 1916, pp. 159-163.

- MASSON, A., "Le quartier des prêtres du temple de Karnak: rapport préliminaire de la fouille de la maison VII, 2001-2003" in *Cahiers de Karnak*, XII, 2007, pp. 593-655.
- MASSON, A., "Le quartier des prêtres du temple de Karnak: rapport préliminaire de la fouille de la maison VII, 2001-2003" in *Cahiers de Karnak XII*, 2007, pp. 593-655.
- MEEKS, D., "Demons" in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 1, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 375-378.
- MEKHITARIAN, A., "L'Enfant dans la Peinture Thébaine" in *Bulletin de la Société française d'Égyptologie*, 108, Paris, 1987, pp. 7-25.
- MESKELL, L., "Dying young: The experience of death at Deir el Medina" in *Archaeological Review from Cambridge*, 13(2), 1994, pp. 35-45.
- MÜLLER, I. F., ROSE, P., REALI, CH., TRONCHÈRE, H., "Preliminary report on the season 2012 at Tell el-Daba'a / Sharqeya" in http://www.auaris.at/downloads/Report_SCA_engl_arabic_small.pdf
- OGDEN, J. M., "An additional note on "cylindrical amulet cases"" in *JEA*, 60, 1974, pp. 258-259.
- OGDEN, J. M., "Cylindrical Amulet Cases" in *JEA*, 59, 1973, pp. 231-233.
- OLSON, S., "Burial Practices" in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 1, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 213-217.
- PETERSON, B., "Archäologische Funde aus Sesebi (Sudla) in Nord-Sudan" in *Orientalia Suecana*, 16, 1967, pp. 3-15.
- PICARDO, N. S., "Egypt's Well to-do: Elite Mansions in the Town of Wah-Sut" in *Expedition*, 48(2), 2006, pp. 37-40.
- PILLET, M., "Les Scenes de Naissance et de Circoncision dans le Temple Nord-Est de Mout, à Karnak" in *ASAE*, 52/1, 1952, pp. 77-104.
- PINCH, G., "Childbirth and Female Figurines at Deir el-Medina and el-Amarna" in *Orientalia*, 52, 1983, pp. 405-414.
- POSENER, G., "Sur l'Attribution d'un Nom à un Enfant" in *RdE*, 22, 1970, pp. 204-205.
- QUIRKE, S., "Figurines of Clay: Toy or Ritual Objects?" in QUIRKE, S. (ed.), *Lahun Studies*, Reigate, SIA Press, 1998, pp. 141-151.
- RANKE, H., "Les Noms Propres Égyptiens" in *CdE*, 22, Bruxelles, 1936, pp. 293-323.
- RAVAGNAN, A. M.; GROSSI, E., "The Oldest Pregnancy Test of Human History Invented by Ancient Egyptians has a Precise Scientific Basis" in ARAÚJO, L. M.; SALES, J. das C. (eds.), *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egipto. Erotica, Erotism and Sexuality in Ancient Egypt*, Actas do Segundo Congresso Internacional para Jovens

Egiptólogos, CD, Lisboa, Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 54-65.

RAVE, D., Von PILGRIM, C., *et al.*, “Report on the 33rd season of excavation on the island of Elephantine”, 2003/4.

http://www.dainst.org/sites/default/files/medien/en/daik_ele33_rep_en.pdf?ft=all

RAVEN, M. J., “Women's beds from Deir el-Medina” in HARING, B. J. J.; KAPER, O. E.; van WALSEM, R., *The Workman's Progress: Studies in the Village of Deir el-Medina and Other Documents from Western Thebes in Honour of Rob Demarée*, Leiden, Nederlands Instituut voor Het Nabije Oosten, 2014, pp. 191-204.

RAY, J., “Two Inscribed Object in the Fitzwilliam Museum” in *JEA*, 58, 1972, pp. 247-253.

REDMOUNT, C.; FRIEDMAN, R., “Tales of a Delta site: the 1995 field season at Tell el-Muqdam” in *Journal of the American Research Center in Egypt*, 34, 1997, pp. 57-83.

REDMOUNT, C.; FRIEDMAN, R., “The 1993 field season of the Berkeley Tell el-Muqdam project: preliminary report” in *Newsletter of the American Research Center in Egypt*, 164, 1994, pp. 1-10.

RITNER, R. K., “A Uterine Amulet in the Oriental Institute Collection” in *JNES*, 43 (3), 1984, pp. 209-221.

RITNER, R. K., “Magic Wand” in SILVERMAN, D. (ed.), *Searching for Ancient Egypt*, Dallas, Dallas Museum of Art and University of Pennsylvania Museum, 1997, pp. 234-235.

ROBERSON, J., “The Early History of “New Kingdom” Netherworld Iconography: A Late Middle Kingdom Apotropaic Wand Reconsidered” in SILVERMAN, D. P.; SIMPSON, W. K.; WEGNER, J. (eds.), *Archaism and Innovation: Studies in the Culture of Middle Kingdom Egypt*, Philadelphia – New Haven, Department of Near Eastern Languages and Civilizations, Yale University and University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2009, pp. 427-445.

ROBINS, G., “Women and Children in Peril: Pregnancy, Birth and Infant Mortality in Ancient Egypt” in *KMT*, 5 (4), 1994/5, pp. 24-35.

ROMANO, J., “The Origin of the Bes-Image” in *Bulletin of the Egyptological Seminar*, 2, 1980, pp. 39-56.

ROTH, A. M.; ROEHRIG, C. H., “Magical Bricks and the Bricks of Birth” in *JEA*, 88, 2002, pp. 121-139.

- SALES, J. das C., “Amamentar no Egípto Antigo: do prazer na relação materno-infantil à Ideologia” in *Estudos Orientais IX: Os Prazeres no Médio Oriente Antigo*, 2006, pp. 63-113.
- SAUNERON, S., “Bès” in POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1959, p. 34.
- SAUNERON, S., “Isis” in POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1970, p. 140.
- SCHULMAN, A., “A Birth Scene from Memphis” in *Journal of the American Research Center in Egypt*, 22, 1985, pp. 97-103.
- SHAW, I., “New fieldwork at the Medinet el-Gurob New Kingdom settlement: investigating a harem palace town in the Faiyum (summary of the 2009-10 seasons)” in G. BELOVA, A. (ed.), *Achievements and problems of modern Egyptology, Proceedings of the international conference held in Moscow on September 29–October 2, 2009*, Moscow, Russian Academy of Sciences, Center for Egyptological Studies, 2011, pp. 348-364.
- SHAW, I., “Report to the SCA on archaeological survey undertaken at Medinet el-Gurob, 27 March – 17 April 2012” in <http://www.gurob.org.uk/reports/SCAReport2012.pdf>
- SHAW, I., “Report to the SCA on archaeological survey undertaken at Medinet el-Gurob, 4-1 April 2010” in <http://www.gurob.org.uk/reports/SCAReport2010.pdf>
- SHAW, I., “Report to the SCA on archaeological survey undertaken at Medinet el-Gurob, 4-19 April 2007” in <http://www.gurob.org.uk/reports/SCAReport2007.pdf>
- SMITH, S. T., “The house of Meryka at Askut and the beginning of the New Kingdom in Nubia” in G. M. ZACCONE, T. R. NETRO (eds.), *Sesto congresso internazionale di egittologia (6th 1992 Turin, Italy)*, Vol. 2, Turin, Società Italiana per il Gas., 1993, pp. 497-509.
- SPIESER, C., “Femmes et divinités enceintes dans l’Égypte du Nouvel Empire” in DASEN, V. (ed.), *Naissance et Penfance dans l’Antiquité: Actes du Colloque de Fribourg, 28 Novembre-ler Décembre 2001*, Fribourg, Academic Press; Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2004, pp. 55-70.
- SPIESER, C., “Serket, Protectrice des Enfants à Maître et des Défunts à Renaître” in *RdE*, 52, 2001, pp. 251-264.
- STEINDORFF, G., “The Magical Knives of Ancient Egypt” in *Journal of the Walters Art Gallery*, 9, 1946, pp. 41-51; 106-107.
- STROUHAL, E., “Maternity of Ancient Egypt” in DOLEŽAL, A.; GUTVIRTH, J. (eds.),

Anthropology of Maternity. Anthropologia maternitatis. Proceedings of the Conference held in Prague, November 26-29, 1975, Praga, Universitatis Carolina Pragensis, 1977, pp. 287-292.

SZPAKOWSKA, K., "Demons in Ancient Egypt" in *Religion Compass*, 3/5, 2009, pp. 799–805.

TAVARES, A.; KAMEL, M., "Memphis, a city unseen: joint AERA-ARCE-EES Beginners Field School excavates oldest part of Egypt's Ancient Capital City" in *AERAGRAM*, Volume 13(1), 2012, pp. 2-7.

TAVARES, A.; KAMEL, M., "Short end-of-season Report to the Supreme Council of Antiquities (SCA). Mit Rahina Field School, 2011, AERA/ARCE", Ancient Egypt Research Associates, 2011, pp. 1-14.

TEETER, E., "Piety at Medinet Habu" in *Oriental Institute News and Notes*, 172, 2002, pp. 1- 6.

THOMAS, S., "Chariots, cobras and Canaanites: a Ramesside miscellany from Tell Abqa'in" in COLLIER, M.; SNAPE, S. (eds.), *Ramesside Studies in Honour of K. A. Kitchen*, London, Rutherford Press Ltd, 2011, pp. 119-31.

TOOLEY, A., "Child's toy or ritual object?" in *Göttinger Miszellen*, 123, 1991, pp. 101-111.

TÖPFER, S., "The physical activity of parturition in ancient Egypt: textual and epigraphical sources" in *Dynamis*, 34(2), 2014, pp. 317-335.

VANDIER D'ADDABIE, J., "Une fresque civile de Deir el Médineh" in *Revue d'Égyptologie*, 3, 1938, pp. 27-35.

VERHOEVEN, U., "Kinder und Kindgötter im Alten Ägypten" in ALT, K.; KEMKES-GROTTENTHALER, A. (eds.), *Kinderwelten, Anthropologie – Geschichte – Kulturvergleich*, Kön-Weimar-Wien, 2002, pp. 120-129.

VERNUS, P., "Name" in HELCK, H. W., *et al* (eds.), *Lexikon der Ägyptologie*, vol. 4, Wiesbaden, Harrassowitz, 1980, pp. 320-326.

VERNUS, P., "Namengebung" in HELCK, H. W., *et al* (eds.), *Lexikon der Ägyptologie*, vol. 4, Wiesbaden, Harrassowitz, 1980, pp. 326-333.

VERNUS, P., "Namesbildung" in HELCK, H. W., *et al* (eds.), *Lexikon der Ägyptologie*, vol. 4, Wiesbaden, Harrassowitz, 1980, pp. 333-337.

VESCO, P. del, "Fertility and eroticism on the so-called «votive beds»" in ARAÚJO, L. M.; SALES, J. das C. (eds.), *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egipto. Erotica, Erotism and Sexuality in Ancient Egypt*, Actas do Segundo Congresso Internacional para Jovens

Egiptólogos, CD, Lisboa, Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 443-452.

VISCHAK, D., “Hathor” in REDFORD, D. B. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 2, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 82-85.

VITTMANN, G., “Personal Names: Function and Significance” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2013.
<http://escholarship.org/uc/item/7t12z11t>

VITTMANN, G., “Personal Names: Structures and Patterns” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2013.
<http://escholarship.org/uc/item/42v9x6xp>

VOLOKHINE, Y., “Bès dans les temples égyptiens de l’époque gréco-romaine” in BRICAULT, L.; VERSLUYS, M. (eds.), *Isis on the Nile. Egyptian Gods in Hellenistic and Roman Egypt. Proceedings of the IVth International Conference of Isis Studies, Liège, November 27-29 2008*, Leiden, Brill, 2010, pp. 233-255.

WARAKSA, E. A., “Female figurines (Pharaonic Period)” in WENDRICH, W.; DIELEMAN, J. (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2008.
<http://escholarship.org/uc/item/4dg0d57b>

WEGNER, J., “A Decorated Birth-Brick from South Abydos: New Evidence on Childbirth and Birth Magic in the Middle Kingdom” in SILVERMAN, D. P.; SIMPSON, W. K.; WEGNER, J. (eds.), *Archaism and Innovation: Studies in the Culture of Middle Kingdom Egypt*, Philadelphia – New Haven, Department of Near Eastern Languages and Civilizations, Yale University and University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2009, pp. 447-91.

WEISS, L., “Personal Religious Practice: House Altars at Deir el-Medina” in *JEA*, 95, 2009, pp. 193-208.

YOYOTTE, J., “Hathor” in POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1970, p. 127.

YOYOTTE, J., “Nom” in POSENER, G.; SAUNERON, S.; YOYOTTE, J., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1970, p. 190.

WEBGRAFIA

- <http://archivesetmanuscripts.bnf.fr/ead.html?id=FRBNFEAD000058900> [Consult. 19/02/2015]
- <http://collections.smvk.se/carlotta-mhm/web/object/3006018> [Consult. 11/06/2015]
- <http://collections.smvk.se/carlotta-mhm/web/object/3010246> [Consult. 20/07/2015]
- [http://collezioni.museoegizio.it/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultLightboxView/result.t1.collection_lightbox.\\$TspTitleImageLink.link&sp=10&sp=Scollection&sp=SfieldValue&sp=0&sp=3&sp=3&sp=Slightbox_3x4&sp=0&sp=Sdetail&sp=0&sp=F&sp=T&sp=0](http://collezioni.museoegizio.it/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultLightboxView/result.t1.collection_lightbox.$TspTitleImageLink.link&sp=10&sp=Scollection&sp=SfieldValue&sp=0&sp=3&sp=3&sp=Slightbox_3x4&sp=0&sp=Sdetail&sp=0&sp=F&sp=T&sp=0) [Consult. 04/07/2015]
- <http://data.fitzmuseum.cam.ac.uk/id/object/54340> [Consult. 17/02/2015]
- <http://harbour.man.ac.uk/emuweb/pages/common/imagedisplay.php?irn=622&reftable=ecatalogue&refirn=105093> [Consult. 24/07/2015]
- <http://harbour.man.ac.uk/mmcustom/Display.php?irn=105092&QueryPage=%2Fmmcustom%2FHumDtlQuery.php> [Consult. 24/07/2015]
- <http://oi-idb.uchicago.edu/#D/MC/14044/H/1418147831664> [Consult. 07/05/2015]
- <http://petriecat.museums.ucl.ac.uk/detail.aspx#> [Consult. 02/06/2015]
- <http://petriecat.museums.ucl.ac.uk/detail.aspx?parentpreref=#> [Consult. 02/06/2015]
- http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=118195&partId=1&searchText=8506&page=1 [Consult. 11/06/2015]
- http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=111522&partId=1&searchText=24774&page=1 [Consult. 16/02/2015]
- http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=134148&partId=1&searchText=30477&page=1 [Consult. 16/02/2015]
- <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/544149?rpp=30&pg=1&ft=08.200.19&pos=1> [Consult. 12/07/2015]
- <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/544110?=&imgno=6&tabname=object-information> [Consult. 18/07/2015]

<http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/545936?rpp=30&pg=1&ft=feeding%2Bcup&pos=1&imgno=3&tabname=label> [Consult. 10/08/2015]

<http://www.rmo.nl/collectie/zoeken?object=F+1964%2f1.3> [Consult. 11/06/2015]

[http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultLightboxView/result.t1.collection_lightbox.\\$TspTitleImageLink.link&sp=10&sp=Scollection&sp=SfieldValue&sp=0&sp=0&sp=3&sp=Slighbox_3x4&sp=0&sp=Sdetail&sp=0&sp=F&sp=T&sp=0](http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultLightboxView/result.t1.collection_lightbox.$TspTitleImageLink.link&sp=10&sp=Scollection&sp=SfieldValue&sp=0&sp=0&sp=3&sp=Slighbox_3x4&sp=0&sp=Sdetail&sp=0&sp=F&sp=T&sp=0) [Consult. 23/07/2015]

<http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&lang=en> [Consult. 23/07/2015]

<http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=764246&viewType=detailView> [Consult. 02/06/2015]

ANEXOS

ANEXO 1

Os perigos da vida quotidiana egípcia

Documento 1: Base de dados com o levantamento dos perigos da vida quotidiana egípcia mencionados nos decretos oraculares amuléticos

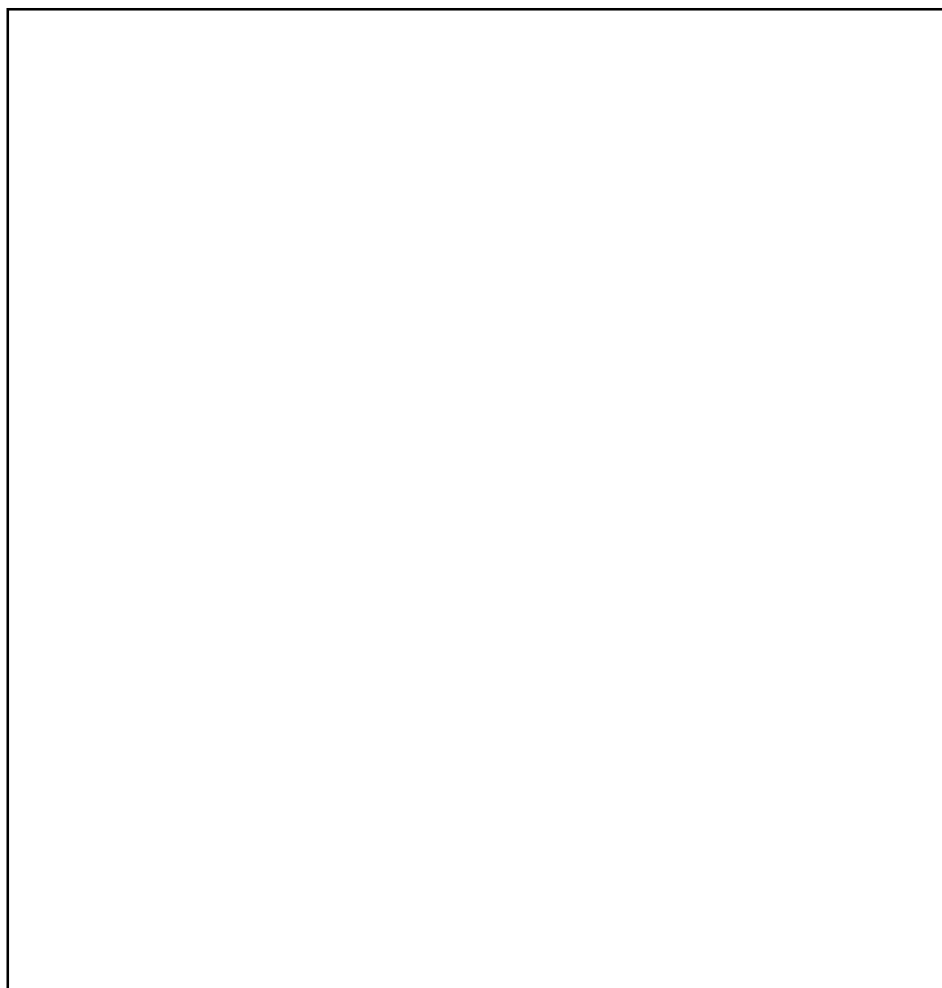


Tabela 1: Categorias de perigos da vida quotidiana egípcia mencionadas nos decretos oraculares amuléticos

Categorias de perigos	Número total de papiros em que a categoria é referida	Percentagem
Problemas de saúde	22	100%
Divindades	20	91%
Demónios	19	86%
Animais	16	72%
Magia	15	68%
Deslocações ou viagens	11	50%
Pessoas vivas	9	41%
Palavras, discurso ou conversação	8	36%
Mau-olhado	8	36%
Estrelas	7	32%
Livros	7	32%
Colapso de uma estrutura arquitectónica	6	27%
Queda de um raio	6	27%
Morte	6	27%
Pessoas mortas	6	27%
Espíritos	5	23%
Contratempo	5	23%
Epidemia	5	23%
Armas ou golpes	4	18%
Injustiça	3	14%
Estados emocionais negativos	3	14%

Cores malignas	2	9%
Qualquer coisa que o possa atacar	2	9%
Gravidez ou parto	1	5%
Outros	1	5%

ANEXO 2

Estruturas elevadas de Deir el-Medina

Tabela 2: Estruturas elevadas identificadas em Deir el-Medina, segundo S. Mota

Quantidade	Descrição	Proveniência
1	Estrutura elevada com elementos decorativos.	Bairro C, Casa V, Sala 1
1	Estrutura elevada com elementos decorativos.	Bairro NE, Casa X, Sala 1
1	Estrutura elevada com elementos decorativos. Escada de acesso com três degraus.	Bairro NE, Casa XII, Sala 1
1	Estrutura elevada com elementos decorativos. Escada de acesso com três degraus.	Bairro NE, Casa XIII, Sala 1
1	Vestígio de estrutura elevada destruída com elementos decorativos.	Bairro SE, Casa IX, Sala 1
1	Estrutura elevada com elementos decorativos.	Bairro SO, Casa VI, Sala 1
1	Estrutura elevada com elementos decorativos. Escada de acesso com cinco degraus.	Bairro C, Casa VII, Sala 1
1	Estrutura elevada com elementos decorativos. Escada de acesso com quatro degraus e rampas laterais.	Bairro SE, Casa I, Sala 1
1	Estrutura elevada com elementos decorativos.	Bairro SE, Casa VIII, Sala 1
1	Estrutura elevada com elementos decorativos. Escada de acesso com três degraus.	Bairro NO, Casa XII, Sala 1
1	Vestígios de estrutura elevada.	Bairro C, Casa I, Sala 3 (originalmente Sala 1)

1	Vestígios de estrutura elevada.	Bairro C, Casa IV, Sala 4 (originalmente Sala 1) (originalmente Sala 1)
1	Vestígios de estrutura elevada com elementos decorativos. Escada de acesso.	Bairro C, Casa VI, Sala 1
1	Vestígios de possível estrutura elevada.	Bairro NE, Casa I, Sala 2
1	Estrutura elevada. Escada de acesso com três degraus.	Bairro NE, Casa II, Sala 1
1	Estrutura elevada. Escada de acesso com três degraus.	Bairro NE, Casa III, Sala 1
1	Vestígios de possível estrutura elevada.	Bairro NE, Casa IV, Sala 1
1	Vestígios de possível estrutura elevada.	Bairro NE, Casa V, Sala 1
1	Estrutura elevada. Escada de acesso.	Bairro NE, Casa VI, Sala 1
1	Vestígios de possível estrutura elevada.	Bairro NE, Casa VIII, Sala 1
1	Vestígios de possível estrutura elevada.	Bairro NE, Casa VIII, Sala 2
1	Estrutura elevada com elementos decorativos. Escada de acesso com três degraus.	Bairro NE, Casa XI, Sala 1
1	Vestígios de possível estrutura elevada.	Bairro NE, Casa XIV, Sala 1
1	Vestígios de possível estrutura elevada.	Bairro NE, Casa XV, Sala 1
2	Vestígios de estrutura elevada na sala 1 e de estrutura semelhante na sala 3.	Bairro NO, Casa VI, Sala 1 e 3
1	Estrutura elevada.	Bairro NO, Casa VIII, Sala 2

1	Estrutura elevada.	Bairro NO, Casa XV, Sala 1
1	Vestígios de estrutura elevada.	Bairro NO, Casa XVIII, Sala 1
1	Vestígios de possível estrutura elevada. Possível escada de acesso.	Bairro NO, Casa XX, Sala 1
1	Vestígios pouco claros de estrutura elevada.	Bairro NO, Casa XXII, Sala 1
1	Estrutura elevada.	Bairro SE, Casa IV, Sala 2
1	Vestígio de estrutura elevada destruída.	Bairro SE, Casa VI, Sala 1
1	Vestígio de estrutura elevada destruída.	Bairro SE, Casa VII, Sala 1
1	Vestígios de possível de estrutura elevada.	Bairro SO, Casa I, Sala 2
1	Vestígios de possível de estrutura elevada.	Bairro SO, Casa II, Sala 3
1	Vestígios de possível de estrutura elevada.	Bairro SO, Casa IV, Sala 1
1	Vestígios de possível de estrutura elevada.	Bairro SO, Casa V, Sala 1

Figura 1: Estrutura elevada presente na Sala 1, da Casa III, do Bairro NE. Fonte: BROOKER, *op. cit.*, p. 26.



Figura 2: Decoração da estrutura elevada identificada na Sala 1, da Casa X, do Bairro NE. Fonte: BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles (...)*, fig. 131, p. 255.

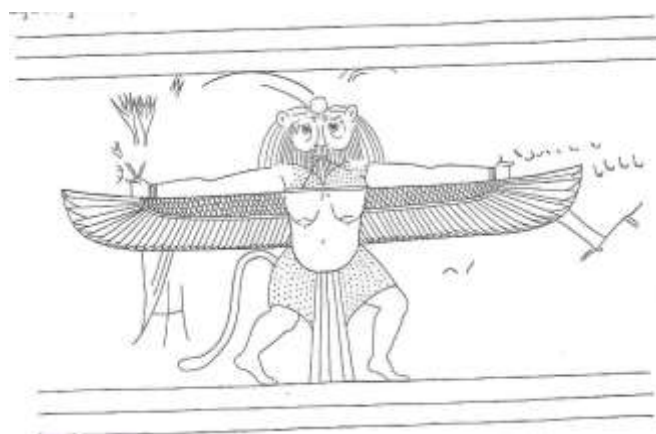


Figura 3: Decoração da estrutura elevada identificada na Sala 1, da Casa XIII, do Bairro NE. Fonte: BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles (...)*, fig. 136, p. 259.

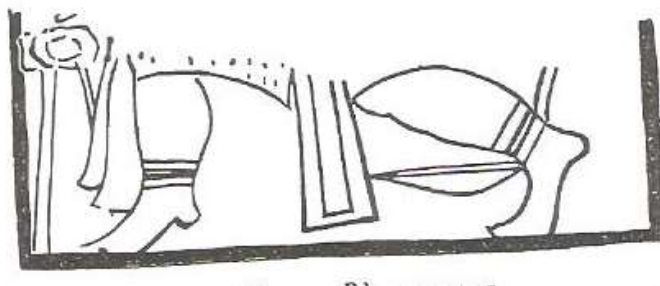


Figura 4: Decoração da estrutura elevada identificada na Sala 1, da Casa XII, do Bairro NE. Fonte: BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles (...)*, fig.133, p. 257.



Figura 5: Decoração da estrutura elevada identificada na Sala 1, da Casa IV, do Bairro SO. Fonte: BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles (...)*, fig. 202, p. 330.

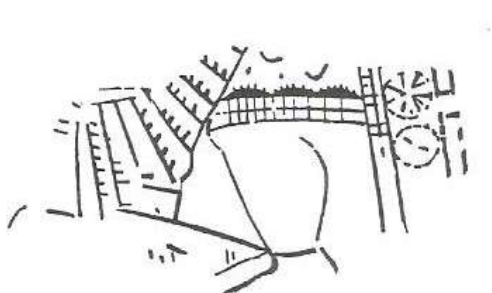


Figura 6: Decoração da estrutura elevada identificada na Sala 1, da Casa IX, do Bairro SE. Fonte: BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles (...)*, fig. 148, p. 276.



Figura 7: Decoração da estrutura elevada identificada na Sala 1, da Casa XII, do Bairro NO. Fonte: BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles (...)*, fig. 157, p. 286.



Figura 8: Decoração da estrutura elevada presente na Sala 1, da Casa VII, do Bairro C. Fonte: BRUYÈRE, *Rapport sur les fouilles (...)*, fig. 182, p. 311.



Figura 9: Decoração da estrutura elevada identificada na Sala 1, da Casa VIII, do Bairro SE. Fonte: MESKELL, “Re-em(bed)ing Sex: Domesticity, Sexuality, and Ritual (...)”, fig. 14.4, p. 260.



Figura 10: Decoração da estrutura elevada identificada na Sala 1, da Casa I, do Bairro SE. Fonte: KOLTSIDA, “Birth-bed, sitting place (...)”, fig. 3a, p. 174.

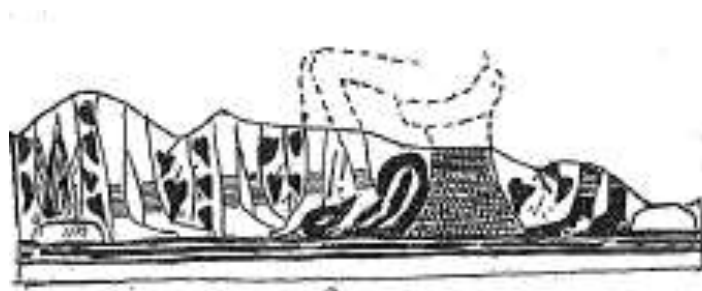


Figura 11: Reconstrução da decoração da estrutura elevada identificada na Sala 1, da Casa I, do Bairro SE, sugerida por B. Bruyère. Fonte: KOLTSIDA, “Birth-bed, sitting place (...)”, fig. 3b, p. 174.



Figura 12: Reconstrução da decoração da estrutura elevada identificada na Sala 1, da Casa I, do Bairro SE, sugerida por E. Brunner-Traut. Fonte: KOLTSIDA, “Birth-bed, sitting place (...)”, fig. 3c, p. 174.



ANEXO 3

Figuras

Figura 13: Figura feminina. The Petrie Museum of Egyptian Archaeology, UC16725.

Fonte: <http://petriecat.museums.ucl.ac.uk/detail.aspx#>



Figura 14: Figura feminina com criança ao colo. Ägyptisches Museum, Berlim, ÄM 14517. Fonte: <http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=764246&viewType=detailView>



Figura 15: Figura feminina possivelmente grávida. Fonte: REDMOUNT; FRIEDMAN, *op. cit.*, fig. 5, p. 64.

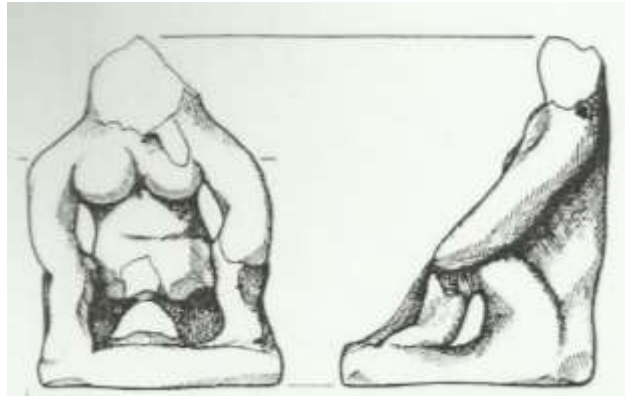
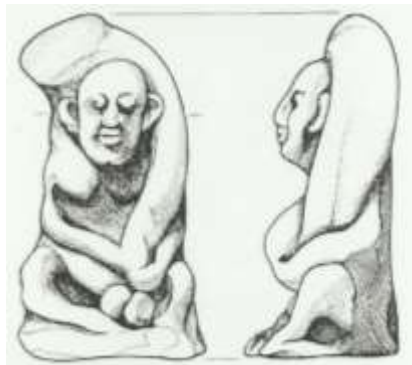


Figura 16: Figura masculina erótica. Fonte: REDMOUNT; FRIEDMAN, *op. cit.*, fig. 7, p. 65.



ANEXO 4
Camas votivas

Figura 17: Cama votiva (tipo 1). The Egyptian Museum, Cairo, JdE 59845. Fonte: TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, pl. 91, p. 170.



Figura 18: Cama votiva (tipo 2). Museu do The Oriental Institute of the University of Chicago, OIM 14782a-e. Fonte: TEETER, *Baked Clay Figurines and Votive Beds (...)*, pl. 105, p. 180.



ANEXO 5
Mobiliário

Figura 19: Perna de peça de mobiliário com a forma do deus Bes. Rijksmuseum van Oudheden, Leiden, F 1964/1.3. Fonte: <http://www.rmo.nl/collectie/zoeken?object=F+1964%2f1.3>

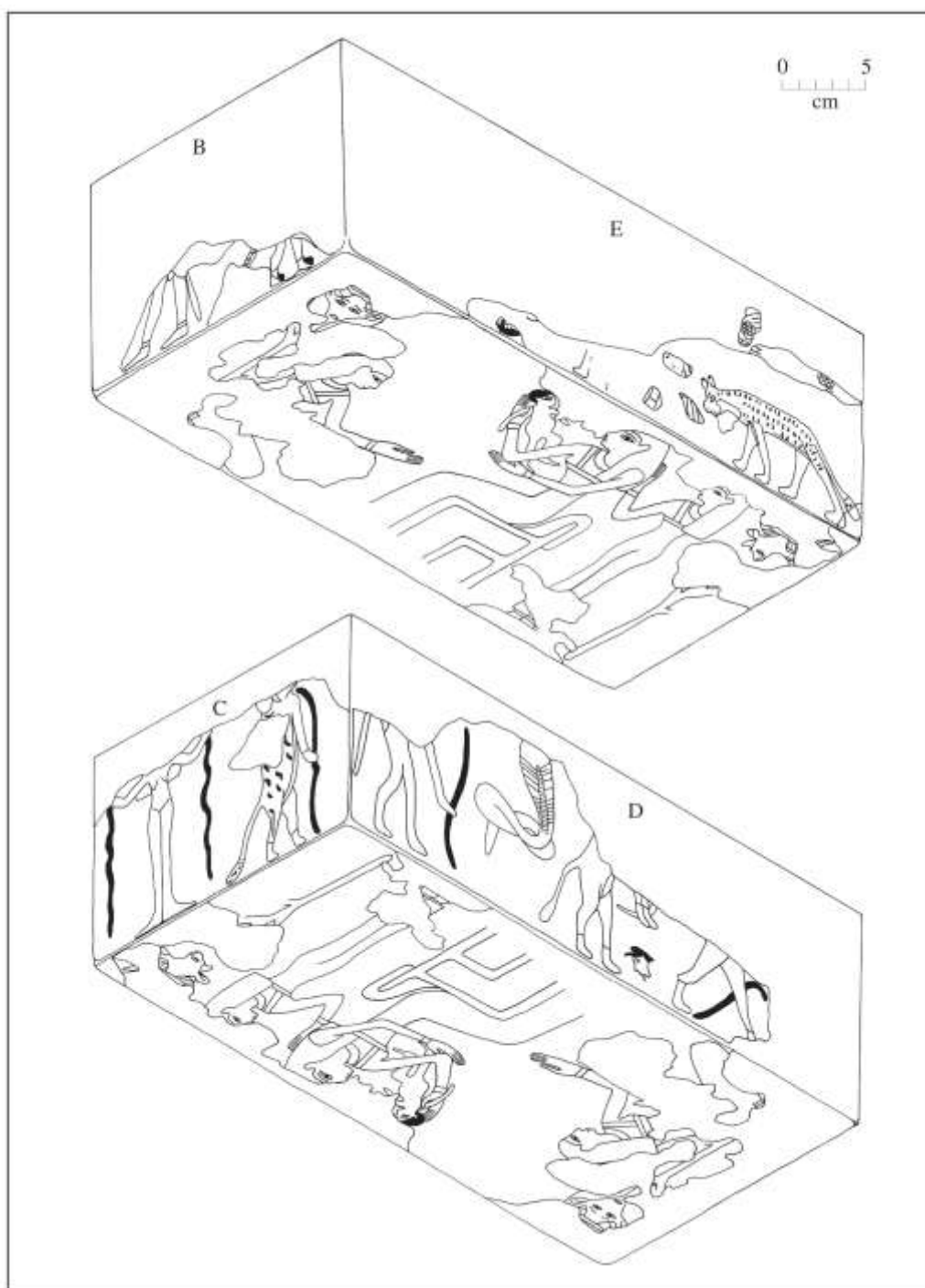


ANEXO 6
Tijolo de nacimiento

Figura 20: Tijolo de nacimiento proveniente de Abidos Sul (*Uah-Sut*). Fonte: WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, fig. 1, p. 449.



Figura 21: Ilustração dos elementos iconográficos dos diversos lados do tijolo de nascimento proveniente de Abidos Sul (Uah-Sut). Fonte: WEGNER, “A Decorated Birth-Brick from South Abydos (...)”, fig. 2, p. 450.



ANEXO 7

Óstracas

Figura 22: Óstraca com representação de cena de amamentação (tipo 1). The British Museum, EA8506. Fonte: http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=118195&partId=1&searchText=8506&page=1



Figura 23: Óstraca com representação de cena de amamentação (tipo 2). Medelhavsmuseet, Estocolmo, MM 14005. Fonte: <http://collections.smvk.se/carlotta-mhm/web/object/3006018>



ANEXO 8

Amuletos

Figura 24: Amuleto com a forma de rã. The Petrie Museum of Egyptian Archaeology, UC7871. Fonte:

<http://petriecat.museums.ucl.ac.uk/detail.aspx?parentpreref=#>



Figura 25: Amuleto com a forma do deus Bes. Medelhavsmuseet, de Estocolmo, MM 30645a. Fonte: <http://collections.smvk.se/carlotta-mhm/web/object/3010246>



Figura 26: Amuleto com a forma da deusa Taueret. Ägyptisches Museum, Berlim, ÄM 36073. Fonte: [http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultLightboxView/result.t1.collection_lightbox.\\$TspTitleImageLink.link&sp=10&sp=Scollection&sp=SfieldValue&sp=0&sp=0&sp=3&sp=Slightbox_3x4&sp=0&sp=Sdetail&sp=0&sp=F&sp=T&sp=0](http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultLightboxView/result.t1.collection_lightbox.$TspTitleImageLink.link&sp=10&sp=Scollection&sp=SfieldValue&sp=0&sp=0&sp=3&sp=Slightbox_3x4&sp=0&sp=Sdetail&sp=0&sp=F&sp=T&sp=0)



Figura 27: Amuleto com a forma da deusa Hathor. Ägyptisches Museum, Berlim, ÄM 34983. Fonte: [http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultLightboxView/result.t1.collection_lightbox.\\$TspTitleImageLink.link&sp=10&sp=Scollection&sp=SfieldValue&sp=0&sp=0&sp=3&sp=Slightbox_3x4&sp=0&sp=Sdetail&sp=0&sp=F&sp=T&sp=0](http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultLightboxView/result.t1.collection_lightbox.$TspTitleImageLink.link&sp=10&sp=Scollection&sp=SfieldValue&sp=0&sp=0&sp=3&sp=Slightbox_3x4&sp=0&sp=Sdetail&sp=0&sp=F&sp=T&sp=0)



ANEXO 9
Objetos apotropaicos

Figura 28: Presa de hipopótamo de nascimento (frente). The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, 08.200.19. Fonte: <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/544149?rpp=30&pg=1&ft=08.200.19&pos=1>



Figura 29: Presa de hipopótamo de nascimento (trás). The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, 08.200.19. Fonte: <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/544149?rpp=30&pg=1&ft=08.200.19&pos=1>



Figura 30: “Presa de hipopótamo” de nacimiento. The Petrie Museum of Egyptian Archaeology, UC16066. Fonte: <http://petriecat.museums.ucl.ac.uk/detail.aspx#>



Figura 31: Presa de hipopótamo de nacimiento. The Manchester Museum, EYG 180 A.
Fonte:
<http://harbour.man.ac.uk/mmcustom/Display.php?irn=105092&QueryPage=%2Fmmcus%20tom%2FHumDtlQuery.php>



Figura 32: Presa de hipopótamo de nascimento. The Manchester Museum, EYG 180 B.

Fonte:

<http://harbour.man.ac.uk/emuweb/pages/common/imagedisplay.php?irn=622&reftable=ecatalogue&refirn=105093>



Figura 33: Barra de nascimento. The Petrie Museum of Egyptian Archaeology,

UC16685. Fonte: <http://petriecat.museums.ucl.ac.uk/detail.aspx#>

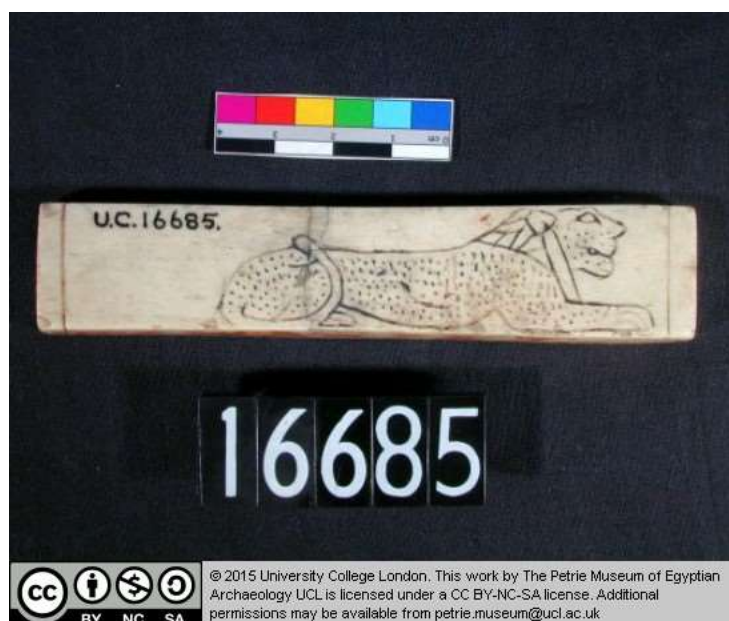


Figura 34: Barra de nascimento. The Metropolitan Museum of Egyptian Archaeology, Nova Iorque, 26.7.1275a–j. Fonte: <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/544110?=&imgno=7&tabname=object-information>



ANEXO 10

Encantamentos mágicos

Tabela 3: Encantamentos mágicos associados à fertilidade, gravidez, parto, pós-parto e infância

Papiro	Tradução	Fase	Finalidade
<i>P. Kahun</i> 20-23 (caso 30)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 111.	Fertilidade (?)	Este caso contém um encantamento com lacunas significativas, ao qual se segue a descrição dos procedimentos a adoptar para determinar a capacidade da mulher em conceber.
<i>P. Londres BM</i> 10059 13,9-13,14 (caso 40)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , pp. 123- 124.	Gravidez	Destinado a parar uma hemorragia de uma mulher, possivelmente grávida.
<i>P. Londres BM</i> 10059 13,14-14,1 (caso 41)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 124.	Gravidez	Destinado a parar uma hemorragia de uma mulher, possivelmente grávida.
<i>P. Londres BM</i> 10059 14,1-14,2 (caso 42)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 124.	Gravidez	Destinado a parar uma hemorragia de uma mulher, possivelmente grávida.
<i>P. Londres BM</i> 10059 14,5-14,8 (caso 45)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 124.	Gravidez	Destinado a parar uma hemorragia de uma mulher, possivelmente grávida.

<i>P. Brooklyn</i> 47.218.2 x+II, 1-9	GUERMEUR, "Entre Magie et Médecine (...)", pp. 14-15.	Gravidez	Destinado a proporcionar uma gravidez tranquila e, possivelmente, a evitar um aborto espontâneo.
<i>P. Brooklyn</i> 47.218.2 x+III, 10- x+IV, 2	GUERMEUR, "À Propos d'un Passage du Papyrus Médico-Magique de Brooklyn 47.218.2 (X+III, 9 – X+IX, 2)", pp. 543-549.	Gravidez/parto	Destinado a impedir que os filhos nasçam mortos.
<i>P. Brooklyn</i> 47.218.2 x+IV, 7-8	GUERMEUR, "Entre Magie et Médecine (...)", p. 16; TÖPFER, <i>op.</i> <i>cit.</i> , pp. 330-331.	Parto	Destinado a proteger o local onde a criança vai nascer e o recém- nascido.
<i>P. Brooklyn</i> 47.218.2 x+V, 7- 13	TÖPFER, <i>op. cit.</i> , p. 331.	Parto	Destinado a proteger o local onde a criança vai nascer e o recém- nascido.
<i>P. Leiden I 348</i> rt. 13-11 vs.12,2 (caso 29)	BORGHOUTS, <i>op.</i> <i>cit.</i> , p. 28.	Parto	Possivelmente destinado a propulsionar o início do parto.
<i>P. Berlim 3027</i> 6,8-7,1 (caso G)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 130.	Parto	Destinado a tornar o parto seguro.
<i>P. Ramesseum</i> IV.C II. 17-24	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ <i>op. cit.</i> , p. 115.	Parto	Destinado a tornar o parto seguro.
<i>P. Leiden I 348</i> vs. 12,11-11,1 (caso 33)	BORGHOUTS, <i>op.</i> <i>cit.</i> , p. 30.	Parto	Destinado a acelerar o parto.
<i>P. Leiden I 348</i> rt. 13,9-11 (caso 28)	BORGHOUTS, <i>op.</i> <i>cit.</i> , p. 28.	Parto	Destinado a acelerar o parto.

<i>P. Leiden I 348</i> vs. 11,2-8 (caso 34)	BORGHOUTS, <i>op. cit.</i> , p. 31.	Parto	Destinado a acelerar o parto.
<i>P. Berlim 3027</i> 5,8-6,8 (caso F)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 130.	Parto	Destinado a separar o recém-nascido da mãe.
<i>P. Ramesseum IV.C II.</i> 28-30	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 115.	Parto	Destinado a separar o recém-nascido da mãe.
<i>P. Leiden I 348</i> vs. 12,2-12,6 (caso 30)	BORGHOUTS, <i>op. cit.</i> , p. 29.	Parto	Destinado a pôr termo ao sofrimento da parturiente.
<i>P. Leiden I 348</i> vs. 12,6-12,9 (caso 31)	BORGHOUTS, <i>op. cit.</i> , p. 29.	Parto	Destinado a pôr termo ao sofrimento da parturiente.
<i>P. Leiden I 348</i> vs. 12,9-12,11 (caso 32)	BORGHOUTS, <i>op. cit.</i> , pp. 29-30.	Parto	Destinado a auxiliar a ultrapassar as dificuldades do parto.
<i>P. Berlim 3027</i> 6,1-6,6 (caso V)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , pp. 134-135.	Parto	Destinado a ser recitado durante o parto, estando especialmente focado na protecção da criança.
<i>P. Ramesseum IV.C II.</i> 15-16	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 115.	Pós-parto	Destinado à protecção da criança.
<i>P. Berlim 23031</i>	BURKARD, <i>op. cit.</i> , p. 113.	Pós-parto/ infância	Destinado à protecção da criança.
<i>P. Berlim 23032</i>	BURKARD, <i>op. cit.</i> , pp. 118-119.	Pós-parto/ infância	Destinado à protecção da criança.
<i>P. Berlim 23051</i>	BURKARD, <i>op. cit.</i> , p. 120.	Pós-parto/ infância	Destinado à protecção da criança.
<i>P. Ramesseum III.B II.</i> 23-24	STROUHAL; VACHALA;	Infância	Destinado a proteger a criança da doença <i>baa</i> .

	VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , pp. 113-114.		
<i>P. Berlim 3027</i> 9,7-2,2 (caso O)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 132.	Infância	Destinado a proteger a criança da doença <i>baa</i> .
<i>P. Ramesseum</i> III.B II. 20-23	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 113.	Infância	Destinado a proteger a criança da doença <i>baa</i> .
<i>P. Berlim 3027</i> 2,10-5,7 (caso E)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , pp. 129-130.	Infância	Destinado a proteger a criança da doença <i>neshu</i> .
<i>P. Berlim 3027</i> 1,1-1,4 (caso A)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 128.	Infância	Destinado a proteger a criança da doença <i>neshu</i> .
<i>P. Berlim 2037</i> 1,4-1,9 (caso B)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 128.	Infância	Destinado a proteger a criança da doença <i>temyt</i> .
<i>P. Berlim 2037</i> 1,9-2,6 (caso C)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 128.	Infância	Possivelmente destinado a proteger a criança da doença <i>temyt</i> .
<i>P. Berlim 3027</i> 7,6-8,3 (caso L)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 131.	Infância	Destinado a proteger a criança da doença <i>sesemy</i> .
<i>P. Ramesseum</i> IV.C II. 12-15	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 114.	Infância	Destinado a curar casos de obstipação das crianças.

<i>P. Berlim 3027</i> 2,6-2,10 (caso D)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 129.	Infância	Destinado a proteger a criança de uma doença desconhecida.
<i>P. Ramesseum</i> III.B II. 10-11	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 112.	Infância	Destinado a fazer a criança parar de rejeitar o leite materno
<i>P. Ramesseum</i> III.B II. 14-17	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 113.	Infância	Destinado a pôr termo à sede e fome ou a um estado de desidratação da criança.
<i>P. Berlim 3027</i> 8,3-9,3 (caso M)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , pp. 131-132.	Infância	Destinado a proteger a criança.
<i>P. Berlim 3027</i> 9,3-9,7 (caso N)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 132.	Infância	Destinado a proteger a criança.
<i>P. Berlim 3027</i> 2,2-2,7 (caso P)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 132.	Infância	Destinado a proteger a criança.
<i>P. Berlim 3027</i> 2,7-3,3 (caso Q)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 133.	Infância	Destinado a ser recitado ao amanhecer para proteger a criança.
<i>P. Berlim 3027</i> 3,3-3,7 (caso R)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 133.	Infância	Destinado a ser recitado ao anoitecer para proteger a criança.
<i>P. Berlim 3027</i> 3,8-4,2 (caso S)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 133.	Infância	Destinado a ser recitado ao amanhecer para proteger a criança.

<i>P. Berlim</i> 3027 4,2-4,6 (caso T)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 133.	Infância	Destinado a ser recitado ao anoitecer para proteger a criança.
<i>P. Berlim</i> 3027 4,6-6,1 (caso U)	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 134.	Infância	Destinado a proteger a criança.
<i>P. Brooklyn</i> 47.218.2 x+VI, 16-19	GUERMEUR, "Entre Magie et Médecine (...)", p. 18.	Infância	Destinado a proteger a criança.
<i>P. Brooklyn</i> 47.218.2 x+VII, 11-17	GUERMEUR, "Entre Magie et Médecine (...)", p. 20.	Infância	Destinado a proteger a criança.
<i>P. Ramesseum</i> IV.C II. 25-28	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 115.	Infância	Destinado a proteger crianças.
<i>P. Ramesseum</i> III.B II. 12-14	STROUHAL; VACHALA; VYMAZALOVÁ, <i>op. cit.</i> , p. 113.	Infância/ Fase adulta	Destinado a proteger a crianças e adultos.

ANEXO 11

Mecanismos de protecção adicionais

Figura 35: Taça de alimentação de crianças. The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, 44.4.4. Fonte: <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/545936?rpp=30&pg=1&ft=feeding%2Bcup&pos=1&imgno=0&tabname=label>



Figura 36: Invólucro do decreto oracular amulético T. 2. Museo Egizio, Turim, 1984. Fonte: Cortesia do Museo Egizio, de Turim.



Figura 37: Invólucro do decreto oracular amulético P. 4. Bibliothèque Nationale de France, Egyptien 182. Fonte: <http://archivesetmanuscrits.bnf.fr/ead.html?id=FRBNFEAD000058900>



Source gallica.bnf.fr / Egyptien 182

Figura 38: Pendente cilíndrico. The British Museum, EA24774. Fonte: http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=111522&partId=1&searchText=24774&page=1



Figura 39: Pendente cilíndrico. The British Museum, EA30477. Fonte: http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=134148&partId=1&searchText=30477&page=1

